





# VOZ

SAGRADA, POLITICA, RHETORICA, E METRICA  
OU SUPPLEMENTO  
A'S.

## VOZES SAUDOSAS

*Os sermões politicos do padre Antonio Vieira tinham supprido em boa parte a eloquencia parlamentar, favorecido os clamores populares contra as usurpações do poder absoluto e erigido no sagrado das cadeiras evangelicas uma tribuna l'onde se reprehendiam os vicios da Corte, as banquezas dos imperantes, as vexações dos povos, a desigualdade dos tributos, a loteria das mercês, as extorsões dos magistrados, e as preeminencias do berço e da ualva que tornavam em seu proveito o que se devia ao me-  
recimento e aos servicos.*

*Cartão Político - Hist. Pol. e Ethic. Tomo I, pg 27*

# LISBOA:

(14) Na Officina de FRANCISCO LUIZ AMENO, Impref-  
for da Congregaçã Cameraria da S. Igreja de Lisboa.

M. DCC. XLVIII.  
Com as licenças necessarias.



# VOZ

SAGRADA, POLITICA, RHETORICA, E METRICA  
OU SUPPLEMENTO

A'S.

## VOZES SAUDOSAS

Da eloquencia, do espirito, do zelo, e eminente  
fabedoria

DO PADRE

## ANTONIO VIEIRA

Da Companhia de Jesus, Prégador de S. Magestade, e  
Principe dos Oradores Evangelicos.

OFFERECIDA

AO SENHOR DOUTOR

## JOSEPH DE LIMA PINHEIRO E ARAGAM

*Cavalleiro professo na Ordem de Christo, do Dezembargo de S. Magestade, Juiz de India e Mina, Provedor das Livrias, e Executor da Fazenda da S. Igreja Patriarcal, &c.*



# LISBOA

(14) Na Officina de FRANCISCO LUIZ AMENO, Impressor da Congregação Cameraria da S. Igreja de Lisboa.

---

M. DCC. XLVIII.

*Com as licenças necessarias.*



AO SENHOR DOUTOR  
JOSEPH DE LIMA  
PINHEIRO E ARAGAM

*Cavalleiro professo na Ordem de Christo, do Dezenbargo de S. Magestade, Juiz de India e Mina, Provedor das Lisvias, e Executor da Fazenda da S. Igreja Patriarcal, &c.*

**A** Natural urbanidade, com que V. m. se sabe distinguir entre todos os que praticão esta virtude, e o ser commua para todos, me anima a chegar sem receyo aos pés de V. m. offerecerlhe este livro, que contém alguma parte das obras daquelle raro Portuguez, de quem ainda o proprio nome não explica bem a sua grandeza. Já V. m. sabe que fallo do nosso P Antonio Vieira, aquelle vivo Oraculo do Pulpito, e da Politica, que soube com os seus escritos fazerse grande entre

tre os mayores. Não me levou muito tempo a escolha de Mecenas, que amparasse este livro ( como he costume nas Dedicatorias ) porque logo me lembrou o patrocínio de V.m. nascendo este pensamento mais do tributo, que do obsequio. Se não tivera por infallivel a bondade do seu animo, pudera ir receoso de que V.m. o não receberia, como merece a minha sinceridade; mas para apagar este receyo, me devo lembrar, que V.m. ainda estima mais ser modesto, que benigno. O mayor empenho dos que publicão obras, he dedicallas a pessoas, que as authorizem; e como eu na de V.m. não errey a eleição, deve a sua modestia approvar a minha escolha. A nobreza de V.m. herdada pelo sangue, e a adquirida pelas letras claramente estão dando huma sincera prova do meu acerto. Boa occasião se me offerencia para fazer patentes as raras qualidades, que ornão a V.m., as virtudes que pratica, a recta justiça que administra, e o acerto com que discorre nos negocios, que lhe são cometidos por insinuação da mayor grandeza; porém fallando nisto com o silencio, sey que faço a V.m. mayor obsequio. Este, e não outro fim me leva à presença de V.m. e desejava ter expressoens com que o podesse persuadir desta verdade, mas se os desejos podem substituir esta falta, affás me chego a explicar, porque offerço a V.m. o que posso, e não o que devo, e em lugar das palavras recebe V.m. os desejos. Fico taõ certo, de que a bondade de V.m. ha de receber esta offerta, que já a minha gratidão rende a V.m. anticipadamente os agradecimentos, não correspondentes ao beneficio; mas iguaes ao meu discurso. Deos guarde a V.m. por muitos annos, &c.

Criado de V.m.

Francisco Luiz Ameno.

Ao



# AO LEITOR

**N**ão he meu intento encarecerte as obras do P. Antonio Vieira , porque dizendo-te que são suas, não necessitaõ de outra recõmendação , nem podem adquirir mayor louvor. Estas que agora sahem a publico, estou certo que os Estudiosos amantes dos escritos deste grande Author as applaudirão da mesma sorte, que o tem feito a todas , que se tem publicado , por serem frutos da mesma arvore. Não posso persuadirte a que não digas, que entre ellas deixe de haver alguma, que não seja do P. Vieira; mas debes advertir , que as que agora te offereço em seu nome são conhecidas por partos da sua penna , sem que até o presente se disputasse o contrario.

Principiey esta Collecção com o projecto de te dar a lêr huma boa porção de Cartas, que nos seus originaes se conservaõ em huma Caza das mais illustres desta Corte ; e quando imaginava darte este gosto , se frustrou o meu intento, prohibindome o publicallas as politicas , que ellas contém. Pelo que na falta destas tomey a resolução de ajuntar os papeis, que aqui te offereço, e entre elles fazer imprimir os dous discursos do celebre Problema, que se disputou na presença da Serenissi-

renissima Christina Rainha de Suecia, no próprio idioma em que foram recitados, e traduzidos na Portugueza; o que até agora se não tinha visto. Tambem me pareceo cōveniente imprimir neste volume a Relação, e Oração das Exequias, que á morte do P. Vieira fez celebrar o Conde da Ericeira na Casa professa de S. Roque desta Cidade, e juntamente a Crise, que a hum Sermaõ do Mandato do nosso Vieira, se publicou entre as Obras da M. Soror Joanna da Cruz. Em tudo me parece te faço serviço por te dar juntas estas obras, que por andarem dispersas te não poderias utilizar dellas, sem que para te chegarem á mão te custasse algum trabalho.

# INDEX

Do que contém este livro.

- P** *Ratica na festividade da Conceição de N.S. no tempo em que o P. Antonio Vieira era Noviço.* pag. 1.  
*Parecer, que o P. Antonio Vieira mandou ao muito alto, e poderoso Rey o Senhor D. Affonso VI. no tempo em que estava em França.* p. 6.  
*Carta I. ao Marquez de Niza.* p. 15.  
*Carta II. ao Marquez de Niza,* p. 16.  
*Carta III. ao Marquez de Niza,* p. 17.  
*Carta IV. para o Conde da Castanheira,* p. 18.  
*Carta V. para o mesmo Conde,* p. 20.  
*Carta VI. para o Marquez das Minas,* p. 21.  
*Memorial, que deu o P. Antonio Vieira á ElRey D. Pedro II. em o qual lhe pede licença para renunciar em seu Sobrinho os seus serviços,* p. 24.  
*Dialogus de octo Orationis partibus a P. Antonio Vieira Rhetorices Magistri in Collegio Paranambucensi,* p. 33.  
*Querimonia pro discessu a Scholis Paranambucensis Licæi ad primarios Rhetoricæ Candidatos,* p. 51.  
*Sonetos do P. Antonio Vieira em resposta de outro de seu Irmaõ Bernardo Vieira Ravasco,* p. 59.  
*Soneta á despedida dos Indios,* p. 61.  
*Soneto ao Retrato de ElRey D. Sebastião,* p. 62.  
*Quatro Decimas ao javali, que a Senhora Princeza D. Isabel matou de hum tiro em Salvaterra,* p. 62.  
*Tres Sonetos ao mesmo Assumpto,* p. 64.  
*Epithalmium Catharinæ Lusitanæ Magnæ Britaniam Regina,* p. 66.  
*Descriptio mensis Martii a P. Vieira S. J.* p. 69.  
*In Martii mensem, Idillion,* p. 71.  
*Cum pronuntiaret N.... verbum Euphrates, & ignoraret si illud esset correptum, an productum; illud corripuit, Epigramma,* p. 72.  
*Ad Leonardum adhuc puerum, Epigramma;* *ibid.*  
*In obitu D. Mariae de Ataide, Epigramma,* *ibid.*  
*In multorum Epitaphia, Epigramma,* *ibid.*  
*Problema, que se moveo em Roma na Real Academia da Serenissima Christina Rainha de Suecia: Qual foy mais racional se o Riso de Demo-*

Democrito, que de tudo escarnecia, ou o Pranto de Heracito, que de tudo chorava.

Discurso primeiro a favor de Democrito recitado pelo P. Jeronymo Cataneo da Companhia de Jesus, p. 75.

Discurso segundo a favor de Heracito recitado pelo P. Antonio Vieira, p. 105.

Oração recitada na Academia dos Anonymos de Lisboa em 6 de Fevereiro de 1718, applaudindo a memoria do dia 6 de Fevereiro de 1608, em que nasceu o P. Antonio Vieira, recitada por Joseph do Couto Pestana, p. 134.

Relaçã das Exequias do P. Antonio Vieira, que o Conde da Ericeira fez celebrar na Igreja de S. Roque em 17 de Dezembro de 1697 p. 140.

Oração Funebre nas Exequias do P. Antonio Vieira pelo P. D. Manoel Caetano de Sousa Clerigo Regular, p. 149.

Crisis sobre un Sermon de un Orador grande entre los mayores, que la M. Soror Juana Ines de la Cruz llamó Respuesta por las gallardas soluciones con que responde a la facundia de sus discursos, p. 211.

# ACADEMIA ANONYMA

*Em applauso do nascimento*

DO PADRE

## ANTONIO VIEIRA.

*Na Academia dos Anonymos de Lisboa, que por muitos annos se continuou, com universal applauso dos Eruditos, em casa de Ignacio de Carvalho e Sousa, o mayor interprete dos Oraculos do Parnaso, se celebrou a memoria do dia do nascimento do P. Antonio Vieira, sendo Presidente Joseph do Couto Pestana, que recitou a Oraçãõ Academica, que vay a pag. 134, a que se seguirãõ as Musãs daquelle douto Congresso, que applaudiraõ o nascimento do P. Vieira com as obras seguintes.*

### S O N E T O I.

**D**esse illustre Varaõ, que hoje ao mundo  
A fama nos publica o nascimento,  
Pois na Prédica foy raro portentoso  
Quanto foy no saber o mais fecundo;  
Taõ claro no dizer, quanto profundo  
Foy taõ raro seu grande entendimento,  
Que eterno da censura vive isento  
Quam morto alcança o nome sem segundo.  
Pois taõ sabio nasceste, eternamente  
De ti mesmo ferás a fama eterna,  
Sendo famoso assumpto aos Oradores.  
Vive pois nessa vida só contente,  
Pois alcançaste a fama sempiterna  
Acclamandote Sol dos Prégadores.

## II.

**E**stas Cidades sete celebradas  
 Em contenda puzeraõ bem renhida ,  
 Sobre qual Patria fosse esclarecida ,  
 Dessas de Homero glorias decantadas.  
 Mas as tuas , ó Lyfia, veneradas  
 A mayor cume tóbem, pois luzida  
 Em Vieira nos déste a melhor vida ,  
 Que viraõ as idades já passadas.  
 De tudo o que florece a bella Aurora ,  
 Com inveja do lauro sem segundo ,  
 Hoje o mundo te admira vencedora ,  
 E de tudo o que o Sol doura fecundo ;  
 E ainda mais venceras, se não fora  
 Para taõ grande Heroe pequeno o mundo.

*De S. de J. e S.*

## III.

**N**asceo o Luso Sol , Astro vivente,  
 Gloria de Portugal , pasmado do mundo ,  
 Credito a Europa foy , sem ter segundo,  
 Gloriosa inveja deu a toda a gente.  
 Foy Heroe , a quem Roma reverente  
 Venerou por Oraculo profundo,  
 Troféos logrando de Orador facundo ,  
 Applausos adquirindo de eminente.  
 Vieira a Patria honrou por modo raro ,  
 Porém sendolhe curto hum hemisferio  
 Quiz dividir o em que nasceo preclaro :  
 Por isso em fim nasceo ( não sem mysterio )  
 Na Lyfia Oriental , onde Sol claro,  
 Lhe quiz dar vaticinios para imperio.

*S. J. S.*

## IV

**N**O dia sexto com saber profundo  
 Das mãos do immenso Author da Natureza  
 Em Sciencias flammante , e gentileza  
 Nasceo Adam , primeiro Pay do mundo.

No sexto dia ( com mysterio fundo )  
 Desse mez , em que o fim do anno se peza ,  
 Nasceo esse portento , essa belleza  
 De Sciencia , Vicira Adaõ segundo.

Dos brutos , que o terreno pavimento  
 Habitavaõ entaõ , só respeitado  
 No mundo foy de Adaõ o nascimento;

Mas no mundo já de homens povoado  
 Nasceo Vieira , com mayor portento  
 Para ser só dos homens admirado.

*M. de C. L.*

## V.

**E**Sse insigne Plataõ , Sol portentoso,  
 Gloria de Portugal , lustre do mundo ,  
 Das estranhas Naçoens pasmo jucundo,  
 Da gente nacional perenne gozo.

Esse da Erudiçaõ rayo famoso ,  
 Que á Escriitura penetra o mais profundo :  
 Esse douto Orador , taõ sem segundo  
 Nos conceitos , que expende mysterioso.

Hoje veyo alcançar seu nascimento ,  
 Para ter Portugal excelsa gloria ,  
 Para este dia ter mayor augmento.

Pois se Oroscopo seu decanta a historia ,  
 Colloça a Portugal no firmamento ,  
 Eterniza este dia na memoria.

*Do Doutor A. da C. B.*

## VI.

**N**ova Estrella se vê neste hemisferio  
 Com teu natal, Varaõ esclarecido,  
 E hoje fazes ao Luso mais luzido,  
 Pois teu Oriente he o Luso Imperio.  
 Naõ com menos razaõ do que mysterio  
 Huma estrella retrata hum entendido,  
 Pois como luz, que as trevas tem vencido,  
 A terra a onde esta faz outro eterio.  
 Hoje a nossa lembrança te conserva  
 Nessa fama, que de hum a outro Polo  
 Do mêmso esquecimento te preserva,  
 Vendo o mundo do Tejo até o Pactolo,  
 Que por ser já gloria de Minerva  
 Revives immortal no Ceo de Apollo.

*De M. A. e V.*

## VII.

**P**ara feres no mundo venerado.  
 Foste, ó douto Vieira, hoje nascido,  
 Donde sempre fará, que assombre, ouvido  
 Teu grande nome, de tua fama o brádo:  
 Fizeste a Portugal, que o ser te ha dado,  
 Com tua erudiçãõ mais conhecido,  
 Tendo tantos negocios concluido  
 Nos Reinos a que tu foste mandado:  
 Gloria foy para o nosso o teu talento,  
 Este sendo tambem para ti gloria,  
 Que a Sciencia reparte, e nascimento;  
 Portanto o Reino faz tua memoria,  
 Quando a Portugal tu fazes portento,  
 Mas com gloria feliz, e sem vangloria.

*De M. R. da C.*

Das



VIII.

**D** As pedras de David o fundamento  
 Lavraſtes , ó Vieira , ao edificio ,  
 Que erigio teu continuo exercicio  
 Para gloria immortal do teu talento :  
 Nelle exiſtes , não fó do fado izento ,  
 Mas tambem de milagre dando indicio ,  
 Pois nasceſte com tão ditoso auſpicio ,  
 Que occupas todo o mundo por portento :  
 Humanado edificio foy na guerra  
 A prócera grandeza do Gigante ,  
 Mas a pèdra he que hoje a gloria encerra ;  
 A qual te confidero ſemelhante ,  
 Pois tambem hoje occupas toda a terra ,  
 Nascendo nella tão pequeno infante .

*M. R. da C.*

IX.

**N** aſceres novo Sol lá neſſe Oriente ,  
 Que da antiga Lisboa hoje he metade ,  
 Não pequeno myſterio me perſuade ,  
 Se agora obſervo teu talento ingente :  
 Que em ſua Cathedral te ſacramente  
 O ſagrado Bautiſmo , novidade  
 Se não deve admirar , mas propriedade  
 Que diſpoz o Monarca Omnipotente :  
 Que ſe nãcias para ſer eterno ,  
 Não foy por certo o tal deſtricto acaſo ,  
 Mas providencia do poder ſuperno ;  
 Porque immortalizandote em tal cazo ,  
 Te fez ſacramentar no foro interno ,  
 Em Metropoli oppoſta ao meſmo occaſo .

*M. R. da C.*

Hoje

**H**oje , ó grande Vieira , vens nascendo  
 Para o maximo ser dos Prégadores ,  
 Qual Astro , que diffunde os resplandores  
 Por quantos nas esféras se estaõ vendo :  
 Das regras , que lhes dás , quando escrevendo ,  
 Procuraõ todos ser imitadores ;  
 Porém como do Sol aos seus fulgores ,  
 Imitarte nenhum , bem se está vendo :  
 Profiga , pois , o teu applauso a fama ,  
 E qual Sol , te publique em todo o mundo ,  
 Se por unico o seu clarim o acclama ;  
 Pois pelo teu talento o mais profundo ,  
 De todo o mundo , ha muito , a voz te chama  
 Prégador singular , e sem segundo .

*M. R. da C.*

**O**Raculo dos pulpitos nasceido  
 Felizmente no seculo passado ,  
 Para ser nos vindouros respeitado ,  
 Hoje o teu nascimento he repetido .  
 Sempre à vida has de ser restituído ,  
 A pezar desse horror de sepultado ;  
 Pois soubeste fazerte eternizado ,  
 Nos eccos de teus livros sendo ouvido .  
 Perduravel será teu monumento ,  
 Em contraposição da cruel sorte ,  
 Por credito mayor do teu talento ;  
 Sem que para o contrario nada importe ,  
 Teres , como os mortaes , teu nascimento ,  
 Pois sempre has de vencer por fama a morte .

*M. R. da C.*

## XII.

**N**A cabeça do mundo respeitado  
 Te fez , prégarés nella em lingua eſtranha ,  
 Onde chegando de paſſage a Heſpanha ,  
 Por na ſua te ouvir, foſte admirado :  
 Nas conquiſtas a Fé tens propagado ,  
 De humanas féras ſendo atroz campanha ,  
 E quando as almas o teu zelo ganha ,  
 Linguas lhe fallas , que não tens fallado.  
 Eu não ſey , que conceito na verdade ,  
 Pelo dom deſtas linguas , de ti faça ,  
 Fallando inda as de mais difficuldade ;  
 Mas cuido , que nenhuma te embarça  
 Em prégarés a ley da Chriſtandade  
 Por te aſſiſtir do Eſpirito Santo a graça.

*M. R. da C.*

## XIII.

**C**Antem as Ulyſſeas celebradas  
 Do Vieira ſeu claro nacimiento ,  
 Celebrem eſte aſſombro , eſte portento ,  
 Ambas por elle ſejaõ veneradas :  
 As Cidades illuſtres , e afamadas ,  
 Inveja tem a ſeu merecimento ,  
 E por emprego do mayor talento  
 Bem do mundo ſeraõ ſempre adoradas.  
 Da primeira Ulyſſea he bem notoria  
 A fortuna, que logra peregrina,  
 Pois a luz do Vieira nella naſce.  
 Eſta porém ſegunda mayor gloria  
 Conſegue , pois Vieira luz divina  
 Hoje neste Muſeo Fenix renasce.

*Fr. T. de S.*

Em

**E**M berço de cryftal Phebo luzido,  
 Foy no templo da Fama collocado,  
 Para fer dos Planetas venerado,  
 Nefle ponto que foy reçem nascido.  
 Vieira digo, Sol esclarecido,  
 Vieira, defles Orbes defejado,  
 E no templo do Sol fempore adorado  
 Pois mais que o Sol da luz enriquecido.  
 Se eíta no berço, luz, he taõ brilhante,  
 Que luzes naõ terá no feu augmento,  
 Pois mais que o Sol, he só fem femelhante?  
 Famoso luminar! Raro portento!  
 Preclaro refplendor, rayõ flamante,  
 Radiante luz, illuftre nascimento!

*Fr. T. de S.*

**E**Sse, que he digno emprego á larga historia,  
 E de toda a Europa íacros brádo,  
 Nasce para viver eternizado  
 Timbre de Portugal, do mundo gloria.  
 Qual Lufitano Tullio na Oratoria,  
 Defde o berço em que nasce, he declamado;  
 Qual gigante de luzes esmaltado,  
 Que a penas nasce, já he luz notoria.  
 Em credito da Patria reverente  
 Nasce eíta voz, da Lyfia authoridade,  
 Das outras vozes muito differente.  
 Qualquer no pranto traz mortalidade,  
 A de Vieira naõ; porque do Oriente  
 Nasce clamando logo a eternidade.

*De J. de S. C.*

## ROMANCE HENDECASYLLABO.

**N**asce ao mundo Agostinho Lusitano  
Na de Lyfia feliz gloriosa cuna,  
Que como Aguia melhor remonte os voos,  
Aos reconditos rayos da Escriitura.  
Na Princeza das Cortes teve o berço,  
Porque depois Gigante ás Curias suba;  
Que quem começa grande das mantilhas  
Nas Purpuras depois famoso avulta.  
Nasce na Corte (a quem o Tejo banha)  
Hum Rio, que scientifico redunda,  
Ou nas arêas de ouro se pratica,  
Ou na emplumada prata se especula.  
Sahe o sagrado rio discursivo,  
Da Sciencia esprayando a prata sua,  
E logo promontorio da eloquencia,  
Lá da America vasta o campo inunda.  
Litigaraõ de Europa as Cortes todas  
Sobre ter de hum tal filho a gloria summa,  
E decidio a causa a Trina Essencia  
Em glorioso favor da Corte Lusa.  
Trina Essencia, bem disse; que ham Heroe,  
Que foy segundo Adão de sciencia infusa,  
Parece que se empenha a Essencia Trina  
A formar sua maxima esstructura.  
Fábrica foy da sacra Omnipotencia  
Esta voz, que a de Deos clamou profunda;  
E sendo Deos verdade immensa sempre,  
Foy da mesma verdade voz commua.  
Animado trovaõ da divindade  
Da esfêra Lyfia sahe; e quem não julga,

\*\*\*

Que

Que não foy como os mais , donde a memoria  
 Acaba do trovaõ , se o fom caduca ?  
 Pois de Vieira o trovaõ , quando nascido  
 Da Lusitana esféra sempre augusta ,  
 Não caduca a memoria ; porque ainda  
 O estrondo nos papeis doutos se escuta.  
 Nasce rayo , e trovaõ ao mesmo tempo ,  
 Torres de Europa os Pulpitos circunda ,  
 Em huns como trovaõ se escuta o brado ,  
 Noutros qual rayo não abraza , illustra  
 Nasce voz , não de lagrimas formada ,  
 Como nascem no mundo as creaturas ;  
 Que quando em sabia voz se canoniza ,  
 De excepção do mortal já se gradua.  
 Nasce para brilhar no mundo todo ,  
 Sendo da sacra Pagina luz pura ,  
 Nos Palacios dos Reys verdade achada ,  
 Aceito defengano até na Curia.  
 Nasce em fim ; mas suspendase o discurso ,  
 E o seu louvor só narre a sua pluma ;  
 Que illustrar pluma alheya hum tal portento  
 De ignorancia será patente summa.

*J. de S. C.*

## O I T A V A.

**N**asceo Vieira Prégador famoso  
 No ponto que nasceo mais que estupendo,  
 Foy nos conceitos alto , e portentoso  
 O dom de Prégador teve em nascendo:  
 Parecevos dictame fabuloso  
 Este discurso meu ? Pois eu entendo,  
 Que digo bem ; e porque não errace  
*O Prégador , diz o proloquio , nasce.*

*Fr. T. de S.*

## EPIGRAMMA I.

**D**Ant sibi vita manus, simul & mors undique cur-  
Nam vitæ est thalamus, qui necis est tumulus. (runt,  
Nasceris ut sapiens, mortique, Vieira, tributum  
Solvis, ut astra regens, Sol dominare Polo.

*O Doutor M. de C. L.*

## EPIGRAMMA II.

**H**Æc est illa dies toto spectabilis orbe,  
Quâ gemino Cœlum sydere splenduerat.  
Hæc te vitales genitum produxit in auras,  
Quâ sacra portavit mira trophæa fides.  
Lysia læta suo tanto se jactat Alumno,  
Qui patrium toto sparsit in orbe decus.  
Invidere diem sæcla omnia, & omnia sæcla  
Lumina ritè colent officiosa sua.  
Gratatur tellus Cœlum, quòd ditet honore,  
Et quòd felicem proflet ab ore diem.  
Hæc rediviva dies, toto numerabilis ævo  
Nuncia natalis, nescia finis erit.

*De G. D. do R.*

## EPIGRAMMA III.

**S**Ol quia solus eras, Antonius, undique jactas  
Lumina; sed Phœbus, luce tremente, filet.

*J. de G. C.*

S O N E T O.

**C**essem do Orador Grego, e do Romano  
As glorias immortaes, que a Fama canta,  
Que outro Orador mais alto se levanta  
Noutro Sol da eloquencia soberano.

Demosthenes, e Tullio Lusitano  
Antonio foy, mas com ventagem tanta,  
Quanta leva a doutrina illustre, e santa  
Aos assumptos politico, e profano.

Sol da eloquencia foy no movimento  
Com que girou, qual Sol, a terra escura,  
A todo o mundo encheo de luzimento;

E teve, como Sol, esta luz pura  
Numa parte do mundo o nascimento,  
Noutra parte do mundo a sepultura.

*De Antonio Telles da Silva.*

*Este Soneto foy applaudido com o que se segue.*

**D**E Vieira eterniza la memoria,  
Teles, vuestra dulcissima harmonia,  
Porque le haze vivir vuestra Poezia  
Mas que pudo vivir por su Oratoria.  
Si interpretando la sagrada Historia  
Por oraculo el orbe le tenia,  
La deidad, que en su espirito vivia,  
Augmenta en vuestros numeros su gloria.  
Llorais Antonio a Antonio, y el peregrino  
Dulce lamento vuestro puede tanto,  
Que revocò la ley de su destino.



Muerto le fiente el orbe en commun llanto,  
Vòs no solo immortal , pero divino  
Le dexais en virtud de vuestro canto.

*Ao P. Antonio Vieira , que claramente se vio huma es-  
trela nascer , quando começou a espirar.*

S O N E T O .

**E**M tronos de zafir luzes respira ,  
( Quando se poem teu Sol ) a estrela clara ,  
Mas se foy para sabios luz preclara  
Que muito se de hum sabio ser aspira ?  
Se epitafio do Sol a estrela espira ,  
Que aonde hum sabio jaz , luz só o declara,  
Ella estrela, que nasce, ser prepara  
Index de tua pessoa em azul pira.  
Lingua vibra nas luzes , pois sò cura  
Tua sciencia applaudir, que he proprio nella  
Sabios buscar a influxos da ventura :  
Tua em fim gira a estrela ardente, e bella,  
Pois sempre ao sabio que a Deos ver procura,  
Lhe nasce para guia nova estrela.

*Al sapientissimo P. Antonio Vieira quando murió,*

**S**OL que al Luzo de gloria has ilustrado ,  
Que assombros en lo claro has repartido ,  
Si eres luz en lo claro, que has vivido,  
No sombra sufriràs eternizado :  
Si flores mil del feso has animado ,  
Y en fragantes conceptos prepolido ,  
Que en las flores nò agrada lo florido ,  
Si del Sol nò las pule lo aliñado.

Nò del hado en la Parca las foçobras,  
Sol te eclipsan, pues luzen las influencias  
De tu feso, en que el fer de vivo cobras.  
Nò pues del hado temas contingencias,  
Que viviendo las flores de tus obras,  
Es que no ha muerto el Sol de tus sciencias.

*Qua nocte obiit P. Antonius Vieira stellam (non vul-  
garis magnitudinis) Babiensi Collegio affixam. Et  
affulgentem Cives aliqui mirati sunt.*

## EPIGRAMMA.

**L**Umina dum fato clausit Vieira supremo  
Insolitum visa est fundere stella jubar.  
Dum luget tellus, ridet Polus, hospite tanto  
Hic gaudet, tanto ast illa flet orba viro.  
Vir sapiens tantum potuit superaddere Cœlo,  
Quantum fata jubar furripuere solo.  
Qui prior insueto vidit splendescere sydus  
Lumine, prodigium credit esse novum.  
Desine mirari; rerum sibi congruit ordo,  
Num stellas nasci, Sole cadente, novum est.

# ELOGIO

D O P A D R E

## ANTONIO VIEIRA,

E S C R I T O

Por DIOGO BARBOSA MACHADO,

*Abbate Reservatario da Paroquial Igreja de S.  
Adriaõ de Sever, e Academico da Academia  
Real da Historia Portugueza.*

**O** Padre Antonio Vieira, hum dos mais famosos Varoens, que produzio Portugal, nasceu na Cidade de Lisboa a 6 de Fevereiro de 1608, e em 15 foy bautizado na Igreja Cathedral, em cuja Pia recebera a primeira graça o insigne Thaumaturgo Santo Antonio. Logo na puericia se admirou a perspicacia do juizo, e sublimidade do talento com que a natureza prodigamente o dotára, respondendo com tão discreta promptidaõ ao que se lhe perguntava, que eraõ veneradas as suas repostas, como sentenciosos apophtegmas. Na tenra idade de sete annos partio com seus Pays Christovaõ Vieira Ravaasco, e D. Maria de Azevedo para a Bahia, Capital da America Portugueza, onde obedecendo á divina vocaçã, desprezou heroicamente o amor, e casa paterna, ausentandose furtivamente della para a Companhia de Jesus, em cuja sagrada Milicia depois de repetidas instancias foy alistado em 5 de Mayo de 1623, quando contava 15 annos, fazendo a Profissã solemne a 26 de Mayo de 1644.

Defe-

## Elogio

Dezejoso de illustrar com o seu talento a Religião, de que era filho, se prostrou devotamente na presença de huma Imagem da Virgem Santissima, supplicandolhe com fervorosas instancias o fizesse digno de exercitar o ministerio de Orador Evangelico; e para manifesto argumento do despacho desta supplica sentio, que se lhe dissipava repentinamente do entendimento huma sombra, experimentando daquelle dia por diante penetrar sem difficuldade os mysterios das Sciencias mais profundas, que fielmente depositou no precioso thesouro da sua memoria. Como o seu engenho era agigantado, logo começou a frutificar ao tempo de florecer, escrevendo de 17 annos as Cartas annuaes do Brasil em a lingua Latina com elegante estylo, dictando no seguinte como Mestre da Primeira aos seus domesticos as Tragedias de Seneca eruditamente illustradas, e compondo de vinte, hum Commentario Literal, e Moral sobre Josué, e outro sobre os Cantares de Salamaõ em cinco sentidos. Para se instruir nas Sciencias escolasticas não teve outro Mestre mais que a si mesmo, compondo o Curso da Filosofia, e Theologia, pelo qual aprendeo estas facultades, causando ao mesmo tempo inveja, e admiração aos mayores professores dellas, que disputasse, defendesse, e arguisse com profunda subtiliza nas questões mais difficeis sem o soccorro de instrucção alheya, mas unicamente pela laboriosa applicação do seu estudo.

Admirados os Superiores de que nunca sendo discipulo fosse já Mestre consumado, o elegerão com maduro conselho Lente, esperando que da sua escola sahissẽ Mestres todos os seus discipulos; porém não teve effeito esta eleição por ser obrigado a acompanhar

*do P. Antonio Vieira.*

panhar a D. Fernando Mascarenhas filho do Marquez de Montalvão Governador do Brasil, quando em nome daquelle Estado veyo dar obediencia ao Serenissimo Rey D. Joaõ o IV. novamente elevado ao Throno de Portuga.

Tanto que chegou à Corte no anno de 1641, foy recebido por este Monarca com singulares demonstrações de affecto, e certificado occultamente da sua profunda capacidade, naõ sómente o elegeo seu Pregador, mas lhe cometeo negocios de gravissimas consequencias, que administrou com igual prudencia, que fidelidade, assim nas Cortes de Pariz, e Hollanda no anno de 1646, e 1647, como em Roma no anno de 1650, escrevendo em todas as negociações doutissimos Tratados em obsequio do seu Principe, e zelando como verdadeiro Portuguez os politicos interesses desta Monarquia contra as cavilosas maximas das outras Coroas.

Entre taõ diversas nações, por onde discorreo, deu claros testemunhos da penetração do seu juizo adquirido com a lição dos livros mais raros, que revolveo nas melhores Bibliothecas, e com o commercio familiar dos professores de todo o genero de sciencias tanta copia de noticias, que era respeitado como Oraculo da sabedoria Christã, e Politica. Com igual gloria da Religião Catholica, que credito da sua profunda sciencia, convenceo em Amsterdaõ a Manafes Ben Israel, o mais insigne Rabino da Synagoga, e em Roma triunfou da impiedade de hum Atheista. Naõ alcançou menor gloria nas continuas disputas, em que por varias vezes altercou com os mais doutos Hereges, que com apparentes solfmas queraõ rebater a solida efficacia dos seus argu-

\*\*\*\*

mentos,

## Elogio

mentos, contando nesta literaria campanha as victorias pelas disputas, e os triunfos pelos combates.

Soube perfeitamente as linguas mais polidas da Europa, fallando a Italiana, Franceza, e Hespanhola com propriedade, e elegancia; principalmente foy insigne na materna, explicando a sublimidade dos seus conceitos, e a fineza dos seus discursos com frases puras, e termos proprios sem mendigar vocabulos de idiomas estranhos. Foy o mayor Prégador do seu tempo, e o será com inveja das outras naçoens em toda a posteridade, verificando em si a fabula de Hercules Gallico, pois com a torrente da sua aurea eloquencia atrahia suavemente suspença a attenção dos seus ouvintes.

Em Roma, Patria dos Oradores mais famosos, se venerou com profundo respeito a sublime facundia da sua lingua, e ao mesmo tempo que renovou a memoria de Tullio, lhe diminuiu a gloria, e sepultou o nome. Nesta grande Corte, aonde chegou segunda vez por ordem de El Rey D. Pedro II. a 16 de Novembro de 1669, prégou os cinco Discursos das Pedras de David na presença da celebre Heroína a Serenissima Rainha de Suecia Christina Alexandra, que como outra Sabá veyo admirar de longe a discreta elegancia deste Evangelico Salamaõ, sendo as acclamaçoens, e applausos, que mereceo desta Princeza, como de todos os Principes Ecclesiasticos, e Seculares da Cabeça do mundo pequeno brádo á sua fama, limitado premio ao seu talento. Da Oratoria Ecclesiastica teve o principado, fallando o commum com singularidade, o semelhante sem repetição, o vulgar com novidade, o sublime com clareza, e o humilde com decóro; sendo discreto sem affectação, copio-

so

fo sem redundancia, e taõ corrente o estylo, como nascido menos da arte, que da natureza. Representou com taõ viva energia, que eraõ escusadas palavras, por serem eloquentes as acçoens. Penetrou com profunda subtiliza os mysterios mais occultos da sagrada Escritura, que toda leo por diversas vezes, examinando as suas mayores difficuldades com as luzes dos Santos Padres, e sagrados Interpretes, em que foy muito versado, particularmente correndo a cortiaa aos Oraculos dos Profetas para serem intelligiveis os seus vaticinos.

Em todas as Sciencias foy eminente, sendo insignie Humanista, consumado Rhetorico, e elegante Poeta vulgar, e Latino, subtil Filosofo, profundo Theologo, sublime Escriturario, grande Chronologo, e completamente douto na Historia sagrada, e profana.

Ornado de tantos dotes, com que copiosamente o enriquecera a divina liberalidade, nunca se desubrio no seu animo o mais leve final de jactancia, antes recebendo notaveis honras, e estimaçoens de muitos Principes assim naturaes como estranhos, naõ foram poderosas para lhe alterarem a humilde condiçaõ do seu genio, de tal sorte que escrevendolhe em 12 de Setembro de 1680 o seu Geral Joaõ Paulo de Oliva de estar eleito Confessor da Rainha de Suecia, querendo esta Heroína, que fosse o seu director para alcançar huma Corõa, pela qual tinha deixado heroicamente tantas, se escusou com summa modestia de ministerio taõ honorifico. Toda a tua ambiçaõ era da gloria divina, e naõ da humana, deixando por ella a Patria, e o declarado affecto da Magestade de El Rey D. Joaõ o IV. partio para o Maranhão a procura

## Elogio

rar com indefeſſo trabalho a converſão daquelle Genti-  
lidade, para cuja ſagrada empreza ſe obrigara com  
voto deſde a idade de vinte e ſete annos. Acompan-  
hado de alguns Varoens Apoſtolicos promovidos do  
ſeu exemplo, chegou ao Maranhão a 22 de Novem-  
bro de 1652, onde lançando os primeiros fundamen-  
tos áquelle nova Miſſão de que era o Fundador, foy  
obrigado a voltar a Portugal a 16 de Julho de 1653,  
a ſolicitar da Mageſtade de El Rey D. João o IV. a  
liberdade dos Indios como tótalmente neceſſaria, e  
cônducente para a ſua converſão.

Vencidos os obſtáculos, que contra taõ justifica-  
da representação, ſe oppuzeraõ, ſegunda vez partio  
para o Maranhão em companhia do ſeu novo Gover-  
nador André Vidal de Negreiros, ſendo impoſſivel de  
relatar o ardente zelo com que pelo eſpaço de nove  
annos cultivou aquelle agreſte vinha.

Para converter Gentiõs, doutrinar Cathecume-  
nos, e conſervar Neofitos, viſitou onze vezes as Re-  
ſidencias da Miſſão, navegou vinte e duas vezes rios  
mais extenſos que o mar Mediterraneo, diſcorreo a  
pé quatorze mil leguas por lugares incultos, frago-  
zos, e ſolitarios, tolerando exceſſivos calores, rigo-  
roſos frios, horroroſas tempeſtades, em que muitas  
vezes ſe vio quaſi engolido das ondas, e por ſuperior  
auxilio livre, e ſalvo. Em beneficio dos novos con-  
vertidos, compoz ſeis Catheciſmos em diverſas lin-  
guas. Levantou dezaiſeis Igrejas, para cujo ornato  
diſpendeo mais de cincoenta mil cruzados, ſendo tal  
o fervor Apoſtolicos, com que ensinava áquelles barba-  
ros o caminho da vida eterna, que parecia ſe anima-  
vaõ as ſuas palavras do eſpirito de Paulo, e do zelo  
de Xavier.

A taõ



## do P. Antonio Vieira.

A tão laboriosa cultura correspondeo abundantemente o fruto, pois á efficacia das suas vozes se converteo infinita multidão de Gentios Inheigarás, Tupinambás, e Poquigarás habitantes do Seará, Maranhão, Pará, e o grande rio das Amazonas, não sendo menos glorioso o triumpho, com que a 16 de Agosto de 1659 foy recebido pelos Nheengaybas em agradecimento de os ter reduzido á Fé catholica, e á obediencia de El Rey de Portugal. Attendendo o Reverendissimo Geral da Companhia Thyrso Gonçalves ao incançavel desvelo, com que tinha aggregado tantos filhos ao gremio da Igreja, o nomeou a 17 de Janeiro de 1688 Visitador da Provincia do Brasil, e Superior absoluto de todas as Missões, lugares que aceitou constangido, como quem sempre estudara mais obedecer, que mandar.

Os ultimos annos da sua vida assistio na Bahia, para onde partira no anno de 1681, elegendo com madura resolução esta Cidade para sepultura, já que fora o seu berço para a Religião. Retirado em huma quinta do arrabalde da mesma Cidade se occupou, como outro Cicero no seu Tusculano, preparando as suas obras para a impressão, o que executou por expressa ordem do seu Geral, ordenandolhe que tambem acabasse o livro intitulado *Clavis Prophetarum* posto que estivesse quasi cego: para fazer mais meritória a sua obediencia se valia dos olhos alheos para lhe lerem os livros, cujas paginas apontava de memoria, achandose fielmente o que nellas procurava, sendo este trabalho muito superior ás suas forças.

Praticou, como Religioso observante, todas as virtudes proprias daquelle estado. Levantavase muito cedo para a oração, cortando pelo descanso

ne-

## Elogio

necessario á sua idade para ficar expedito para o estudo. O livro espirital de que mais frequentemente usava, era o de *Imitatione Christi*, escutando como vozes divinas as sentenças, que nelle lia. Teve hum animo imperturbavel soffrendo com heroica constancia o odio dissimulado em zelo de muitos emulos, que armados contra a sua pessoa lhe derão grave materia para exame da sua paciencia, não tendo outro motivo para esta injustiça, do que nascer mais singular que todos em tantos dotes, de que abundantemente o ornou a graça, e a natureza. Restituiu sempre beneficios por aggravos satisfazendose com tão nobre vingança dos seus offendiores. Nunca no seu semblante se descobrio o menor final de alteração, ainda quando se sentio infamado com satyras, accusado em diversos Tribunaes, e perseguido daquelles, que lhe eraõ mais obrigados; antes como se fora o Olympo, que goza de huma inalteravel tranquillidade, dissimulava com prudencia, e soffria com resignação toda esta furiosa tormenta.

Entre tantas Cortes, e Paizes, por onde discorreo, nas quaes costuma reinar licenciosamente a incontidencia, conservou, como se fosse Anjo, illuzão a pureza, com tal privilegio, que nunca teve contra esta angelica virtude materia para a confusão. Foy exactissimo observador da pobreza religiosa, usando sempre dos vestidos mais remendados, conservando huma capa pelo largo espaço de quatorze annos, que largou violentado. Igual era ao amor á pobreza o odio das riquezas regeitando heroicamente vinte e cinco mil cruzados, que lhe mandou a Pariz El Rey D. Joáo o IV. para comprar livros para o seu uso, e quarenta mil cruzados, que a Ilha Terceira lhe offereceo

do P. Antonio Vieira.

ferecto em premio de patrocinar com a sua authoridade hum grave negocio.

Como sempre foy superior á mais alta fortuna, fugio das mayores estimaçoens, que do seu talento fizeram os Summos Pontifices Innocencio X., e Clemente X. as Magestades augustas de Luiz XIV. de Franca, D. João o IV., e D. Pedro II. de Portugal, e o Duque de Florença, como das dignidades a que o destinavaõ estes Soberanos Principes, assim Ecclesiasticas, como Seculares.

Venerou com tão excessivo affecto a Christo, sacramentado, que parece em premio da sua Fé se fazia visivel aos seus olhos a divina Magestade occulta debaixo dos accidentes Eucharisticos. Não houve genero algum de culto, que a sua fervorosa devoção não dedicasse em obsequio de Maria Santissima, tributandolhe agradecido de lhe salvar a vida de hum horrendo naufragio trinta Panegyricos ao seu sacratissimo Rosario, que todos os dias recitava meditado pelo espaço de duas horas, ornando com estas mysticas rosas o augusto throno de tão augusta Princeza.

Na ultima enfermidade padeceo tão acerbas dores, que o privavaõ do descanso, e tão resignado estava na vontade divina, que quando eraõ mais rigo-rosas, rompia a sua afflicção nestas palavras: *Dominus est: quod bonum est in oculis suis faciat.* Recebeo com ternissima piedade os Sacramentos, e espirou entre a meya noite, e huma hora para o dia de 18 de Julho de 1697, em idade de 89 annos, cinco mezes e 12 dias, e de Religião 74, 2 mezes, e 13 dias. Teve a estatura mais que mediana, o rosto grave, a testa dilatada, o nariz aquilino, os olhos vivos, a cor algum tanto morena, o cabello negro, e a barba povcada.

Foy

## Elogio

Foy nas acçoens circunſpecto, no trato affavel, na converſação erudito, no diſcurſo ſubtil, ſolido, e prompto, por cujos dotes conciliou o universal affecto de naturaes, e eſtranhos.

Extraordinario ſentimento cauſou em todos os animos a ſua morte; não havendo peſſoa de qual-quer qualidade, que deixaffe de teſtemunhar com lagrimas copioſas tão deploravel perda. O Cabido da Cathedral da Bahia lhe officiou o funeral no Collegio da Companhia aſſiſtido de toda a Nobreza Eccleſiaſtica, e Secular, no fim do qual foy levado o cadaver á ſepultura aos hombros de D. Joã de Alencastro, o Biſpo eleito de S. Thomé, ſeu irmaõ o Vigario Geral Joã Calmon; o Provincial da Religiaõ de S. Bento, e o Reitor do Collegio dos Jeſuitas.

Não ſõmente o mundo concorreo para as ultimas honras deſte grande Varaõ, mas até o Ceo ſe empenhou em canonizar a ſua memoria apparecendohe tres noites antes da ſua morte, e tres depois, huma brilhante eſtrela de extraordinaria grandeza; a qual perpendicular ſobre o ſeu Cubiculo foy viſta, e admirada do mar, e terra, aſſirmando as peſſoas mais judicioſas, que aquelle meteoro era huma luminosa teſtemunha com que o Ceo declarava as virtudes do P. Vieira.

Tanto que neſta Corte ſe recebeo a lamentavel noticia da morte de hum ſeu tão illuſtre filho, ſe resolveo o Excellentiffimo Conde da Ericeira D. Francisco Xavier de Menezes, inſigne Meceñas dos eſtudioſos, dedicar humas ſumptuoſas Exequias á memoria do Principe dos Oradores Evangelicos, e elegendo para theatro a Casa Profieſſa de S. Roque, não perdando a genero algum de diſpendio a ſua profuſa liberali-

## do P. Antonio Vieira.

beralidade mandou levantar huma soberba maquina, que occupava grande parte do Templo, animada de muitos emblemas, e poezias de diversos metros, e linguas, e illuminada com grande copia de luzes. Cantou o Officio a Musica da Capella Real, a que fez o compasso o seu grande Mestre Antonio Marques Lesbio. Naõ houve pessoa grave de huma, e outra jerarquia, que naõ assistisse a este funebre obsequio, o qual coroou o P.D. Manoel Caetano de Sousa, taõ illustre pelo sangue, como pela erudição, com huma Oração taõ elegante, que renasceo nelle a eloquencia, que lamentava defunta.

Seria impossivel repetir os elogios com que celebres Escriitores exaltaraõ o nome deste grande Varaõ, e sómente transcreverey alguns, para que cláramente se conheça a sua grandeza. Seja o primeiro aquelle que o foy na dignidade, o Summo Pontifice Clemente X. no Breve que lhe expedio, para que pudesse publicar as suas obras, sem que fossem examinadas por algum Censor. Começa: *Dilecte Fili, salutem, & Apostolicam benedictionem. Religionis zelus, sacrarum literarum scientia, vitæ, ac morum honestas, aliaque laudabilia probitatis, ac virtutum merita super quæ apud nos fide digno commendaris testimonio.*

Pelo discurso deste Breve te vê concederlhe a clemencia de Sua Santidade quatro especiaes graças, pelas palavras que se seguem.

### I.

*Hinc est, quòd Nos justis de causis animum nostrum moventibus, religiose tranquillitati, atque securitati tue, quantum nobis ex alto conceditur,*  
\*\*\*\*\*  
*provi-*

## Elogio

*providere cupientes. . . Motu proprio, ac ex certa scientia, & matura deliberatione nostris, deque Apostolicæ potestatis plenitudine, Te a quacumque jurisdictione, potestate, & auctoritate venerabilis fratris Petri Archiepiscopi Sedensis Generalis, ac dilectorum filiorum reliquorum Inquisitorum adversus hereticam, & apostaticam à Christiana Religione, fideque Catholica pravitatem in Portugallia, & Algarbiorum Regnis auctoritate Apostolica deputatorum, &c. ita ut illi nullam in te jurisdictionem, potestatem, & auctoritatem exercere. . . aut alias quomodolibet molestare, perturbare, vel inquietare possint tempore præsentium ad tui vitam plenarie eximimus, & totaliter liberamus, ac exemptum, & liberatum esse, & fore decernimus, & declaramus.*

## II.

*Teque in omnibus, & quibuscumque causis ad Tribunal Sancti Officii, quomodolibet spectantibus. . . immediatæ jurisdictioni, potestati, & auctoritati Congregationis venerabilium fratrum Nostrorum S R E. Cardinalium in tota Republica Christiana Generalium Inquisitorum. . . coram qua dumtaxat in omnibus, & singulis causis prædictis tenearis de justitia respondere, Motu proprio, scientia, deliberatione, &c. ad tui vitam harum serie subjicimus, & supponimus, ac subjectum, & suppositum esse, & fore decernimus, similiter & declaramus.*

## III.

*Decernentes pariter easdem præsentis literas,*  
&

Et in eis contenta quaecumque etiam ex eo, quod Generalis, & alii Inquisitores, ceterique praefati, & alii quicumque, etiam specifica, & individua mentione digni... illis non consenserint, nec ad ea vocati, citati, vel auditi, neque causa, propter quas praesentes emanarunt adductae, specificatae, & justificatae fuerint, aut ex alia etiam quantumvis legitima, juridica, pia, & privilegiata causa, & e firmo, validas, & efficaces existere, & fore, suosque plenarios, & integros effectus sortiri, & obtinere, ac tibi in omnibus, & per omnia plenissime suffragari.

IV

Sicque, & non aliter in praemissis per quoscumque Judices Ordinarios, & Delegatos, etiam causarum Palatii Apostolici Auditores, ac S. R. E. Cardinales, etiam de latere Legatos, & Apostolicae Sedis Nuncios, necnon Generalem, ceterosque Inquisitores praefatos, & alios quoslibet, quacumque praeminentia, & potestate fungentes, & functuros, sublata eis, & eorum cuilibet, quavis aliter judicandi, & interpretandi facultate, & auctoritate judicari, & diffiniri debere, ac irritum, & inane, si secus super his a quoquam quavis auctoritate scienter, vel ignoranter contigerit attentari, &c.

João Paulo Oliva, Geral da Companhia, congratulando-o do Sermaão de S. Estanislao, em huma Carta escrita a 13 de Março de 1675. Dou graças a Deos por ter dada à Companhia hum homem que pôde fallar e só divinamente, e que sabe proferir o seu concerto, e que todos confessão, que he igualmente maravilhoso assim

## Elogio

*no que entendemos , como no que naõ penetramos , mas igualmente veneramos nas suas intelligencias.*

Jorge Cardoso no Agiologio Lusitano tom.3.pag. 238. no Cõmentario de 13. de Mayo letr. I. o intitula *Oraculo dos Prégadores desta idade.*

Ulhoa nas Dissertaçoens de legat. & fidei com. na Dedicatoria ao Graõ Duque de Toscana : *Venerabili Viro, & Portugalliae Principis Concionatore discretissimo, faciliq̃e omnium Concionatorum antesignano, si-ve verius dixerim Principe.*

O Illustrissimo Barzia no Despertador Christiano, t. 1. Introd. Exhortat. col. 3. n. 30. lhe chama *agudissimo.*

Fr. Joaõ Joseph de S. Teresa na Histor. da guerra do Bfasil, part. 2. liv. 5. pag. 189. *Huomo che ne i pergami porto il vanto nel nostro seculo.*

O P. Manoel Luiz na vida do Principe D. Theodosio liv. 1. cap. 19. n. 238. *Insignem Virum.*

Miguel de Barros no Prologo do Coro das Musas : *El pico de oro Portuguez.*

Feijõ no Theatro Critico, tom. 1. discurs. 16. n. 115. *Aquel hombre, a quien en pensar con elevacion, discursar con agudeza, y explicarse con claridad nõ iguala hasta aora Predicador alguno. E no tom. 4. discurs. 14. n. 37. Que Sermon del P. Vieira no es un asombro? Hombre verdaderamente sin semejante , de quien me atreviera dezir lo que Veleyo Paterculo de Homero: Neque ante illum quem imitaretur, neque post illum, qui eum imitari posset , inventus est.*

O P. Bonucci na Historia del Rey D. Affonso Henriques liv. 3. cap. 10. *Ben noto al mondo per il suo singolare ingegno , profundita di sapere, e destreza ammirabile in maneggiare le divine Scripture.*

Soror Joanna Inez da Cruz na Censura, que fez ao Ser-

Ser-



do P. Antonio Vieira.

Sermão do Mandato impressa no 2. tom. das suas obras diz: *Siempre admirandome de su sin igual ingenio .... las proposiciones deste subtilissimo talento, que es tal su suavidad, su viveza, su energia, que al mismo que disiente, enamora con la belleza de la Oracion, suspende con la dulçura, hechiza con la gracia, eleva, admira, y encanta con el todo.....admirable pasmo de los ingenios.*

João Soares de Brito no Theatro Lusit. Literat. letr. A. n. 129. *Vir magno ingenio, felicissimoque judicio celeberrimus omnium Concionator.*

Sebastião da Rocha Pita na Historia da America Portugueza liv. 8. n. 54. *O seu talento foy ainda mayor que o seu nome, com o qual voou por todos os hemisferios a fama elevada pela sua penna. Foy em Portugal Prégador dos seus Augustissimos Monarcas, e da Serenissima Rainha de Suecia. em Roma, cuja sagrada Curia o ouviu com admiração, e lhe respondera com o premio de altas dignidades, se a sua religiosa modestia o não obrigara a fugir entre os Estrangeiros das honras, e lugares, de que já se livrara entre os naturaes, onde achando na vida, e na posteridade as mayores estimações, são ainda inferiores as que tem entre as outras naçoens, andando os seus escritos traduzidos, e venerados por todo o mundo catholico com grande gloria do nome Portuguez.*

D. Manoel Caetano de Sousa Expedit. Hispan. t. 2. pag. 1306. *Oratorum Princeps.*

Franco Synopf. Annal. S. J. in Lusitan. pag. 401. *Concionator Principum, & Princeps suo tempore Concionatorum vir nulla commendatione æquandus.*

D Ignacio Paravizino na Dedicatoria da tradução das lagrimas de Heraclito a D. Gaspar Mercader, y Cerbellon, Conde de Cerbellon, y Bunhol, no fim do livro  
inti-

## Elogio

intitulado Varios eloquentes libros: *El tan celebrado eruditissimo Padre Antonio Vieira, que justamente veneran los Pulpitos, y que hasta aora hizo bien conocido este empleo, pudo manifestarse gloriosamente competidor de si mismo en el de letras humanas por la obsequiosa obediencia de aquella Magestad, que quiso mas tener su cabeça baxo el Pie de S. Pedro, que coronada en Suecia: en cuya Real presençia, e con assistencia de las mas eminentes Romanas Purpuras no sin grande applauso dixo lo que con subileza summa, y erudicion admirable manifiesta este presente Problema.*

Soror Violante do Ceo, Religiosa Dominica no Convento da Rosa de Lisboa, e celebre Poetiza lhe fez em seu applauso a Sylva seguinte, que está nas suas Rimas pag. 74.

**H**E vosso entendimento  
Fence suspensão do pensamento;  
Vossa doce elegancia  
Cifra da mais perfeita consonancia;  
Vossa graça excessiva  
A pedra de Ceoar mais attractiva;  
Vosso saber profundo  
Portentoso exemplar de todo o mundo;  
Vossa agudeza rara  
Delicia do discurso attiva, e clara;  
Vosso estylo famoso  
Agradavel motivo do invejoso:  
Em fim vosso juizo soberano  
Credito do divino, honra do humano.  
Oh vivey para assombro das idades,  
Gosto das Magestades,  
Extasis des sentidos,

do P. Antonio Vieira.

*Prodigio dos nascidos,  
Excesso dos passados :  
Vivey para motivo dos agrados ,  
Objecto dos louvores ,  
Archivo de favores ,  
Compendio de excellencias :  
Vivey para modello de eloquencias ,  
Theouro de elegancias :  
E se minhas grosseiras ignorancias  
Tem sido dilatadas  
Deixay-as castigadas ;  
Mas confeffoy, doutissimo Vieira,  
Que se ignorante sou , sou verdadeira.*

O seu retrato sahio aberto primorosamente em huma lamina na Cidade de Bruxellas com este Epigraphe na parte inferior: *Vera effigies celeberrimi P. Antonii Vieira e Societate Jesu, Lusitanorum Regum Concionatoris, & Concionatorum Principis, quem dedit Lusitania mundo, Ulyssipo Lusitaniæ, Societati Brasilia. Obiit Babia prope nonagenarius die Julii 18 anni 1697. Quiescit in Regio Collegii Babiensis templo, ubi sepulius frequentissimo Urbis concursu æterno orbis desiderio.* Deste retrato se tiraraõ varias copias, que sahiraõ abertas em Roma, Veneza, e Barcelona, e ultimamente em Lisboa com o mesmo Epigraphe.

# L I C E N Ç A S .

## DO SANTO OFFICIO.

**V**ista a informação, pôde imprimirse o papel de que se trata, e depois de impresso tornará para se conferir, e dar licença que corra, sem a qual não correrá. Lisboa 21 de Abril de 1747.

*Fr. R. Alancastro. Silva. Abreu. Almeida.*

## DO ORDINARIO.

**P**odesse imprimir o papel de que se faz menção, e depois de impresso torne conferido, para se dar licença para correr. Lisboa 8 de Mayo de 1747.

*Mello.*

## D O P A Ç O .

**Q**ue se possa imprimir vistas as licenças do S. Officio, e Ordinario, e depois de impresso tornará a esta Mesa para se conferir, e taixar, e dar licença para correr, sem a qual não correrá. Lisboa 29 de Mayo de 1748.

*Vaz de Carvalho. Almeida. Castro. Mouraõ.*

PRA-

PRÁTICA  
 NA FESTIVIDADE  
 DA  
 CONCEIÇÃO  
 DE NOSSA SENHORA,  
 PELO PADRE  
 ANTONIO VIEIRA  
 Da Companhia de JESUS, no tempo em  
 que era Noviço.

---

*De qua natus est Jesus.* Matth. i.

**H** Uma Virgem concebida, e huma Virgem na Conceição já Mãy, he o empenho deste alegre dia. Huma Virgem concebida, porque tal he o divino objecto de toda a nossa alegria, o exemplar da pureza mais que angelica do Ceo, reduzido a hum breve mappa; toda a graça compendiada em huma pequena cifra, e o Throno da Santissima Trindade ideado, concebido, e encerrado, como em Custodia, no ventre de Anna santissimo. Huma Virgem na Conceição já Mãy; porque esta peregrina

A

grina

grina flor, mais mimosa, que as do prado de Parthenia, porque transplantada hoje do jardim da Gloria ao Paraíso da terra, ainda entre os epithetos de botaõ, já he flor florida; ainda no ventre materno encerrada, já Primavera risonha, odorificando concebida os lyrios immarcessiveis da pureza, com os creditos de Mãe de Christo: *De qua natus est Jesus*. E se a valentia da obra affiança a estimação na destreza, e no primor do Artifice, suspenda o discurso os voos, páre em admiração o juizo, quando encontra hum Sol nascido entre os braços de huma Aurora concebida; que como nesta estão divinamente empenhados os timbres da divina Omnipotencia, quem duvida que o desempenho ha de ser maravilhoso, e maravilhosamente unitivo dos extremos mais repugnantes.

Ao Sacramento de Eucharistia chamou por antonomasia Santo Thomaz a mayor, e mais excellente maravilha das maravilhas de Christo: *Miraculorum ab ipso factorum maximum*. E a razão desta soberana prerogativa he, porque neste mysterioso parto do amor divino unio a divina Omnipotencia os impossiveis mayores.

De nós está Christo na realidade ausente: *Ego vado*: e neste Sacramento em nossa companhia se ficou: *Vobiscum sum*. Na Eucharistia está Christo realmente vivo: *Ego sum panis vivus*: e na representação está morto: *Mortem Domini amunciabitis*. E unir em hum só mysterio as luzes da vida, com as sombras da morte; o gozo da presença, com a saudade da ausencia; Christo morto, e ausente, com Christo vivo, e presente, he obra taõ relevante, que só póde cabalmente authorisar os desempenhos da divina

divina Omnipotencia : *Miraculorum ab ipso factorum maximum* E não sendo menos incompatíveis o ser Virgem concebida , e já concebida ser Mãy , com razão conhecemos por maravilha da divina Omnipotencia na Conceição de Maria Santissima os creditos de Virgem unidos ás realidades de Mãy : *De qua natus est Jesus.*

Mas porque havia o Espirito Santo de mover, e guiar a penna do sagrado Chronista , para que no mesmo instante , em que descreve a Maria Santissima concebida , juntamente a qualifique por Mãy do Verbo Eterno nos jardins , antecipando a ordem da natureza ! A hum Outono defunto provê de huma Primavera de flores ? Na concha primeiro se recebe o rocio da Aurora , do que se congelle a perola. No ar primeiro sobe a exhalação , do que se condense a nuvem. Nos horizontes primeiro raya a Aurora , do que espalhe o Sol seus rayos. Pois se isto assim he , como antecipando a ordem da natureza , no mesmo instante , em que celebramos a esta grande Princeza concebida , a veneramos Mãy do Verbo Eterno ? Os porquês de Deos só Deos os sabe , e comprehende ; mas se alguma humana razão póde de algum modo rastejar o profundo de seus segredos , duas apontarey em materia , que excede a toda a razão.

A primeira vem a ser ; porque quiz Deos exemplificar cá na Mãy , o que lá passou no Pay do mesmo Verbo. O primeiro predicado natural , que em Deos se conhecc , e reconhecemos , he a paternidade , ou o ser Pay ; porque communicarfe Deos por geração he prerogativa tão singular , que dessa eternidade *in principio* foy Deos juntamen-

te Deos, e juntamente Pay: *Ante luciferum genui te*, e com esta bem notavel circumstancia, que pela soberania, e grandeza inestimavel da paternidade, ou de ser Pay, não se deu instante algum, em que fosse Deos sem relação ao Filho, nem já mais deixará o predicado de Pay; porque já mais deixará de gerar ao Eterno Verbo, que assim entendemos os Theologos aquellas palavras: *Unigenitus qui est in sinu Patris*: E isto mesmo que na eternidade acontece, vemos hoje retratado em Maria Santissima.

Predestinada, e determinada esta bellissima Menina para Mãe do Verbo Divino, e achada por Deos nos thesouros de sua sabedoria, e omnipotencia; traça com que persistindo illeso, e intacto todo o objecto de seus agrados, a pureza immaculada de Maria: *Virginitate placuit*: decretou a Conceição desta preciosissima Senhora; mas de tal sorte, que a prerogativa de Mãe acompanhasse o primeiro instante de concebida; porque só assim ficaria o retrato conforme ao original, e ajustando as medidas do agrado do Divino Verbo eternamente procedendo de hum Deos sempre Pay: *Ante luciferum genui te*: temporalmente nascendo de huma Virgem sempre Mãe regulando as primeiras prerogativas de Mãe, pela excellencia singular do Pay; e para que o Evangelista explicasse esta inexplicavel grandeza, e esta uniforme correspondencia entre hum Deos eternamente Pay, e huma Virgem já na Conceição Mãe, foy necessario que com os mesmos rasgos, com que nos annunciou a esta Virgem concebida, a encareça juntamente Mãe: *De qua natus est Jesus*.



A segunda razão he , para que dos primeiros instantes de sua Conceição tambem nós veneremos a esta nobilissima Menina por nossa Mãe ; porque nella , e por ella renasceremos do nada da culpa ao novo ser da graça. E se a Eva reconheceo por Mãe hum mundo todo perdido , porque não tributará a Maria Santissima affectos de filho hum mundo , que já hoje se começa a restaurar? E se Anna em hum só Samuel foy mãe de muitos filhos : *Sterilis peperit plurimos* , com quanta mais razão se verifica esta verdade de Maria Santissima , parindo antes a hum só Christo ? Nem nos acovarde estarmos cá mais longe dos que se prezaõ de filhos ; porque tambem nos longes têm a Senhora seus filhos : *Filii tui de longe venient* : e tambem de junto aos Altares sahe hum Farizeo reprovado , e justificado hum Publicano lá de bem longe do Altar : *Descendit hic justificatus ab illo* ; porque a verdadeira filiação consiste na pureza dos affectos ; e como esta não esteja vinculada aos espiritos dos Altares , cá de longe nos podemos gloriar por filhos desta Senhora , hoje concebida para povoado de novos habitantes. Por ella generará humilhada a soberba de todo o Inferno , e por ella respirará a terra os ares da redempção , e liberdade. Por ella alcançaremos todas as riquezas da graça , para possuirmos no Ceo os thesouros da Gloria : *Quam mihi & vobis , &c.*

# PARECER,

*Que o Padre Antonio Vieira mandou ao muito alto, e poderoso Rey, o Senhor D. Affonso VI. no tempo que estava em França.*

## S E N H O R.

**A** Estas partes de França, onde assisto ha muitos annos, com a nova do sitio de Badajós me chegou hum papel, em que o Conde do Sabugal dissuadia a V Magestade do empenho daquella facção: bem mostrou a fortuna com taõ infeliz successo quanto entaõ o Conde advertio com atinado conselho. Tambem agora me chega outro papel, em que o proprio Conde adverte a V. Magestade o que se ha de obrar; para que havendo melhor direcção nas armas, se possaõ esperar na guerra melhores successos. Communicado por mim este papel, occasionou discursos, que por serem de sujeitos grandes, assim por acçoens militares, como por maneyos politicos, me pareceo observallos; e pondo algumas razoens de minha parte, escrevo este, que offereço aos pés de V. Magestade com aquelle zelo, e com aquella fé, que todo o leal vassallo deve procurar ao serviço do seu Rey, e augmento de sua patria.

A dous pontos, Senhor, se reduz este papel do Conde: hum, que inculca, que deve V Magestade fazer Generalissimo das Armas ao Senhor Infante D. Pedro, acompanhando-se dos Condes de Castello-

tello-Melhor, Soure, Sabugal, e S. Lourenço: reprova que sejaõ necessarios Cabos estrangeiros. A estes dous pontos, como digo, se reduz este papel do Conde; a estes dous pontos, por descender toda a causa do remedio, que se procura, se reduzirá este Parecer.

Naõ ha duvida, que he necessario, que se empenhe a authoridade Real para remedio da conservaçaõ do Reino; porém naõ ha de ser em parte, se naõ em todo: naõ he necessario, que se empenhe em parte na pessoa de S.A. senaõ em todo na pessoa de V. Magestade.

Se o Senhor Infante he remedio para se obrar muito, claro está, que V. Magestade será remedio para se obrar muito mais; e hoje deve-se obrar com mayor remedio, pois naõ tem duvida, que se padece o mayor achaque.

Sendo o Senhor Infante soldado, muitos homens o seguiráõ na guerra; mas naõ sendo V. Magestade soldado, muito mais homens seguiráõ a V. Magestade na paz: e naõ he bem, que quando o Reino tem o mayor aperto, a menor parte se occupe na Campanha, seguindo a S. A. e a mayor parte se divirta na Corte, seguindo a V. Magestade.

ElRey de França, que hoje reina, primeiro que o Duque de Anjû seu irmão, se mostrou armado na Campanha: de mais que para a guerra, que V. Magestade tem, naõ basta, que se faça só hum Principe soldado; para tamanha guerra era necessario (se os houvera) que muitos Principes se fizessem soldados; senaõ veja-se o exemplo de Carlos, esse infeliz Rey de Inglaterra, que tanto que tomou armas contra o Parlamento, naõ só empregou nellas  
o Prin-

o Principe de Galles seu filho, sendo de bem pouca idade, mas tambem a seus sobrinhos os Principes Palatinos; e não tem duvida, que se os mais filhos, que tinha, tiveraõ entaõ ja idade para o exercicio das armas, que tambem os havia de empregar nellas; porque bem sabia, que a todos havia mister soldados para a guerra, que tinha.

Os gloriosos Antecessores de V Magestade lhe seraõ o melhor exemplo; pois nenhum teve guerras, que não trouxesse nellas seus filhos, irmãos, e parentes. Senhor, necessita o Reino de remedio? Pois porque mais ha de acodir a darlho S. A. que V Magestade? Acuda V Magestade, e acuda S. A. não se divida a Corte em duas partes; haja huma só Corte na guerra: não sejaõ huns soldados, outros Cortezãos: tratem todos das armas, pois só com ellas se haõ de defender todos. Diraõ que empenhar tudo he arriscar muito; já hoje sem arriscar muito não se póde segurar nada. O risco não se faz mayor assistindo V Magestade nos Exercitos; antes assistindo V Magestade nos Exercitos se fará a guerra com mais attençaõ. De mais que tanto se ha de V Magestade perder tendo huma rota (que Deos tal não permitta) estando em Lisboa, como estando na Campanha; e melhor se saberá refazer della, andando na Campanha, que estando em Lisboa.

Tambem não seja razaõ, que o poder não he sufficiente para o Real empenho; porque se V Magestade não tiver poder para sustentar o Reino, o Reino não ha de ter poder para sustentar a V Magestade. Todos os Senhores Reys de Portugal, que tiveraõ guerras, pessoalmente assistiraõ a ellas, e nunca tiveraõ mayor poder, que V Magestade  
tem

tem. Os Portuguezes (Senhor) não se contaõ pelo numero, contaõ-se pelo valor: com Exercito de doze mil homens sahio o Vandoma a fazerse Rey de França; pelo menos não teve mais na batalha de Juri, a qual victoria lhe seguiu a Coroa. Pois porque não ha de fahir V. Magestade a sustentarse Rey de Portugal com tamanhos, ou mayores Exercitos? Saya pois V. Magestade; porque o Principe que peleija pelo direito de huma parte da Coroa, póde fazer a guerra por seus Capitaens; mas o Principe, que peleja pelo direito de toda a Coroa, ha de fazer a guerra per si proprio: não ha contrario exemplo. Veja agora V. Magestade se peleija pelo direito de huma parte, ou se peleija pelo direito de toda a Coroa.

Portugal ha de estabelecerse pelo meyo das armas; razaõ será logo, que pois V. Magestade o ha de governar, exercite os meyo por donde o ha de estabelecer. Empenhe-se pois toda a authoridade Real na Pessoa de V. Magestade; mas não como fez o Principe, que Deos tem, que sahio, e voltou logo. Eu não aconselho a V. Magestade huma sahida, senão huma assistencia; não de longe dando calor aos Exercitos, senão de perto dando exemplo aos Soldados. Essas soberanias deixe V. Magestade a Castella, que com ser Monarquia taõ grande, bem tem sentido seus ruins effeitos. Conheça V. Magestade seus Vassallos na Campanha como Gustavo Adolfo; não os conheça na só Corte como Philippe IV e logo se verá nelles a differença que julgou incontestavel (cuido que a Excellente Senhora) dizendo que os Castelhanos eraõ Vassallos, e os Portuguezes filhos. Porém vamos ao segundo ponto.

Diz o Conde, que não convem Cabos Estrangeiros, e não dá para isso mais que huma razaõ, sendo que podera dar mais: talvez he maxima de juizos grandes não dizerem tudo; mas eu como não posso ter taes privilegios, não hey de callar nada. He a razaõ do Conde, que não he credito de V. Magestade mostrar, que não tem Vassallos, com que se assegure, quando têm muitos, com que se perpetue.

Que tenha V Magestade Vassallos para o governo das armas, os successos destas Campanhas o contradizem, que foraõ os que se sabem, pela má disposiçaõ de quem governa, sendo que todos concorreraõ nestas occasioens. Dirá o Conde, que o anno passado, quando elle chegou, e mais o de Castello-Melhor, já Olivença estava entregue: assim foy, mas se chegaraõ tarde para o remedio de Olivença, haviaõ chegado cedo para o remedio de Mouraõ. Mas já que diz o Conde, que tem V. Magestade Vassallos, a cuja experiencia militar póde fiar a sua perpetuidade; mostre hum que tenha governado Exercitos, dado batalhas, expugnado, e defendido Praças, e em fim, que haja adquirido nome com facçoens militares. Nenhum mostrará o Conde; porque o mais que póde mostrar, saõ alguns homens, que ouviraõ como soldados, mas nenhum que obraße como General, e ha grande differença de huma cousa a outra.

Senhor, a hi não houve mais que hum Salamaõ com sciencia infusa; com ella soube tudo sem experiencias; os mais homens sem experiencias nunca souberaõ nada. A guerra atégora não se illustrou de grandes acontecimentos; em pilhagens consistir aõ

sistiraõ quasi todas as facçoens. Com que os Portuguezes faltos de experiencias militares achaõ-se hoje mayores pilhantes , que grandes Soldados , lo-grando-se a seus inimigos a politica de os ter bizo-nhos com os ter ociosos ; politica ainda hoje mais advertida , pois naõ faltaõ homens que suspirem por aquella paz , de que se originou esta ruina. O contrario póde ser daqui em diante , pois resolvendo-se V. Magestade a capitanear seus Exercitos , com a differença de guerra se fará Portugal escola militar taõ famosa , que em poucos annos poderá dar aos Estrangeiros os Cabos , que elles lhes pódem dar agora. Que naõ seja crédito mostrar V Magestade que tem falta delles , naõ sey como diz tal o Con-de , quando naõ póde ignorar os muitos exemplos que ha de Principes , que confessaraõ falta , servin-do-se delles.

Apontemos os mais ajustados : Philippe II. pedio com encarecimentos ao Duque de Florença Chapin Vitelli para Mestre de Campo General em Flandres , donde o foy em tempo do Duque de Alva , e do Commendador Mór

Luiz XIII. se valco de Cabos Estrangeiros , e foy seu Tenente General em Alemanha Guilhelmo , Lansdgrave de Haffia , com soldo de doze mil escudos ; tambem Bernardo de Waimar foy seu General em Alfacia , e na Borgonha. Urbano VIII. contra os Principes colligados chamou a Monsieur de la Valency , e D. Vicencio de Alemanha ; aquelle Francez , e este Napolitano. Mas para que saõ tantos exemplos , se ha tantos que allegar ? Só os que me occorrem será processo infinito. E que maior credito de V Magestade , que trazer hum Prin-

cipe a seu soldo? Os Cabos famofos de outras Nações, não só entendo que será grande credito a V. Mag. se não meyo de soldar a quebra da reputação perdida; porque se mostra ao mundo, que não por falta de valor, senão de Cabos, se malogrou o intento de levar Badajoz, e de foccorrer Olivença; e vendo as Naçoens, que V Magestade intenta remediar esta falta, entenderão, que se aparelha para grandes facçoens, cousa que já muito duvidaõ, e que tem Exercitos, pois busca Generaes: Mas responderme-hão, que em elles estando em Portugal, logo se defenganarão desta presumpção, vendo o limitado poder de V Magestade.

Senhor, he preciso que para a offensiva, ou defensiva guerra faça V. Mag. Exercitos; e fazendo-os não são elles tão despreziveis, não disseffe Monsieur de la Lande do que foy a Badajós: Que nunca vira de huma Nação tão poderoso Exercito. O valor, e o numero, lhe concedeo admirado, só as experiencias dos Cabos accusou sempre. O mesmo podéra dizer pelo que foy ao soccorro de Olivença; e quasi tambem o mesmo pelo que recuperou Mourão.

Tambem se dificultará, que os Portuguezes mal obedientes a seus naturaes, não obedecerão aos Estrangeiros; assistindo V. Magestade nos Exercitos, que só entãõ sou desse votto, feraõ as disposições suas obedecidas como ordens de V Magestade. De mais que não he razaõ, que os Portuguezes se assombrem de ver, que dous Estrangeiros lhes occupãõ nas suas terras dous postos, quando elles nas outras terras sempre occuparaõ tantos: dous homens não hão de occupar mais que dous lugares,



res, e isso não ha de ser sempre; os soldos, que haõ de tirar, tambem lhe fará difficuldade; nunca póde ser despeza exorbitante o gasto do soldo de hum, ou dous sujeitos, por avantajados que sejaõ; e o Reyno não se casa com elles: se os achar uteis, o mayor gosto será o mayor proveito; e se os não achar uteis, com a facilidade com que os chamou, com a mesma os póde despedir. Fiar tudo de Estrangeiros, tambem parecerá muito. Não seraõ elles taõ arbitros, que obrem sem dar razão; nem os Portuguezes taõ cegos, que não vejaõ o que elles obraõ: e se são taõ cegos, como querem logo governar? Mas se damos que sejaõ os Cabos necessarios, não ha de poder mais hum temor imaginado, que huma necessidade evidente; mas se V. Magestade se resolver chamallos, advirta primeiro em o natural de cada hum, que El Rey de Hespanha, chamando de Flandres Piccolomini (que tambem era Estrangeiro, e natural de Sena) para a guerra da Catalunha, achou que era muito arrojado, e tornou-o a mandar para Flandres; porque aguerra de Hespanha quer Capitaõ mais fleugmatico, que arrojado; e a de Flandres mais arrojado, que fleugmatico.

Porém, Senhor, tome primeiro V Magestade outro conselho, e logo verá se lhe convem tomar este; mostre-se armado na Campanha a seus Vassallos, e a seus inimigos: Veja V. Magestade, que quanto se mostrar disposto a resistir ás armas Castellhanas, tanto ha de assegurar a fé dos Portuguezes; porque se esta vacilla em alguns animos (couza que muito duvido) não he amor que se tenha ao Dominio de Castella, he meyo que se tem á defensa de Portugal: assegure-se V Magestade com a espada na mão;

maõ ; olhe para ElRey de França, que vestindo as armas de poucos annos, he hoje hum dos grandes soldados, que tem Europa. *La presencia del Turco aprieta mucho*, dizem os Castelhanos: bem o experimentarão com seu applauso ; e bem o deixaõ experimentar com sua ignomia. Em quanto os Reys de Hespanha andaraõ nas guerras, foy formidavel aquella Nação, tanto que deixaraõ de andar nellas , naõ houve Nação que se lhe naõ atrevesse.

Waimar fez obrar prodigios aos Suecos só com lhes lembrar o seu Rey ; porque dizendo-lhes na batalha de Luzent , que quem amava as memorias de ElRey , o seguisse ; os inflâmou de sorte , e de tal maneira , que atacaraõ com tanto ardor aos Imperiaes , que os romperãõ por aquella parte. Pois se os Suecos obraraõ tanto só com a memoria do seu Rey , que obraraõ os Portuguezes com a presença de V. Magestade? E V. Magestade , que fará vendo-os obrar a elles? Encenderse-ha em dilatados desejos de premiar seus merecimentos, de que resultará dar-se o premio ao valor , e naõ á valia ; com o que os Soldados peleijaraõ satisfeitos , e os Povos naõ contribuirãõ queixosos , consequencias que sempre importaraõ Reinos. Seguem-se tantas de que V. Magestade seja soldado , que até se póde dizer que os Conselheiros de Guerra , seguindo entãõ a V. Magestade, serãõ tambem grandes Soldados , que de naõ o serem, se tem occasionado grandes danos, se he que as queixas que se ouvem , tem fundamento.

Naõ cuidem os grandes, que por V. Magestade ser Soldado deixarãõ elles de ser poderosos ; que antes o poderãõ ser mais ; pois pelo caminho das armas poderãõ chegar a mayores grandezas. Quem se sabe

fazer lugar com o juizo, saiba fazerse lugar com o valor. Assim o creyó que o saberáõ fazer todos; mas naõ creyo que todos queiraõ appróvar este conselho. Deos permitta que seja sempre o mais acertado o que elles derem a V. Magestade que Deos guarde, com os mayores triunfos na guerra, e com as mayores felicidades na paz, que todo o leal Vassallo sabe dezejar.

## CARTA I.

*Ao Marquez de Niza, copiada do original, que conserva o Illustrissimo, e Excellentissimo Conde de Unhaõ.*

**E**Xcellentissimo Senhor. Como a vida do Noviciado he taõ conforme ao meu humor, ainda que me falte a virtude, naturalmente me hey de achar bem com ella, e ainda melhor depois que se acabar a pensaõ destas primeiras correspondencias, que he o mesmo que depois que for mais noviço, e mais meu.

Quanto ao negocio de Mons. Briana, basta que seja parecer de V. Excellencia para que o tenha eu por muy acertado; e se em outro tempo o foy, quanto mais na occasiaõ presente, que he a ultima, e a mayor que havemos de ter, e em que se naõ deve escusar nenhuma das diligencias, e negociaçoens possiveis; pois no bom successo dellas nos vay tanto por naõ dizer tudo. A tarde de amanhã he occupada com o correyo, sirva-se V. Excellencia que seja eu o que vá, e outro dia haverá em que esta  
Casa

Casa receba a honra, que V. Excellencia lhe quer fazer. Guarde Deos a V. Excellencia como desejo. Noviciado, segunda feira.

*Antonio Vieira.*

## CARTA II.

*Ao Marquez de Niza, copiada do original, que conserva o mesmo Excellentissimo Conde.*

*Pax Christi.*

**E**Xcellentissimo Senhor. De Londres escrevi a V. Excellencia com os despachos de S. Magestade, que vaõ neste correyo debaixo dos maços do Embaixador de França. E posto que o meu intento era passar a Bolonha, soube depois que aquelle porto anda continuamente infestado de fragatas de Ostende: pelo-que me resolvi a vir no Paquebote de Calez, trazendo passaporte, e recômmendação do Embaixador, para nem aqui, nem nas outras Cidades nos impedirem; o que aviso a V. Excellencia, porque hum Portuguez vindo de Ruaõ, que achei em Doures, me disse o cuidado com que V. Excellencia está da minha chegada, que verdadeiramente foy arriscadissima, mas já a Deos graças estamos livres de perigos do mar; que até nesta ultima passagem não faltou enfadamento. De todos os meus trabalhos espero achar o alivio na presença de V. Excellencia, em que me verey quarta, ou quinta feira, que pelas muitas chuvas, e minha pouca saude não he possi-

possivel tomar a posta como desejava, e o pede a importancia dos negocios. Ao Senhor Residente, e ao R.P.Fr.Francisco me recommendo. Deos guarde a V. Excellencia muitos annos como desejo. Calez em 3 de Setembro de 1647.

*Antonio Vieira.*

## CARTA III.

*Ao Marquez de Niza, copiada do original, que conserva o mesmo Excellentissimo Conde de Unhaõ.*

**E**Xcellentissimo Senhor. Pelas cartas, que em outros navios haveraõ chegado, terá V. Excellencia entendido como Sua Magestade, que Deos guarde, me manda a essa Corte a servir nella alguns dias a V. Excellencia; circumstancia, que só me poderá facilitar a obediencia de taõ trabalhosas jornadas, como eu tenho experimentado estas.

A presente foy a mais cheya de perigos, e infortunios, que já mais se padeceo nesta carreira, faltandonos só a morte, mas naõ os riscos della, que quasi naõ houve dia sem susto; cuja relação refervo para a presença: alfim a cabo de 39 dias de viagem, havendonos tomado os Dunquerquezes hum pataxo Francez, que me havia de lançar no Aura da Graça, cheguey em huma náo Inglesza ao Porto de Doures, donde logo tratey de atravessar a Calez, mas achey estar a Cidade impedida de peste, com que foy necessario dilatar, e mudar o caminho. E porque o dinheiro, que trouxe comigo, era pouco,

C

e aqui

e aqui tem grandissimas quebras, nem achar mercador, que mo desse, foy força ir negociallo a Londres, onde vim pela posta, trazendo comigo as cartas de todas as embaixadas para daqui as encaminhar, como faço, por mão do Senhor Embaixador de França, debaixo de cujos maços irão seguras, reservando sómente aquellas, que não posso apartar de mim. A' manhã parto outra vez a Doures a embarcarme, e procurárey com toda a brevidade acharme aos pés de V. Excellencia. Guarde Deos a V. Excellencia muitos annos como desejo. Londres 26 de Setembro de 1647.

*Antonio Vieira.*

*Postdata.*

Vão tambem os maços das Senhoras Marqueza, e Condeffa, e outro para o Senhor Residente, a quem beijo a mão.

## CARTA IV.

*Para o Conde da Castanheira.*

**N**ÃO sey quando ha de chegar huma frota, que nos diga, quando acabaraõ de ter fim as esperanças, com que tantos annos ha nos tem alvoroçado, e suspenços. As do casamento de Alemanha não falta quem cuide, que depois de estar effeitua-do nos não livre de novos empenhos, que se já occasionaraõ receyos ás Coftas do Algarve, a estas que são tanto mais dilatadas, e tanto mais remotas, os cause máyores. E quanto V. Senioria mais celebra os soberanos merecimentos da Princeza, que Deos guarde, taõ conhecidos em todo o mundo, tanto

mais

mais me admiro, que o mesmo mundo se não arme contra este descuido, e nos obrigue por força a dar cumprimento aos vaticinios, que préguey em seu Real nascimento: mas Deos, que governa de mais alto, e vê o que nós não podemos alcançar, por ventura se está rindo do que nós nos lastimamos.

A que V. Senhoria chama tempestade da moeda, sempre a causou muito grande todas as vezes que nella houve mudança: em quanto nós não resolvemos, em que o pezo, como se usa em toda a Europa, faça juizes aos mesmos, que compraõ, e vendem, do que haõ de receber, ou rejeitar de qualquer parte que venha o que se peza, todas as outras leys, e penas seraõ de pouco effeito. Cá se trata de outra introduccão, que muitos querem seja de moeda provincial differente da do Reino, como na India; mas em quanto se não tomar o meyo, que si-go, sem gastos de casa da moeda, nem mais que as balanças dos vendedores, não servirão estas novidades mais que de embaraçar o commercio, e dar novas occasioens de roubos aos Estrangeiros. Tudo isto se entende dando á prata, e ouro o valor extrinseco respectivamente a Castella, e aos mais Reinos da Europa, que antes os convide a meter o dinheiro no nosso, que ao vedar. O Senhor Marquez das Minas leva as propostas, com cujas informações como de tão diligente, e zelozo Ministro poderá S. Mag. resolver o que mais convenha a hum Estado tão opprimido como este, se não he que temos outros mais proveitosos, pelos quaes os desprezemos. Deos guarde a V. Senhoria muitos annos. Bahia 10 de Julho de 1689.

*Criado de V. Senhoria.*

*Antonio Vieira.*

# CARTA V.

*Para o Conde da Castanheira.*

**S** Enhor. V Senhoria me dá os pezames dos achaques, com que vivo, e juntamente o parabem da enfermidade, com que hey de morrer: isto he, por outras palavras, da minha pouca saude, e do meu muito amor, que se elle não fora muito, e mais que muito, não me obrigara a escrever tanto, como naquella occasião escrevi; e não ha pouco que agradecer tanto a V. Senhoria, quanto V. Senhoria me significa, sendo V. Senhoria hum membro tão principal daquella Casa, onde a mesma escritura, tocando-lhe tão de perto, agradou tão pouco, que não mereceo a aceitação de providencia, para o credito do que não está na nossa mão; pois os que differem que erro, não dirão que adulo. Servir aos futuros, pagar aos passados, e não dever nada aos presentes, he a mayor felicidade de quem fugio dos homens para só procurar a Deos, o que elles lhes não podem dar, nem tirar: a este mesmo amor pertencem as ancias, com que sempre espero as boas novas da Senhora Infanta, e sinto, e me alegre com as que V. Senhoria me dá, segundo ellas são. Depois de ficar vivo o primogenito da Casa da Rainha nossa Senhora, me escreverão de Roma se combinava lá hum casamento, de que tambem se falla em Portugal. Deos escolha a S. A. o que for de mayor gosto seu, e bem nosso, e a V. Senhoria, meu Senhor, guarde com os annos de



de vida, e felicidade, que com todo o coração a V. Senhoria desejo. Bahia 14 de Julho de 1690.

*Criado de V. Senhoria.*

*Antonio Vieira.*

## CARTA VI.

*Ao Marquez das Minas D. Antonio Luiz de Sousa,  
copiada do original, que me communicou o R. P.  
D. Antonio Caetano de Sousa, C. R.*

S E N H O R .

**Q**Uando acabay de lêr a Carta, que recebi de V. Excellencia nesta frota, acabay tambem de conhecer quanto merece o meu coração a V. Excellencia a singular mercê, que V. Excellencia, em todas me faz. Pague Nosso Senhor a V. Excellencia estes affectos taõ proprios de benignidade, e grandeza, a que eu só posso corresponder com a perpetua acção de graças na quotidiana memoria de meus sacrificios.

Pelas noticias, que V. Excellencia me dá da nossa, e alheya Europa, darey a V. Excellencia as da Africa, Asia, e America. Da Africa chegou aqui, e se deteve alguns mezes hospede do Senhor Governador o Senhor D. João de Lancastre, recebido de toda a Bahia com tantos applausos, como partira della com iguaes saudades ás que deixou em Angola.

Da

Da Asia tivemos da India não, que não quiz esperar a companhia da Frota, e nella o P. Carolla, que lá servio de Secretario de Estado, e com fé de Ministro disse, que ficava em paz, com que se socegaraõ os receyos dos que lhe desejavaõ mayores soccorros, que os de huma não, e ametade de outra.

Na America devemos á misericordia divina dous particulares favores neste anno. O primeiro he, que nem aos hospedes, nem aos naturaes mordeo a bicha. Contra ella escreveo hum douto tratado o nosso Boticario Francez André da Costa, e seria dobrada desgraça, se continuassê a nos morder o seu veneno; porque de todos os navios da Frota só faltou huma charrua, em que vinhaõ as boticas, e se suppoem tomada pelos Mouros. Dos outros Piratas que costumavaõ infestar esta Costa, tambem esteve totalmente livre, o qua se attribue a saberem elles, melhor que nós, que não podiaõ ter as prezas do Rio da Prata, onde não só por ordem del Rey de Castella, senaõ tambem de S. Magestade, que Deos guarde, está prohibido o commercio reciproco de huma, e outra parte; e por carta do Governador do Rio de Janeiro consta estarem na Terra nova trezentos mil cruzados, e no mesmo Rio seiscentos totalmente suspensos, e sem sahida. Muito sentiraõ esta perda os mercadores de Portugal, mas por causa delles a padece mayor o Brasil.

Estes navios, de que hoje temos no porto da Bahia trinta e hum, antigamente eraõ frotas de mercadores, que vinhaõ commerciar, hoje saõ armadas de inimigos, e Piratas, que vem saquear o Brasil; porque antigamente traziaõ dinheiro, e levavaõ drogas,

gas, e de muitos annos a esta parte leuão as drogas, e mais o dinheiro, achando mais conta a levar dous cruzados em prata, que naõ pagaõ fretes, nem direitos, e logo se pôdem empregar, que mil reis em affucar, ou tabaco, que sobre tantos tributos haõ de esperar as dilaçõens das descargas, vendas, arrecadaçõens, &c. e por esta causa, como todos os prudentes sempre temeraõ, se tem acabado, e extinto totalmente a moeda, restando sómente alguns poucos tostoens duas, e tres vezes marcados, que valem doze ynteis, os quaes forçosamente ha de deixar ao hortelaõ quem vay comprar hũa couve, por falta de todo o genero de trocos, o que naõ se achará em Republica alguma da Cafraria.

Por causa desta miseria, em que os pobres saõ os mais damnificados, se propoem a S. Magestade o unico remedio da moeda Provincial, em que V. Excellencia fará hum grande serviço a Deos, se favorecer este meyo com o seu voto, como taõ experimentado, sobpena de pararem os engenhos por falta de fornecimentos a suas taõ custosas fabricas, pois sem dinheiro naõ ha quem compre, nem venda.

Pela muita mercê, que V. Excellencia faz a meu Irmaõ, dou a V. Excellencia as graças, pedindo conserve V. Excellencia na sua aquella casa; pois he de taõ fieis criados de V. Excellencia, que Nosso Senhor guarde muitos annos como desejo, e Portugal ha mister. Bahia 5 de Julho de 1692.

*Criado de V. Excellencia.*

*Antonio Vieira.*

# MEMORIAL,

*Que deu o Padre Antonio Vieira a ElRey D. Pedro II. em o qual lhe pede licença para renunciar em seu sobrinho os seus serviços, de que faz huma succinta relação.*

S E N H O R.

Foy V. Alteza servido mandar, que Gonçalo Ravaasco acostasse ao seu requerimento Certidão das mercês, que se fizeraõ a seu pay Bernardo Vieira Ravaasco; e porque esta interlocutoria he muy propria da razão, e justiça de V. Alteza, apresenta Antonio Vieira por parte do dito Bernardo Vieira outras duas Certidoens, huma das mercês, que se lhe naõ fizeraõ, e outra das que se lhes desfizeraõ.

*Certidão das mercês, que se naõ fizeraõ a Bernardo Vieira.*

N O assento da mercê, que se fez ao dito Bernardo Vieira de lhe succeder seu filho por sua morte no Officio de Secretario de Estado do Brasil, se diz, que além dos seus serviços militares, e politicos lhe faz V. Alteza a dita mercê, em consideração dos serviços de seu irmaõ o P. Antonio Vieira, que por varias vezes foy a França, Hollanda, e Roma a negocios de muita importancia; e porque a justiça pede sejaõ presentes a V. Alteza os ditos servi-

serviços de Antonio Vieira, se apontaõ aqui sumariamente, para que se veja a proporçaõ, que tem com elles a dita mercê; e saõ por mayor os seguintes.

Desde o anno de 41, servio Antonio Vieira de Prégador de S. Magestade, e este officio (se elle o naõ exercitara com taõ pouca sufficiencia) costumãõ premiar os Reys com os aacrescentamentos, que mostraõ os exemplos ordinarios de Castella, e muitos de Portugal.

No anno de 41 pelos apertos, em que se achava o Reino com as guerras de Castella, e Hollanda, elle foy o primeiro, que suggerio a S. Magestade, e deu por escrito o meyo de se fazer huma Companhia oriental, e outra occidental; feita esta segunda, com que se restaurou Parnambuco, e Argola, e teve com que se sustentar o Reino; e se se fizera a primeira, tambem se restauraria a India, ou quando menos se naõ perdera o que nella tinhamos.

No anno de 45 foy mandado por Sua Mag. a França, e Hollanda, para affistir á composiçaõ da paz, e principalmente para informar a S. Magestade dos negocios de todas as Embaixadas, como fazia, e devia ser com algum acerto, porque ordinariamente se conformava Sua Magestade com o seu parecer.

No mesmo anno com hum papel, que mandou a Portugal, impedio que se naõ desse aos Francezes huma das nossas Fortalezas de Africa.

No anno de 47 esteve nomeado para companheiro de D. Luiz de Portugal na Embaixada de Munster, que naõ teve effeito.

No mesmo anno tornou a França, onde impedio a vinda do Principe de Condè a Portugal, como

queria o Cardeal Mazarino em lugar do Duque de Orleães, que de cá se pedia; sendo este negocio de tanta consequencia, que no tal caso se perdia a soberania da Coroa, a qual soberania sacrificavaõ á necessidade os votos dos ausentes.

E passando a Hollanda, obrou com tanta satisfação, que Sua Magestade lhe mandou Patente, e Carta de crença, para ficar em lugar de Francisco de Sousa Coutinho, de que se excusou, por ser exercicio publico tão alheyo do seu habito.

No anno de 49, tornando a Lisboa, avifou a S. Magestade pelas conjecturas do que tinha visto, que Sigismundo, Governador de Hollanda em Parambuco, havia de ir sitiar a Bahia (como com effeito foy dahi a tres mezes) e não tendo a Fazenda Real com que aprestar a Armada, que lá foy do Conde de Vilapouca, Antonio Vieira em tres horas negociou trezentos mil cruzados effectivos, com que a dita Armada se aprestou, foy, e fez levantar o sitio.

No anno de 30 foy mandado por Sua Magestade a Roma a tratar o casamento do Principe D. Theodosio com a filha unica de El Rey Philippe, que hoje he Rainha de França, levando ordem para ir de Roma a Madrid.

Na mesma jornada lhe commetteo Sua Mag. a direcção, e levantamento de Napoles; que se lhe offerencia, com poderes absolutos de resolver por si só, sem outro conselho, nem recurso o dito negocio, para o qual achou em Italia seiscentos mil cruzados com ordem ao Thesoureiro, que os dependesse á sua disposição, e que por hum simples escrito de Antonio Vieira se lhe levaria em conta; mas tudo se conservou em ser, por não terem solido

lido fundamento as offeras dos Napolitanos, e por que no mesmo tempo veyo sobre Portugal a Armada do Parlamento de Inglaterra, e se temia outra de Castella por via de Hamburgo, e Amsterdaõ, metteo Antonio Vieira em Portugal cincoenta mil cruzados de muniçoens, de que havia grande necessidade em huma de tres fragatas de guerra, que tambem se fabricaraõ por sua ordem.

No mesmo anno sahio de Roma no meyo dos Caniculares com evidente risco da sua vida, obrigado da grande potencia, que entaõ tinha Castella naquella Curia; e a occasiaõ foy haver sabido El-Rey de Castella os intentos de Napoles por revelaçãõ (como se crê) de N. nomeado no mesmo tempo Embaixador de França, a quem se deraõ as instrucçoens de Antonio Vieira, como a Antonio Vieira as suas.

Foy instrumento desta expulsaõ o Duque do Infantado Embaixador de Castella, o qual disse ao Geral da Companhia, que o seu Rey lhe ordenava em todos os estafetas, que naõ consentisse Antonio Vieira em Roma, e que se elle Geral o naõ fazia sahir, elle Embaixador o havia de mandar matar.

No anno de 51 foy eleito para ir a Saboya tratar o casamento do Principe com huma filha daquella Casa, o que elle dissuadio, por naõ ser conveniente, estando presente á conferencia o mesmo Principe.

Em todas estas jornadas, em que Antonio Vieira passou sete vezes o Canal de Inglaterra, e duas o Golfo de Leaõ, e quatro atravesou França, e a mayor parte de Inglaterra, e Hollanda, se naõ deve passar em silencio duas cousas; a primeira os

continuos riscos de vida, em que andava metido, não havendo lugar para elle seguro, nem no mar, nem na terra, por em toda a parte termos então muitos inimigos sujeitos a Castella, e á Casa de Austria, e principalmente os Castelhanos, os quaes por beneficio da paz não só tinhaõ Ministros em todas as Cortes, Portos, e Naçoens, senão muito sequito nellas, assim de naturaes, como estrangeiros. A segunda he a pouca, e nenhuma despeza, que Antonio Vieira fazia nestas jornadas, nas quaes nunca tratou de authoridade, contentando-se com hum mochila, que lhe tirasse as botas, e restituindo outra vez á Fazenda Real, o que lhe sobejava das ajudas de custo, que elle não aceitava, senão muito limitadas; e basta por prova de seu desinteresse, que mandando S. Magestade ao Marquez de Niza, Embaixador em Pariz, lhe desse para os seus livros até vinte mil cruzados, elle não aceitou dous tostoens para comprar com elles hum diurno.

No mais tempo da vida de Sua Magestade, em que Antonio Vieira residio em Lisboa, não estava ocioso no serviço Real; porque além das quotidianas conferencias com S. Magestade assistia em quasi todas as juntas secretas dos negocios mais graves, não havendo nenhum, que se lhe não communicasse, e havendo muitos, que só d'elle se fiavaõ, e para isso tinha cifra particular fóra das Secretarias, de que só tinha noticia Pedro Fernandes Monteiro.

No anno de 61, governando já a Rainha, que está em gloria, tambem assistio sempre em todas as juntas de Ministros mais confidentes de Sua Magestade, e de V. Alteza, sendo elle o instrumento mais immediato, que por ordem dos mais propunha, e solicitava as ultimas resoluçoens.

No



No mesmo anno trabalhou quanto he notorio, para que se effeituasse a separação de V. Alteza tão necessaria á conservaçã do Reino; e posto que Antonio Vieira foy hum dos criados nomeados, para o serviço de V. Alteza, e dos mais proximos á pessoa, só estè lugar não teve entãõ effeito, nem depois memoria.

Por esta causa entrando a governar o Senhor Rey D. Affonso, o desterrou logo, sendo elle o primeiro de todos os desterrados, e no mesmo desterro houve de padecer mayores trabalhos, se delles o não avissasse Joã Nunes da Cunha para que se retirasse; e ainda que escapou destes, não se livrou de outros mais sensiveis, procurados pelo mesmo governo, cuidando todos, que no seguinte se restaurassem, pois eraõ padecidos por huma tão honrada causa.

No anno de 69 foy Antonio Vieira buscar o remedio a Roma, não podendo alcançar huma carta de favor de V. Alteza para o Embaixador de Portugal; mas neste mesmo desamparo achou naquella Curia, e seus Principes tanta aceitaçã, que nenhum Portuguez a teve mayor; e quando se podera dar por satisfeito com esta, que outros reputavaõ grande felicidade, por ter aviso, que V. Alteza não ouvira com muito agrado havello feito a Rainha de Suecia seu Prégador, no mesmo ponto tratou de deixar Roma, sendolhe necessario para o deixarem vir fingir huma enfermidade, que só se podia curar com os ares patrios, e com effeito se passou logo a Portugal, onde posto que não fosse tão bem agasalhado, nem por isso está arrependido, tendo pela mayor fortuna de todas o estar perto dos Reaes pés de V. Alteza.

Em cinco annos, e meyo, que esteve em Roma, sempre servio a Portugal nas batalhas das linguas do Mundo, que não são as que fazem menos guerra. Das Cartas escritas a D. Rodrigo, e Pedro Zuzarte, para se lerem a V. Alteza, haverá bastante-mente contado qual era o seu zelo; e do que no mesmo tempo meditava, e tratava, tambem contou a V. Alteza depois, sendo só o seu intento, que nas que se representaõ conveniencias da Casa Real, podesse V. Alteza escolher sempre o que fosse melhor.

Finalmente na continuacão de hum dos negocios, que aqui se insinuaõ de dous annos a esta parte, servio Antonio Vieira a V. Alteza de Official da Secretaria de Francisco Correa, que podera dar não pequeno sacrificio, para quem se lembrasse da differente confiança, que delle faziaõ os Senhores Reys Pays de V. Alteza.

Estes são, Senhor, por mayor os serviços de Antonio Vieira em trinta e oito annos, taõ baixamente avaliados nos registos das mercês de V. Alteza, que só se allegaõ por parte do merecimento, para se dar a hum filho de proprietario o Officio de seu pay, que nenhum Rey de Portugal negou; e porque Antonio Vieira só conhece o seu zelo, e sabe o que obrou, e padeceo em serviço de seu Rey, assim como não pede mercês por seus serviços, assim sente muito, que haja Certidoens, em que se diga que estão premiados em seu Irmaõ, e com tal premio. Por esta causa fez este breve resumo dos ditos serviços, e lhe chama Certidaõ das mercês, que se lhe não fizeram.

*Certidão das mercês, que se desfizerão ao dito Bernardo Vieira.*

**A** Primeira foy a do mesmo Officio de Secretario do Brasil, por quanto se lhe dividio a mayor parte dos proes, e precalços, e isto por tres principios. Primeiro, a Relação que se instituio de novo no dito Estado, pela qual se passaõ agora grande parte das provisõens, que de antes pertenciaõ ao Governo. Segundo, os dous Governos de Parnambuco, e Rio de Janeiro, os quaes se levantaraõ com os Vice-Reys, e Governadores geraes, levando consigo Parnambuco todas as Capitanias do Norte, e o Rio de Janeiro as do Sul, com que o Secretario, que se chama do Estado, quasi o vem a ser só da Bahia. Terceiro, ter avocado a si o Conselho Ultramarino todas as patentes dos Officiaes de guerra de Capitaõ para cima, que dantes pertenciaõ áquella Secretaria, e ainda ficará mais defraudado o dito Officio, se os dizimos de todo o Estado se rematarem em Portugal, como he fama se pretende introduzir.

Da mesma maneira pertencia ao dito Bernardo Vieira a propriedade do Officio de Escrivaõ da Camara da Bahia, de que era proprietaria D. Catharina Ravalco sua irmã, por lhe ser dado para dote, em satisfacão de hum Alvará de seu pay, o qual Officio, sendo delle, se deu aos parentes de seu marido, cujo naõ era.

Affim mais lhe pertencia, como herdeiro do Desembargador Simaõ Alvares de la Penha, por sua irmã D. Leonarda de Azevedo, o Officio de Procurador-

rador da Fazenda de Parnambuco , de que era proprietario , e sem embargo deste direito, foy já vendido duas vezes , huma por dezoito mil cruzados, e outra por quatorze.

Sobre tudo se tomaraõ ao dito Bernardo Vieira vinte mil cruzados em dinheiro de contado , que tinha nesta Cidade , a titulo de emprestimo , para apresto das náos da India , e naõ só pelo dito emprestimo se lhe naõ fez mercê alguma , como he costume, mas ha quatorze annos , que se lhe está devendo totalmente a dita quantia , de que tem recebido muito mayores perdas , do que ella vale, por haver comprado os fornecimentos do seu engenho no Brasil por subidissimos preços , e tomar dinheiro a juro , e cambio , para pagar a seus acredores , com que a sua fazenda se tem destruido.

Estas saõ, Senhor , as duas Certidoens , que Antonio Vieira offerece por parte de seu Irmaõ , para que mandando-as V Alteza pôr na balança de sua justiça, se vejaõ com attençaõ.

*Antonio Vieira.*

# DIALOGUS

## DE OCTORATIONIS

### Partibus

À P. ANTONIO VIEIRA,

Societatis Jesu, olim Rhetorices Magistri in Collegio Parnambucensi.

### ACTUS PRIMUS.

*Magister, Tyro.*

*M.* **D**ifficilis sanè Provincia, & aliàs temeritatis plena, non clam, sed in publico lucis theatro, alienas ab ætate, à studio, ab exercitatione commissas mihi hodie partes agere. Enim verò si ex Tyronibus miles exercitum ducere, aut qui remum vix attrectaverit clavum moderari auderet, non insignis tantum audaciæ, sed periculi certissimi, sui que exitii retis esset; quid de me ego censendum putem, cum omnium scientiarum primam, hoc est Grammaticam, vix à limine salutaverim; si locum hunc conscendere non prætimuisse videar, sed nomen, officiumque Magistri confidenter assumere, personamque sustinere? Quod si totius eloquentiæ parens, ac decus Cicero ait: *Tota mente, ac omnibus artibus contremisco*; qua mente, quo consilio, seu potius qua demencia, atque furore arreptum, vel me expectatis dicturum, vel dicentem judicabitis? Faterer

E  
qui

quidem meam viri ornatissimi plusquam Phaeton-  
team andaciam, si injussus, ac volens tanto me dis-  
criminari obtulisset. Sit tamen vobis is qui jussit eo  
nomine excusabilis, quod meæ ipsæ inopiæ, at-  
que ignorantæ conscium primum hoc fortunæ ten-  
tamentum voluerit in capite nihil amissum experi-  
ri. Si enim aliquid laudis ex benignitate vestra con-  
sequar, gloriosum illa hodie me efficiet: sin mi-  
nus, qui nihil habuerim, nihil perdam.

Agē igitur, ò Tyro animose, ac fortiter sup-  
pleat animus ætatem, suppleat sapientiam.

T. Ecce ego ex puero vir, ex discipulo factus Ma-  
gister: jam me ad Præceptoris non modo magiste-  
rium, sed magistratum componam. Jesuiticam  
gravitatem, ac modestiam cum ea severitate at-  
temperabo, ut cecidisse de Cœlo repenti videa-  
tur (uti est in proverbio) tertius Cato. Nemo ado-  
lescentiam meam despiciat, nemo non vereatur.  
Maiestatis larvam (si fas est dicere) ita personatus  
explebo, ut vultum in me videant omnes explica-  
tum, faciem nullus. Nunquam exporrecta fronte,  
sed contractis semper superciliis per palpebras ma-  
gis intuitus, quàm per apertos oculos, eos sic in  
partes omnes è suggesto ejaculabo, ut distractos,  
ac colludentes pueros visu ipso tremefaciam, imò  
feriam, ut ille alius dixit: *Valuit pro vulnere vi-  
sus*. O' si speculum nunc haberem, in quo viderem  
me ipsum indignans, si non etiam exhorrerem,  
habitum quoque libenter mutassem! Sed quia  
totum non possum, abeat galerus, veniat pileus.  
O' quam ægrè se accommodat capiti nostro, ut  
plane manifestum fuit, rotundum hoc, & ve-  
nerabile verticis operimentum, uti sacras infu-  
las,

las, ad maiora capita nimium institutum esse!

Armato me demum hac galea, Alumnos meos ad certamen litterarium vocatos audituri estis, viri humanissimi. Sed quid dignum auribus vestris, ex grammaticis rudimentis eruere ipsi possunt, nisi rude admodum, atque informe! Amœniores eloquentiæ flores ex duplici alio viridario, nempe ex prima, & secunda Aula colligere vobis licebit, iisque frui usque ad delicias; in hac verò infima, & ultima, nihil expolitum, nihil excultum, sed rudia omnia, & horrida, atque occultanda magis, quam videnda, ut sit in ædificiorum cimentis. Neque aliter de Grammaticæ artis principiis dici meritò, aut sentiri potest, quam de ipso mundi nascentis exordio verè pronuntiatum est: *Rudis indigestaque moles. Nec bene junctarum, discordia semina rerum.* Sed quemadmodum gratissimum est parentibus imperfectos illos vocis connatus, infantium suorum volentium jam, sed non valentium loqui divinare potius, quam audire; ita vobis non ingratum, sed jucundissimum fore existimamus, eosdem jam provectoris ætatis Latinæ linguæ primordia balbucienter proprius, quam loquentes auscultari. Et quia Classis hæc nostra in ingressu Lusitani idiomatis ad Latinum, & in confinio utriusque sita est; talem esse vobis scenam hodie aperiemus, non Latinam quidem, neque Lusitanam, sed Lusitanico-Latinam, ut gnaris utriusque, vel unius tantum, eo quo licet modo, satisfiat. Habetis intentum: favete auribus, favete linguis.

## ACTUS SECUNDUS.

*De definitione Nominis.**Magister, Petrus, Franciscus.*

*M.* **E**N Belli signum Pallas dedit, & vos tuba ad arma vocat. Tu, Francisce, esto primipilaris. Primi praelii auspiciam tuis viribus committo. Tibi copiam facio eligendi quem velis cumque competitorem.

*F.* Heus, Petre, Magistro morem gerere fas est. Tecum mihi lubet in arenam descendere. Agedum. Linque moras. Si verò tibi mecum congregiendi incessit metus, detrectandi certaminis causas Magistro redde.

*P.* Ut sibi irrumpit arrogans? Quis mihi metus futurus est! Certamen non recuso, etsi quintuplex efficiaris. Elige ex Orationis partibus, quam volueris: impugna, argue, propugnabo, & coarguam te falsitatis crimine.

*F.* Bene habet: De prima, nempe Nomine, disceptabo. In primis quæro, & manus jam confero. Quid est Nomen?

*P.* Nomen est pars Orationis, quæ casus habet, neque tempora adsignificat.

*F.* Euge, Euge. Si tam perniciouser fatis argumento facias, Philida semper habebis.

*P.* Numen mihi dextrum aderit.

*F.* Contra definitionem Nominis sic paucis conficio. Datur Nomen, quod casibus caret. Quid ad hæc? Perperam igitur asseris, Nomen esse illud, quod casus habet.



P. Liberè dictum: si probes, cedo, victoriamque canes.

F. Si probem? Anne dubitas? Gelu nomen est, non tamen casus habet.

P. Integra stat adhuc Nominis definitio. Gelu nomen est, inficias non eo; carere casibus, in hoc cardo rei vertitur. Probato ut vir est.

F. Attentas præbe aures.

P. Præbeo.

F. Casus, alii sunt obliqui, recti alii: sed sic est, *que o nome Gelu neque obliquos, neque rectum habet: Logo segue-se, que não tem casos.*

P. Apagesis cum tali assumpto! Si Gelu nominativum habet, genitivum, dativum, accusativum, vocativum, ablativum, quomodo obliquis privatur, & recto?

F. Audi, & responde. Casus obliqui semper secus definiunt, ac nominativus, adeoque obliqui nominantur: Gelu eodem modo usque definit; vide *antabo* si obliquos habeat, atque rectum. Digito compeſce labellum: præstat filere, quàm stulte loqui.

P. Parcius ista viris tamen objicienda memento. Nec tibi palmam feras, non victo hoste: si oppositam non acceperis responsionem, tunc me Harpocratem reddito.

F. Eia age: morulas ne intexit. Responde, responde.

P. Respondeo: Nomina alia sunt declinabilia, indeclinabilia sunt alia. Declinabilibus verum est quod asserebas nimirum à nominativo, diversas habere positiones, in obliquis, exempli gratia, sermō in genitivo habet sermonis, in dativo sermoni,  
in

in accusativo sermonem, & sic de reliquis nominibus de declinatione simili, aut absimili gaudentibus. At vero in nominibus hujusmodi declinationem respicientibus nulla obliquitas apparet; imo perpetua rectitudine fruentes casus habent suos omnino similes, ut videre est in istiusmodi oratiunculis: adest gelu, en nominativus; terra plena gelu, en genitivus; simul est ablativus; fluvius gelu habet, en accusativus. Quæ de responsione tua fere sententiæ!

F. Optime, eleganter, apposite respondisti: cedo tibi dextram in amoris pignus.

## ACTUS TERTIUS.

### *De octo Orationis partibus.*

*Magister, Chrysostomus, Gaudentius.*

M. **N**ULLUS vestrum dubitat, an partes Orationis tantummodo octo numerentur, ut apud me statuo, neque omnes primoribus labris hoc dubium degustarunt; eorum sapientiæ periculum faciamus. Quæro quot sunt Orationis partes?

*Conticuere omnes, gelidusque per ima cucurrit  
Ossa tremor.*

Quid obmutescitis? Dicite audacter, errate confidenter: *Errando discimus omnes.*

C. Audentior ibo.

G. Ego plane satisfaciam, & adhuc arguendo veritatem indagare non recuso.

M. Macte Puer, dic amabo. Secundum Archimagistrum

frum nostrum Patrem Emmanuelem Alvares, octo numerantur, sed implicatus teneor, quæ dubitationis cujusdam enodatio esse poterit? Quamobrem quemcumque qui pro communi sententia steterit, nempe, quod octo sint Orationis partes, ad litterarium certamen provooco.

G. Magister: Ecce ego Gaudentius æquo animo certamen accipio, & jam jam in theatrum prodeco.

M. O' dimicatore egregium! Gaudenti audaciam laudo. Dubitationem bibulis auribus auscultato.

C. Ego igitur quamvis imberbis, sicut enim barba non facit Philosophum, multo minus Grammaticum. Ego inquam, habita venia, aut facultate, dicam prius; quis sim, & quibus studiis affuetus. Mihi nomen Chrysofostomus Dies, vel Diebus in ablativo absoluto pro maiori elegantia. Studia mea non recentium, & juniorum libros evolvere, sed ad primos fontes recurrere, & ibi me totum ingurgitare, & ardentem, atque insatiabilem sitim quoquo modo restringere.

M. Atticam prorsus eloquentiam, Chrysofostome, quam quaeso veritas in patrium idioma, ut ea fruantur omnes, atque delectentur.

C. *Faciam.* Quero dizer, que estudo pelas fontes, que são os Autores antigos, donde a doutrina se bebe pura, como crystaes, e não pelos regatos, ou torrentes, que são os Autores modernos.

Entre os antigos, pois, Marco Varro affirma, que as partes da Oração são quatro; mas pelo que tenho de moderno, digo, que são somente sete.

*Auditore ergo attente, ut vincendi, & convincendi artem, à me uno edoceamini.*

G. *Deus bone, quam tumore montes parturiant!*

Tomara que estivesse aqui o meu gato, *ut in mu-rem nasciturum statim insiliret. Expectate Grammatici partum, & excipite cum risu.*

C. Defende, que as partes da Oração são oito? Ora veja como provo, que não são mais do que sete.

G. Não me mete medo o setenno; porque a febre não pôde ser mais aguda, que quem a ameaça.

C. Agora o sentirá, quem se gaba de tão valente. *Sic argumentor. Participium, prout casus habet, idem valet ac Nomen, & cum tempora adsignificat, idem ac Verbum: ergo non constituit alteram Orationis partem; ac per consequens, morrem, e acabaõ no setenno. Mostre cá o pulso, que já lho vejo nas cores intercadente. Diga, diga o que quizer, que não podem ser senão tresvarios.*

G. Deixe-me repetir o argumento, e logo verá, que vosê he o fraco, e não intercadente, senão cahido.

C. Repetir? Não consintotal. Isso he lá para os que estendem os argumentos ao martello, para gastar tempo. Aqui havemos responder com huma só palavra, nego, ou concedo. As armas de fogo, que tambem respondem, e a balla não aguarda talho, nem revés.

G. *Sou contente.* Participium idem valet ac Nomen, prout casus habet, idemque ac Verbum cum tempora adsignificat, transeat antecedens: ergo non constituit diversam Orationis partem: nego consequentiam.

C. *Provo evidentemente:* Is, ea, id, non constituit diversam Orationis partem à Nomine, & Prænomine; imo prout casus habet, reducitur ad Nomen, ut pro loco Nominis ponitur, reducitur ad Prænomen: ergo etiam Participium, v. g. Amans, prout tempo-

tempora adsignificat, ad Verbum. Bem fey, que não tem que dizer: por não ficar callado, diga comigo, só triunfe, e toquem lá.

G. Elperem, e saibaõ primeiro, o que haõ de tocar. Veja como se lhe trocaõ os seus repiques em sinaes de defuntos: console-se, que morre como tyfico, por lhe faltar o calor, e forças às suas razões. Concedo o antecedente, e nego a consequência, dando-lhe a mayor razão: o Pronome *Is, ea, id, cum habeat adæquatam Nominis rationem, recte reducitur ad Prænomen, ideoque non constituit diversam Orationis partem à Nomine, & Prænomine.* Mas o Participio, em quanto tem casos, não he *adæquate* Verbo; porque a definição do Verbo diz: *Neque in casus declinatur*: o mesmo Participio, em quanto significa tempos, não he *adæquate* Nome; porque a definição do nome diz: *Neque tempora adsignificat*: logo se o Participio não he *adæquate* Nome, nem *adæquate* Verbo; porque *numquam amplectitur adæquatam Nominis definitionem, nec Verbi*: segue-se, que faz, e constitue nova parte da Oração distincta, e diversa das outras sete, qual he a oitava: *Et quia participat eo Verbo, & Nomine, inde dicitur Participium, hoc est à parte capièdo.*

M. Optime, docte, & conspicue.

G. Confirmo a minha resposta com outra razão sobre coherente, Grammatical, e para todos. Affirmar, que o Participio humas vezes he Nome, e outras vezes he Verbo, com os Verbos não se pôde dizer em consciencia; porque he calumnia defamatoria, e infamar os Participios de traidores.

C. Pôde haver mayor atrevimento, que querer Gau-  
F dencio

dencio passar dos bancos da terceira Classe, à Cadeira dos casos?

G. Veja se provo, que he infamar os Participios de traidores. O Advogado, que na mesma causa advoga pelo Author, e pelo Reo, he traidor à Justiça. O Politico, que com os Christãos diz, que crê em Christo; e com os Mouros diz, que crê em Mafoma, he traidor à Fé: logo se os Participios, quando se achão com os Nomes, se fazem Nomes; e quando se achão com os Verbos, se fazem Verbos, manifestamente se convencem de traidores; porque cofem a dous cabos. *Sed hoc nefas est dicere, minimeque tolerandum*: segue-se logo, que ainda que tenhaõ os Participios casos, e participem dos Nomes; e ainda que os Participios tenhaõ tempos, e participem dos Verbos, nem saõ Verbos, nem saõ Nomes; mas conservando em si mesmos huma generosa neutralidade, formaõ nova, e diversa parte da Oraçaõ, a qual naõ só enche, mas coroa o numero de oito.

M. Religiosè, & scrupulosè dixisti, & nobilem hanc Orationis partem à calumnia, & infamia vindicasti.

C. Estimara, que me declarasse mais isto mesmo com algum exemplo.

G. Sou contente; e naõ só confirmarey o que disse com hum exemplo, senaõ com dous: o primeiro he do Crespusculo.

C. Do que?

G. Basta que naõ sabe o Senhor Chrysofomo Dias; que cousa seja Crespusculo? Crespusculo he aquella luz duvidosa entre a noite, e o dia. Pois assim como o Crespusculo participa do dia, e da noite, e naõ he noite, nem dia, mas hum espaço differente,

te, ou meyo termo de ambos; assim o Participio, ainda que participe do Verbo, e do Nome, nem he Nome, nem he Verbo; mas outra parte da Oraçãõ diversa.

O segundo exemplo temo-lo na Sé, e não me acolho à Igreja. A Confraria de Nossa Senhora de Guadalupe he de gente parda. E não he certo, que os pardos participaõ dos pretos, e mais dos brancos? Nem elles o pôdem negar. Pois assim como os pardos participaõ dos brancos, e não são da Confraria dos brancos, e participaõ dos pretos, e não são da Confraria dos pretos, mas fazem Confraria à parte; assim tambem os Participios, posto que participem dos Nomes, e mais dos Verbos, fazem, e constituem outra parte da Oraçãõ.

*M.* Apposite, & eleganter.

*C.* Eu me dou por convencido na questaõ.

*G.* Celebre-se, pois, o triumpho.

## ACTUS QUARTUS.

### *De Prænominiis definitione.*

*Magister, Narcisus, Hyacinthus.*

*N.* **M**agister? Antitypi cura de quadam Oratio-  
nis distrahor, in votisque habeo Hyacintho  
hujuscemodi dubium dissolvendi.

*M.* Tuæ voluntati assentior. Hyacinthe, tecum  
res est. Dubitationem ut tollas, auribus attente  
hauri.

*H.* Mandata exequor.

*N.* Quid despicias? Jam non tollis cornua, & cristas  
erigis?

erigis? Servas ne in pectore aliquid metus molestum, & grave? Ex vultu enim animum timore correptum noſco. Ne exalbifcas, atolle caput.

*H.* Perdere verba leve est. Cui ſatis eſt linguæ, frigida dextra jacet. Tuam dubitationem ſubtilitatis plenam expone, & quam in promptu reſponſionem habeam, facile cernes.

*N.* Sic quaero, ut quam falſa ſit Prænominiſ definitio ad oculum probem. Quid eſt Prænomen?

*H.* Quid ſibi vult apud te hoc Verbum probare? Putas ne probare idem eſſe, atque guſtare ex farina, ſacharoque condita, ſeu (ut vulgo aiunt) Alcomcnias?

*N.* Ne interrogationem fugias; reſponde ad rem, & poſtea experimentum facies, non eſſe ex ſacharo, farinaque fruſta condita, imo potius ſellea arguticnem, quam de Prænominiſ definitione proponam. Si forte quid ſit Prænomen nondum ad tuas pervenit aures, in te deſcende. Quid ad hæc?

*H.* Inſcitia confidentiam parit. Quod quaeris, Narcife, Lippis, & Tonſoribus notum eſt. Prænomen eſt quod loco Nomiſi poſitum, certam, finitamque perſonam adſignificat.

*N.* Reſpondiſti ſub manus. Sic argumentor, doctè, egregiè. Datur Pronomen quod finitam perſonam non ſignificat: ergo non bene definitur illud, quod finitam perſonam adſignificat.

*H.* Dari Prænomen quis dubitet? Quod finitam perſonam non ſignificat, hoc opus hic labor eſt. Si probes, nulla unquam ætas de tuæ ſapientiæ laudibus conticeſcèt; ſed curæ, quæ tuæ ſunt, ne ſutoſ ultra crépidam: diſputa de iis, quæ te adhuc primordia Grammaticæ artiſ nondum collentem decent,

puta



puta Musa, Dominus, &c. Linque Theologis, quid sit persona finita, aut infinita; aliter, quod paras, ipse subibis exitium.

N. Novi semper plura jactantem, attollentem vocem inaniter, & tandem indecore, è castris ad latibula raptantem: negatum probo: percepturus mentem excita.

H. Libet.

N. Probo in hac oratiuncula. Deus produxit Angelos, idemque produxit homines; sed sic est, que o *Pronome* Idem *nesta oração*, significat personam infinitam; *segue-se*, que o *Pronome* Idem etiam significat non solum personam finitam, sed infinitam.

H. Quis neget hanc veritatem; quamvis insectator sit Orthodoxæ fidei, qualis fuit Lutherus? Concedo iterum, atque iterum Deum esse infinitum. Necessè autem est animadvertere, ut hanc Prænominis definitionem radicitus intelligas; cum dicitur Prænomen esse illud, quod personam adsignificat, sic esse intelligendum, personam finitam hic esse determinatam, aliter nego: Hoc etiam colligitur ab ipsa met vi hujus verbi Prænomen: Quia Prænomen idem est, ac illud quod ponitur loco Nominis. Quapropter idem valet in hac oratiuncula: Deus produxit homines. Prænomen Idem, ac si nomen Deus. Quod ad memoriam reduxit iterum repeteret. Intelligis necne? Adhuc hæres in dubio?

N. Nequaquam. Pulchre, eleganter, venuste.

M. Magistratiter supra discipulum. Lædite Fistulis, tuba Canite.

## ACTUS QUINTUS.

*De octo Orationis partibus.*

*Magister, Christophorus, Antonius.*

**M.** **E**la Antonine disceptator accede. Exeat à fronte, seu assurgat ex aduerso Antegonistes tuus Christophorus. Mars bone! Quam dispar congressus! Videre mihi videor alterum duellum Davidicum. Pusillus cum magno, inermis cum armato, & humilis fortasse cum arrogante.

**C.** Diga Senhor Pigmeo, não desmaye.

**A.** Reporte Senhor Gigante suas palavras, se não quer ouvir; que os pequenos temos o coração muito perto da boca.

**C.** Nem boca, nem coração cabe nesse corpinho, e nesse sayo. Basta que desconfia de lhe chamar Pigmeo? Que cuida, que he diante de mim scenaõ hum i junto a hum l?

**A.** Mas esse i traz hum pontinho, que lhe ha de dar hoje muito trabalho; e já que me quer afrontar em comparação de letras, saiba que nenhum Doutor do Mundo argumentou nunca com tantas, como eu agora. *Sic argumentor.* As letras do Abecedario são vinte e duas: as letras são parte da Oraçaõ: logo as partes da Oraçaõ são vinte e duas, e não só oito. Que diz agora o l a este pontinho do i?

**C.** Bem parece, que ha pouco que sahio da escola, pois argumenta com o A, B, C. As letras do Abecedario são vinte e duas, *transeat maior.*

Que

A. Que quer dizer *transseat*? As minhas proposições passam por merce, ou por misericórdia? Se não as deixarem passar, ellas abrirão o caminho à viva força.

C. Ora já que he ingrato no favor, que lhe fazem.  
*Nego maiorem.*

A. Nega, que as letras são vinte e duas? Ora veja como na escola tambem aprendi a contar. A, B, C, D, E, cinco; F, G, H, I, K, dez; L, M, N, O, P, quinze; Q, R, S, T, U, vinte; X, Z, duas; e são vinte e duas. Eis aqui o como está apanhado, não só às mãos, senão aos dedos.

C. Coitadinho, que pouco sabe! E onde lhe ficou o gorgotil? Cuida que he o *o cetera* do A, B, C? Ora apanhe de codilho este quináo. O que os meninos chamaõ gorgotil, he i gorgotil, e são duas letras, o Y Grego, que elles chamaõ Ypsilon, e o til, de que nós principalmente usamos naquella aõ, que não cabe na boca das outras Nações: logo as letras do A, B, C, não são vinte e duas, senão vinte e quatro.

M. Fortiter arguis, ò Christophore, & subtiliter! Si ab hoc modo te expedieris, ò Antonine, eris mihi magnus Apollo.

C. Para Magnus he muito pequeno, e para Apollo traz muy mal encordoada a cythara.

A. Ora veja como com essas cordas ato eu o seu argumento, e lhe amarro as mãos. Torno a dizer, que as letras não são mais que vinte e duas, e provo. O Ypsilon pertence ao I, o til ao M: logo não acrescentaõ duas letras: logo não são mais que vinte e duas.

M. Optime; nec minus acutissimè.

A. Se elle fora o L, como dizia, foubera que antes de si tinha huma destas letras, e a outra depois de de si, I, K, L, M.

C. Seja embora; mas para ser assim, he necessario ac-  
crescentar ao I huma rasgadura, e ao M hum pe-  
nacho. O penacho será para mim como vencedor;  
e a rasgadura para elle como roto, e vencido.

M. Nequaquam assentior. Nullus victus; sed uter-  
que victor. Congredientur iterum coronati ambo,  
& procedat argumentum.

A. *Placet.* As letras *per me*, são vinte e duas; *per te*, são vinte e quatro: *sed sic est*, que as letras são as partes da Oraçãõ: logo não só *per me*, mas muito mais *per te*, he falso, e falsissimo serem as partes da Oraçãõ sómente oito.

C. Assim como neguey a primeira vez a mayor, assim nego agora a menor. As letras são partes da Oraçãõ, nego.

A. Provo. O Nome, e o Verbo, e as demais são partes da Oraçãõ: o Nome, e o Verbo, e as demais compoem-se de syllabas, as syllabas compoem-se de letras: logo as letras são parte da Oraçãõ. E se não diga, que o todo não se compoem das suas partes, e dê a soluçãõ outra vez ao pontinho.

C. Darlhehey hum poço de soluções.

A. E como serão frias! E quantos alcatruzes lhe serão necessarios; e quantas voltas dará o jumento, para as tirar acima! Venha esse poço de soluções.

C. As letras são partes da Oraçãõ, distingo: partes integrantes, concedo: partes proximas, nego: partes minimas, concedo: partes principaes, nego: parte das partes, concedo: partes da Oraçãõ, nego: em fim particulas, concedo: partes, nego.

Oh

- A.* Oh como me cheira a heresia isso das particularas!
- C.* Tape a boca; e para que lha tape com hum exemplo, ouça. O Mundo divide-se em quatro partes, cada parte em muitos Reinos, cada Reino em muitas Cidades, cada Cidade em muitas casas: logo porque as casas são parte das Cidades, as Cidades dos Reinos, e os Reinos da Europa, ou da Africa, seria bem que o Mundo se dividisse em casas? Pois assim como seria cousa ridicula dividir o Mundo em casas, assim he argumento digno de rizo, instar que a Oração se deve dividir em letras. Não tenho razão, Senhores? Todo o Mundo diz que tenho razão. Toquem lá.
- A.* Não toquem. *Contra sic urgeo, sic premo, sic convinco.* A Grammatica deriva-se de *gramma*, que quer dizer letra. As partes da Oração são as mesmas partes, de que se compoem toda a Grammatica: logo estas devem ser as letras.
- C.* Tudo palhada; porque se *gramma* quer dizer letra, também quer dizer herva.
- A.* Assim he. Por isso ha Grammaticos, e grammadeiros: *Et Deus, qui implet omne animal benedictione*, assim como para os corpos mais pequenos fez as letras, assim para os grandes creou a herva.
- M.* Diserte, Antonine, sed mordaciter. Parco quia jocose. Christophore, respondistis egregie: *Et ratio est, quia partitio, si est moderata, parit distinctionem, si nimia, & minutissima, confusionem.*

## EPILOGUS.

**S**upererat de reliquis Orationis partibus quæstiones excitare, sed enim ne puerorum ingenia rerum multitudine obruantur, opere pretium duximus eas, ad opportunum tempus provectoribus constitutum destinare, adeoque cogimur hodiernæ scenæ finem imponere: ac præterea constituto tempori inferre mos jubet. Omnes litterarii disceptatores grammaticali laureâ coronentur. Ego potestate qua in terris fungor, sic statuo, ac jubeo. Vosque, Auditores exornatissimi, in Thritonia sæcula felices vivite, & valetote.

*Disse o Padre Antonio Vieira.*

# QUÆRIMONIÆ

*Pro Discessu à Scholis Paranambucensis Licæi ad primarios Rhetoricæ Candidatos.*

**T**Acendum potius mihi erat, ne vobis, qui adestis, Rhetorices Candidati, lacrymas elicere diffensus, an moriturus: verum cum interrupta ægri animi suspiria lentâ quasi sit exulceratio vulneris remedia, pro re pauca loquar, Alumni mei; ne longo verborum ambitu, vobis non tam fastidium ingeram, quam dolorem cogar (ut verum fatear) urbe, vel invitus excedere; dulce quippe amanti esset diutius immorari, nisi fortiora obstarent promulgatæ legis imperia. Discedendum igitur, aut moriendum mihi est, Adolescentes optimi.

*Ipsa negent quamquam misero mihi facta recursum.*  
Manet enim vero, æternumque manebit nostra sub mente, repertum vestrum, ô Paranambucenses, obsequium, quo me per quinquenium præceptorem, an discipulum agentem obstrinxistis peramanter. Unum superest, quod scilicet vobis gratias haberem immortales: quas & cumulas reddo, & cumulatissimas persolvo: venit igitur, & tandem aliquando

*Venit summa dies, & ineluctabile tempus.*  
Quo Musis extremum valedicere necesse est, sed anxio amoris desiderio, & vario fluctuantis animi affectu.

*Distrabor in partes, nec mens sibi pendula constat.*  
Discedendi itaque certus, cum develli nequaquam sinat amore conjunctus animus.

*Quando manere nequit corpore, mente manet.*  
 Ire simul, & immorari, si possem, meditabar; quod  
 cum animo cogitabundus pensitarem, tragicum il-  
 lud, ac vulgare carmen menti incidit.

*Quem saberá discernir,  
 Antes que a vida se aparte,  
 Como se parte quem fica,  
 Como fica quem se parte!*

## G L O S A .

**F**icar, e partir num dia  
 Manda Amor quando me ausento,  
 Partir he caso violento,  
 Não partir he covardia:  
 Nesta difficil porfia  
 Não sabe Amor discernir,  
 Se hey de ficar, ou partir,  
 Posto que a vida se acabe,  
 Se Amor discernir não sabe,  
*Quem saberá discernir.*

Vacilando desta forte,  
 A dous riscos vivo exposto,  
 Em ficar arrisco hum gosto,  
 Em partir persinto a morte:  
 Mas ainda que a vida importe,  
 Esta ausencia com tal arte,  
 O coração se reparte,  
 Que chegando a despedida,  
 Parece que perde a vida,  
*Antes que a vida se aparte.*



Deste affecto singular  
 Pódem todos colligir,  
 Que se he fineza o partir,  
 He mór fineza o ficar:  
 O partir he tributar  
 Obsequios, que sacrifica  
 O coração, que se explica  
 Nas lagrimas, que derrama,  
 Porque entende quem bem ama,  
*Como se parte quem fica.*

Mas já que nesta occasião  
 He força que chore ausente,  
 Soltay olhos a corrente,  
 Defafogue o coração;  
 Rompey queixas a prizão,  
 E dizey da minha parte,  
 (Oh pena para explicarte)  
 Que nesta ausencia sentida,  
 Fica a alma tão partida,  
*Como fica quem se parte.*

Assim discorre, quem resolutamente faz o discurso interprete do seu penar: sente a todo o excesso a alma na partida, o que amava a todo extremo na presença. Divulgar a pena que sente, parecerá desdouro da fineza, mas he encarecimento do affecto; o communicar a dor, he buscar alivio à magoa; dissimular o incendio, he dar alimento à chamma: mais faz logo quem occulta a lastima que sente, que quem manifesta a dor que o lastima. Mas oh que errado vay o discurso, se fundado nos dictames da razão, ignora a semrazão do affecto! Tentear muitas vezes a feri-

ferida , he renovar o sentimento à chaga. A dor, que pelos mesmos olhos se explica , tem nos mesmos olhos a semelhança. Busca acafo nos olhos domicilio hum leve argueiro , e se a mão por compassiva o quer tirar , tantas vezes dobra os remedios , quantas multiplica os aggravos. Aggravaõ-se os olhos, como potencia nobre , de que lhe queiraõ tirar o motivo da sua pena , quem só lhe duplica a occasiã da magoa.; que quando a causa da dor he por grande intensaõ , o solicitarlhe remedios , he inventarlhe martyrios. He logo martyrio do coração , que a dor lastíma , buscar remedios à chaga , que não tem cura. O que supposto , não procuro nesta partida em me sentir, mais que accrescentar razões ao padecer, e de articular queixumes , só lucro amontoar pezares, e he a queixa , que a lingua explica , verdugo do alivio, que ao parecer lucrava. Defunto, pois, a todo o alivio, da sepultura do gosto resoluta em cinzas, tenaço Fenix para a dor ardendo em chammas. E ainda que o espaço de cinco annos, que neste pateo vivi, o affecto dos sogeitos que conversey , e o amor dos discipulos , que instrui , me dava ampla materia para exaggerar o sentimento , sómente da saudade me determino queixar. E posto que tem desculpa em ser extenso quem , como eu , se despede , talvez para nunca mais; por não exulcerar a paciencia dos que me escutaõ , resumirey minhas queixas à brève clausula de hum ay.

Ay tragica memoria , ay forte esquiva,  
 Forte dor , cruel ancia , amarga ausencia,  
 Pois tendo as qualidades de excessiva,  
 Para matar tem menos de violencia !

Se es nas dores, que causas, intensiva,  
Porque mostras ser outra na apparencia?  
Mata pois em matarme a fogo lento,  
Dure o mal, cresça a dor, viva o tormento.  
Qual o cruel algóz, fero homicida,  
Que lançando ao pescoço o laço forte,  
Porque o reo muitas vezes perca a vida,  
Vay apertando o laço de tal sorte,  
Que estando já na extrema despedida,  
Torna a afrouxar a corda; porque a morte  
Sendo mais dilatada, e deshumana,  
Ao passo que he mais lenta, he mais tyranna.  
Que morra desta sorte às mãos da pena,  
O meu penoso fado o determina,  
Na partida huma morte se me ordena,  
A saudade outra morte me destina:  
A lembrança a huma morte me condena,  
O affecto mil mortes vaticina,  
A huma alma digo? Mal discorro!  
Mil almas tenho, pois mil vezes morro.  
Morto me ausento, he falso, porque fico;  
Fico, mas he mentira, pois me ausento,  
Em ficar meu affecto significo,  
Com partir minha ausencia represento:  
Se parto, a vida à morte sacrificio,  
Se fico, inda da morte não me isento.  
Quem vio tão cumuladas as desgraças,  
Pois a morte me espera por mil traças!  
Qual a simple avesinha no loureiro,  
Columna de esmeralda verde sente,  
A quem observa o caçador do oiteiro,  
A quem demanda a garça impaciente;

A quem

A quem espera o laço lisongeiro ,  
 ( Que o menino armou junto à corrente )  
 Até que de huma vez encontra o fado ,  
 A que foy voz da Aurora , Orfeo do prado.  
 Tal eu , que como o cyfne em outra hora  
 Nas ribeiras do Tejo alegre canto  
 Entoey pela praya em voz sonora ;  
 Tornada a melodia vejo em pranto :  
 A pezar de meus olhos , com que agora  
 Os preludios do fado choro , em quanto  
 O rigor animado da violencia  
 Não executa o golpe desta ausencia.  
 Mas fique o coração , como he possível ;  
 Parta o corpo , que he força o rendimento ,  
 Partindo fica a pena mais sensível ,  
 Ficando he mais suave o sentimento :  
 No partir cresce a dor , mais que insoffrivel ,  
 No ficar faz-se o mal menos violento ,  
 Assim tempéro os males de tal sorte ,  
 Que se hũa mão dá vida , outra dá morte.  
 De partir , e ficar nesse momento ,  
 Anda o affecto d'alma num conflicto ,  
 Em partir acredito o rendimento ,  
 Em ficar as finezas acredito :  
 O partir he obsequio , mas tormento ,  
 O ficar he fineza , mas delicto ;  
 Julgue agora quem sabe de amor firme ,  
 Se he mais justo o ficarme , se o partirme ?  
 Porém fique a questaõ não decidida ,  
 Em quanto a morte os laços não desfata ,  
 He força que destile a alma sentida  
 Lagrimas , que inquietaõ liquida prata :

Se entre lágrimas perco a doce vida,  
 Vem-me a fahir a morte mais barata,  
 Mas callem os olhos; porque Apollo ordena,  
 Que seja a lingua interprete da pena.

## E L E G I A.

**S**I quandò ad lacrymas, & flebile carmen Apollo  
 Auriferam visus suppeditare chelim.  
 Nunc etiam ad similes cytharam mihi commodat usus,  
 Suppreumque jubet dicere, Musa, vale.  
 Musa vale, longumque vale: sat prata biberunt;  
 Sat tibi, Caliope, sat tibi, Phæbe, datum.  
 Linqere Parnassi cogor juga sacra Camænis,  
 Et dare difficilem, quo vocat aura, ratem.  
 Ire repugnat amor, pudor est dare lintea retrò,  
 Jam me sollicitant nunc amor, inde pudor.  
 Attamen imperio teneor graviore: procellæ  
 Navis ad arbitrium credula fertur aquis.  
 bo igitur, lacrymas vox hæc dira illicit illa  
 Fit mihi causa necis, quæ mihi causa viæ est.  
 bimus heu! quamquam ferò redeamus, eamus  
 Echo iterat, nostris nunc quoque dura malis.  
 Hinc tu, Musa, meo nimis officiosa dolori,  
 Fer lacrymas, lacrymis tu quoque flenda meis.  
 Delicium fueras, fueras mihi dulce levamen,  
 Tu mihi luce comes, tu mihi nocte quies,  
 Obsequio, assiduè colui sua numina, sole,  
 Seu rapiente diem, seu referante Polum.  
 Junc & amara dies, & noctis amarior umbra est,  
 Sive dies umbram, seu ferat umbra diem.  
 Ne comitem intrarem Lybicas peregrinus arenas  
 Hospes, & Hyrcanis antra habitata feris.

Sed me fata jubent discedere longius ! Ite ,  
 Ite oculi in lacrymas nostri alimenta rogi ,  
 Edit amor flammâs , lacrymasque resolvit in ignes ,  
 Nec premit unda ignes , nec timet ignis aquas .  
 Has ego compatiar tacito sub pectore flammâs ,  
 Sentio læthalem cuncta per ossa febrim .  
 Falimur ? An lento mihi febris inæstuat igne ,  
 Ignis alit flammam , lentaque flamma febrim !  
 Heu moriar ! tanto impar est mea vita dolori .  
 Nec finit absentem tædia ferre viâ .  
 Ite procul nostri medicamina vulneris ite ;  
 Vulnere si moriar , mors mihi munus erit .  
 Quæ mihi dices cum lex imperat , ille supremum  
 Heu crudele nefas ! cogit obire diem .  
 Vestro ego , Discipuli , Musis gens dedita , amore,  
 Uror , & in toto pectore regnat amor .  
 Jamque dies aderit : vos pignora chara valete ,  
 Maxima pars animæ , dimidiumque mei .  
 Chara palestra vale , decus immortale Minervæ ,  
 Rhetoricæ sedes , Pieridumque domus .  
 Jamque vale culturæ numerosa Academia gentis ,  
 Quam lustro edocui , nec docuisse pudet .  
 Hic ego florueram , sed flos fuit ille caducus ,  
 Tam brevis una dies , quam brevis illa fuit .  
 Quàm subito tenues flos evanescit in auras  
 Ejus & in cineres forma soluta perit ?  
 Sic periisse putem ; sic sic juvat ire sub umbras ,  
 Quando inimica mihi parcere Parca neget .  
 Sic morior : tumulo vos qui mea fletis , alumni ,  
 Fata , & inexhausto fonte doletis adhuc :  
 Vos tumulo lugubre , precor superadite carmen ,  
 Scripta ubi sint cordis verba suprema mei .

do Bernardo Vieira Ravasco a seu irmão o Padre Antonio Vieira o seguinte

## SONETO.

**S**E queres ver do Mundo o novo mappã,  
 Oitenta annos attenta desta sepa,  
 Por onde em ramos a cobiça trepa,  
 E em maranha faz do tronco lapa:  
 Morde com dentes, que não tem mais papa,  
 Com a lingua fere, com as mãos desepa,  
 Soldado, e povo livra da carepa,  
 Que na tarde, e manhã raivoso rapa.  
 Os olhos de agua, as faces de tulipa,  
 Cada pé de joanete buma garlopa,  
 Com hum só remo corpo de chalupa;  
 O bofe muito, e muy pouca tripa,  
 E a minha Musa, porque nella topa  
 Em apa, epa, ipa, opa, upa.

Resposta do Padre Vieira pelos mesmos consoantes.

## SONETO.

**S**Obe Bernardo da eternidade ao mappã,  
 Deixa do velho Adão a lata sepa,  
 Pelo Lenho da Cruz ao Emyreio trepa,  
 Começando em Belem da pobre lapa.  
 Mais que Rey póde fer, e mais que Papa,  
 Quem do seu coração vicios desepa,  
 Que a grenha de Sanção tudo he carepa,  
 E a gadanha da morte tudo rapa.

A flor da vida se he na cor tulipa ,  
 Tambem dos secos annos he garlopa ,  
 Que os corta como o mar corta a chalupa ;  
 Não ha mister que o ferro corte a tripa ,  
 Se na parte vital o fado topa  
 Em apa , epa , ipa , opa , upa.

*Ao mesmo assumpto.*

S O N E T O.

**N** Este Mundo fatal, ou neste mappa ,  
 Em que cada mortal he huma sepa ,  
 Serve a vida de escada com que trepa ,  
 E em que se esconde o tumulo da lapa :  
 Corta a fouce da morte ao Rey , ao Pápa ,  
 Destroe o soberano , o vil desepa ,  
 E tudo em fim reduz a vil carepa ,  
 De hum gusano mortal , que a tudo rapa .  
 Não escapa em murchar a flor tulipa ,  
 Nem de embotarse o ferro da garlopa ,  
 Pois tendo o tempo vezes de chalupa ;  
 Até do mesmo ferro corta a tripa ,  
 Quando no mar da vida a morte topa ,  
 Em apa , epa , ipa , opa , upa.

*Ao mesmo assumpto.*

S O N E T O.

**N** Asce gahardo o Sol à luz do mappa ,  
 Communica-se à rama , ao tronco , à sepa ,  
 E apenas o soberano ao Zenith trepa ,  
 Quando jaz sepultado em huma lapa :

Brilha



Brilha em feu auge o Rey , o vil , e o Papa ,  
Sem advertir na barca , que a desepa ,  
Porque em fim toda a pompa he carepa ,  
Se os gadanhos da morte tudo rapa.  
Campea da manhã a flor tulipa ,  
Mas já de tarde o ferro da garlopa ,  
Qual gusano destroe huma chalupa ;  
Assim lhe murcha a gala , e corta a tripa ,  
Que tudo nesta vida nisto topa  
Em apa , epa , ipa , opa , upa.

*A despedida dos Indios.*

S O N E T O.

**H**Umildes valles , levantados montes ,  
Incultos bosques , verdes arvoredos ,  
Talhadas ferras , asperos rochedos ,  
Escuros lagos , crystallinas fontes :  
Arrebatados rios , firmes pontes ,  
Viçofos prados , escavados médos ,  
Sonoras prayas , concavos penedos ,  
Turvados mares , pardos Orifontes :  
Vou-me , ficay-vos ; não vos digo mais ,  
Que esta he a cortezia desta terra ,  
Barbara despedida , ingrata gente.  
Mas ay , que já meus olhos daõ finaes ,  
Que outro primor o seu costume encerra ,  
Que sempre pouco diz , quem muito sente.

*Ao Retrato del Rey D. Sebastião.*

S O N E T O.

**E** Nigma de los hombres coronado ,  
 Que a la esperanza vives escondido ,  
 Eres aquel , que se dudò perdido ,  
 Eres aquel , que vives ignorado.  
 De que sirve el amor darte pintado ,  
 Si vives en las almas esculpido ?  
 Y si ya para muchos has venido ,  
 Como de tantos eres esperado ?  
 Con affecto amoroso en tu venida  
 Esperan unos mejorar su suerte ,  
 Y otros fundan su fin en su partida.  
 Di la verdad en confusion tan fuerte ,  
 O' defengaña aquellos con la vida ,  
 O' desmiente a los otros con tu muerte.

*A' Serenissima Senhora Princeza D. Isabel , matando de hum tiro a hum javalí em Salvaterra.*

**Y** O' que en la selva nasci  
 Por sangre , y por padre bruto ,  
 Pagando el mortal tributo ,  
 El ser de bruto perdi :  
 Si en la vida javalí ,  
 Al morir fui racional ,  
 Pues muriendo a mano tal  
 Fuè con tan discreta suerte ,  
 Que supe escoger la muerte ,  
 Para quedar immortal.

De tal mano amenazado ,  
Nò quise intentar la huyda ,  
Por morir de Real herida ,  
Que es revivir coronado :  
Y si bruto me hizo el hado ,  
Nò fuè bruto mi sentir ,  
Hombres , que amais el vivir ,  
Aprended de mi cordura ;  
Que nò ay vida mas segura ,  
Como un honrado morir.

Tanta es de Dios la piedad ,  
Mayor de sus atributos ,  
Que a los hombres , y a los brutos ,  
Ha de salvar su bondad :  
Oy confirma esta verdad  
De Salvatierra la historia ,  
Pues com immortal memoria ,  
Rendiendo un bruto la vida ,  
Por la gracia de la herida ,  
Ha alcançado eterna gloria.

Todo Poeta se engaña ,  
Y me perdone Su Alteza ,  
Mejor faliò de esta empreza  
El bruto , que el sangre baña :  
Que si es la mayor hazaña  
Saber del mundo salir ,  
Entre el herido , y el herir ,  
Fuè la hazaña singular ,  
Nò de quien pudo matar ,  
Mas del que supo morir.

*Ao mesmo assumpto.*

S O N E T O.

**N**asceste, ò bruto, para eterna gloria,  
 De quem ta deu mayor em darte a morte,  
 De tua vida foy felice a sorte,  
 De seu raro valor breve a vitoria.  
 Morreste para assumpto de alta historia,  
 Mas que engenho naõ perde nelle o norte,  
 Pois da mayor belleza a maõ naõ forte,  
 Do Erimantho fatal risca a memoria?  
 Para ser immortal em fim nasceste,  
 Que a vida, que a Isabel sacrificaste,  
 Foy Fenix, que viveo quando morreste.  
 Em ser feroz teus fados fabricaste,  
 E quanto horror na vida mereceste,  
 Tanta gloria na morte eternizaste.

*Ao mesmo assumpto.*

S O N E T O.

**S**I te viò caçadora tal belleza,  
 Como fiera a sus ojos nõ rendida  
 Esperas descortez segunda herida,  
 Esfuerço vil de tu brutal fiereza.  
 A las plantas reales de Su Alteza,  
 Cayendo nõ desdenes la cahida,  
 Que està la Corte al bosque transferida,  
 Y caer de mirado nõ es flaqueza.

En pena pues de vista nõ rendirle ,  
La vida , y piel dexaste por despojos ,  
Y oiga esta ley todo el salvaje ufano:  
Que el , como tu , que ofaste a resistirle ,  
Resistiere a los rayos de sus ojos ,  
Ha de morir a golpes de su mano.

*Ao mesmo assumpto.*

S O N E T O.

**B**Ruto , que ignoras ser astro en el Cielo ,  
Suspende el curso a tu felice estrella ,  
Pues ya que te veo transformado en ella  
La cerda en rayos , y en esfera el suelo.  
Espumoso coral te prestò el buelo  
A breve estrago de vital centella ,  
Y el impulso le diò mano tan bella,  
Que humo tu muerte a tu vivir rezelo.  
Castigo fuè su gloria , y fuè porque era  
El que com rayo te parò ligero ,  
Mejor Sol , que el que haze azul carrera.  
Buelve cerdoso a tu terror primero ,  
Que es mas gloria bolver a morir fiera  
A manos de Isabel , que ser luzero.

CATHARINÆ  
LUSITANÆ

MAGNÆ BRITANIÆ REGINÆ  
EPITHALAMIUM

*Canit*

*Promiscuum, amatorium, suspirans, letum, nauticum, fatidicum,*

PATER VIEIRA  
Societatis JESUS.

**E**Rgò dies properans aderat, quâ tuta per undas  
Vela dare, & Lysiã procul ire à finibus, inter  
Tot desideria, & nunquam intermissa suorum,  
Vota parat; patrios linquens Catharina penates,  
Et nimium heu longè positos visura Britannos?  
Scilicet hoc tandem, nobis Hymenæe dedisti,  
Ut Catharina procul nostris discederet oris,  
Absentemque absens ut Lysiã chara videret,  
Et desideriiis concussa fidelibus iret,  
In quæstu Thalamos propè damnatura beatos?  
Eripit heu nobis prædatis Anglia quidquid  
Dulce animis, charumque facit, nam pignora in uno  
Gaudia, delitiæ que absunt, & tota voluptas  
Exulat, imò animam quisquis sibi credit abesse,  
Deteriore sui nec vivere parte laborat.  
Connubiale decus tibi fausta Britania tollis,  
Dum tibi nupta ingens, tædasque, ignesque jugales

Allo

Affociat , Regisque thoros beat una potentis ,  
Ut veniat Regum fat utroque à sanguine , totum  
Progenies auctura orbem, dominareque gentes.  
Qualis honor ? quotque ostentat pulcherrima dotes?  
Hac nempe augetur numerus , maiorque Dearum  
Conspicitur coetus , quartam radiare sororem  
Optarent Charites, decimamque accedere velent  
Pierides , Pallasque sibi annumerare secundam.  
Verum omnes inter felicibus addita fatis  
Prima venit, primumque jubar, primumque professa  
Numen adest , partesque tenet Catharina priores ;  
Nec reliquas hæc vera Deas victoria fallit ,  
Quo tamen à superis plus accipit illa decoris ,  
Cunctorum quo plus animos , & pectora raptat ;  
Hoc magis hic retinenda fuit : dare vincula amoris ,  
Debueratque fugæ sua Lysia : litore classis  
Solvere ne possent , retinacula corda dedissent.  
Sed quid sollicitis juvat indulgere querellis ?  
Si dum tot curas alimus , jam classis eundi  
Certa suis properat , committere carbassa ventis  
Egregiam vectura nurum ? Vada cærula Ponti  
Exultant , stagna alta roris , & flore comanti  
Certatim vernasse putes , verfoque tenore  
Jam ver purpureum salsas regnare per undas ,  
Vos mihi cœrulei , precor , ò vos plaudite fluctus,  
Dum classem læto potius sequor omine , dumque  
Jam conversa hilari saliunt præcordia motu.  
Ite, fretum quâ pandit iter, quâ numina cursum  
Indulgent , quâ se vestris maria alta carinis  
Submittunt , quâ nectareos vada salsa liquores  
Puppibus inspergunt, & mille per oscula fluctus  
Affiliunt , prorasque avidè contingere gaudent.  
Sic te diva Parens Cypri , sic lucida fratres

Sidera Lidæi, sic te regat ipse frementum  
 Ventorum Pater, & placidas tibi præbeat auras,  
 Classis amica, tibi nam credita numina, debes  
 Reginam incolumen hanc reddere finibus Anglis,  
 Atque animæ votum nostræ fervare memento.  
 Ipse faces præeans, felicia fœdera junxit  
 Qui thalami, cœlestis Amor, Zephyrisque per undas  
 Monstret iter, sed clara dies, ubi fulcerit, idem  
 Ventilet & clarum motu prægnantia vela  
 Moleat ut ventos, & blandæ sibilus auræ,  
 Pacatum ducat vada per Neptunia classem.  
 At vos, Nereides, qua se prætoria puppis,  
 Solverit, ite alacres, & circum hinc inde natantes,  
 Sternite mole fretum, lætæque ad gaudia tanti  
 Conubii miscete hilares per stagna choræas,  
 Grassantes pariter Nuptæque, Angloque Marito.  
 Mox fidium ad sonitum, pulsata ad pectina cantu.  
 Condite dulce melos, magnorum ad sidera Regum  
 Ferte thoros, resonet placidis Hymenæus in undis,  
 Dum Zephiri adspirant, sedataque marmora Ponti,  
 Otia Sedatis peragunt secura procellis.  
 Dicite nunc, felix Catharina accedere tædas,  
 Augustas, cui diva parat Concordia, cuique  
 In sacras pax alma faces inspirat amoris  
 Sidereos ignes, sanctos firmare Hymenæos  
 Qui valeant, teneantque æterno in fœdere dextras.  
 Tol'e corona tuum Cœlo caput accipe ab alto  
 Scæptra manu stellata polo; conspirat Olympus  
 In thalamos, Regina, tuos; dant signa favoris  
 Numina, ut inceptis adsint, & vota secudent,  
 Lyfia ut ingenti lætetur, & Anglia forte,  
 Iliæque invidiæ stimulis rumpantur Iberi.



*Descriptio mensis Martii à Patre Vieira Societatis  
JESUS.*

**M**artius egreditur patrio de nomine Martem  
 Sæpe tonans , bellum que ferens nascentibus arvis.  
 At nunc pacis amans , ostendunt nubila Coelum,  
 Sol aperit vultus , depulsæque agmine toto ,  
 Armatæ fugiunt hyemes , quas caucasus horrens  
 Excipit imbelles , tenebrosoque occultit antro.  
 Stat pontus , fluctusque silent , nec littora circum ,  
 Pauca sonant : placidi terram amplectuntur amicam,  
 Dispumant oras , atque oscula mollia figunt:  
 Ludunt Nereides , ludit Delphinus , & omnes ,  
 Insultant , timidumque pecus consistere Protheus  
 Jussit oves : quas ipse jacens sub rupe sonorâ ,  
 Continet immotas , & tardâ mulcet avenâ.  
 Flat Zephirus blandè , & tepidam dum sibilat auram ;  
 Terra calet , panditque sinus , fontes que liquati ,  
 Quos pigræ tenuère rigentia vincula brumæ ,  
 Sponte fluunt ; pretiosi olim sitientibus agris ,  
 Nunc saturis viles. Dulcem Philomela dolorem ,  
 Alternans sudæ breviora silentia noctis ,  
 Pervigil in questus , fallit que augetque canendo :  
 Auditur ; somnoque fovet , quos excitat ipsa.  
 Ipsa chorum ducit , post cætera turba sororum  
 Quæque suos modulata sonos ( sunt organa rivi )  
 Accentu plaudunt vario , properamque salutant  
 Cantibus Auroram : tum fulsæ ardore magistro  
 Insistunt operi , & nidos ad pignora condunt ,  
 Turgentes inter , sed adhuc sine tegmine , ramos.  
 Prata virent , gravidoque ortum de caule fatigat

Flori-

Florida progenies , scindensque tumentia claruſtra.  
 Nuda oritur , ſed nuda omnes induta colores.  
 Nigrefcunt violæ ; diſtendit lilia candor ;  
 Purpura Narciffum veſtit , ſcribitque Hyacinthus  
 Caruleos gemitus ; pallant , ſolemque ſequuntur,  
 Maiori partu quos edidit herba gigantes :  
 Implet gramineum pompâ ambitioſa theatrum ,  
 Et caput attollens roſa ſupra excelfior omnes ,  
 Ceu viridi Regina throno pudibunda ſuperbit :  
 Quam ſpinofa acies defendit plurima circum ,  
 Audacesque manus ſtriſtis mucronibus arcet.  
 Vivit Ager totus , nec toto ſpiritus unus ,  
 Aut ſimilis facies ; nam verſo copia cornu ,  
 ( Quod largâ dat Flora manu ) latè omnia pingit  
 Culta , inculta ſimul. Spernit , calcatque viator  
 Plebcios mille , & certo ſine nomine flores.  
 Numina quid memorem ſudatæ provida vitæ ,  
 Queis hominum labor , & ruralia munera creſcunt ?  
 Non dum flava Ceres viridi redimita coronâ ,  
 Spem ſegetis magnam agriculæ promittit avaro ,  
 Qui præmaturis jam compleat horrea votis.  
 Bachus ovat , ſectæ vites lachrymantia ſiccant  
 Vulnera , pro ferro pulchras in palmite gemmas ,  
 Fænore multiplici plenosque datura recemos.  
 Pinguia Pan lætis aperit paſtoribus arva ,  
 Invitatque pecus : diſtendunt ubera matres ,  
 Quæ pulſata premunt labris properantibus agni.  
 Sed vos , ò durum genus , atque à ventre petullum ,  
 Præcipites hædi , quid ſpernitis ubera plena ?  
 Proſiliunt alacres , & feſtis ſaltibus alta ,  
 Exerſant capita ad pugnam , pro cornibus ardor  
 Sufficit , attractis retrò vix unguibus imis.  
 Pendent , & toto connixi corpore certant :

Frons , frontem quatit adversam , non totus inermis:  
 Circumstant , adduntque intentes visibus iras  
 Barbati Patres ; sed jam discedere campo  
 Pastor agit fessos , baculoque , ac voce sequestra  
 Fit pax , & grato solvuntur prælia ludo.  
 Martius hæc ; nec plura canam. Sic mensis amicus  
 Incipit , & totus felix præluditur annus.

*In Martii mensem*

## I D I L L I O N .

**D**Um sic nativos per amenz frontis honores  
 Martius ingenio fertque , refertque tuo.  
 Dum videt expressos cognatâ in imagine flores ,  
 Gramineosque sinus , arboreasque comas.  
 Dum Soles melius splendescere , mitius Euros  
 Spirare , & fluvios lenius ire , notat.  
 Dum capit argutos vocalia murmura cantus ,  
 Dum stupet in picto ludere rure pecus.  
 Dum Cererem capiti virides aptare coronas ,  
 Et vitem ex secto palmite Flora videt.  
 Dum veris proprios animato emblemate vultus ,  
 Et faciem in speculo deperit ipse suam.  
 Gaudet in archetypos se prorupisse figuras ,  
 Naturæ artifices dum putat esse manus.  
 Martius hic idem est , votis meta unica quamquam,  
 Sit datus ille mihi , redditus ipse sibi est.

*Cùm pronuntiaret N. . . verbum Euphrates, & ignoraret si illud esset correptum, an productum, illud corripuit.*

**V**enit ad Euphratem, subitoque exterritus hæsit;  
Ut citò transfret, corripuit fluvium.

*Ad Leonardum adhuc puerum.*

**S**I fueris virtute leo, si nardus odore,  
Tu leo, tu Nardus, tu Leonardus eris.

*In obitu D. Mariæ de Ataide.*

**P**ro tumulo incomptos mirari desine versus,  
Sub tumulo totum conditur ingenium.  
Vive iterum, ut scribas, ne muto in marmore dormi  
Sola potest tumulo scribere digna tuo.

*In multorum Epitaphia.*

**Q**uod Thaidæ laudes tenuere ignosce Poetis,  
Quid poterant magnum dicere, si ipsa tacet?

## P R O B L E M A.

**N**A Academia, que havia em Roma, e no Palácio da Serenissima Rainha de Suecia Christina Alexandra com assistencia de muitos Cardeaes, Monsenbores, e mais Nobreza, se propoz hum Problema no anno de 1674, cujo argumento foy este: Qual foy mais racional, se o Riso de Democrito, que de tudo escarnecia, ou o Pranto de Heraclito, que de tudo chorava? Encarregaraõse estes dous pontos aos Padres Antonio Vieira, e Jeronymo Cataneo, ambos da Companhia de Jesus, para cada hum defender a parte, que escolhesse. Deu o Padre Antonio Vieira a eleição ao Padre Cataneo, o qual tomou para si o Riso de Democrito, ficando ao Padre Vieira a causa das lagrimas de Heraclito, que defendeo engenbosa, e elegantemente na lingua Italiana, que depois se traduzio na Castelhana, e ultimamente na Portugueza pelo Conde da Ericeira D. Francisco Xavier Joseph de Menezes: e agora se daõ aqui a ler hum, e outro na lingua Italiana, em que foraõ recitados, e traduzidos na Portugueza, para que se vejaõ as razoens de huma, e outra parte, e julgue o leitor a favor de qual delles se deve dar a sentença.

## P R O B L E M A

Agitato nella Real Accademia della Serenissima Christina Regina di Svezia in Roma :

*Qual fusse più Ragionevole, se il Riso di Democrito, che tutto Scherniva : O'l Pianto di Eraclito, che di tutto Plangeva.*

## D I S C O R S O P R I M O

*A favore di Democrito*

D E L P A D R E

G I R O L A M O  
C A T A N E O

Della Compagnia de GIESU'.

**T**utto l' Artificio adorato, che il Maestro eterno impiegò nella Fabrica maravigliosa del Mondo, ò sia il naturale, o'l morale; il ritrasse, ò dalla pertinace zuffa degli elementi, ò dall'immortale contrasto de' Beni co'mali. Quindi è, che la Pittura, la Musica, l' Eloquenza, la Poesia, e tutte le Arti migliori, a questa Idea, sù la disperata contesa de' contrarii formarono i più leggiadri stupori delle lor opere. Poiche la Pittura si ualse della contesa della luce con le ombre, la Musica della opposizione de' Tuoni sublimi co'bassi, l' Eloquenza del duello de' contraposti, e la Poesia della sproporzione trà le Sillabe lunghe, e Brevi, come di Guerra, e Nani, e Giganti. Ora avendo giudicato la mente suprema d'una altissima Maestà, tutta però inchina-

# P R O B L E M A ,

Que se moveo em Roma na Real Academia da Serenissima Christina Rainha de Suecia:

*Qual foy mais racional, se o Riso de Democrito, que de tudo escarneia, ou o Pranto de Heracrito, que de tudo chorava.*

## DISCURSO PRIMEIRO

*A favor de Democrito*

RECITADO PELO PADRE

J E R O N Y M O  
C A T A N E O

Da Companhia de J E S U S.

**T**Odo o soberano, e veneravel artificio, que Deos eterno Mestre empregou na maravilhosa fabrica do mundo naõ menos natural, que moral, tirou-o, ou da pertinaz opposição dos elementos, ou da immortal contrariedade dos bens com os males. Daqui vem que a Pintura, a Musica, a Eloquencia, a Poesia, e todas as melhores Artes formaraõ as suas mais admiraveis operaçoens sobre esta idéa; porque a Pintura vale-se da opposição da luz com as sombras, a Musica da contrariedade dos tons sublimes com os baixos, a Eloquencia funda-se nos contrapostos, e a Poesia na desproporção das syllabas longas, e breves, como se fosse huma guerra entre os pigmeos, e os gigantes. Ora tendo considerado o supremo entendimento de huma augusta Magestade,

ta al pubblico beneficio, aprire à quest' augusta Udienza pe'l secondo consiglio dell' Accademia reale, non un ristretto Teatro, mà un ampissimo Anfiteatro; vi si appendono oggi capricciosissimi Quadri, vi risuonano bizzarre armonie, vi si ammirano Dicerie mostruose, e vi fà pompa una stranissima Poesia. Ma come ciò? come tanto? Dirollo in una parola. Compariscono ad empire la Scena, quindi Democrito tutto Riso, quindi tutto Pianto Eraclito. Non basta? E son altro questi, che un contrasto di lume, e tenebre non mai veduto, un contrapunto di gemiti, e di cabbinni non mai udito, due Antitesi vivi, e due Sillabe animate, l'una però esausta, e rankicchiata dal dolore del continuo suo piangere; l'altra tutta eretta, e sublime pe'l brio del perpetuo suo ridere? Mà perche quà nulla si ammette senz' alto consiglio d'universal documento; si concede à due Filosofi l'adito, à fine solo di esaminare: Qual fù più ragionevole, o'l Riso di Democrito, che tutto scherniva; o'l Pianto d' Eraclito, che sopra tutti, e di tutto piangeva. Per regio comando è à mè toccata la difesa del Riso, & anche questo con gran ragione, poiche se non saprò conservargli la maggioranza, e, quasi difsi, il suo Trono, gli dilaterò almeno l' Imperio, mentre se riuscirò inetto à magnificare il Riso, amplificherò il Ridicolo, lasciando per appendice del suo Reame anche mè stesso.

E per prima il Riso di Democrito fù un distillato di quei sali saccenti, co' quali egli intese, o di preservare, o di guarire dal corrompimento de' costumi il Genere Umano; ed all' incontro il Pianto d' Eraclito fù, come un'umor troppo molle, e peccante, con cui, à indusse, o accrebbe le corruzioni della Repubblica.



gestade , mas toda inclinada ao publico beneficio , abrir segunda vez para este sublime auditorio não hum apertado theatro , mas hum amplissimo anfiteatro ; nelle vemos hoje pendentés extravagantes quadros , nelle soão admiraveis harmonias , nelle se admiraõ monstrosos discursos , e nelle apparece pomposa huma poesia bem estranha . Mas como se póde verificar isto ? Como se póde dar tanta cousa ? Em huma palavra o direy . Apparecem a encher a scena de huma parte Democrito todo Riso , e de outra Heraclito todo Pranto . Não basta ? Pois por ventura saõ estes outra cousa , mais que huma nunca vista opposição da luz , e sombras ? Hum nunca ouvido contraponto de gemidos , e de risadas ? Duas vivas antithesis , e duas syllabas animadas , huma toda languida , e attenuada pela dor do seu continuo pranto , outra toda elevada , e sublime pelo brio do seu perpetuo riso ? Mas porque neste lugar não se admite cousa alguma sem alto conselho de universal documento ; permite-se que estes dous Filosofos subaõ a este theatro só para o fim de examinar qual foy mais racional , ou o Riso de Democrito , que de tudo escarnecia , ou o Pranto de Heraclito , que de todos , e de tudo chorava . Por preceito Real tocou-me a mim defender ao riso , e com grande razaõ ; porque se não saberey conservarhe a primazia , e ( quasi que dizia o seu trono ) ao menos dilatarhehey o imperio ; porque se sahir inhabil para engrandecer , e defender ao Riso , augmentarey o ridiculo , deixandome a mim mesmo por hum appendice do seu mesmo dominio .

Em primeiro lugar , o Riso de Democrito foy huma destilação de todos aquelles picantes faes , com  
que

publica. Sembra ciò un gran Paradoffo; mà non sarà, se vorremo spremere il vero dalla bocca d'amen-  
due i rivali Filosofi. Vien quà Demacrito, & odi. Se fosti stolto, quando seriamente filosofando sognasti infiniti Mondi, sei già savio, quando giuliva impari à deriderne uno. Quella tua specolazione corrompe molti, questo tuo sorriso risana tutti. Allora corrompesti d'Ambizione quanti viveano, che conoscessi di numero finiti, parve facile, che tocasse loro la sorte di dominar uno de' tanti Mondi infiniti. V'è di peggio; Avvilisti fin il gran Cuore di un' Alessandro, che con l'incanto di tal dottrina il rendesti non tuo Settario, mà tuo Nimico; poiche sforzandolo à piangere, il trasformaste in un'altro Eraclito. Se l'aveste addottrinato nella scienza di questo dispreggiatore tuo Riso, egli averebbe riverito più Tè, che Diogene. Poiche quegli non gl' insegnò l'Arte, nè del ridere con generosità, nè del deridere senza fasto, mà più tosto, come Cinico l' insegnò à mordere uomini, e Dei con un riso in cagnesco. E pure à quel gran Rè parve Diogene un Nume, che il costrinse à confessare, che s'egli non era Alessandro, altro non averebbe voluto divenir, che Diogene. Or se tant'alto concetto formò d'un riso mordace, perche dispreggiante, che averebbe fatto d'un Riso più, che da Rè, più che da Eroè, mentre che dispreggiando tutto, fa l'uomo superiore di tutto? E' dunque da venerare con culto di serietà un tanto Riso, e non pur come Figliuolo della Ragione, mà come Genitore della virtù, e Triunfatore del vizio, cioè di quell' adorata Trionfatrice fin de' Monarchi, l' Ambizione.

Fatti ora innanzi, ò Eraclito. E quantunque non vi sia Oratore, il quale più efficacemente perori della

que elle pretendeo , ou preservar , ou farar da corrupção dos costumes ao genero humano ; e pelo contrario o Pranto de Heraclito , foy como hum humor muito crasso , e enfermo , com que , ou induzio , ou accrescentou as corrupçoens da Republica. Parece-rá isto hum grande paradoxo , mas não o ficará sendo , se quizermos ouvir a verdade da boca de ambos estes Filozofos taõ contrarios. Vem cá , Democrito , e ouve : se foste louco , quando seriamente filosofando sonhaste infinitos mundos , agora já es sabio , quando alegre aprendes a zombar de hum. Aquella tua especulação sim corrompeo a muitos , mas este teu Riso a todos fara. Antes sim fazias corromper de ambição a quantos viviaõ , dos quaes conhecendo em si , que não eraõ infinitos em numero , pareceolhes facil , que lhes pudesse tocar a sorte de dominar hum dos teus mundos infinitos. Ainda fizeste peyor ; porque fizeste vil o grande coração de hum Alexandre , encantando-o de tal modo com a tua doutrina , que o fizeste não só teu sectario , mas teu inimigo ; porque violentando-o a chorar , o transformaste em outro Heraclito. Se o tivesses ensinado , doutrinando-o na sciencia deste teu Riso desprezador , elle te venerara mais do que a Diogenes ; porque este Filozofa não lhe ensinou a arte do rir com generosidade , nem do escarnecer com arrogancia ; mas doutrinou-o como Cynico a picar , ou a morder homens , e deoses com hum Riso canino. E com tudo tanto pareceo a este grande Rey ser Diogenes huma divindade , que o obrigou a confessar , que se elle não fosse Alexandre , só quizera ser Diogenes. Ora se taõ alto conceito formou elle de hum Riso mordaz , e desprezador , que fizera de hum Riso mais digno do que se fosse

della lagrima la sua Causa, difenditi con tante, che ne diffondi, dall' accusa data, che il tuo Pianto è, ò fomento, ò irritamento d' Ambizione. Dimmi dunque, che piangi? Responderai le miserie degli uomini, che, ò non possono, ò non fanno valersi de' Beni dati loro dalla Natura. Ora io ti hò per convinto. E che? la perdita di questi Beni frali, e caduchi vale una lagrima? Gli fai pur troppo preziosi, se l'uso non acconcio di essi ci deve costare sì caro, che convenga, e consumare la più cara cosa, che abbiamo, cioè gli occhi, e logorarvi non una, ne mille lagrime, mà un continuo diluvio di quel tesoro, che non è oro, ne argento, mà lambicato sangue dell' Animo? E non mi apposi ben da principio, quando dissi, che le lagrime d' Eraclito, eran fomenti d' Ambizione; ed or' aggiungo di Cupidigia? Poiche niuno compera mai à prezzo sì caro, se non ciò che, ò molto pregia, ò troppo brama. Ne mi si dica: Democrito piange miserie, e non felicità, onde compatisce quelle doglioso, e non ama già queste cupido. Adagio, che questo sarebbe gettare sugli occhi doppo il Pianto la polvere. Svegliamo la verità. Piange Eraclito le miserie? mà in tanto le piange, in quanto sono Privazioni, che o citolgono in tutto, ò ci tagliano in parte il godimento de' Beni: onde in realtà questi si piangono, e quelle si devestano; e perche quegli sono, e gli stimati, e gli Amati: Quod defles, illud amasti. E di vero, niuno mai pianse, cioche nè stimò, nè amò altamente. Or applauda chi può à Filosofia sì funestamente scandalosa, che con lo siento di sì affannata dottrina non per altro si sbraccia, e si liquefa, che per mettere presso gli uomini in Amore, estima i Beni di questo Mondo, rendendoci di quegli innamorati spasimati:

na boca de hum Rey, ou de hum Heroe; porque desprezando tudo faz o homem superior a tudo? He pois para venerar com hum serio culto hum taõ grande Riso, naõ só como filho da razaõ, mas como pay da virtude, e triunfador do vicio; isto he, a ambição venerado fim, que triunfa nos Monarcas.

Agora vem tu cá Heraclito, e ainda que naõ haja Orador mais efficaz do que saõ as lagrimas, defende-te com essas, que derramas da accusação, que te fazem, de ser o teu Pranto, ou fomento, ou irritação de espirito ambicioso. Dizeme, que choras? Responderás; as miserias dos homens, que ou naõ pódem, ou naõ se sabem valer dos bens, que a natureza lhes deu. Pois eu te convenço. Por ventura a perda destes bens caducos val huma lagrima? Muy preciosos os fazes tu: se o uso delles ha de custar taõ caro, que seja preciso maltratar taõ gravemente a cousa mais amavel, que temos, como saõ os olhos, e perder naõ huma, nem mil lagrimas, mas hum continuado diluvio daquelle thesouro, que se naõ he ouro, nem prata, he o sangue mais precioso do animo. E naõ me fundey eu bem no principio, quando disse, que as lagrimas de Heraclito fomentavaõ ambição? Pois agora tambem accrescento, que nascem de cubiça; porque ninguem compra por preço taõ caro senaõ aquillo, que ou estima muito, ou muito deseja. Nem se me diga: Democrito chora miserias, e naõ felicidades, naõ ama estas cubiçoso, mas compadece-se daquellas com hum Pranto continuo. Devagar, que isto seria lançar nos olhos pó depois de chorar. Descubramos a verdade: Heraclito chora as miserias, mas em tanto as chora, em quanto saõ privaçoens, que ou de todo tiraõ, ou cortaõ em parte

*ti. Onde temo assai, che questo Pianto sia, & una scaturigine inesaurita di viziosi, ed un Fonte perenne di Atei.*

*Non è però solo questo il pregiudizio, che la Republica dal Pianto d' Eraclito riceve, come non è sola l' utilità, che dal Riso di Democrito ella ritrae. È che ciò sia vero. Non è, N.N., la Fievolzza Umana pur troppo inchinata à non ribattere con animo generoso gl' insulti della Fortuna, ed à con incontrare con ciglio magnanimo le calamità della vita? A che dunque maggiormente infiaccarla, divenendo ingegnosi in aggiungere debolezze à debolezze? Non essendo già l' Acque del Pianto, l' Acque di Stige, perche queste rendono impenetrabili ad ogni furor di ferro gli Achilli, queste renderebbono gli Achilli svenati da ogni scotimento di canna. Mà facciamo, che quest' arte vile di lagrimar abbia il suo spaccio, dove troveremo il Savio, ò tutta tranquillità nell' animo, à fronte d' ogni infortunio, come il richiede la commune Filosofia: ò tutto giubilo anche nel volto à vista del Toro di Falaride, come l' obbligava la Stoa; ò almeno, come i Poeti il fingevano, trà gli eccidii della stirpe, con le lagrime sù le gote ò apparenti, ò dipinte, ò nulla significanti, per conforto solamente del volgo? Mens immota manet, lacrymæ voluntur inanes. Nè questa sì mirabile invenzione appunto del moto perpetuo d' un Pianto sempre perenne, sempre grondante tirò à perversire solamente la Filosofia, ò comune, ò stoica, ma la Republica tutta. Imperocche, se questa prevaleva, v' à cerca Giudici d' incorrotta Giustizia! una lagrimetta tosto corromperallo. V' à cerca Campioni d' invitta Fortezza! Ogni urlo di Nemico il caccierà prima*

*ma*

o gozo dos bens, motivo porque realmente estes se choraõ, e aquellas se detestaõ. E porque estes saõ os estimados, e amados: *Quod defles, illud amasti*; na verdade nunca ninguem chorou o que nem estimou nem altamente amou. Ora applauda quem quizer huma filosofia taõ funestamente escandalosa que com a sua cançada doutrina só se esforça em que os homẽs, amem, e estimem os bens deste mundo, como huns cegos amantes: e por esta razaõ temo muito, que este Pranto seja huma fonte perenne de vicios Atheistas.

Porém naõ he este só o prejuizo, que a Republica do Pranto recebe de Heraclito, assim como naõ he só huma a utilidade de que ella participa com o Riso de Democrito. E se naõ digaõme: naõ he a fraqueza humana demasiadamente inclinada a naõ saber rebater com animo generoso os insultos da fortuna, e a naõ se oppor com valor magnanimo ás calamidades da vida? Pois para que he enfraquecella mais, empenhando-se Heraclito em fazer mais fraca a mesma fraqueza? E muito mais naõ sendo as aguas do Pranto as aguas da lagoa Stygia; porque estas faz com que sejaõ impenetraveis os Achilles, e aquellas os fariaõ naõ só sujeitos a qualquer furor do ferro, mas ainda a qualquer acometimento de huma debil cana. Porém façamos com que esta arte vil de chorar tenha o seu exercicio, donde acharemos o Sabio, ou todo tranquillidade no animo na occasiaõ de qualquer infortunio, como quer a Filosofia commua; ou todo alegre ainda no semblante à vista do Touro de Falaris, como o obrigava a Estoica, ou ao menos como fingiaõ os Poetas entre as ultimas afflicçoens com as lagrimas ou apparentes, ou pintadas no rosto, ou que nada significavaõ, e sómente para confortaçãõ do povo: *Mens immota manet, lacrymæ voluntur inanes.*

ma à piangere , e poscia à fuggire. Povera Acaja; se corrotti i suoi Popoli da si effeminati dettami, un escrito Barbaro avesse inondate le tue Campagne! Era del certo spedita la libertà della Provincia Maestra del Mondo, che di repente t'avresti vedute sorgere le catene sul collo. E sò , ch'avereste ritrovati i Leonidi , ò i Temistocli à tua difesa , se tutta la Grecia si era pe'l suo Eraclito trasformata in una Troja di gente , che piangeva ad occhi caldi , prima di vedere sulle mura il ferro , ò la fiamma. Di tutto il contrario è benemerito operatore il Riso di Democrito. Questo fà gli Uomini non gementi sotto la sferza , ò d'un incontro del caso , ò d'un insulto della Potenza, come Putti; mà calpestatore d'ogni tormento, d'ogni piacere. Poiche nulla teme, chi nulla pregia; ed è superiore à tutti , chi si ride di tutto. Onde giudicate voi, se al Pianto di Eraclito , che tanto nuoce, ù il Riso di Democrito , che tanto giova , convenga più l'esser Figliuolo della Ragione.

Nè solamente intese Eraclito à corrompere il Genere Umano , mà insieme ad infamarlo , la dove col suo Riso Democrito sempre in riputazione il sostenne. Poiche quegli con pianto si dirotto il dichiarò disperato dell' emmenda de' vizi ; questi con Riso gioviale lasciò sempre speranza , che ne potesse risorgere. Quegli il deplorò ( lasciatemi usare per una sol volta una voce latina ) come affatto morto ; questi sperò , che i suoi Cachinni fossero trombe atte a risvegliarlo dal suo letargo. Credei mio questo pensare ; quando il viddi cadere dalla penna sul foglio. Mà trovatolo poi ne' Volumi di Seneca , hò temuto , che sia deposito di memoria quel che credei contante d'ingegno. Onde per non farmi bello dell'altrui luce,

il



nes. Nem esta tão admiravel invenção de hum moto continuo de perennemente chorar se encaminhou sómente a perverter a Filosofia, ou commua, ou Estoica, mas tambem a toda a Republica. Por quanto se esta prevalece , huma só lagrima corromperá a hum Juiz de incorrupta justiça , e não menos a hum Capitaõ de invencivel fortuna ; porque primeiro chorando , e depois fugindo , será derrotado de seus inimigos. Miseravel Achaya , se corruptos os teus póvos com tão affeminados dictames inundasse os teus campos hum barbaro Exercito ! Certamente entãõ se acabaria a liberdade da Provincia mestra do mundo ; porque de repente te veria com cadeyas ao pescoço. E sey que terias achado hum Leon, ou hum Themistocles para a tua esféra , se toda a Grecia se tinha transformado pelo seu Heraclito em huma Troya de gente, que chorava com vivas lagrimas antes de verem sobre os muros as lanças, ou as chammass. Pelo contrario nenhuma destas consequencias se pôdem temer do Riso de Democrito. Este faz com que os homens como meninos não gemaõ, ou por hum encontro do acazo, ou por hum insulto do poder, antes desprezem qualquer tormento, e qualquer gosto. Nada teme quem nada estima, e he superior a todos quem de todos se ri. Por isso julgay vós se o Pranto de Heraclito , que tanto prejudica ao Riso de Democrito, que tanto aproveita, he que deve ser chamado filho da razaõ.

Naõ sómente cuidou Heraclito em corromper ao genero humano, mas igualmente pretendeo infamallo, quando Democrito, com o seu Riso o sustentou sempre em reputação. Hum com Pranto tão desfeito o declarou incapaz de emenda a respeito dos seus viciõs, outro com Riso jovial deixou sempre lugar para a esperança.

*il depongo nella bocca di sì Grande Autore : Adjice, dice egli, quod de Humano genere melius meretur; quid ridet illud, quam qui luget. Ille spei bonæ aliquid relinquit : Hic, udit, che insieme il Gran Filosofo, e l'accusa in ciò, e l'condanna nella principal controversia con definitiva sentenza : Hic stulte deflet, quæ corrigi posse desperat. A quale stato peggiore poteva condurre il Mondo, che à farlo una casa di desperati, e col Pianto eterno sù gli occhi? Se altra è l'Inferno, voi ditelo. Ma voi vedete, che il contrasto è finito, perche se Eraclito stulte deflet, chi averà più ardimento di contendere, che un Pianto si pazzo fosse più ragionevole d'un Riso si savio ?*

*Taluno però, che trionfa nelle Sagre Scritture, e che (lasciatemello pur dire) con le devine carte in mano fa sempre giuochi maravigliosi d'ingegno, mi dirà: Come avere voi ardimento di canonizzare il Riso per Savio, se lo Spirito Santo non pur l'condanna di errante, mà l'dichiarò l'Errore istesso in astrato? Risum reputavi errorem. Ora due Generi di Riso io ritrovo: Uno ch'è Figliuolo del Giubilo, l'altro ch'è del dispreggio. Quegli si genera trà le cune d'un cuor rilassato, e spesso hà per Raccogliatrice, ò l'Ubbriachezza, ò la lascivia, che su le labbra il dipongono; questo si concepisce nella Fucina d'un intendimento severo, come una Pallade, e trà lampi d'un magnanimo sdegno sù la bocca sfavilla. Il primo è ben tutto errore, mà il secondo è tutta ragione. Onde opportunamente lo stesso Spirito Santo il primo suo detto con un'altro secondo suo detto immanentemente interpretò, soggiungendo: Et gaudium dixi: Quid frustra deciperis? Errore stimai il Riso, mà non altro Riso, se non quello, di cui il Giubilo è Ge-*

perança. Hum (deixáime por esta vez só usar de huma voz latina) deplorou-o como totalmente morto; outro esperou que as suas risadas fossem humas trombetas capazes de o acordar do seu letargo. Entendi fer meu este pensamento, quando o escrevi, mas achando-o depois nas obras de Seneca, vi que foy memoria o que reputey engenho; e por isso para não luzir com luz alheya o ponho na boca de tão grande Author. *Adjice* (diz elle) *quod de humano genere melius meretur, qui ridet illud, quam qui luget. Ille spei bonæ aliquid relinquit: Hic* (ouvi que também o grande Filosofo accusa, e condena Heraclito sobre esta mesma controversia com sentença definitiva) *Hic stultè deflet, que corrigi posse desperat.* A que estado peyor podia reduzir o mundo, que a fazello huma casa de desesperados, e com lagrimas perpetuas nos olhos? Se outra cousa he o inferno, dizey-o vós. Mas se já vedes, que a controversia está acabada, porque se Heraclito *stulte deflet*, quem haverá que se atreva a continuar em contender sobre hum Pranto tão louco fer mais racional, que hum Riso tão sabio?

Com tudo alguém que triunfa nas letras sagradas, e que (deixáimo dizer) com ellas na mão faz sempre humas maravilhosas galantarias de engenho, tal vez me dirá: Como te atreves a canonizar o Riso por sabio, se o Espirito Santo o declarou como erro? *Risum reputat ad errorem.* Ora eu descubro dous generos de Riso, hum que he filho do jubilo, outro do desprezo; aquelle gera-se em hum coração relaxado, e muitas vezes tem sua origem, ou na embriaguez, ou na lascívia; este procede de hum entendimento severo como a Pallas, e entre relampagos de huma magnanima ira fuzilla pela boca. O primeiro he todo erro, mas o segundo

è Genitore: Et gaudio dixi, quid frustrà deciperis? *E qual meraviglia, che da Padre falsario nasca un figliuolo Fallace? Mai non parlò così del Riso di Democrito, del Riso, ch'è dispreggio del Riso, ch'è deriso; del Riso, ch'è tutto intendimento, e tutto ragione. La profusione di quello abbandonò ben lo Spirito Santo alle bocche de' Pazzi: Ritus in ore stultorum, mà non già questo, che il serbò alle sue labra Iddio stesso per la morte dell'Empio: Et in interitu vestro ridebo. O Riso dunque di soli Eroi, con cui mentre ridono tutto, si rendono assoluti Signori di tutto; à segno che per giungere à quella grande saviezza di*

Aude Hospes contemnere opes, & te quoque dignum  
Finge Deo;

*non furono del certo nella Gentilità necessari, nè gl' illustri sogni di Scipione, nè l'estasi ingegnose di Seneca. Qual necessità di cavalcare le nuvole, di scalar le sfere, e di assidersi sopra le stelle, per imparare à dispreggiar la Terra rannicchiata in un punto? A che imprendere un sì gran volo, se meditazione si salutare un solo riso di Democrito racchiudeva?*

*Or fin' à qui gli effetti soli, ò buoni, ò rei hanno, ò commendato, ò condannato il Riso, e' l'Pianto de' due Filosofi: E tempo è già di paragonarne il merito in ordine alle loro cagioni, cioè à loro Padri, ò Autori, non potendo da mala Pianta frutto buono, ne de buona, frutto malo prodursi. Ed in vero Eraclito fù d'ingegno mezzano, e languente, come il suo Pianto, onde nulla, ò di nuovo, ò di grande ne trassero, nè i Coetanei, nè i Posterì: Superbo nondimeno vantossi,*  
*che*

do he todo razaõ , e porisso opportunamente o mesmo Espirito Santo interpretou o seu primeiro dito, accrescentando outro : *Et gaudio dici : Quid frustra deciperis*; como se dissesse : Eu reputei o Riso por erro, mas naõ outro Riso senaõ aquelle , que procede do jubilo : *Et gaudio dici : Quid frustra deciperis*. E que maravilha he que de hum pay falsario nasça hum filho enganador? Mas naõ fallou assim do Riso de Democrito , do Riso que he desprezo do Riso de que se escarnæce , do Riso que he todo entendimento , e todo razaõ : A profuzaõ daquelle Riso poz o Espirito Santo na boca dos loucos : *Risus in ore stultorum*; porêm naõ já este , que pela morte dos impios reservou o mesmo Christo para si : *Et in interitu vestro ridebo*. O Riso , pois , só digno dos heroes , com o qual em quanto rindo tudo se fazem absolutos senhores de tudo; de tal modo, que para chegar áquella grande sabedoria de

*Aude hospes contemnere opes , & te quoque dignum  
Iunge Deo ,*

naõ foraõ necessarios na antiguidade , nem os illustres sonhos de Scipiaõ , nem os extasis engenhosos de Seneca. Que necessidade ha de montar sobre as nuvens , de escalar as esferas , e de fazer assento nas estrellas , para aprender a desprezar a terra , que he hum ponto? Para que he emprender hum taõ grande voo , se hum só Riso de Democrito incluhia huma taõ saudavel meditação ?

Ora até aqui tem os bons , ou maos effeitos recommendado, ou condemnado o Riso, e Pranto destes dous Filosophos : he tempo já de comparar o merecimento

che non mai ebbe Maestri, ò se pur n'ebbe, disse: Furono solamente gli Dei. Si pose il Furbo in sagro, per non esser punito degli scandalosi suoi dogmi. L'insegnar poi à piangere le miserie umane fù dottrina pur troppo facile, benchè troppo ferale, benchè di troppo stento. E ben poteva risparmiar la fatica di aprire una scuola, che fin dal primo punto del nostro nascimento la Natura à tutti spalanca, e che senz'arte & insegna una sapienza così funesta. Et te in oltre come dottrina ricevuta dagli Dei quella, che stuzza di continuo gli Uomini à querelarsi, ò della Natura, come Madrigna, ò della Providenza, come parziale, cioè à bestemiar sempre Dio sotto diversi nomi di Dio? Per lo contrario l'ingegno di Democrito fù de' più perspicaci, che produsse la Grecia, e perciò acclamato fin da Latini Subtilissimus Antiquorum; l'ingegno, che fù di ammirazione ad Ippocrate, d'invidia à Platone, il quale doppo d'aver me'to rapito da' suoi volumi, tentò di bruciarli tutti, ingegnandosi di distrugger la miniera, perchè la Posterità non si riconoscesse i suoi furti: Uomo, che non pure aggiunse la dote di nuove, & altissime specolazioni alla Sapienza, mà parimenti arricchì l'Arte cò ritrovati di fabricare le Curvature delle Volte, e de' Ponti, di polir l'Ebano, e di trasformare la fragilità del vetro nella sodezza di veri smeraldi; ed in fine sempre intento à dare ò gioje, ò materia di gioje: Benemerito non pur degli Uomini, mà di rollo anche di Dio, insegnando à conoscere i Beni della Terra, per Beni sì, mà dispreggièvoli, cioè per meri mezzi, per mere vie, per iscale al Fattore, e non già ò per fini, ò per mete; onde giustamente gli dispreggiò, e pianamente ne rise.

delles pelo que respeita ás suas causas ; isto he á sua origem , não podendo de huma má planta nascer bom fruto , nem o que he máo proceder de boa. Verdaderamente Heraclito foy de engenho mediano , e tão languido como o seu Pranto , motivo porque nem os seus coetaneos , nem a posteridade nos deixaraõ delle algumas recomendaveis memorias : com tudo soberbamente se desvaneeo de que nunca tivera mestres , e se os tivera , disse que foraõ sómente os deoses. Recolheo-se com astucia a sagrado , para que o não castigassem pelos seus escandalosos dogmas. Em quanto ao ensinar a chorar as miserias humanas foy huma doutrina muy facil , ainda que muy custosa ; e bem podia pouparse do trabalho de abrir huma escola , que desde o primeiro ponto do nosso nascimento abrio para todos a natureza , a qual sem arte ensina huma tão funesta sciencia. E como podia ser esta inspirada pelos deoses , se continuamente se empenhava a fazer queixar os homens , ou da natureza como madrastra , ou da Providencia como parcial ? isto he , a blasfemar sempre de Deos de baixo de diversos nomes de Deos. Pelo contrario o engenho de Democrito foy hum dos mais perspicazes , que produzio a Grecia , chamandolhe até os Latinos *Subtilissimus antiquorum* , engenho que servio de amiração a Hypocrates , e de inveja a Plataõ , o qual depois de lhe haver roubado muito dos seus volumes , intentou queimallos todos , fazendo muito por destruir a mina , para que a posteridade não conhecesse os seus furtos : homem , que não só augmentou a sua sabedoria com raras , e altissimas especulaçoens , mas igualmente enriqueceo a arte com os descobrimentos de fabricar as abobedas concavas , e os arcos das pontes , de pulir o marfim , de transfor-

*E questo suo Riso dispreggiatore non potè provenire, ò da Finzione, ò da Crudeltà, come sospettone taluno, dicendo. Alienis malis queri, æterna miseria est, alienis delectari malis inhumana voluptas, dimenticato di ciò, che più saggiamente aveva prima pronunciato: Humanius est deridere vitam, quam deplorare. Poiche quanto al fingere il dipreggio, Egli l'aveva prima mostrato con la mano, che in su le labbra. Egli fece de' beni temporali sì aspro governo, che le sue immense ricchezze eredità d'un Padre, che potè non breve stagione alimentare del suo esercito di Xcrse, che con un pranso disertava Campagne, ed asciugava Fiumi, le gittò, via Tamquam, e sono sue parole, tamquam onera bonæ mentis. Così prima esperimentò in se Serio quel, che insegnò ad altri ridente, ingegnandosi di condir col riso una dottrina, che all'umano palato era sì amara. Era ilito poi non potè dar fede co' fatti al suo Pianto: Poiche di tutto poverissimo, fuorchè di lagrime, forse materia di sospettare, che queste furono ò finte, ò interessate, ò anche crudelli. Imperocchè quanto alla finzioni, non lasciava egli affaciare sugli occhi suoi le lagrime, se non usciva nella scena, e vi videva spettatori: Heraclitus quoties prodierat, stabat; & puer Ille dolet verè, qui sine teste dolet. In oltre anch'egli sofferiva le umane miserie, & ipse, come notò Seneca, inter deplorandos erat. Ma perche in segreto portava negli occhi il Sollione della Libia, e nel Foro le catarattè del Nilo? Perche furono lagrime finte, e dà Teatro, ò per procacciare con quel viso da mendico soccorsi alla sua Povertà, ò applausi alla sua virtù, ed in conseguenza, ò per la Gloria sempre fu interessato. Ma che? V'ebbe però un'altro interesse.*



mar a fragilidade do vidro na solidez de pedras preciosas: homem benemerito, não sómente dos homens mas igualmente direy que de Deos; porque ensinou a conhecer os bens da terra, sim por bens, mas que se deviaõ desprezar; isto he, por huns meros meyos, e caminhos, por escada ao Creador, e não já por fins, ou por termos; motivo porque justamente os desprezou, e piamente zombou delles Este seu Riso desprezador não podia proceder, ou de ficção, ou de crueldade como suspeitou alguém, dizendo: *Alienis malis queri, eterna miseria est: alienis delectari malis inhumana voluptas.* Quem assim fallou, esqueceo-se do que antes mais sabiamente tinha dito: *Humanius est deridere vitam, quàm deplorare.* Em quanto a fingir o deiprezo, primeiro que o recomendasse com as palavras, o mostrou com as obras; porque fez dos bens temporaes hum tão aspero governo, que lançou de si *tamquam* (saõ palavras suas) *tamquam onera bonæ mentis* as suas immensas riquezas, herança de hum pay, que pode por largo tempo alimentar com ellas o Exercito de Xerxes, e que em hum jantar enxugava rios, e despoava campos. Deste modo experimentou em si primeiro com seriedade o que depois ensinou aos outros com Riso, pretendendo temperar com huma doutrina, que era tão amargosa ao paladar humano. Com estas obras não pode Heraclito justificar o seu Pranto; porque sempre pobrissimo (excepto de lagrimas) deu materia para se suspeitar, que estas foraõ, ou fingidas, ou interesseiras, ou tambem crueis. Em quanto ao fingimento nunca este Filosofo chorava sem ser em publico, buscando expectadores, que o vissem: *Heraclitus quoties prodierat, stabat, quando ille dolet verè, qui sine teste dolet.* Além disto elle soffria

teresse oltremodo sottile. Il meschino Eraclito era Idropico, e forse tentò di scaricare per li canali degli occhi quell' Umore maligno, e pertinace. Onde Quel Pianto, ch'egli ostentò, come rimedio degli Uomini, fù solamente inventato per sua medicina. E vi sarà, chi dica, che se fù d'animo debole, almeno fù di cuore mansueto? Animi imbecillis, sed mitis. Mansueto, chi valendo ritrarre per se solo la salubrità, distribuiva con buona derrata ad ogni Uomo l'amarezza del suo medicamento? Mansueto, chi tutto intento à sfogare gl'impeti del Morbo suo Ippochondriaco, non già come l'Italiano Poeta con le lagrime del suo Amore inquietava prossimi, e lontani, mà disturbava la Pace, ed amareggiava i Godimenti d'un Mondo? Fù per l'opposta parte Democrito sì sospettoso al Riposo del publico, e sì alieno dal turbare l'altrui quiete, ò anche Piacere; che prossimo à morte, ed ammonito dalla sorella, che se in quel tempo spirava averebbono i suoi funerali turbate le feste della Dea Cerere: Non vi sgomentate, soggiunse, che con facile opera farò il vostro contentamento: Portatemi di continuo Pane dianzi sottratto da Forni; il che fatto; avvicinandolo egli di continuo alli nari, con gli spiriti di quel vaporoso calore si sostenne in vita fin tanto, che le Pubbliche contentezze trascorsero. Questa è vera mansuetudine, e non inhumana voluptas, prolungare à sè moribondo le Agonie per non accorciare à viventi le gioje. Voler per se una lunga morte per non contendere agli altri una lunga Allegrezza. Non voler, che per lui si avveri esser non altro, che uno sospir breve la morte, perche il gustoso respiro del Popolo breve non fosse. In fine volle in sè patire la Massima delle Ti-

as misérias humanas: *Et ipse*, (como notou Seneca) *inter deplorandos erat*. Logo para que occultamente trazia nos olhos o Solion da Libia, e no publico as catarras do Nilo? Porque foraõ fingidas as suas lagrimas, ou para foccorrer a sua pobreza com semblante de mendigo, ou para fazer applaudir a sua virtude, e em consequencia sempre mostrou interesse, ou do ouro, ou da gloria. Mas que muito se ainda mostrou ser interessado por hum modo extraordinariamente subtil? O miseravel Heraclito era hydropico, e tal vez procurou descarregar pelos olhos aquelle maligno, e pertinaz humor, e por este motivo o Pranto, que ostentava como remedio dos homens, foy sómente inventado para medicina delle. E haverá quem diga que se foy de animo debil, ao menos teve tambem coração manso? *Animi imbecillis, sed mitis*. Manso quem procurando para si só a faude, distribuhia largamente com todos a amargura do seu medicamêto? Manso quem todo applicado a defafogar os impetos do seu achaque hypocondriaco, inquietava os proximos, e os distantes, não já como fazia o Poeta Italiano com as lagrimas do seu amor, mas disturbava a paz, e fazia amargosos os gostos de hum mundo? Ora pelo contrario foy Democrito, tão amante do repouso do publico, e tão alheyo de perturbar a quietação, e ainda gosto alheyo, que estando proximo á morte, e dizendõlhe sua irmã, que se espirasse naquelle tempo, perturbaria o seu funeral as festas da deosa Ceres; não vos affijais, respondeo, que facilmente remediarey o vosso receyo, e vos não negarey essa consolação. Trazime continuamente pão tirado do forno, o que feito, chegando-o de continuo ao nariz, sustentou a vida com os espiritos daquelle vaporoso calor até que não fim

as publi-

*rannili , cioè una morte lenta , per non rapire à suoi Cittadini il minimo de' contenti. E sarà credibile , che nel cuor di costui sia mai caduta quell' inhumana voluptas? Aggiungo , che se Democrito si accieco , come tutti già dissero , per amor della verità ; io fondatamente sospetto , ch'egli il facesse per amore degli Uomini. Vedendo , che quel suo continuo Riso , e quella sua perpetua Comedia cominciava forse à recare lor tedio , per sottrargliene , calo sopra i suoi occhi la tenda , e licenziò il Teatro. Ed in tal guisa l' Uomo di animo moderatissimo tolse a se prima la materia , e poi agli altri la noja del ridere. In tanto si vide , che i Fati maggior applauso fecero all' Autore del Riso , riputandolo , ò più innocente , ò più ragionevole , che à quella del Pianto. Poiche Democrito trasse una tranquilissima vita fin all' invidiata decrepitezza di 110. anni ; ed Eraclito mentre curava al Sole , ed ungeva col grascio la sua Cute in rimedio della sua Idropisis , che l' affogava , sopraggiunsero due Mastini , che gli strapparono , e divorarono insieme le viscere. Onde già un Poeta così gli favellò , e' l' confortò in quel punto.*

**Dùm tu Sole cutem , nitidoque abdomine curas,  
Dicuntur rabidi te laniasse Canes.**

**Quàm benè lugubres assuetum fingere vultus,  
Deprensus in luctu Dii volueri mori.**

**Sic qui dùm vixisti , quod fleres semper habebas ;  
Dum moreris , quod té rideat Orbis , habes.**

*Mà che mi vado aggirando con estrinsecchi argomenti , quasi che tema di cimentare à fronte à fronte il Riso col Pianto ? Mà non mi si parli già di quel  
Pianto*

ás publicas alegrias. Esta fim, que he verdadeira mansidão, e não *inhumana voluptas*, dilatar a si moribundo as agonias, para não perturbar o gosto aos vivos; querer para si huma dilatada morte, para não impedir aos outros huma larga alegria; não querer que nelle se verificasse ser a morte hum breve suspiro, para que a gostosa respiração do povo não fosse breve: em fim quiz em si padecer a maxima da tyrannia; isto he, huma morte lenta, para não privar aos seus Cidadãos de hum minimo contentamento. E será crível, que no coração deste Filosofo houvesse em algum tempo aquella *inhumana voluptas*? Acrescento mais, que se Democrito tirou a si mesmo os olhos, como todos disserão, por amor da verdade, eu suspeito com fundamento, que o fez por amor dos homens. Vendo que aquelle seu continuo Riso, e aquelle sua perpetua Comedia começava talvez a causar tédio, para o evitar, desceo sobre os olhos o pano, e despediose do theatro. Deste modo he que obra hum homem do animo mais moderado; primeiro tira a si a materia, e depois aos outros o tédio de tanto rir. Com effeito os Fados mayor applauso fizeram ao author do Riso, reputando-o ou mais innocente, ou mais racional, que ao do Pranto. Democrito passou huma suavissima vida até a invejada idade de cento e dez annos, e Heraclito estando posto ao Sol, e untando a pelle para remedio da sua hydropezia, que o afogava, chegaraõ dous cães que o mataraõ, e lhe devoraraõ ao mesmo tempo as entranhas; motivo porque já hum Poeta, fallando com elle, o confortou deste modo naquella afflictão:

*Dùm tu Sole cutem, nitidoque abdomine curas,  
Dicuntur rabidi te laniasse canes.*

N

Quam

*Pianto, che doppo tanti secoli un Dio consagrò; nè di quelle lagrime, che stempera la mano d' un sì gran Sacramento, qual' è la Penitenza. Poiche ben sappiamo, ch' una nuvoletta di quelle val più, che tutto il sereno del Sole; venero quelle Omnipotenti Acque, di cui si disse, che una sola stilla, aut facit, au invenit Paradisum. In fine io m'inchino à quell' uso solo di Pianto, ch' è rivolto à radere le macchie de' peccati commessi, e per lavar le immondezze delle colpe passate; à quel Fiume, che se corre all' indietro, & all' insù, come già fece il Giordano, non v' à stagnare in un Mar morto, mà si porta nelle riviere del Cielo. Or non essendosi il Pianto d' Eraclito à ciò steso; ponderiamo il Pianto, e' l Riso secondo le proprie lor forze, e ci accorgeremo qual de' due più à peso di ragione preponderi? Il Pianto è commune a' Bruti, il Riso è unica dote dell' Uomo, e non solamente è dote, mà è una manifesta, e sicura luce, che dice: Soggiorna qui la Ragione. Piangono all' incontro le bestie, ed à quel gran Cavallo attribui Virgilio non piccole, mà ben rotonde lagrimone; additando, che dove l' Irragionevolezza è maggiore, quivi il Pianto è più largo. Niuno però degli Animali mai rise, ed allora solamente si attribuisce loro, ed all' altre sostanze insensate per metafora il Riso, quando si vuol donar loro, o Anima, o Mente. E l' Uomo isteso, allora più s' immerge nel Pianto, quando più è immerso nella materia, e lontano dalla Ragione, cioè quando è più Putto. Quindi è che quando la Gentilità invidiosa di alcun de' Profeti prevenuti dal senno nell' utero delle Madri; finse prevenuto d' interdimento il suo Zo-roastro vaticinante; Che fece nel comparire sù le cune, ed à vista del Mondo quel Saggio putto? Perche*

*Quàm benè lugubres assuetum fingere vultus,  
Deprensam in luctu Dii voluere mori.  
Sic dum vixisti, quod fleres semper habebas;  
Dum moreris, quod te rideat Orbis, habes.*

Mas para que me canço com argumentos extrinsecos, pretendendo de oppor frente a frente o Riso com o Pranto? Nem se me falle já daquelle Pranto, que depois de tantos seculos confagrou hum Deos, nem daquellas lagrimas, que se originaõ de hum taõ grande sacramento, qual he a Penitencia; porque bem sabemos, que a minima nuvem destas val mais que toda a serenidade do Sol. Venero igualmente aquellas omnipotentes aguas, das quaes se disse, que huma só gota *aut facit, aut invenit Paradisum*. Finalmente approvo com reverencia só aquelle uso de lagrimas, que se encaminhaõ a lavar as manchas dos peccados commettidos; aquelle rio, que se corre, como já fez o Jordaõ, naõ vay a parar em hum mar morto, mas sim nas prayas de hum celestial porto. Ora tendo esta origem o Pranto de Heraclito, pezemos as lagrimas, e o Riso, segundo as suas proprias forças, e veremos qual dos dous contrapeza mais com o pezo da razaõ. O Pranto he commum aos brutos, o Riso he dote unico do homem, e naõ só he dote, mas huma manifesta, e certa luz, que diz: Aqui ha razaõ. Pelo contrario choraõ os animaes, e naõ poucas lagrimas attribuhio Virgilio a hum cavallo, como dando a entender, que se dá mais largo Pranto donde a irracionalidade he mayor: porém em nenhum dos animaes se tem visto o Riso, e só por metaphora he que se attribue a elles, e a outras substancias insensatas esta propriedade, quando se lhes quer dar alma, ou enten-

gli assisteva in capo la Ragione, non potè piangere, mà dovè ridere, onde fù egli il Foriero, per non essermi lecito dire, il Precursore dell'assennato Democrito. Che più? Non sia stato mai, nè dispreggiante, nè eroico il Riso di Democrito, sia stato naturale, ò sol derisivo dell' Inezzie degli Uomini: anche così fù del Pianto più ragionevole. Abbia egli derise le deformità scompagnate dal dolore: non fù più di ragione deridere le Inezzie, le quali sono sì numerose, che le miserie, le quali à paragone di quelle sono sì poche? Onde quando si voglia richiedere per oggetto del Riso, ò la Maraviglia, ò la Novità, il che non deve verificarsi, che d'un Genere solo di Riso; qual è quel punto, in cui la Terra non è per sè feconda d' Inezzie? mercè che in ogni luogo, in ogni istante con capricciosa novità si genera. E quando manchi ogni altro argomento certa cosa è, che il Pianto da Poeti fù posto sù l'uscio, *Luctus*, & *ultrices* posuere *cubilia curæ*, e da Christo nel centro dell' Inferno, *ibi erit fletus*, là dove il riso entrerà nel Cielo, e quivi eterno eternamente vivrà col Beati. Finalmente dandando e' l Pianto e' l Riso per vani, ed inutili; certamente maggior senno fè Democrito, che almeno se non ne ritrasse profitto, ne conseguì gusto, e se non rendè li suoi seguaci buoni, gli mantenne giocondi; ch'al l'incontro Eraclito, e nulla ottenne di bene, e molto conseguì di male, cioè doppo tante piogge di lagrime non mietè il Balordo, che l'affanno suo, e del Pubblico.

Hò finito. Mà in questo punto stò per ribellarmi da Democrito, e rendermi Uom ligio d' Eraclito. Poiche avvedendomi di aver male scritto, e peggio declamato à favor del Riso, vorrei e col Pianto scancellar



dimento. O mesmo homem, quando está mais distante da razão, isto he na sua infancia, e mais engolfado na materia, então he que o vemos mais submergido no Pranto. Daqui vem, que quando a gentildade invejosa de algum dos Profetas, que logo desde o utero materno vinhaõ com o uso da razão, fingiaõ tambem que ao seu Zoroastre se lhe anticipara o entendimento nascendo com espirito profetico. E que fez ao nascer este sabio menino? Porque já o dominava o uso da razão, não pode chorar, mas sómente rio: motivo porque foy o nuncio ( por não me ser licito dizer o precursor ) do judicioso Democrito. Que mais temos? Quero que o Riso de Democrito não fosse nem desprezador, nem heroico, mas sómente natural, e que nascia das loucuras dos homens; ainda assim foy muito mais racional, que o Pranto de Heraclito. Zombasse elle muito embora das desformidades acompanhadas da dor; não foy mais racional escarnecer destas loucuras, que são tão numerosas, que chorar as miserias, as quaes em comparação daquellas são tão poucas? E quando se queira procurar por objecto do Riso, ou a maravilha, ou a novidade, o que não deve verificarse mais que de hum só genero de Riso, qual he aquelle ponto da terra em que ella per si não seja fecunda de loucuras? E quando falte outro algum argumento, he cousa certa que os Poetas pozeraõ o Pranto na entrada: *Luctus, & ultrices posuere cubilia curæ*, e Christo no centro do Inferno: *Ibi erit flectus*, quando o Riso só terá lugar no Ceo, e nelle como eterno vivera eternamente com os Bemaventurados. Finalmente, concedendo que assim o Pranto, como o Riso fossem vãos, e innuteis, certamente mayor juizo mostrou Democrito; porque

*cellar quanto scrissi, e col pentimento ritrattar quanto hò detto. Mà sto fermo. Poiche chi mi segue, farà, che'l faccia con mio commune diletto: perche come un'altro Orfeo farà, che dolcemente piangano, non pur gli Amici, e gl' Inimici del Pianto, mà le Furie medesime; onde oggi si dica per verità, non per favola:*

Tunc primùm lacrymis victarum carmine fama est,  
Eumenidum maduiffe genas.

ao menos se delle não tirou proveito , conseguiu gof-  
to; e se não fez bons aos seus sequazes, ao menos con-  
servou-os alegres ; e pelo contrario Heraclito não ad-  
quirio nenhum bem , antes conseguiu grande mal ;  
porque depois de tantas chuvas de lagrimas só reco-  
lheo a sua afflicção , e a do publico.

Tenho acabado ; mas neste ponto estou para me  
rebelar contra Democrito , e fazerme parcial de He-  
raclito ; porque reparando em que escrevi mal , e de-  
clamey peyor a favor do Riso , quizera com o Pranto  
rificar quanto escrevi, e com o arrependimento retratar-  
me de quanto disse : porém não quero ; porque o Ora-  
dor , que se segue , fará com que eu o faça com meo  
commum deleite ; pois como outro Orfeo fará que  
docemente chorem não só os amigos , e inimigos do  
Pranto , mas as mesmas Furias; motivo porque hoje se  
dirá verdadeira , e não fabulosamente:

*Tunc primum lacrymis victarum carmine fama est,  
Eumenidum maduisse genas.*

## DISCORSO SECONDO

*A favore de Eraclito*

DEL PADRE

## ANTONIO VIEIRA

Della Compagnia di GIESU.

**V**iene il Pianto nel suo proprio luogo, perchè viene dopò il Riso: *extrema gaudii luctus occupat.* Se fosse il Riso, come Giano, qui sua terga videt, lo stesso Riso piagnerebbe. Non diffida già il Pianto della vittoria della sua Causa, nè; solo invidia al Riso la sua fortuna. Se il Pianto, e'l Riso comparissero in questo gran Teatro del Mondo vestiti colla divisa della verità, cioè a dire ignudi entrambi, non ci ha dubbio, che la vittoria sarebbe del Pianto: per tanto, che il Riso vestito, adorno, e armato da sì sublime eloquenza si rida del Pianto, non è merito, fu fortuna. Di tutto ciò, che nel Mondo brilla, e ride comparve jeri vestito, adorno, ed armato il Riso: ridono i Prati, egli comparve vestito di fiori; ride l' Aurora, egli coparve adorno di lumi; che se i lampi, ed i fulmini sono chiamati dall' antichità, Ritus Vestæ, & Vulcani, fra tanti lampi, tuoni, e fulmini d' Eloquenza, chi non istimerà il povero Pianto abbarbagliatto da lampi, affordato da tuoni, e ferito a morte du fulmini? Quindi è, che il Riso nasce sù le labbra, come eloquente; il Pianto all' incontro negli occhi, come mutolo. Or s'egli è vero, che interdum lachrymæ pondera vocis habent, quantunque

## DISCURSO SEGUNDO

*A favor de Heraclito*

PELO PADRE

ANTONIO VIEIRA  
Da Companhia de JESUS.

**E**M seu lugar apparece o Pranto, porque segue, e vem depois do Riso. Se fosse o Riso como Jano, *Qui sua terga videt*, choraria o mesmo Riso. Não desconfia o Pranto, não, da sua causa, inveja só ao Riso a sua fortuna.

Se o Pranto, e o Riso apparecessẽm neste grande theatro no traje da verdade, ( sempre nua ) sem duvida seria a victoria do Pranto. Mas vestido, ornado, e armado de huma taõ superior eloquencia, que o Riso se ria do Pranto, não he merecimento, foy forte. De tudo quanto ri sahio vestido, ornado, e armado o Riso: rimse os prados, e sahio vestido de flores: ri-se a Aurora, e sahio ornadõ de luzes; e se aos relampagos, e rayos chamou a antiguidade *Risus Vestæ, & Vulcani*, entre tantos relampagos, trovoens, e rayos de eloquencia, quem não julgará ao miseravel Pranto cego, attonito, e fulminado?

Tal he a fortuna, ou a natureza destes dous contrarios. Porisso nasce o Riso na bocca, como eloquente; e o Pranto nos olhos, como mudo. Mas se *Interdum lacrymæ pondera vocis habent*; assim mudo,

que piagnente, quantunque mesto, e vestito à bruno come già costumavano i Rei nel Foro, ò nel Senato dell' antica Roma, comparisce oggi il Pianto alla presenza maestosa del real Soglio, ed altri tribunale rettissimo de' suoi eminentissimi Giudici; non presumendo di conseguir vittoria, ò catar plauso, mà solo sperando pietà, e compassione, che non seppero mai negare gli spiriti magnanimi, e generosi a miserabili, e piagnenti.

Entrando dunque nella questione, se il Mondo sia più degno di riso, ò pur di Pianto, ò vero, se chi lo mira hà più ragion di ridere, come ridea Democrito, ò pur di piagnere, come piangea Eraclito; per difendere, psicche già sono in quest' obbligo, le parti del Pianto, confesserò una cosa, e dirò insieme un'altra. Confessò la prima proprietà del Ragionevole essere il Risibile, e dico la maggiore improprietà della ragione essere il Riso. Il Riso è il distintivo del ragionevole, il Pianto è l' uso della ragione. In difesa di questo detto, che hò per evidente, non cerco altra pruova, che il Mondo medesimo, ne minor pruova, che tutto, quanto egli è grande, il Mondo. Chi veramente lo conosce, necessariamente ha de piangere; e chi ride, e non piange, non lo conosce. Che altro è questo Mondo, che una Mappa uniuersale di miserie, di travagli, di pericoli, di disgrazie, di dolori, e di mortalità? E à vista d'un teatro immenso, così tragico, così funesto, ove ogni Regno, ogni Città, ed ogni cosa muta continuamente la scena, ove ogni Sole, che nasce, è una funesta Cometa, ogni giorno, che passa, una fatalità, ogni ora, ogni momento si trae dietro à migliaja le disgrazie, qual Uomo ci avrà mai, se veramente egli è Uomo, che

do , e com lagrimas , assim triste , e vestido de luto ( como costumavaõ os reos no Senado da antiga Roma ) se apresenta hoje o Pranto diante da magestade do Solio Real , e Tribunal rectissimo dos seus Eminentissimos Juizes ; naõ presumindo , que ha de alcançar a victoria , ou applauso , mas esperando a piedade , e commiseraçãõ , que nunca negaõ aos miseraveis , e afflictos , os espiritos generosos , e magnanimos.

Entrando pois na questaõ , se o mundo he mais digno de Riso , ou de Pranto ; e se á vista do mesmo mundo tem mais razãõ quem ri , como ria Democrito , ou quem chora , como chorava Heraclito : eu para defender , como sou obrigado , a parte do Pranto , confessarey huma cousa , e direy outra. Confesso , que a primeira propriedade do racional he o risivel : e digo que a mayor impropriedade da razãõ he o Riso. O Riso he o final do racional , o Pranto he o uso da razãõ.

Para confirmação desta , que julgo evidencia , naõ quero mais prova , que o mesmo mundo , nem menor prova , que o mundo todo. Quem conhece verdadeiramente o mundo , precisamente ha de chorar ; e quem ri , ou naõ chora , naõ o conhece. Que he este mundo , senãõ hum mappa universal de misérias , de trabalhos , de perigos , de desgraças , e de mortes ? E á vista de hum theatro immenso , taõ tragico , taõ funesto , taõ lamentavel , aonde cada Reino , cada Cidade , e cada casa continuamente mudaõ a scena , aonde cada Sol que nasce he hum Cometa , cada dia que passa hum estrago , cada hora , e cada instante mil infortunios : que homem haverá ( se acaso he homem ) que naõ chore ? Se naõ chora , mostra que naõ he ra-

non pianga? Che se ei non piange, fà mostra di non esser ragionevole: se ride, farà creder risibili ancor le Fiere. Or dunque, se Democrito era Uomini Uomo sì grande, e Filosofo così Savio, come poi vedendo non solo questo Mondo, mà altri molti da sè inventati, come poi dico, ridea? Direte per avventura, che non ridea egli alla vista di questo nostro, mà di quegli altri suoi Mondi, e che à gran ragione ei ridea: posciache quegli altri sui Mondi non eran composti d' altra materia, che di Riso. Nulla però di manco egli è certo, che in questo Mondo, e di questo appunto Democrito si ridea. Mà come mai si ridea Dcmocrito, ò potea ridersi del Mondo medesimo, ò delle medesime cose, di cui piangea Eraclito? Or io penso, ò N. N. che Democrito non ridesse, anzi ch'egli, ed Eraclito unitamente piangessero, benchè in differente maniera. Che non ridesse Democrito, lo pruovo: Egli ridea sempre; dunque mai non rideva. Una tal conseguenza sembra difficile, ed è evidente. Il Riso, come insegnano tutti i Filosofi, è parto della novità, e della maraviglia, perciò quando miriamo unà figura ridiculosa, ò pure udiamo alcun detto grazioso, e faceto, ridiamo sul principio; mà dato luogo à quella prima maraviglia, perche cessa la novità, cessa al medesimo tempo il Riso. Quindi, se Democrito ridea delle comuni, e l' ordinarie sciocchezze del Mondo, e perciò uscendo di casa, usciva ridendo; essendo cosa fuori d'ogni controversia, che le comuni, ed ordinarie sciocchezze non potevano cagionargli, nè maraviglia, nè novità; ne siegue in conseguenza, che se rideva sempre, mai non rideva, e che quel che sembrava Riso, in fatti non era Riso. Una tal verità



cional; e feri, mostra que tambem são visiveis as feras.

Mas se Democrito era hum homem tão grande entre os homens, e hum Filosofo tão sabio, e se não só via este mundo, mas tantos mundos, como ria? Poderá dizerse que elle ria, não deste nosso mundo, mas daquelles seus mundos. E com razaõ; porque a matéria de que eraõ compostos os seus mundos imaginados, toda era de riso. He certo porém, que elle ria neste mundo, e que se ria deste mundo. Como pois se ria, ou podia rirse Democrito do mesmo mundo, e das mesmas cousas, que via, e chorava Heraclito? A mim, Senhores, me parece, que Democrito não ria, mas que Democrito, e Heraclito ambos choravaõ, cada hum ao seu modo. Que Democrito não risse, eu o provo.

Democrito ria sempre: logo nunca ria. A consequencia parece difficil, e he evidente. O Riso, como dizem todos os Filosofos, nasce da novidade, e da admiração, e cessando a novidade, ou a admiração, cessa tambem o Riso; e como Democrito se ria dos ordinarios desconcertos do mundo, e o que he ordinario, e se vê sempre, não póde causar admiração, nem novidade; segue-se que nunca ria, rindo sempre, pois não havia materia que lhe motivasse o Riso.

Nem se póde dizer que Democrito se incitava a rir de alguma cousa, que visse, ou encontrasse de novo; porque sempre, e em todo o lugar ria; e quando sahia de casa, já sahia rindo; logo ria do que já sahia; logo ria sem novidade, nem admiração; logo o que nelle parecia Riso, não era Riso.

Confirma-se mais esta verdade com o motivo,  
e in-

*vie più si conferma dalla medesima disposizione, ed intenzione di Democrito: poichè nè si muove, nè può muoversi il Riso in colui, che ride, se la cosa non sia piacevole, ed in fatti piaccia, à chi ride. Or di tutto quel, di cui Democrito si ridea, non solo nulla à lui piaceva, mà più tosto gli dispiaceva ogni cosa: dunque egli non rideva. Mà se egli non rideva, che cosa era mai quel che faceva, che da tutti era chiamato Riso? già lo dissi, ch'era Pianto, e che piangeva Democrito, benchè in altra maniera di quella, in cui piangeva Eraclito. Varie sono le maniere di piangere: si piange con lagrime, si piange senza lagrime, e si piange con Riso ancor. Il piangere con lagrime è segno d'un dolore moderato; il piangere senza lagrime, di dolore più intenso; il piangere con Riso, d'un sommo dolore, ed eccessivo. Delle due prime maniere di piangere con lagrime, e senza lagrime, gran pruova me ne porge quel notabile avvenimento, che conta Erodoto di Psammenito Rè dell'Egitto; (lib.3.) Aveva egli perduto il suo Regno, el primo oggetto degno di Pianto, che si presentasse alle sue Pupille furono le Figliole proprie in abito di Schiave. Le vidde, mà non lagrimò. Se gli offerse poi avanti agli occhi il Prencipe suo primogenito scalzo, e carico da capo à piè di catene: nè tampoco spar-  
 se una lagrima: finalmente vide un giorno andar mendico limosinando un antico Servidore della sua Corte, lo vide appena, che à fiumi sgorgarono le lagrime dagli occhi suoi. Oh gran Re, e grande interprete della Natura! le miserie del Servo le pianse con lagrime, senza lagrime quelle de' propri Figlioli, perche più sensibili di gran lunga. Egli medesimo, il disgraziato Psammenito à Cambise, che di ciò  
 si fa-*

e intenção de Democrito; porque não pôde haver Riso, que se não origine de causa, que agrade: tudo o de que Democrito se ria, não só lhe desagradava muito, mas queria mostrar, que lhe desagradava; logo não se ria; e se não ria, que era o que fazia, a que todos chamavao Riso? Já disse que era Pranto, e que Democrito chorava, mas por outro modo. Ora vede.

Ha chorar com lagrimas, chorar sem lagrimas, e chorar com Riso: chorar com lagrimas he final de dor moderada; chorar sem lagrimas he final de mayor dor; e chorar com riso he final de dor summa, e excessiva.

Para prova da primeira, e segunda differença de chorar com lagrimas, ou sem ellas, he notavel o exemplo, que refere Herodoto de Psamnito Rey do Egypto. Perdendo Psamnito o Reino, vio em primeiro lugar suas filhas vestidas como escravas, e não chorou; vio depois seu filho primogenito descalço, e carregado de ferros com as mãos atadas, e hum freyo na boca, e não chorou; e vendo este mesmo Psamnito, e com o mesmo coração, que hum seu antigo criado pedia esmola, derramou infinitas lagrimas. Oh gande Rey, e grande interprete da natureza! Chora com lagrimas a miséria do criado, e sem lagrimas a desgraça dos filhos; assim respondeo elle á pergunta de Cambises: *Domestica mala graviora sunt, quam ut lacrymas recipiant.*

Com o mesmo pensamento, não menos Regio, nem menos varonil, Hecuba com a Coroa perdida, e a patria abrazada, prohibio as lagrimas as Damas de Troya, dizendolhes assim: *Quid effuso*

*si faceva maraviglia, così rispose: Domestica mala erant majora, quàm ut possem ea defflere. Con lo stesso sentimento non meno reale, non meno virile interdisse Andromaca alle sue Dame lo sparger lagrime sul l'incendio del suo Regno. (in Troad.) Quid effuso genas fletu rigatis? Levia perpessæ fumus, si flenda patimur. Il dolor moderato si scioglie in lagrime; l'eccessivo le asciuga, le congela, le inaridisce. Dolore, che può uscir fuori per gli occhi, non è mai grande; perciò Democrito non lagrimava. E perchè il piangere, o con lagrime, o senza lagrime era piccola dimostrazione del suo dolore; rideva per meglio dichiararne la grandezza, e l'eccesso. Non dico già cosa, che sia contraria a' principii della vera Filosofia, o all'esperienza, Chi non sa, che le cagioni moderate, e l'eccessive producono effetti contrarii? La luce moderata fa vedere, l'eccessiva accieca; il dolore che non sia grande, fa dare in grida; l'eccessivo fa ammutolire. Così la tristezza se sia moderata, fa piangere; la dove se sia eccessiva, può far ridere. L'esempio l'abbiamo manifesto nel suo contrario. L'allegrezza eccessiva fa piangere, e cava per gli occhi le lagrime non solo à chi è di cuor tenero, e molle, mà à chi hà cuor forte, e magnanimo. Quando Minuzio già libero dalla schiavitù presentossi al Romano suo esercito: Ita lætitia castra tota effusa sunt, dice Plutarco, ut præ gaudium militibus lacrymæ manarent. Or se il Pianto ci spiega talora l'eccessiva allegrezza, perchè non potrà il Riso spiegarci altresì l'eccessiva tristezza? L'Ironia una cosa dice, mà significa la contraria: Il Riso di Democrito era una Ironia del Pianto: rideva mà ironicamente, perchè il suo Riso nasceva dalla tristezza, e significava allegrezza; era-*

*so genas fletu rigatis ? Levia perpessæ , si flenda patimur.* ( Senec. in Trag.)

A dor , que he moderada solta as lagrimas , a que he grande as enxuga , as congela , e as seca. Dor , que pode fahir pelos olhos , não he grande dor ; por isso não chorava Democrito ; e como era pequena demonstração da sua dor não só chorar com lagrimas , mas ainda sem ellas , para declarar-se com o final mayor , sempre se ria.

Nada digo , que seja contrario aos principios da verdadeira Filosofia , e da experiencia. A mesma causa , quando he moderada , e quando he excessiva , produz effeitos contrarios : a luz moderada faz ver , a excessiva faz cegar ; a dor , que não he excessiva , rompe em vozes , a que he excessiva emmudece.

Destá forte a tristeza , se he moderada , faz chorar ; se he excessiva , póde fazer rir ; no seu contrario temos o exemplo : a alegria excessiva faz chorar , e não só destilla as lagrimas dos coraçoes delicados , e brandos , mas ainda dos fortes , e duros.

Quando Minucio livre do cativeiro appareceo ao seu exercito , que era o Romano : *Ita lætitiã tota castra effusa sunt ut præ gaudio militibus omnibus lacrymæ manarent* , diz Plutarc. in Fab.

Pois se a excessiva alegria he causa do Pranto , a excessiva tristeza porque não será causa do Riso ? A ironia tem contraria significação do que soa : o Riso de Democrito era ironia do Pranto ; ria , mas ironicamente , porque o seu Riso era nascido de tristeza , e tambem significava alegria , eraõ lagrimas transformadas em Riso por metamorphosis da dor ; era Riso ,

*nò alcune lagrime transformate in Riso per metamorfosi di dolore; era un Riso piangente, come quello di cui parlò Statio, (Stat.) Lacrymosos impia risus audisti. Molti Soldati muojono in Guerra ridendo; la ragione la dà il Filosofo, perche ricevono le ferite nel diaframma, musculo trà il cuore, e'l pulmone. Non rideva Democrito, come contento, e pago, ridea ben come ferito; riteneva nel petto tutte le piaghe del Mondo, onde ferito tanto sul vivo rideva. Solo pare, che di una tal Filosofia possono querelarsene gli occhi mà per mio avviso senza ragione. Imperciocche il Pianto vien così detto dal battimento, che fanno per cagion di dolore le mani, sicche gli occhi non sono poi necessari, se si rifletta alla proprietà del parlare. Non sarebbe stata provida la natura, se avendo formate tante parti per lo dolore, una poi ne avesse lasciata allo sfogo; mà se il piangere si dava alle mani, perche non ancora alle labbra? Eraclito piangeva cogli occhi: colle labbra Democrito: il Pianto degli occhi è più tenero, quel delle labbra più mordace. Di maniera, che non solo Eraclito, mà Democrito ancor piangeva, benchè il Pianto del primo era più naturale, il Pianto del secondo più esquisito, e maraviglioso. Tanto merita per esser degnamente Pianto il Mondo: non basta il Pianto degli occhi, è necessario, che le labbra ancora si struggano in un nuovo Pianto.*

*Mà via, poiche un tal discorso par che gitti à terra il proposto Problema, per non allontanarmi dalla commune opinione, per fuggire, come spesso accade, la difficoltà; sia pur il Riso di Democrito vero, e proprio Riso. Comparisca l'uno, e l'altro in giudizio, perche dall' opposto d'entrambi meglio si veggia la ragione di ciascuno: E ben io mi confido nel merito della*

mas com lagrimas, como aquelle de quem disse Estacio:

*Lacrymosos impia risus audisti.*

Na guerra morrem muitos soldados riado, e a razão he, diz Aristoteles, porque são feridos no diafragma: não ria Democrito, como contente, ria como ferido; recebia dentro do peito todos os golpes do mundo, e tão mal ferido ria.

Os olhos com injustiça se poderão queixar desta minha filosofia: o Pranto chamava-se assim, porque se batiaõ as mãos huma com a outra, quando se chorava; porque para chorar não são precisos os olhos, e não feria próvida a natureza, se havendo sido a origem de tantos pezarés, lhes desse hum só desafogo; e se choraõ as mãos, a boca porque não ha de chorar? Heraclito chorava com os olhos, Democrito chorava com a boca; o Pranto dos olhos he mais fino, o da boca he mais mordaz; e este era o Pranto de Democrito. De sorte, que na minha consideração, não só Heraclito, mas Democrito chorava, só com a differença, de que o Pranto de Heraclito era mais natural, o Pranto de Democrito mais exquisito: e tudo merece este mundo, digno de novos, e exquisitos prantos, para ser bastantemente chorado.

Mas porque esta minha supposição me separa do Problema, e póde parecer, como muitas vezes succede, me aparte da opinião commua para fugir da difficuldade: seja embora o Riso de Democrito verdadeiro, e proprio Riso, appareçaõ em juizo hum, e outro Filosofo, para que ouvidos ambos, se veja claramente a razão de cada hum, e confio do mere-

*causa, che la giusta sentenza sarà tale, che debbano da questo Tribunale partirsi Democrito piangendo; e ridendo Eraclito. Seneca nel suo libro de Tranquillitate, parlando di questi due Filosofi, assegna la ragione del Riso dell'uno, e del Pianto dell'altro. Hic quoties, dice Eraclito, in publicum processerat, flebat; ille dice di Democrito, ridebat: Huic omnia, quæ agimus, miserix; ille ineptix videbantur. Si che il perche rideffe Democrito, era il sembrargli tutte le cose umane inezzie, e scioccherie: al contrario; il perche Eraclito piangesse, era il giudicar, che faceva, che tutte le umane cose fossero miserie. Ciò supposto; più ragione aveva di piangere Eraclito, che non di ridere Democrito; conciosia che trovansi in questo Mondo delle molte miserie, che non sono scioccherie; però non troverassi sciocchezza alcuna, che non sia miseria. Le miserie, ed i travagli, che tollerano gli Uomini, ò per necessità della natura, ò per rimedio della Fortuna, ò per sostentamento della vita, ò per conservazione dello stato publico, ò privato che sia, non sono già inezzie, e scioccherie, sono ben miserie, perche il più delle volte vengono dalla Provvidenza per necessità, per convenienza, e per decoro; al contrario però le inezzie, e le scioccherie, che nel Mondo succedono, ò che si facciano, ò che si dicano, ò che si pensino, non tutte miserie; perche succedono, ò per abbaglio d'intendimento, ò per disordine della volontà; e un simile abbaglio, disordine non solo sono miserie, ma le maggiori miserie dell'Uomo, perche sono direttamente contrarii alla luce, ed all'imperio della ragione, in cui unicamente consiste tutta la nobiltà, e felicità dell'Uomo. Le altre miserie affliggono l'Uomo, questo lo fanno vera-*

*mente*



cimento da causa, que será tão justa a sentença, que Democrito saya chorando, e Heraclito rindo. Seneca no livro *de Tranquillitate*, fallando destes dous Filozofos, dá a razão, porque sempre ria hum, e chorava outro, com estas judiciosas palavras: *Hic, quoties in publicum processerat, flebat, ille ridebat: huic omnia, quæ agimus, miseriæ, illi ineptiæ videbantur.*

Democrito ria, porque as cousas humanas lhe pareciaõ ignorancias; Heraclito chorava, porque todas lhe pareciaõ miserias: logo mayor razão tinha Heraclito de chorar, que Democrito de rir; porque neste mundo há muitas miserias, e não ha ignorancia, que não seja miseria.

As miserias, e os trabalhos, que padecem os mortaes, ou por obrigação da natureza, ou por remedio da fortuna; ou por sustento da vida, ou por conservação do estado particular, e publico, são miserias, mas não são ignorancias, porque as governa a prudencia, por necessidade, por conveniencia, por honra, e por decoro.

Pelo contrario todas as ignorancias, que se commettem no mundo, as que se fazem, as que se dizem, as que se cuidaõ, todas são miserias; porque se commettem, ou por erro do entendimento, ou por desordem da vontade; e este erro, e esta desordem, não só he miseria, mas a mayor miseria; porque directamente se oppoem á luz, e ao imperio da razão, na qual consiste toda a nobreza, e felicidade do homem.

Aquellas miserias causaõ ao homem excessivas dores, e trabalhos, estas o fazem verdadeiramente miseravel, e infelice; e supposto que humas, e outras

mente misero, ed infelice. E quantunque degne siano di esser piante l' une, e l' altre miserie; le lagrime però che si spargono sù le miserie, che insieme sono stoltezzie, sono lagrime di condizione assai più vile, che non quelle, che si spargono sù l'altre miserie; perchè quelle son vergognose, e queste no. Una tal distinzione lo specchio colla sottigliezza del suo ingegno Ovidio nel Pianto di Penteo: (Metam. 3.) *Esse minus crimine, forsque querenda, non celanda foret, lacrymaque pudore carerent.* Or poichè non tutte le miserie sono sciocchezze, mà tutte le sciocchezze sono miserie, anzi le miserie maggiori; maggior materia assai, e maggior ragione aveva di Piangere Eracclito, che non Democrito da ridere. Ho detto male. Tutta la materia era solo del Pianto di Eracclio, e Democrito non aveva materia alcuna di Riso; perchè abbondante materia di Pianto erano al primo tutte le umane miserie, là dove per lo secondo la materia di ridere era una parte sola delle miserie medesimo; e poichè tutte le materie son materie di dolore, e nessun dolore può esser materia di Riso, non aveva Democrito ragione alcuna per lo suo Riso. Mi risponderà per avventura un Metafisico, che ben distinguea Democrito nelle sciocchezze quel ch'è sciocchezza da quel ch'è miseria, e che ridevasi di quelle non già come miserie, mà sol come sciocchezze. Una tal distinzione però, oltre che è inlegna d'un Filosofo morale, è falsa ancora, ed impossibile, perchè contraria alla natura, ed all' essenza dell'oggetto del Riso. L'oggetto del Riso giusta la definizione del Filosofo est turpe sine dolore: che è quanto dire, l'oggetto del Riso deve essere una tal deformità, che esclude ogni genere di motivo, e di materia di dolore. Or per-  
che

tras sejam dignas de lagrimas, as lagrimas da ignorancia são lagrimas de peyor cor; estas fazem córar o rosto, aquellas não. Foy esta distincão achada com alta filosofia pelo engenho de Ovidio nas lagrimas de Penteo. (Met. lib. 3.)

*Essemus miseri sine crimine, forsque querenda,  
Non celanda foret: lacrymeque pudore carerent.*

E como nem todas as miserias são ignorancias, e todas as ignorancias são miserias, e as mayores miserias, muito mayor materia, e muito mayor razão tinha Heraclito de chorar, que Democrito de rir; antes digo, que só Heraclito tinha toda a razão, e Democrito nenhuma. Todas as misérias humanas eraõ o assumpto de Heraclito, e o de Democrito só huma parte dellas; e como toda a miséria he causa da dor, e nenhuma dor póde ser causa do Riso, o Riso de Democrito não tinha causa, nem motivo algum, que o justificasse:

Pode ser que me responda algum Metafisico, que Democrito distinguia nas ignorancias, aquillo que he ignorancia, daquillo que he miséria; e que se ria das miserias, não como miserias, mas como ignorancias. Porém esta distincão de mais de ser indigna de hum Filosofo moral, he falsa, e impossivel, por ser contra a natureza, e essencia do Riso. O ridiculo, ou objecto do Riso, como define Aristoteles: *Est turpe sine dolore*: He huma tal deformidade; que exclue todo o motivo de dor; e como a ignorancia precisamente está sempre unida com o motivo da dor, que he a miséria, por isso nem he, nem póde ser materia do Riso.

Esta

che la sciocchezza stà sempre necessariamente unita al motivo del dolore, che è la miseria: per questo appunto, nè è, nè può esser materia di Riso. Questa è la vera, e soda ragione, per cui à giudizio di tutti i Filosofi fù inventata la Commedia. Conobbero i Savii delle Republiche, che per isfogo, ed allegria de' Popoli era pur necessaria qualche materia di Riso, e perche questo non potea cadere sopra deformità, o vizio vero, per la connatural connessione, che tiene col dolore, che fecero perciò eglino? Inventarono saggiamente la finzione delle Commedie, perche il ridicolo, e deforme della imitazione fosse diviso, e separato dal dolore, perche diviso, e separato dal vero. Un Zoppo con un piè di legno, una Vecchia decrepita tremante, un povero Storpio, e pieno di piaghe, un Cieco, un Farnetico, un Insensato nella scena fan ridere; e perche mai? Perche tutti questi difetti sono finti, che se veri fossero, certamente sarebbero materia di compassione, anzi che di Riso. Or posciache i difetti, e i vizii, de' quali Democrito si rideva, erano veri difetti, e veri vizii, nõ aveva il di lui Riso motivo, ò materia alcuna. Adunque se il di lui Riso nõ avevq alcuna materia, come ridea? Ridea per abuso intolerabile della materia contraria, fondando il Riso sopra la materia del Pianto: ridea delle veri miserie, che val quanto dire, si rideva della materia del dolore. Barbarà Filosofia, contraria, ad ogni ragione, praticata nella Scuola dell'Invidia unicamente, della quale disse il Poeta: Ritus abest, nisi quem veri movere dolores. Or se il fine d'amendue filosofanti, era (come eralo di fatti) il manifestare agli Uomini lo sconcerto del loro stato, persuadendo loro l'errore de' lor giudizi, lo sconcerto de' lor desiderii, e la vanità delle lor fatiche; anche in ordine ad un tal fine, mi-  
glior

Esta he a verdadeira, e solida razão, porque no juizo de todos os Filozofos se inventou a Comedia. Viraõ os Sabios das Republicas, que para defafogo, divertimento, e alegria dos póvos, era necessaria alguma materia de Riso: e porque o Riso não podia nascer da deformidade, ou vicio verdadeiro, pela uniaõ natural, que tem com a dor; que fizeraõ? Inventaraõ sabiamente as ficçoens da Comedia, para que o ridiculo da imitaçaõ, como supposto, e não verdadeiro, ficasse separado da dor. Hum aleijado com hum pé de páo, huma velha decrepita, e tremula, hum pobre remendado, e enfermo, hum cego, e hum insensato no theatro fazem rir; e porque? Porque aquelles defeitos são suppostos, e não verdadeiros; que se fossem verdadeiros, seriaõ motivo de commiseraçaõ, e não de Riso; e como os defeitos, e vicios de que ria Democrito, eraõ verdadeiros defeitos, e verdadeiros vicios, não tinha o seu Riso algum motivo; mas se não tinha motivo, como ria? Ria-se por abuso intoleravel do motivo opposto, collocando o Riso sobre o motivo do Pranto; ria-se das verdadeiras miserias, e do verdadeiro motivo da dor: filosofia inhumana, e contraria a toda a razão, praticada unicamente na escola da inveja, da qual diz o Poeta, (Metam.)

*Risus abest, nisi quem visi movere dolores.*

E se o fim destes dous Filozofos (como verdadeiramente era) foy manifestar ao mundo o desconcerto do seu estado, e persuadir aos homens o erro dos seus desejos, e a vaidade das suas fadigas; tambem para este fim tinha muito mayor razão Heraclito de chorar, que Democrito de rir.

A primeira introducçaõ, e disposiçaõ de quem

glier ragione di piangere aveva Eraclito, che Democrito di ridere. La Prima regola di chi vuol persuadere, insegnata, e praticata di tutti gli Oratori, è il cattarsi la benivolenza degli Uditori; questa ben se la conciliava col Pianto Eraclito, e non col Riso Democrito; perche chi piange, compatisce; chi si ride burlando, muove à sdegno quei, che lo mirano. La compassione si guadagna l'amore; dallo sdegno proviene odio, e abborrimento: chi si ride burlando, esaspera; chi piange, intenerisce; chi vuole imprimere li suoi affetti, e la dottrina nè cuori, deve rendergli molli, non già indurirgli. L' Agricoltore affin di ricogliere il frutto, adacqua le Piante: lo Stampatore affin d'imprimere i suoi caratteri, bagna le carte: così deve far colle lagrime, chi vuole imprimere i suoi affetti, e raccorre il frutto delle sue persuasive. Ulisse in quella sua tanto rinomata Orazione contro di Ajace nella contesa per le armi di Achille, potendosi fidar tanto della sua eloquenza, adornò tuttavia con lagrime il suo Proemio: e perche non gli nascean vere sugli occhi, le fisse: *Manuque simul veluti lacrymantia terfit lumina*: non altramente far doveva Democrito, quantunque convenuto li fusse l'operare contro il suo genio burlesco; doveva valerli della bocca non per ridere, ma per bagnarsi gli occhi colla saliva. Così lo consiglia col suo naturale acume quel Gran Maestro, che professò in Roma l'arte di conciliare l'amore, e di muovere i cuori.

Si lacrimæ (neque enim veniunt in tempore semper)

Deficient, unctâ lumina terge manu.

Dunque per quel, che s'appartiene alla forza, ed efficacia del persuadere, meglio assai perorava Eraclito piangendo, che ridendo Democrito; posciache ci ride  
dim

quer persuadir, ensinada, e usada de todos os Ora-  
dores, he conciliar a benevolencia do theatro; esta  
conciliava Heraclito, e não Democrito; porque  
quem chora, lastima; quem ri, despreza; e a compai-  
xaõ concilia amor, o desejo odio, e aborrecimento:  
quem ri, exaspera; quem chora, enternece; e quem  
quer imprimir os seus affectos, e a sua doutrina nos  
coraçõens, não deve endurecellos, deve abrandallos,  
O agricultor para colher os frutos, rega as plantas;  
o impressor para imprimir as letras, molha o papel;  
e assim o deve fazer com as lagrimas, quem quer im-  
primir os seus affectos, e colher o fruto das suas per-  
suasõens.

Ulysses naquella sua famosa Oraçaõ contra Aya-  
ce na contenda das armas de Aquilles, podendo fiar-  
se tanto da sua copiosa eloquencia, adornou o seu  
exordio com lagrimas; e porque não as tinha verda-  
deiras, chorava-as fingidas. (Metam. lib. 13.)

*Manuque simul veluti lacrymantia ter sit  
Lumina.*

Não de outra sorte devia fazer Democrito, ainda  
que fosse contra o jocosõ do seu genio. Devia apro-  
veitar-se da boca, não para rir, mas para humedecer  
os olhos, e fingir as lagrimas; assim o ensina com a sua  
natural agudeza aquelle Mestre, que professou em  
Roma a arte de conciliar o amor, e de abrandar os  
coraçõens:

*Si lacrymæ (neque enim veniunt in tempore semper)  
Deficiant, uncta lumina tinge manu.*

Quanto à força, e efficacia de persuadir, muito  
mais fortemente apertava, e persuadia Heraclito  
chorando, que Democrito rindo; porque quem ri, at-

diminuisce il male, e lo fa comparir più leggiero: chi piange l'incrudelisce, e l'aggrava. Chi ride, mostra, che le cose sieno da burla; Chi piange, pruova, che son degne di gemiti, e di lamenti: chi ride per esempio, ò per simpatia, muove à ridere: chi piange per esempio, ò per ragione, insegna à piangere; perche se i mali miei son tali, che muovono à continue lagrime gli altri, molto più debbo piangerli io, che li patisco. Finalmente Democrito rideva sempre, ed Eraclito sempre piangeva; e questo sempre stesso, è à favore di Eraclito, e contro à Democrito. E' à favore di Eraclito, perche l'essere il di lui Pianto continuo, lo rende più efficace: e contro à Democrito, perche l'esser continuo il suo Riso, lo rende ridicolo. Non è mia questa censura, nè tampoco è nuova; anzi è un Apotegma antichissimo di Plutarco: il Riso, dicea questo filosofo, se è poco, e tollerabile, se è molto recanoja. Cicerone, come si vede nelle sue Orazioni, spesso rispondeva, burlandosi col Riso agli argomenti della parte contraria; soluzione molto facile, quando l'argomento è molto difficile: mà qual' elogio guadagnossi M. Tullio con questo suo ridere? Plutarco lo riferisce. Essendo egli Console, e defendendo Murena, burloffi molto col suo solito Riso della Setta degli Stoici, mà udissi dire in publico Senato dalla bocca di Catone: Dii boni, quàm ridiculum Consulem habemus! Della maniera medesima, anzi con molta maggior ragione, Democrito, perche sempre rideva, si facea ridicolo: e burlandosi col Riso del giudizio degli altri, veniva insieme à burlarsi del suo proprio giudizio. I Fanciulli ridono facilmente, i Pazzi ridone sempre, perche ciò? lo dice Aristotile, i Fanciulli han poco giudizio, per questo ridono facilmente; i Pazzi, perche ne son del



ténua, e alivia os males; quem chora, os accrescenta, e faz mais sensiveis, e pezados: quem ri, mostra que são dignos de zombaria; quem chora, prova que são dignos de lastima: quem ri por exemplo, e por sympathya, move a rir; quem chora por exemplo, e com razão, ensina a chorar; porque se os meus males são taes, que movem a continuas lagrimas aos outros, quanto mais os devo eu chorar, pois os padeço?

Finalmente Democrito ria sempre, e Heraclito sempre chorava; e este *sempre* tambem era por parte de Heraclito, e contra Democrito: por parte de Heraclito; porque ser o seu pranto continuo o fazia mais efficaz: contra Democrito; porque ser o seu Riso continuo o fazia ridiculo. Não he minha a censura, nem he nova, mas apotegma antiquissimo do Filosofo Plistarco (Bruson. lib. 5.) O Riso, dizia elle, se he pouco, passa; se he muito, offende. Cicero, como se vê nas suas Oraçoens, respondia muitas vezes rindo aos argumentos da parte contraria; que he solução muito facil, quando os argumentos são difficeis; mas que louvores deraõ a Cicero deste seu Riso? Disse-o Plutarco. Sendo Cicero Consul, e defendendo Murena, rio muito, como costumava, da doutrina dos Estoicos, e não podendo soffrello Catao, lhe disse publicamente: *Dii boni, quàm ridiculum habemus Consulem!* Com muita mais causa Democrito, porque ria sempre, se fazia ridiculo, e zombando do juizo dos outros expunha o seu á zombaria.

Os meninos rimse muito facilmente, e os doutos sempre se rim: e diz Aristoteles, que os meninos se rim, porque tem pouco fizo, e os loucos, porque

del tutto privi, ridono sempre. Io per me credo, che in questo non fò grande aggravio à Democrito, imperciò che un Uomo, che in un Mondo vedea molti Mondi, egli è certo contrasegno, che avea le specie turbate, e guasta la fantasia: ed un simil Riso à che potea muovere? All'opposto il Pianto di Eraclito con esser continuo, diveniva piú forte, e per muovere, piú efficace: Lacryma cito ficcatur, præsertim in alienis malis, dice M. Tullio. Essendo dunque il Pianto d' Eraclito per gl' altrui mali, ne mai seccandosi le sue lagrime, qual cuore si troverebbe sì duro, ed ostinato, che non s'intenerisse, e desse vinto ad un simil pianto? Erano le lagrime di Eraclito quell' acqua, che perennemente stillando à goccia, dolcemente sì, mà con efficacia ammolliva à poco à poco i marmi fino a spezzarli; mà che dico i marmi? Lacrymis adamantamovebis, disse con enfasi Ovidio. Le lagrime, come chiamolle il miglior Filosofo della Grecia, sono sangue dell' Anima, e questo, e non quell' altro favoloso è quel sangue, che spezza i diamanti. Il cuore piú diamantino, (come tante volte querelossene Agamemnone) fù quel di Achille: Ciò nulla ostante, si fidava tanto nelle sue lagrime Briseide, che vantandosi dicea, che senza far parola, con le sole sue lagrime (come appunto faceva Eraclito) lo frangerebbe, lo farebbe in minuzzolli, ed in polvere lo ridurrebbe: così ella medesima allo stesso Achille nella lettera, che à lui scrisse:

Sis licet immitis, marisque ferocior undis,

Ut taceam: lacrymis comminuere meis.

Tale era l' efficacia invincibile del Pianto di Eraclito. e tale la debolezza del Riso di Democrito. Con tutti il detto fin qui, non pretendo già io, che in questa cau-

que de todo o não tem; e eu creyo verdadeiramente, que não faço grande offensa a Democrito; porque hum homem, que de hum mundo via muitos mundos, era final que tinha perturbadas as especies, e enferma a fantasia; e quem se havia de mover a hum tal Riso?

Não assim o pranto de Heraclito, que por ser continuo, se fazia mais forte, e efficaz: *Lacryma citò siccatur, præsertim in alienis malis*, diz Tullio. (Partit. 31.) E sendo o pranto de Heraclito pelos males alheyos, sem que nunca se seccassem as suas lagrimas; que coração haveria tão duro, e obstinado, que se não abrandasse, e rendesse a hum tal pranto? Eraõ as lagrimas de Heraclito, como a agua, que cahindo pouco a pouco, vay limando suavemente os marmores, e em fim os rompe. Não digo eu sómente os marmores;

*Lacrymis adamantina movebis,*

diz atrevida, mas verdadeiramente Ovidio. As lagrimas; como lhê chamou o melhor Filosofo de Grecia, são o sangue da alma; e este (não o outro fabuloso) he o que lavra os diamantes. O coração mais diamantino, como tantas vezes se queixava Agamenon, foy o de Aquilles; e com tudo confiava, e presumia Briscidi, que sem dizer huma só palavra (como fazia Heraclito) com as suas lagrimas sómente o despedaçaria, e o desfaria em pó; assim o diz ella na discreta Carta escrita ao mesmo Aquilles. (Ovid in Ep. Briscil. ad Achil.)

*Sis licet immitis, marisque ferocior undis,*

*Ut taceam lacrymis comminuere meis.*

era a efficacia invencivel do pranto de Heraclito e tal a debilidade ridicula do Riso de Democrito,

Não quero com tudo, que seja minha a sentença

sa disputata trà questi due Filosofi, da me si aspetti il pronunciar la sentenza: la pronunzii un altro Filosofo nell'autorità eguale ad entrambi. Il Gran Filosofo Dione, ( come riferisce Stobeo ) parlando del Pianto, e del Riso così conchiude: Mihi sanè facies magis videtur ornari lacrymis, quàm risu: lacrymis enim ut plurimum bona aliqua conjungitur, risui verò lascivia: & flendo quidem nemo sibi conciliavit Authorem contumeliæ, ridendo autem spem dedecori auxit. Già vedete sù questa causa data la sentenza, per tanto lasciando affogato il Riso di Democrito nel Pianto di Eraclito, ripiglio, per conchiudere il discorso, il mio primo argomento, ch'è la pruova universale, che offer si di tutto il Mondo. Che speranza, ò che luogo ritrovar può in questo Mondo il Riso, se tutto il Mondo piange, ed insegna piangere? Piangono gli Uomini, come ragionevoli, e sensitivi, e tutte le altre cose, come che senza ragione, e senza sentimento piangono ancora. Queste sono le lagrime, che il Prencipe de' Poeti chiamò profondamente lagrime delle cose: Sunt lacrymæ rerum, & mentem mortalia tangunt. Non istamo le lagrime solamente negli occhi, che veggono le cose, stanno altresì nelle cose medeme, che si veggono; negli occhi vi è il Fonte, nelle cose il Ruscello: in quegli nascon le lagrime, per queste scorrono: e se le cose medesime, non veggono, piangono anch' esse, quanto maggiormente pianger deve l' Uomo, che quelle vede, e se stesso? Non cerco io mica testimoni di questa verità gl'infelici, mà i più felici del Mondo: chi vive in esso tanto beatificato, ò beneficato dalla Fortuna, che possa vantarsi di non piangere? Coloro medessimi, che nel di fuori più ridono, piangono più nel di dentro. Era anticamente in Roma

ça entre estes dous Filósofos , seja de outro Filósofo, que os iguale em authoridade , e sciencia. O grande Filósofo Dion , como refere Estobeo , fallando do Pranto , e do Riso , conclue assim : (Serm. 72.) *Mihi sanè facies magis videtur ornari lacrymis , quam risu : lacrymis enim ut plurimum bona aliqua doctrina conjungitur ; risui verò lascivia , & flendo quidem nemo sibi conciliavit auctorem contumeliæ , ridendo autem spem decoris auxit.* Esta he a sentença.

Mas deixando já o Riso de Democrito affogado no Pranto de Heraclito , para acabar o meu primeiro argumento , busco outra vez a prova universal do mundo. Que esperança , que lugar póde ter neste mundo o Riso , se todo o mundo chora , e enfina a chorar ? Choraõ os homens como racionaes , e sensitivos , e ainda as coufas sem razaõ , e sem sentido choraõ ; estas saõ as lagrimas , que o Principe dos Poetas chamou profundamente lagrimas de todas as coufas. (*Æneid. I.*)

*Sunt lacrymæ rerum , & mentem mortalia tãgunt.*

Naõ residem as lagrimas só nos olhos , que vem os objectos , mas nos mesmos objectos , que saõ vistos ; alli está a fonte , aqui está o rio ; alli nascem as lagrimas , aqui correm ; e se as mesmas coufas , que naõ vem , choraõ , quanto mais razaõ tem o homem que vê , e se vê ? Naõ quero o testemunho dos miseraveis , naõ , só quero o dos mais ditosos.

Quem ha neste mundo taõ favorecido , ou taõ divinizado pela sua fortuna , que possa presumir de naõ ter que chorar ? Aquelles mesmos , que mais se rim por fóra , mais choraõ por dentro. Aqui tinhamos antigamente em Roma hum Cortezaõ chama-

*un Cortigiano , che continuamente piangeva non tanto per gli suoi mali , quanto per gli beni altrui ; chiamavasi questo Eronte , di cui parlando Marziale , dice così :*

Quàm multi faciunt , quod Eros , sed lumine sicco!

Pars maior lacrymas ridet , & intùs habet.

*Or se si vedesse quell' intùs ! Sono le lagrime , come le acque del Fiume Alfeo , egli per alcune Campagne corre à vista di ogn'uno , per altre corre occulto , e sotterra , mà sempre corre. Le lagrime plebee si veggono , le lagrime Nobili , Senatorie , e Consolari sono invisibili ; mà son lagrime delle lagrime , che si sparsero in questa. Città di Roma per la morte di Germanico , dice Tacito , Periisse Germanicum , Aulici jactantius mærent , quàm qui maximè lætantur. Il contrario è più commune , e più vero , Qui lætantur , maximè mœrent. Mà anche quando , nè al di fuori , nè al di dentro alcuno piangesse ; quando tutto il Mondo , e tutti gli Uomini del Mondo ridessero , allora il Mondo , e tutti gli Uomini sarebbero più degni di lagrime , di Pianto : Quid enim miserius misero , non miserante se ipsum ?*

*E se tutto il detto , ò N.N. non basta , perche la causa del Pianto abbia meritati à suo favore i suoi suffragii , in nome del medesimo pianto appellerò io dalla vostra sentenza a quel giustissimo Tribunale , a cui appellò Apelle : vinto egli in un gran concorso di Dipintori , Appello , disse , ad Tribunal Naturæ : E perche gli Animali vivi s'ingannavano cogli Animali dipinti da Apelle , i Passeri colle frutta , fece la Natura ad Apelle quelle Giustizia , che gli Uomini negata li avevano. Ancor io , se in questa causa non hà vinto il Pianto , dalla vostra sentenza appello ad Tribunal*

Natu-

do Héros , o qual chorava sempre , não tanto os males proprios , quanto os bens alheyos , e diz assim Marcial :

*Quàm multi faciunt , quod Heros , sed lumine sicco!  
Pars maior lacrymas ridet , & intus habet.*

Oh se este *intus* se visse ! São as lagrimas como as aguas do rio Alfêo ; este rio humas vezes caminha descoberto , outras se occulta por debaixo da terra , mas sempre corre : as lagrimas plebeyas deixo-se ver ; as lagrimas Equestres, Senatorias, e Consulares são invisiveis, mas lagrimas. Das lagrimas, que se derramáraõ nas exequias de Germanico , dizia Tacito : (Annal.lib.) *Periisse Germanicum nulli jaçantius mærent , quàm qui maximè letantur.* O contrario he mais commum , e mais verdadeiro : *Qui jaçantius letantur , maximè mærent.* Mas quando ninguém chorasse , nem por fóra , nem por dentro ; quando este mundo , e todos os homens rissem , então todo o mundo , e todos os homens seriaõ inais dignos de commiseração , e de lagrimas : *Quid enim miserius misero , non miserente seipsam ?*

E se tudo isto não basta , Senhores , para que a causa do Pranto tenha merecido a seu favor os vossos votos , em nome do mesmo Pranto appellarey eu da sentença para aquelle justissimo tribunal , para quem appellou Appelles. Vencido Apelles em hum concurso de Pintores , *Appello* ( disse ) *ad tribunal naturæ.* E porque os animaes vivos se enganavaõ com os que elle havia pintado , e as aves com os frutos , a natureza fez a Apelles a justiça , que lhe tinhaõ negado os homens : assim o faço eu , se não venceo o Pranto , *Appello ad tribunal naturæ.* Seja

Naturæ. *Siami Interprete il più grande Storico della medesima Natura Plinio: ( in Præf. i. 7. ) Flens Animal cæteris imperaturum à suppliciis vitam auspicatur, unam tantum ob culpam, quia natus est. Nasce l' Uomo, dice Plinio, piangendo, e senz'altra colpa, che l'esser natto, resta condannato à perpetuo Pianto, comincia nell' Uomo nel punto stesso la vita, e'l Pianto, acchioche chi entra in questo Mondo sappia, che viene à piangere. Il di più l' apprenderà di poi, perche è dottrina: il Pianto nasce già appreso, perche è natura: Non aliud est Naturæ spontè, quam flere; questa è la sentenza irrefragabile della Natura, e questa è la natura dell' Uomo: risibile sì, ma nato per piangere; perche se la prima proprietà del ragionevole è la potenza di ridere: l' esercizio proprio del medesimo, e l' uso della ragione è il Piangere. Che se alcuno mi opponga, che se l' Uomo non ridesse, rimarrebbe oziosa la potenza di ridere contro al fine della Natura; a questa istanza non posso risponderli solamenti, come Filosofo naturale, ( come in tutto il discorso fin' ora hò fatto ) risponderogli ben come Filosofo Cristiano. Domando, se l' Uomo non avesse perduta per la disobbedienza al divino precetto la felicità, in cui fù creato, piangerebbe, ò nò? E' certo, che conservandosi gli Uomini in quello stato, non avrebbero ma i Pianto, e che le lagrime, che oggi giorno si spargono, non si farebbero all' ora sparse; Dunque se nella felicità di quel Tempo senza mancare al fine della Natura, farebbe rimasa oziosa la potenza del piangere; nella miserie di questo tempo rimanga, senza opporsi à questo fine medesimo, oziosa la potenza del ridere. Hò detto.*



meu interprete o Historiador da mesma natureza. *Flens animal cæteris imperaturum à suppliciis vitam auspicatur, unam tantum ob culpam, quia natus est.* Nasce o homem, diz Plinio (in Præf. lib. 7.) já chorando, e sem outra culpa mais que haver nascido, fica condemnado a perpetuo Pranto; começa a vida, e o Pranto juntamente; para que saiba, que se vem a este mundo, vem para chorar. O mais aprenderá depois, porque he arte; para o Pranto nasce já ensinado, porque he a natureza: *Non aliud naturæ sponte, quam flere.* Esta he a sentença irrefragavel da natureza, e esta a natureza dos mortaes: he o homem risivel, mas nascido para chorar; porque se a primeira propriedade do racional he o risivel, o exercicio proprio do mesmo racional, e o uso da razão he o Pranto.

E se alguem me replicar, que se o homem não risse, ficaria ociosa a potencia do rir contra o fim da mesma natureza; a huma instancia tão forte não posso responder só como Filosofo natural, (como observey em todo este discurso) mas responderey como Filosofo christão. Respondo, e pergunto: Se o homem pela transgressão não tivesse perdida a felicidade, em que foy creado, choraria, ou não? He certo, que chorariaõ os homens, se fossem conservados naquelle estado, e as lagrimas, que agora ha, não as haveria então: logo se na felicidade daquelle tempo estaria ociosa a potencia do chorar, na miseria deste tempo esteja ociosa a potencia do rir. Disse.

# O R A Ç A Õ

*Recitada na Academia dos Anonymos de Lisboa em  
6 de Fevereiro de 1718, applaudindo a memoria  
do dia 6 de Fevereiro de 1608, em que nasceu o  
P. Antonio Vieira.*

Por JOSEPH DO CÔUTO PESTANA:

**H**Oje, ó Lisboa, hoje vês gloriosamente continuados, e excedidos aquelles dias na Antiguidade celebres pelos nascimentos de Varoens doutos; fim hoje, para vaidade dos seculos, que imita, se renova na Academia dos Anonymos aquelle obsequio, a que o tempo arruinou até as memorias.

Mas quem, senão sabios, havia de applaudir o nascimento dos sabios? Assim o vio antigamente Napoles no culto, com que Silo Italico celebrava o nascimento de Virgilio: assim Cordova na attenção com que Seneca celebrava o nascimento dos Lelios, dos Socrates, dos Platões; e hoje o vês assim nos applausos, com que este Licêo celebra o nascimento do P. Antonio Vieira.

Emmudeceraõ já nas vozes da Razaõ as queixas com tanta repetiçaõ proferidas contra este Circulo eloquente sempre para os Panegyricos dos Heróes Portuguezes, e mudo atégora para os elogios do mayor Heróe de Portugal? Já emmudeceraõ, reconhecendo mysterioso o silencio, que lhe dilatou o obsequio para lhe tributar especial applauso; e dando  
nova

nova felicidade ao dia, já escrito nos marmores da eternidade pelo nascimento do Orador Portuguez, o destino ás venerações dos seculos, pelo applauso, que nelle nasce, e renasce; renasce no mundo, nasce em Portugal. Sem estas circumstancias de raro fora indecencia o applauso.

Tambem com o nascimento deste Heróe nasceo, e renasceo a Eloquencia: renasceo, a glorias de Portugal, no mundo; porque já no mundo haviaõ declamado os Ciceros, e os Demosthenes: nasceo, a pasmos do mundo, em Portugal; porque ainda em Portugal, nem no mundo havia declamado quem excedesse os Demosthenes, e os Ciceros. Quem duvidará proporçoens do applauso com o Heróe?

Introduzido pelos Persas, e estabelecido pelos Romanos este applauso no mundo, era glorioso premio a merecimentos elevados, determinando a veneração daquelles seculos, que os seus Heróes, assim como a desprezo da morte viviaõ nas estatuas, nascessem a invejas da natureza neste applauso; este era o nascimento da vida, que lhes animavaõ os marmores, e os bronzes.

Mas as mesmas ruinas, em que o tempo defez as Estatuas, cubrio, e encubrio o tempo a memoria dos applausos aos dias em que nascerãõ os Heróes; porém destes estragos livra hoje o grande Orador o dia, em que nasceo, fazendo-o triunfar do tempo, e triunfar da morte, porque depois da morte se lhe dedica applauso, que sepultara em seus estragos o tempo. O dia não constitue feliz ao nascimento, mas pelo contrario; e na fortuna deste nascimento não fora feliz, se não fora taõ feliz este dia.

Justo parecia aquelle obsequio em memoria de mere-

merecimentos heroicos, para que nascesse em repetidos applausos, quem nasceo para renascer na vida da Fama. He verdade que tódos nascem, mas parece que só os Heróes nasceraõ, se com gloriosa rebeldia aos imperios da Parca formaraõ das abrazadas piras brilhantes padroens á sua immortalidade.

Oh famoso Heróe Portuguez! A quem senaõ a ti se deviaõ applausos concedidos a Heróes? A quem senaõ a ti, que alistado na Companhia, cujos sagrados estandartes o Sol continuamente coroa de resplandores, illustraste com as armas da Eloquencia de triunfos a Patria, e cingido de victoriosos diademas, animas o mais precioso simulacro, que illustra, e eternamente illustrará o templo da Memoria.

Grandes sem duvida os triunfos da Eloquencia! Ao seu poder se rendem Imperios; naõ ha braço armado contra voz eloquente. Quem cortou o arrebatado impeto, com que o povo Romano, vibrando as armas, que forjara a ira, promettia afogar em sangue a memoria da Republica? A Eloquencia de Valerio. Quem fez embainhar sem fangue as espadas, com que o busca, cerca, e acommette militar tumulto? A Eloquencia de Antonio. Quem venceo os coraçõens dos Athenienses, para lhe permittirem a soberania da purpura? A Eloquencia de Pisistrato. Quem fertilizou de triunfantès louros o exercito de Pirrho? A Eloquencia de Cineas. Grandes sem duvida os triunfos da Eloquencia! e só verdadeiramente digno do esclarecido titulo de Heróe aquelles Heróes, a quem a Eloquencia illustrou com triunfos. A força do braço tambem coroa de victorias as feras, só aos homens a força da Eloquencia.

Assim he, e eu reconheço superfluo ponderar  
os

os excessos de huns aos outros troféos, quando por parte da Eloquencia os está acciando a nobreza dos despojos; e tambem parece superfluo ponderar a soberania do nosso Orador, cujas gloriosas vozes o constituirão não só Heróe, mas Heróe dos Heróes Portuguezes.

Os homens pelas vozes se distinguem não só dos brutos, mas dos homens; que melhor que os metaes se conhecem pelas vozes. Para inflamar inflamava o Orador de Arpinas: os rios da Eloquencia tem as virtudes, que lhe communicão as fontes donde nascem. Qual seria o espirito, que na boca do grande Orador animava tão rara Eloquencia?

Fingira-se pela Poesia de Homero, que Jupiter dera o Cetro a Mercurio; mas ao Mercurio Lusitano não deu Jupiter só o Cetro, deulhe tambem o rayo: rayo era a voz, com que o grande Orador, melhor que o fabuloso Numen, fulminava nos vicios Gigantes mais atrevidos, que o de Flegra.

Affim reprehendendo, mas persuadindo. Então brilhavaõ na esfera da sua voz mimosos rayos de luz; e não despendia nas vozes as suavidades, que na boca de Plataõ vaticinou o prodigio. Com virtude magnetica attrahiaõ, e arrastavaõ as suas palavras atencõens de ferro, e acreditando as ideadas cadeyas de Hercules, prendia com a voz os animos desvanecidos no precioso das prizoens. Que elevação, que propriedade, que decoro não observava nas Orações! Dize-o tu ò Lisboa, dize-o tu ò Roma, dize-o tu ò America, dize-o tu ò mundo, dize-o tu.

Grande gloria da Eloquencia em Grecia Demosthenes, em Roma Tullio, mas affim ao Orador Romano como ao Grego se atrevo ou com justiça, cu

com paixão a voz da crasi: não assim ao Orador Portuguez; só na voz da veneração se articula o seu nome: não houve paixão cega ás luzes de tanta Arte.

Mas que digo? A Eloquencia deste entre todos grande Orador não foy desempenho da Arte, foy milagre da Natureza. Com a natureza, com a arte, e com o exercicio se consegue a gloria de Orador; e esta sem duvida foy a causa, porque á imagem de Mercurio deaõ os de Acaya triplicada fronte.

Não foy a Eloquencia do nosso Orador effeito do exercicio; porque a primeira Oração podia ser exemplar da ultima, e a ultima da primeira; huma, e outra pode competir, mas não ceder a todas: não foy effeito da arte; porque não alcançou a arte com os preceitos os mysterios, a que esta Eloquencia se elevou com as demonstraçoens: logo foy só dependencia, e milagre da Natureza.

Melhor que o valor nasce, e não se adquire a Eloquencia; a deste Orador insigne, não se adquirio, nasceu. Sem dependencia dos Esteropes, e dos Brontes nasceu armada Minerva, e para triunfar sem dependencia da arte, e do exercicio, nasceu o nosso Heróe armado da Eloquencia.

Assim repete a nossa veneração motivos para que o nascimento do nosso Heróe seja especial assumpto aos seus applausos, parecendo fatidico, que hoje contemos vinte e dous lustros do dia do seu nascimento, quando por lustros se contavaõ os applausos, que na antiguidade se consagravaõ ao nascimento de Minerva, que nascendo no dia quinto, foy douto, e feliz preludio á felicidade deste dia.

Parece que tem esta doutissima Palestra justificado

cado as razões do applauso, que hoje dedica a este nascimento: mas qual he o applauso? Desentranha-se por ventura o Hibla em flores? Não, mas o Parnaso. Traslada-se por ventura a este Muséo o Olympo em luzes? Não, mas o Parnaso. O Parnaso em eloquentes luzes de canoros rayos; o Parnaso em fragrantés inundaçoens de sonoras flores, orna com decencia, e illustra com excessó esta Academia; e ateados ás suavidades os resplandores, ardem nas poeticas aras deste Muséo eloquentes cultos.

Cantaõ a invejas das aves de Juno, as de Apollo, bebe-se pelas attençoens o nectar, e em mutua prodigalidade se despendem, mais preciosos que as arêas do Pactolo, os thesouros de Aganippe. De flores roubadas ás esferas celestes tecem as Musas corbas, e Apollo no divino impulso do precioso plectro grava nas vozes da lyra dignos, se metricos elogios aõ grãde Orador, a cujo nome segura o tempo immortalidades, a memoria coroas, a veneração estatuas.

RELAÇÃO BREVE  
 D A S  
 E X E Q U I A S  
 DO REVERENDÍSSIMO PADRE  
 ANTONIO VIEIRA,

*Que o Conde da Ericeira fez celebrar na Igreja  
 de S. Roque da Casa Professa da Companhia de  
 Jesus, em 17 de Dezembro de 1697.*

**C**Hegou a Lisboa a 2 de Novembro, dia que a Igreja dedica á memoria dos Fieis, que estão seguros da eterna felicidade, a noticia de que piamente podiamos crer, que se contava já no mesmo numero o Reverendissimo P. Antonio Vieira da Companhia de Jesus, Prégador de Sua Magestade, o qual tendo nascido em Lisboa em 6 de Fevereiro de 1608, morreo na Bahia em 18 de Julho de 1697. O Conde da Ericeira, que desde o anno de 1696 tinha estabelecido em sua casa humas Conferencias de homens eruditos sobre varias materias scientificas, sendo o principal objecto aperfeiçoar a lingua Portugueza, lhe pareceo fazer huma demonstraço, em que acreditasse o muito que venerava a memoria de hum dos mais insignes Varões



em virtudes, e letras, não só do seu seculo, mas dos passados. Escolheo a Igreja de S. Roque da Casa Professa da Companhia de Jesus de Lisboa, e mandando-a armar inteiramente de panos negros com guarniçoens proporcionadas, os fez adornar com diversas pinturas, jéroglicos, emblemas, e empresas com versos Hebraicos, Gregos, Latinos, e nas linguas vulgares, com que os mayores engenhos de Portugal, e de outras partes de Europa cantaraõ sonora, e tristemente este Epicedio. Na porta da Igreja, da parte interior, estava hum retrato do P Antonio Vieira, muy semelhante, e bem pintado; e escrito em huma tarja, que estava na mão de hum esqueleto com azas, o thema admiravel, que tinha escolhido o Reverendissimo P. D. Manoel Caetano de Sousa, Clerigo Regular da Divina Providencia, para a Oração Funebre, que o Conde da Ericeira lhe pedio fizesse, e era de S. Paulo; e dizia: *Positus sum ego Prædicator, & Apostolus, & Magister Gentium, ob quam causam patior, sed non confundor.* O resto deste troféo estava semeado de coroas de cipreste, relogios com azas, e outras divisas funebres, e nos quatro cantos se viaõ quatro emblemas, que como as empresas de toda a mais idéa, compoz o Conde da Ericeira, e se explicavaõ nas quatro linguas, em que o P. Antonio Vieira tinha escrito. O primeiro se intitulava *Theologia Perfecta.*

*Magister Gentium.*

Estava pintada a esfera celeste, sustentada por Atlante, que estava vendo toda a sua figura em hum rio, que lhe passava pelos pés com este Epigramma:

*Nunc ego perfectè cognosco arcana Tonantis,  
Vertice, dum tango, sydera celsa meo.*

*Hec*

*Hæc tamen in puro fugientis flumine vitæ  
Virtutum cerni, iumina posse dabant.*

O segundo emblema tinha escrito no alto

*La eloquencia muda.*

*Prædicator.*

Pintava-se Mercurio tocando com o Caducéo os cem olhos de Argos, que adormecia, e estava a flauta quebrada aos pés do mesmo Mercurio, com estes versos:

*Aun roto esse instrumento que alagueño  
la mayor perspicacia suspendia,  
del Caducéo el toque adormecia,  
y muerte pareció lo que fue sueño.*

O terceiro tinha por titulo

*La Religione Propagata.*

*Apostolus.*

Hum barca tocando com as suas extremidades dous Mundos, e Neptuno tocando-os com o Tridente, e assegurando-a com o outro braço:

*Con questo infaticabile Tridente  
de la Divina barca ferma il legno,  
e fece meta un Mondo, e l'altro segno  
che abbracia, e vince la sua fede ardente.*

O quarto

*Fidelidade incorrupta.*

*Patior, sed non confundor.*

Hum Rouxinol, que vem a recolher-se no ninho, perseguido de hum Esmirilhão, ave rapina:

*Por não perder a fé ao patrio berço,  
aos perigos se expoem, vence os furores,  
e a sua voz suave entre os horrores,  
as attenções suspende do Universo.*

Rematava-se este troféo, estando pintado na parte inferior

ferior hum sepulcro , de que nascia hum loureiro com este verso :

*Et tumulum facite , & tumulo superaddite carmen.*

No meyo da Igreja se levantava huma grande machina , que se compunha de tres degraos , sobre os quaes se levantavaõ oito columnas de ordem Dorica , com todos os ornatos da architectura desta proporçaõ ; e todas de xaraõ negro , e prata , atadas com festões entalhados primorosamente , as quaes sustentavaõ huma grande cupula , que formava o Domo pintado na mesma fórma , e na parte superior , quasi suspensos no ar , voavaõ quatro Cisnes , que levavaõ huma grande estatua da Eternidade , que tinha na mão a Serpente , que com a cauda na boca formava hum circulo , e naõ só se fabricou com todas as regras da escultura , mas da perspectiva , para que de tanta altura , que chegava ao tecto da Igreja , se visse debaixo com proporçaõ. Dentro deste Domo se levantava hum tumulo , ou Cenotafio , cuberto com hum riquissimo pano de brocado negro , e ouro , com franjas do mesmo , e sobre elle o Barrete da Companhia coroado , e aos pés grandes urnas de prata com agua benta , dando-a com os instrumentos , com que se lança , muitos Gentishomens do Conde , vestidos de luto. Vinte e quatro tocheiras de prata , e outras muitas luzes collocadas nos Altares , nas vesperas , e no dia do Officio arderaõ continuamente , sendo innumeraveis os cirios , que se distribuiraõ pelos muitos Religiosos de todas as Religioens , que o Conde convidou , e muitos Ecclesiasticos de todas as jerarquias , que assistiraõ a este acto.

Nas 32 faces , que formavaõ as bazes das oito columnas , estavaõ pintadas outras tantas emprezas , e eraõ as seguintes

## I.

Huma concha aberta , das armas dos Vieiras, que tem o mesmo nome , e nella orvalho , que o Sol pintado no alto vay attrahindo , com a letra :

*Feror unde abii.*

## II.

Hum bordão de perigrino , de que ametade está nas ondas , e a outra na praya :

*Per linen utrumque.*

## III.

Hum casullo de seda , de que sahe huma borboleta :

*Pretium post funera.*

## IV.

A figura de meyo mundo , de que sahe huma sombra pyramidal , e mais alto o Sol :

*Sublimior.*

## V.

Huma ara com fogo acezo , de que a lavareda chega ao Ceo :

*Quo prima quies.*

## VI.

Huma balança , que pondolhe huma mão , que sahe de huma nuvem , o globo do mundo de huma parte , se conserva no equilibrio :

*Semper eadem.*

## VII.

Huma véla aceza dentro de hum globo de vidro :

*Undique micat.*

## VIII.

Hum compasso descrevend o hum circulo :

*Æternitati pingo.*

IX.

Huma véla apagada com o resto da luz, a que  
vay accendendo vento, que sopra da parte do Ceo:

*Ab alto.*

X.

A Constellação da Fenix entre as Estrellas:

*Unica semper.*

XI.

Huma forja, que se accende mais, lançandolhe agua:

*Malo fuit usus in illo.*

XII.

O Sol ferindo com os rayos hum globo de vidro,  
que fere fogo em hum loureiro:

*Diverso maximus orbe.*

XIII.

Huma estrella mayor que as outras:

*Luce renata.*

XIV

O Sol escondendo-se no Horizonte:

*Ipse dies moritur.*

XV

Huma Aguia mais alta que as settas, que se lhe  
atiraõ:

*Extra omnia.*

XVI.

Huma maõ, que sahe de huma nuvem, moven-  
do facilmente o mundo:

*Sit tibi terra levis.*

XVII.

Hum rio, que depois de entrar no mar, mostra  
as aguas mais claras:

*Notescatque magis, mortuus.*

XVIII.

Hum labyrintho, de que sahe hum fio de ouro,

ao qual quer cortar com huma tifoura huma maõ, que sahe de huma nuvem :

*Non rumpitur.*

XIX.

A Via Lactea com muitas Estrellas miudas, a que da terra está apontando hum telescopio:

*Nec omnibus omnia.*

XX.

Hum Cypreste com folhas, entre outras arvores sem folhas, com chuvas, e ventos.

*Nec jus habuere nocendi.*

XXI.

Huma lagrima de vidro, a que está batendo hum martello sobre huma bigorna :

*Accidit in puncto.*

XXII.

Hum cadeado de letras, de que está pendurada huma chave:

*Non vi, sed ingenio.*

XXIII.

O Sol dando em hum espelho, que leva o seu reflexo a huma gruta escura, que está distante :

*Longè refulget.*

XXIV.

Hum rio congelado :

*Dum riget, perstat.*

XXV.

Hum foguete de lagrimas :

*Vitam reliquit in astris.*

XXVI.

Hum carro triunfante cheyo de palmas levado ao Ceo por quatro Cisnes :

*Ad astra feremur.*

XXVII.

XXVII.

Hum Caducêo sobre huma sepultura :  
*Dulcis , & alta quies.*

XXVIII.

Huma Urna com huma alampada sepulcral ac-  
ceza :

*Æterna latendo.*

XXIX.

Hum livro aberto entre outros cerrados :  
*Unum pro cunctis.*

XXX.

Hum Girafol mais alto que as outras flores , vol-  
tando-se para o Sol :

*Sequitur altiora sublimis.*

XXXI.

As abelhas trabalhando dentro de huma manga  
de vidro :

*Nocte , dieque patet.*

XXXII.

Huma abelha sobre huma rosa :  
*Et inventi præmia mellis habet.*

**A**S Vesperas , que se celebraraõ com grande con-  
curso , porque assim neste dia , como no do  
Officio concorreo todo o Reino , que entaõ estava  
junto em Cortes , para o juramento do Principe D.  
Joaõ , que hoje felizmente reina , e nas Tribunas es-  
tavaõ os Embaixadores , com o Nuncio de Sua San-  
tidade , Bispos , e Ministros do Conselho Geral do  
S. Officio , todos convidados pelo Conde da Ericci-  
ra ; officiarãõ os Religiosos da Santissima Trindade ,  
e cantou a Musica da Capella Real a dous côros com  
os seus instrumentos , fazendo o compasso Antonio

Marques Lesbio , Mestre insigne da mesma Capella, o que nunca succede , senão em funcões Reaes. Dille Missa de Pontifical o Illustrissimo Senhor D. Alvaro de Abranches e Camara , Bispo de Leiria , de que o esplendor do fangue só he excedido pela virtude , e sciencia , e pela particular estimação , que sempre fez do grande Padre Antonio Vieira , com quem familiarmente se communicava. Depois do Responso , e costumado circulo com incenso ao tumulo, subio ao pulpito o Reverendissimo Padre D. Manoel Caetano de Sousa , Clerigo Regular da Divina Providencia , e na Oração , que se imprime com esta breve noticia , se lhe fazem os Elogios , que não permite a sua modestia se publiquem neste lugar.



J R A Ç A Õ  
F U N E B R E  
N A S E X E Q U I A S

DO REVERENDISSIMO PADRE

ANTONIO VIEIRA,

Da Companhia de JESU, Prégador dos Reys D. Joáo  
IV D. Affonso VI. e D. Pedro II.

*Que na Igreja de S. Roque fez celebrar*

O CONDE DA ERICEIRA.

D. FRANCISCO  
XAVIER DE MENEZES

*Em 17 de Dezembro de 1697.*

DISSE-A

O P. D. M A N O E L  
CAETANO DE SOUSA,

*Clerigo Regular, do Conselho de Sua Magesta-  
de, Pro-Commiffario Geral Apostolico da Bul-  
la da Santa Cruzada, e Censor da Acade-  
mia Real.*



# LICENÇAS.

## DO SANTO OFFICIO.

*Censura do Reverendissimo P. Fr. Antonio da Expectação da Ordem dos Menores, Lente Jubilado na Sagrada Theologia, &c.*

EMINENTISSIMO SENHOR.

**P**Or mandado de V. Eminencia vi a Oração Fúnebre, que nas Exequias do R. P. Antonio Vieira disse o Reverendissimo P. D. Manoel Caetano de Sousa; e bastava o nome deste preclarissimo Author, para a deixar qualificada; porque sendo o fim porque se mandaõ rever as obras, que se haõ de dar ás estampas, ou porque em sua prava lição naõ possaõ depravar os costumes, ou porque com falsos dogmas naõ possaõ corromper os preceitos da nossa Religião, estaõ estes dous temores taõ justamente evitados nas regras, com que o Orador discorre nesta Oração Fúnebre, que qual Seneca Portuguez excedendo ao Hespanhol, pratica em todos os seus escritos o que aquelle dictava em seus preceitos: (1) *Quidquid, dizia Seneca, legeris, ad mores statim referes.*

Prégador Apostolico, e Mestre das Gentes, chama este grande Orador ao R. P. Vieira; e eu dissera, que nesta accommodação, sem a transmigração, que falsamente praticou a perfidia, se podia dizer do Orador:

(1) Senec. ad Lucil. Epist. 109.

dor: *Nemo dat quod non habet*: porque revestindo-se dos attributos de Paulo, fez Pregador Apostolico, e Mestre ao seu predicado com tão justos fundamentos, e inalteraveis titulos, como allega a fama pelo R. P. Vieira adquirida, e agora pelo Reverendissimo Orador felizmente authorizada; e fica tanto mayor, quanto he mais alta a voz, que nesta Oração a sublima, e o conhecimento que a dilata; o que bem se deve inferir de hum Orador, que em todas as partes a que chegou, deixou a nação tão acreditada, e tão respeitado o seu nome, que ainda hoje em Roma, Milão, e outras Universidades a que chegou, se pergunta por aquelle Heroe scientifico, que entrando na Minerva, como disse o P.D. Carlos Zucchi, pelos titulos daquella Bibliotheca, com estudiosa anatomia deu noticia das partes de que se compunhaõ, das materias que tratavaõ, e das melhores edicoens que tiveraõ todos aquelles numerosos corpos: causa, porque houve quem disse: (2) *Caietanos ex Minerva oleum accepisse.*

Tres felicidades descubro neste doutissimo Orador: a primeira para a nossa Lusitania; porque se Roma teve hum Cicero, e não vio outro; se Grecia teve hum Demosthenes, e não contou segundo; a nossa Lusitania para invejas de Grecia, e Roma teve dous Ciceros, e dous Demosthenes em o R. P. Vieira, e em o R. P. D. Manoel Caetano de Sousa, concorrendo ambos no seculo decimo setimo, e sobrevivendo o doutissimo Orador com estudiosos progressos ainda por este seculo decimo oitavo. A segunda felicidade foy do R. P. Vieira em ter este Homero Portuguez, para ponderarlhe as acçoens da vida  
depois

(2) Lang. *verb. Laus.*

depois da morte; e se Alexandre ouvira este doutissimo Orador na presente Declamação, que faz das virtudes do R. P. Vieira, exclamara com mais admiracão da que exclamou no Sigeo, Promontorio da Asia, junto ao sepulcro de Achilles: *O fortunata Adolescens, quod tuæ virtutis præconem Homerum inveni-  
neris.* A terceira felicidade foy do mesmo Reverendissimo Orador em achar materia taõ vasta, e notoria, que evitou toda a critica de encarecido, e suspeita de lisongeiro: maxima, que explicou Pindaro com o amigo, que lhe vendia por fineza, que em toda a parte prégava os seus louvores; a quem respondeo, que os tinha bem satisfeitos, em fazer que fossem verdadeiros: *Cuidam commemoranti, quod ipsius laudes ubique prædicasset, respondit: ego pro isto officio bonam repono gratiam, efficiens ut verè prædices:* Sendo a razão desta maxima, porque mais deve o que louva ao louvado, do que o louvado, ao que louva: (3) *Plus debent iis quos laudant, quàm ipsi debent, qui laudantur.*

O que supposto, tenho dito o meu sentimento, e me parece dignissima a Oraçãõ mencionada de se dar á Imprensa, para que os que a lerem, aprendaõ a merecer outra, como mereceo o R. P. Vieira, se tiverem outro Reverendissimo D. Manoel Caetano de Sousa para pregoeiro da sua fama posthuma. S. Francisco da Cidade de Lisboa Occidental em 7 de Janeiro de 1730. *Fr. Antonio da Expectaçãõ.*

Q Uanto aos additamentos de Epigrammas, Emblemas, e Disthicos, com que o Excellentissimo Conde da Ericeira decorou o funesto Busto do R.

V

P.

(3) Erasmo. lib. 6. in Apoph.

P. Vieira, sendo partos daquelle heroico talento, e catholico zelo, não podiaõ contrahir algum impedimento, para não entrarem no numero das qualificadas memorias, que em estampas, e escritos deixa para a posteridade; e se os Gregos se jactavaõ, que o seu Paiz era o mais favorecido dos influentes Astros para a fertilidade dos engenhos, como observou Plataõ entre os seus Placitos, e observaçoens: (4) *Quo argumento in Græcia tractu in adipiscendis disciplinis videri aptiores multo, quam alicubi homines;* converta já a famosa Grecia em luto a sua cithara, e a sua vaidade em inveja da nossa Lusitania, que só nesta funebre conjunctura se acha com tres Heroes; hum que lamenta defunto, tendo sido do pulpito a todo o mundo Oraculo, e os dous, a quem a fama guarda nos seus volumes, para os proclamar pelo discurso dos seculos sem exceição, mayores. *Ubi supra* 8 de Janeiro de 1730.

*Fr. Antonio da Expectação.*

*Censura do Reverendissimo P. M. Fr. Henrique de S. Antonio, Lente Jubilado na Sagrada Theologia, Qualificador do S. Officio, &c.*

EMINENTISSIMO SENHOR.

Com summo gosto, e igual veneração li por ordem de V. Eminencia esta Oração Funebre, que disse o doutissimo, e Reverendissimo P. D. Mathoel Caetano de Sousa; singular esplendor da sagrada  
Reli.

(4) Lang. *ve b. Mores, f. l. 842.*

Religião da Divina Providencia, do Conselho de S. Magestade, Pro-Commiffario Geral Apostolico da Bulla da Santa Cruzada, e Censor da Academia Real, nas solemniſſimas, e memoraveis Exequias do muitas vezes grande Padre Vieira, nome sempre faudoſo para o noſſo Portugal, sempre illuſtre para a eſclarecida Companhia de Jeſuſ, e sempre admirado, e admiravel para o mundo todo. Taõ eſtrondoso, e universal foy o brado, que nelle deu eſte prodigioſo Varaõ, que ſobrando o ſeu ecco para o encher de ſuſpenſoens, me parecia, que baſtava a falta deſte para lhe cauſar a mais ſenſivel dor; porque os Heroes aſſim como não tem mais eloquentes Panegyriſtas, do que as meſmas acçoens, que obraõ na vida; tambem nõ podem ter mais primorosos Oradores, do que as lagrimas, que cauſaõ depois da morte: na deſte memoravel Padre experimentou Portugal, a Cabeça do mundo, e as mayores partes delle a irreparavel perda daquelle precioſo, e copioſiſſimo theſouro de todas as virtudes, ſciências, noticias, e rariffimas agudezas, que podendo divididas engrandecer a muitos homens, fõ ellas eraõ louvor cabal de ſi meſmas; e por iſſo nas ſuas ultimas honras parece não podia ſer digno Orador mais, que ou a ſua faudoſa memoria, ou o noſſo eterno ſentimento.

Porém eſte grande impoſſivel ſoube felizmente vencer o digniſſimo Author da preſente Oraçaõ; porque nella admiro, que ao ſeu inacceſſivel objecto he igual a ſua ſeleyadiſſima comprehenſaõ, mostrando na maravilhosa eſcolha do ſeu thema, que parece lho dictou ſegunda vez o Eſpirito Santo, para perſuadir o Mundo, que ſe o grande Doutor das Gentes, dando ao eximio Vieira a ſemelhança, lhe tirou a primazia,

que tambem este lhe roubou a singularidade; porque foy hum inimitavel exemplar de Prégadores, hum emulo prodigioso de Apostolos, hum espelho purissimo de Missionarios, e hum universal Mestre não só das Gentes, mas dos mayores Mestres do mundo: tudo isto nos persuadio este profundissimo Orador com tanta, e tal eloquencia, efficacia, energia, e affluencia de escrituras, tão genuinamente entendidas, como applicadas, e explicadas, que ao mesmo tempo que nos excitou as lagrimas para chorarmos ao insigne P. Vieira desfeito nas suas cinzas, nolas enxuga para o vermos renascido na sua Oração, a qual com grande propriedade mostra, que he resurreição; porque não sem mysterio sahe a luz, depois de estar sepultada no silencio das nossas admiraçoens o largo espaço de trinta e tres annos, para que nella resuscite o esclarecido Padre Vieira com todas as qualidades de Varaõ perfeito, (1) semelhante á idade completa de Christo; podendo o Author ter a gloria, que a hum Varaõ em tudo tão consummado, como o grande Vieira, lhe accrescenta esta ao cumulo de todas as suas perfeçoens: e como esta elegantissima Oração não contém apice, que desdiga da pureza da nossa Santa Fé, e bons costumes, a julgo dignissima da estampa. Lisboa Occidental no Convento do Santissimo Sacramento da Ordem de S. Paulo primeiro Eremita 8 de Fevereiro de 1730.

*Fr. Henrique de S. Antonio.*

DO

(1) D Paul. *ad Ephes. cap. 4. vers. 13.*



## DO ORDINARIO.

*Censura do Reverendissimo Padre M. Antonio dos  
Reys, da Congregação do Oratorio, Lente da  
Sagrada Theologia, Qualificador do S. Officio, &c.*

**V**I a Oração Funebre, que nas Exequias do Padre Antonio Vieira da Companhia de Jesu disse o Reverendissimo Padre D. Manoel Caetano de Sousa, Clerigo Regular, do Conselho de Sua Magestade, Pro-Commisario Geral Apostolico da Bulla da Santa Cruzada, e Cenfor da Academia Real, e me pareceo quando a lia, que estava vendo prégar de si ao mesmo Padre Vieira. E nisto tenho dito a V. S. o juizo, que faço desta obra, assim pelo que toca á pureza da doutrina, como pelo que respeita á elegancia, erudição, suavidade, e acerto, com que está escrita. Lisboa, e Congregação do Oratorio 25 de Fevereiro de 1730. *Antonio dos Reys.*

## D O P A Ç O.

*Censura do Senhor Joseph da Cunha Brochado do  
Conselho de S. Magestade, &c.*

## S E N H O R.

**E**Ste Sermaõ, que pretende imprimir Joseph Antonio da Sylva, he taõ elevado pelo estylo, quanto he douto, e merecido pela materia: repete com  
a lem-

a lembrança a faudade , e torna a expor a nossos olhos aquelle funebre apparatus , aquella religiosa acção , em que a eloquencia viva rendeo as ultimas honras á eloquencia morta : grandes dous objectos em a mais lamentavel recordação , a mortalha , e a sobrepeliz ; huma emmudecida , outra animada ; em huma cuberto o Prégador cedeo o pulpito á eloquencia do Orador manifesto , em outra revestiose o Prégador eloquente do espirito do Orador emmudecido. Se o Reverendissimo Padre Antonio Vieira fora taõ ambicioso , como era modesto , e penitente , e previra , que em suas Exequias se ouviria huma Oração taõ cheya delle mesmo , poderia ter tédio á vida , para reviver com segura immortalidade pela voz do Panegyrista ; porém aquelle Portento de Varoens Apostolicos , como este naõ menos Apostolico Exemplar da Providencia , de quem he filho , naõ cultivou , nem cultiva a virtude pelo louvor , e pela estimação , mas pelo preceito , e pelo objecto.

De tudo se segue , que neste admiravel Sermaõ naõ ha , nem póde haver pensamento , em que o serviço , e as leys de V. Mag. se offendessem , porque seu Author , grande Ministro da Missaõ Apostolica , e depositario da palavra do Senhor , sabe pela mesma palavra o que se deve a Cesar , e o que se deve a Deos , por quem V. Mag. impéra , e por quem seus Ministros , e Legisladores neste primeiro Tribunal da Justiça lhe consultaõ as leys mais justas , e as resoluçoens mais convenientes , para que a palavra dos Prégadores se ouça com respeito catholico , e se profira com liberdade Evangelica. Este he o meu parecer. V. Magestade mandará o que for servido. Lisboa Oriental 4 de Março de 1730.

*Joseph da Cunha Brochado.*

*Cen.*

*Censura do Excellentissimo Senhor D. Francisco de Portugal, segundo Marquez de Valença, oitavo Conde do Vimioso, &c.*

**L**I, Excellentissimos Senhores, a Oração Funebre, que recitou nas Exequias do P. Antonio Vieira o Reverendissimo Padre D. Manoel Caetano de Sousa, Clerigo Regular, não para examinar, mas para aprender, não para que Vossas Excellencias se governassem pelo meu arbitrio, mas para eu satisfazer ao preceito que me impuzerao, não para que o meu parecer recommendasse obra tao excellente, mas para que a excellencia desta obra me acreditasse na posteridade, vendo ella que eu lhe fiz não a censura, mas a approvação; não para inculcar o meu entendimento, mas para exercitar a minha memoria, repetindo fielmente o que ouvi, quando se fez este Elogio, a que eu assisti, e em que fuy testemunha, se não parte pelo meu pouco talento dos grandes applausos, e acclamaçoens da nossa Corte, a qual estava dividida em facçoens judiciosas, se este Sermao excedia, ou igualava o que se prégou nas Exequias da Senhora D. Maria de Ataide, mas sempre concorde em que já tinha o Grande Vieira substituto na sua eloquencia. Se isto se discorria entao com as lagrimas dos olhos á vista do seu Tumulo, quando os affectos por incapazes de consolação, e conforto, não só estavam incredulos da semelhança, mas desesperados da imitação, que se dirá hoje com tantos annos em meyo, para que as paixoens estejaõ tao desfeitas como o cadaver, e tao frias como as cinzas deste

deste Orador Evangelico? Que se dirá hoje, quando está tão viva, ou tão imortal a memoria do nome do Author nas varias, e doudas composições, com que tem illustrado a huns pela doutrina, e cegado a outros pela inveja, para que não perturbe alguma preocupação dos discursos a liberdade do juizo? Com o que então fizeram os melhores, quanto mais lastimados engenhos daquelle tempo, se conforma o meu nesta occasião, persuadido a que tudo o que digo nelle he mais com ingenuidade, que com respeito á gloria da Patria, e da Academia Real, e que só he lisonja ás virtudes do Author o que passo em silencio do seu merecimento, não fingindo em mim a intima amisade que lhe professo, o que fingio em Plinio a discreta a dulação para com Trajano, isto he, o temor de elle me não julgar moderado, senão excessivo nos seus louvores. Lisboa Occidental 10 de Janeiro de 1730

*Marquez de Valença.*

*Positus sum ego Prædicator, & Apostolus, & Magister Gentium, ob quam causam etiam hæc patior, sed non confundor.*

2. Timoth. I. II.

**E**mmudeceo finalmente aquella eloquentissima voz, que sempre será facunda occupação dos brados da fama. Aquella voz Evangelica, que foy a jaçtancia deste Reino, e a inveja da Cabeça do mundo. Aquella voz taõ grande, que naõ cabendo nas vastas Provincias de Europa, se dilatou pelas immensas regioens da America, da qual foraõ reverentes eccos os applausos de Africa, e Asia. Emmudeceo em fim aquella voz divinamente poderosa, que em toda a parte aonde se ouvio, trouxe em seu seguimento os Povos, arrebatou os Principes, suspendeo os Monarcas, assombrou a todos. Mas que inutilmente pretendi eu ou esconder, ou differir com estes artificiosos rodeyos a funesta noticia, que já magõa os vossos animos, pois das minhas mesmas palavras tendes entendido todos, que he morto o famoso, o grande, o admiravel P. Antonio Vieira! que he morto aquelle esclarecido Varaõ, em quem o Reino de Portugal deu hum incomparavel Prégador, em quem a Illustrissima Religiaõ da Companhia de Jesus produzio hum insigne Apostolo, em quem a Gentilidade do Maranhãõ teve hum incançavel Missionario: gloriosos titulos com que merece, que ás suas veneraveis memorias se consa-

grem hoje todas estas funeraes magnificencias. Esclarecida, e piedosa acção de hum Excellentissimo Heroe, em cujo peito o zelo da Patria, e o amor das virtudes tem ateado taõ grande incendio, que das suas illustres chãmas se accenderaõ essas luzes, e dos seus generosos fumos se escureceraõ esses marmores. Grande assumpto! Empenho formidavel! naõ só para mim, mas para os mesmos Principes da Eloquencia, e perdoem-me as veneradas cinzas, que esconde esse Mausoleo, se he culpa o entender, que para prégar do P. Antonio Vieira, elle mesmo naõ bastava. Bem quizera eu poder livrar-me deste arduo empenho, mas que haõ de fazer contra as poderosas violencias de hum preceito as justas desconfianças do conhecimento proprio? Que arbitrio hey de seguir, aonde o silencio, e o discurso estaõ igualmente receosos? Em fim sirva a reputação arrastada de fazer mayor o triunfo da obediencia, e diga-se embora, que naufragou o entendimento em hum mar de erros, mas naõ se possa dizer, que a vontade deixou de observar o elevado norte daquelle preceito; que achada a arte de fazer bizarros os desacertos, fica desculpada qualquer temeridade. Quanto mais, que póde ser acção temeraria, a que he regulada pelas virtudes da obediencia, e da justiça. E esta Oração Fúnebre tambem he acto de justiça, naõ só de obediencia; que o fazer Panegyricos aos Varoens illustres, principalmente na Oratoria, naõ só he obsequio, mas tambem divide, segundo a Theologia de S. Gregorio Nazianzeno em hum caso bem semelhante ao nosso, isto he, nas Exequias de S. Basilio Magno: (1) *Debetur quippe ut siquid aliud, cum cætera egregiis,*

(1) Gregor. Nazian. *Orat. in fun. Basilii.*

*giis, tum in dicendo copiosis oratio.* Reparay naquelle *debetur*, que indica obrigação de justiça; e assim o faltar a esta Oração Funebre seria injustiça, não só desobediencia: *debetur oratio.*

A razão porque he acto de justiça este funeral Panegyrico; he porque se faz acrédor d'elle o mesmo objecto, que o difficulta, que he aquelle Varaõ esclarecido, que á imitação de S. Paulo foy hum Prédador tão eloquente, hum Apostolo tão insigne, hum Missionario tão incançavel, que podendo dizer com elle mesmo nas palavras, que tomey por thema: *Positus sum ego Prædicator, & Apostolus, & Magister Gentium, ob quam causam etiam hæc patior, sed non confundor*, tão semelhante se lhe mostrou em tudo, que se a Fé mo não impedira, havia de dizer, que a alma de S. Paulo se transmigrara para este primeiro homem do nosso seculo: e por ventura o persuadiria com razoens mais apparentes, que as de quem erradamente entendo, que a alma do primeiro homem se transmigrara para S. Paulo: (2) e he tão grande a semelhança, que entre ambos observe, que passando além das rayas da vida, ainda se deixou ver na morte; porque se na morte de S. Paulo, como escreve o Cardeal Baronio, (3) manarãõ tres fontes perennes, na morte, que agora sentimos, brotarãõ outras tres fontes, que tambem haõ de ser perennes; mas com esta differença, que se as tres fontes, que nasceraõ na morte de S. Paulo, saõ de agua, as tres fontes, que arrebentaraõ na morte d'elle insigne Varaõ, saõ fontes de lagrimas, que assim chama o grande Cardeal Bellarmino aos motivos

X 2

do

(2) Vide Alapide in 1. *Timoth.* 1. 13. *de hoc errore loquentem.* (3) *Baronius ad annum Christi 69. n. 13.*

do sentimento: (4) *Nunc de materiâ, ex qua nascuntur, sive de fontibus, unde profluunt lachrymæ.* Virãose nesta morte tres fontes de lagrimas, porque nellas se acharão tres motivos de sentimento: a primeira fonte de tão bem merecidas lagrimas, ou o primeiro motivo do sentimento, he o eterno silencio do Prégador mais facundo; a segunda he o perpetuo sepulcro do Apostolo mais exemplar; a terceira he a irremediavel ausencia do Missionario mais fervoroso. A primeira fonte inunda a Monarquia, a segunda a Religião, a terceira a Gentilidade. Todas estas fontes de lagrimas se achão no nosso thema, porque se nelle vê a Monarquia o exemplar dos Prégadores: *Positus sum ego Prædicator*, a Religião o retrato dos Apostolos, & *Apostolus*, a Gentilidade dos Missionarios, & *Magister Gentium*: tambem alli achão a Monarquia, a Religião, e a Gentilidade, o silencio desse Prégador, o sepulcro desse Apostolo, a ausencia desse Missionario, que tudo insinuaõ aquellas palavras: *Ob quam causam etiam hæc patior*; mas tambem alli descobrimos nós, que destas tres fontes de lagrimas se fórma para o chorado Heroe hum mar de glorias, hum Oceano de luzes: *Sed non confundor; sed magis glorior*, cominenta Nicolao de Lyra, (5) que naõ só na morte de S. Paulo se observaraõ luzes. Comecemos a ver o justificado destas lagrimas, e o bem merecido destas luzes.



PRIMEIRA PARTE.

*Positus sum ego Prædicator.*

**O**H com quanta razão chora a nossa Monarquia o eterno silencio do Prégador mais eloquente! Pois que aquellas mesmas efficazes razoens, com que elle, quando estava vivo, persuadia a tantos, e taõ varios affectos, todas depois d'elle morto, se uniraõ a persuadir hum unico affecto, que he a dor de ter perdido naõ só a elle, senaõ tambem as esperanças de ver outro semelhante; porque o Mundo he taõ esteril de Oradores insignes, que nenhuma terra se póde nunca jactar de ter produzido dous. (6) O grande Orador de Grecia foy Demosthenes; este morreo ha mais de dous mil annos, e em todos elles naõ vio Grecia outro Demosthenes. O grande Orador de Roma foy Cicero; ha mais de mil e setecentos annos que morreo, e em todos elles naõ vio Roma outro Cicero. O mayor Orador de Hespanha, antes o mayor do mundo, foy o P. Antonio Vieira, este vemos agora sepultado; e quando ha de ver outro o mundo? Mas naõ pareça a alguem, que eu cõmparo a Cicero, ou Demosthenes o nosso grande Orador, pois isso naõ seria louvallo, seria offendello, porque elle naõ se póde comparar com ninguem, senaõ ou comfigo, ou com S. Paulo, com quem diz: *Positus sum ego Prædicator.* E com muita razão, porque foy este grande Prégador semelhante a S. Paulo, naõ só no modo com que exercitou o ministerio, como

(6) *Vide* Salianum *ad annum mundi* 3732. n. 15. & *ad annum* 4011. n. 54.

mo todos sabem ; fenaõ tambem no modo em que foy instituido , e no que foy celebrado. Naõ só foy semelhante no em que como Prégador fez: *Prædicator*, fenaõ tambem na circumstancia com que foy feito Prégador: *Positus sum ego*. Foy este grande Padre feito Prégador por hum modo taõ singular , como potico sabido ; sendo moço, tinha desejos de se empregar fructuosamente no ministerio do pulpito , mas sentia para elle huma difficuldade taõ grande , como se tivera no entendimento huma nuvem ; (taõ palavras suas) fez Oração á Virgem Senhora Nossa , e de repente sentio , com circumstancias bem notaveis, huma luz extraordinaria , pela qual alcançou huma admiravel comprehensãõ de tudo o que lia , e teve dalli por diante huma tenacissima , e estupenda memoria. E bem se vio , que era Prégador feito pela Virgem Sacratissima no primeiro Sermaõ , que prégou em publico , naõ sendo ainda Sacerdote , o qual he em louvor da augustissima Rainha dos Anjos , e o quarto decimo entre os do Rosario , taõ discreto , e douto , que naõ se grangea menor applauso , que os que prégou quando tinha muitos annos daquelle exercicio. Mas assim devia succeder a hum Prégador , que começava a ser o retrato de S. Paulo. Confirmamos este retrato com o seu original , e conheceremos a semelhança.

Havendo S. Paulo de ser instituido Prégador dos Poyos , e dos Reys: (7) *Ut portet nomen meum coram gentibus , & regibus* , diz o texto , que tinha tal nevoa nos olhos , que tendo-os abertos , naõ via : (8) *Apertisque oculis , nihil videbat*. Vede a proporção entre esta nevoa , e aquella nuvem. Diz , que se poz

em

(7) Act. 9.25. (8) *Ibid.vers.8*

em Oraçãõ: (9) *Ecce enim orat*; e que á Oraçãõ se se seguiu o verſe livre daquella nuvem, que lhe impedia a viſta: (10) *Viſum recepit*. Aqui temos ſemelhança entre Oraçãõ, e Oraçãõ, luz, e luz. A eſta luz ſe ſeguirãõ os primeiros Sermoens de S. Paulo: (11) *Continuò in Synagogy prædicabat*; aos primeiros Sermoens o aſſombro de todos: (12) *Stupebant autem omnes qui audiebant*. Vede, que correſpondencia ha entre os primeiros Sermoens de S. Paulo, e o primeiro do noſſo Prégador; e como eſte primeiro Sermaõ, á imitação daquelles Sermoens tambem primeiros, foy cauſa do paſmo univerſal: *Stupebant autem omnes qui audiebant*. E he de notar, que tambem S. Paulo ainda não era Sacerdote, quando prégou aquelles primeiros Sermoens, que colherãõ as primicias do aſſombro, aſſim como o noſſo Prégador não tinha ainda o Sacerdocio, quando prégou aquelle primeiro, e aſſombroſo Sermaõ. Até nos themas dos primeiros Sermoens foraõ eſtes dous Prégadores muito parecidos. O thema de S. Paulo refere S. Lucas: *Prædicabat Jeſum, quoniam hic eſt filius Dei*. O thema do primeiro Sermaõ do noſſo Prégador eſcreve S. Mattheus: (13) *Maria de qua natus eſt Jeſus*. Com que ambos eſtes grandes Prégadores trata- raõ nos ſeus primeiros Sermoens da filiação de Chriſto. S. Paulo da filiação eterna, o noſſo Prégador da temporal; mas aſſim hum, como o outro, ambos principiarãõ o exercicio da prégação por Panegyricos de Maria Santiffima, porque não ſeria grande a gloria da Virgem Mãy, ſe ſeu Filho não foſſe Filho de Deos, ou o Filho de Deos não foſſe Filho da Senhora;

e af-

(9) *Ibid. verſ. 11.* (10) *Ibid. verſ. 18.* (11) *Ibid. verſ. 20.* (12) *Ibid. verſ. 22.*  
 (13) *Matth. 1. 16.*

e assim ambos louvarão á Sacratissima Mãe. S. Paulo louvou-a, porque disse, que Jesus, conhecido por Filho de Maria, era Filho de Deos: *Prædicabat Jesum, quoniam hic est filius Dei*; e louvou-a o nosso Prégador, dizendo, que aquelle mesmo Senhor, que era adorado por Filho de Deos, era Filho de Maria: *Maria de qua natus est Jesus*. Só houve entre hum, e outro Prégador esta differença, que S. Paulo fallou primeiro em Jesus: *Prædicabat Jesum*, e o nosso Prégador fallou primeiro em Maria; mas ambos tiverão razão, e não diversa, se não a mesma, porque S. Paulo fallou primeiro em Jesus; porque teve a luz por ter fallado ao Senhor: *Domine, quid me vis facere?* O nosso Prégador fallou primeiro em Maria, porque teve a luz por ter fallado na Oração á Senhora; e por esta perfeita imitação de S. Paulo póde dizer com elle: *Positus sum ego Prædicator*; e foy já na primeira idade objecto das admiraçoens de todos: *Stupebant autem omnes*.

No progresso dos annos crescerão tanto estas admiraçoens em todos, assim no vulgo, como nos sabios, que huñs, e outros o admirarão como a hum S. Paulo no pulpito. Quanta estimação logrou entre os Povos, não he necessario que o diga eu, perguntay-o aos sagrados marmores dos mayores Templos, que ainda estão restituindo em repetidos ecos as clamorosas vozes dos seus applausos. Nunca prégou em Basilica tão grande, e espaçosa, que o seu numerosissimo auditorio a não accusasse de estreita. Era feroso espectáculo qualquer Templo, em que prégava este grande Orador; ainda não era manhã, e já nelle não havia lugar, por mais que os multiplicasse a cuidadosa ancia de o ouvir; nem havia posto  
 tão

taõ desaccommodado, ou perigoso, que se não temesse menos, que o ficar excluso, querendo os homens expor-se mais depressa ao risco de perder a propria vida, que huma palavra sua. Todas se ouviaõ com hum reverente, e profundo silencio, salvo quando se interrompiaõ as vozes do Prégador com as das acclamaçoens; que de dentro, e de fóra da Igreja o celebravaõ como repetidas em dous córos. Louvavaõ as admiraçoens dos de dentro o que ouviaõ, e as impaciencias dos que por ficar fóra não ouviaõ, tambem louvavaõ. O mesmo que nas Igrejas, succedia pelas ruas, e pelas praças: todas à vista do concurso, que seguia ao nosso Orador, se reconheciaõ estreitas. Quantas vezes faltava terra para os passos, e se via, que a sua mesma multidão levava aos homens pelos ares, a donde hiaõ a encontrar-se com as suas mesmas vozes, que lá junto com as da fama andavaõ celebrando aquella pasmosa Eloquencia; ou para melhor dizer, os mesmos corpos, aos quaes a multidão não deixava tocar a terra, se transformavaõ em vozes, que subiaõ a elevar ao Ceo este novo Paulo, dandolhe a mayor prova da estimaçaõ dos Póvos, que he o numerofo do sequito.

Quer o Chronista sagrado explicar o alto conceito, que o Povo de Antiochia da Pisidia fazia dos Sermoens de S. Paulo, e diz, que quasi toda a Cidade se abalou para ouvillo: (14) *Pene universa Civitas convenit audire verbum Dei: Commota est*, diz a versãõ Syriaca; como se não tivera o Espirito Santo outro mais efficaz testemunho para provar a estimaçaõ, que de S. Paulo fazia aquelle Povo. Logo se o abalar-se Antiochia para ouvillo, he argumento

Y

do

(14) *Act. 13: 44. Verso Syriaca apud Novarin. hic.*

dê muito, que aquelle Povo estimava a S. Paulo; grande prova temos do muito, que estimavaõ ao nosso Prégador os Povos, porque para o ouvir, se abalavaõ as Cidades: *Universa Civitas commota est*. E ainda que S. Paulo leva ao nosso Orador aquella soberana ventagem, que os Catholicos somos obrigados a confessar, com tudo observeis differenças no sequito de hum, e outro Prégador; donde chego a persuadirme, que assim como Christo quiz, que os seus Discipulos fizessem mayores milagres que elle: (15) *Opera, quæ ego facio, & ipse faciet, & maiora horum faciet*; assim S. Paulo, (16) grande imitador de Christo, quiz, que este seu grande discipulo tivesse sequito, que em algumas circunstancias parecesse aventajado ao seu, porque para ouvir a S. Paulo, abalouse Antiochia; para ouvir ao nosso Prégador, abalouse Roma, e Lisboa, deixadas outras Cidades de menos nome. Para ouvir a S. Paulo, abalouse aquella Cidade huma só vez; para ouvir ao nosso Prégador, abalaraõse as Cidades não só huma vez, mas todas as que elle prégou nelas, que foraõ sem numero. Parecerá, que posso eu accrescentar, que os que concorriaõ a ouvir S. Paulo, não só hiaõ chamados pelo eloquente das suas palavras, mas tambem pelo milagroso das suas obras; e que o sequito do nosso Prégador, sendo mais numeroso, só hia attrahido pela Eloquencia, e não pelos milagres; mas não posso fazer esta differença; porque em cada Sermaõ deste grande Orador reconheço hum milagres, e assim podia elle dizer melhor que Eliu, aquelle eloquentissimo amigo do Santo Job, que

(15) Joann. 14. 12. (16) *Inimitatores mei estote sicut & ego Christi*  
1. Cor. 11. 1.

que era milagrosa a sua eloquencia: (17) *Miraculum meum non te terreat, & eloquentia mea non sit tibi gravis.* Com o que, se Antiochia se abalava apoz os milagres, e eloquencia de S. Paulo, tambem Roma, e Lisboa se abalaraõ innumeraveis vezes, para ouvir os milagres da Eloquencia deste maravilhoso Prégador, o qual fez, que pareceffe profecia o discreto pensamento de hum Poeta, que o louvou na sua primeira infancia, (que taõ antigo he o ser elle materia dos elogios) vendo, que o bautizavaõ em dia da Trasladação de Santo Antonio, e na mesma pia, em que o Santo foy bautizado, e que lhe punhaõ o seu glorioso nome, pronosticou ao recém nascido infante, que havia de ser hum Prégador muito parecido a Santo Antonio, e verificouse o vaticinio, quando as Cidades, e os Povos se abalavaõ para ouvir ao nosso Prégador, assim como antigamente o faziaõ para ouvir Santo Antonio, para que assim como se disse de Santo Antonio (18) se podesse dizer deste eloquentissimo Prégador:

*Hic ille qui facundia*

*Cives & urbes commovet.*

Nem podia deixar de ter auditorios semelhantes aos de S. Antonio hum Prégador, que foy taõ devoto deste Santo, como testemunhaõ mais especialmente os nove Sermoens com que o celebra nos seus livros; hum Prégador, que poz tanto estudo em imitallo, quanto mostra, entre outros, aquelle famoso Sermão prégado no Maranhão aos peixes, (19) quando alli lhe succedeo com os homens o mesmo, que a Santo Antonio em Arimino. Conferi agora o que a

Y 2

Escri-

(17) Job. 33. 7. (18) *Ex officio Ulyssip. Ecclesia in festo S. Antonii in Hymno ad Laudes.* (19) P. Antonio Vieira tom 2. serm. 11.

Escritura diz de S. Paulo, e o que se verificou do nosso Orador; conferi aquelle *Civitas commota est*, com este *Cives, & urbes commovet*. E se abalar-se huma vez Antiochia para ouvir a S. Paulo, foy argumento do muito que ão estimava aquelle povo; Lisboa, e Roma, tantas vezes abaladas, mostraõ, que veneraõ no nosso Orador segundo S. Paulo: *Positus sum ego Prædicator*.

Ao sequito dos Póvos succedaõ os encomios dos eruditos, dos quaes huns chamaraõ a este insigne Padre, (20) o Principe da Eloquencia sagrada, outros o Sol dos Prégadores (21) outros o Oraculo do pulpito, (22) e finalmente hum Illustrissimo, e doutissimo Prelado dizia ao nosso intento estas palavras: (23) *Prégar como prégaõ os outros Prégadores non requirit totum hominem; porém prégar como préga o P. Antonio Vieira, requirit triplicatum hominem*: outras vezes dizia: *o P. Antonio Vieira he o primeiro Prégador*; e nomeando o segundo (que tambem era da Companhia de Jesus, e tambem tinha o nome de Antonio) accrescentava: *Mas entre o segundo, e o primeiro vay a distancia de toda a esfera*; e destas duas premissas tirava como conclusaõ: *Prégador, ou S. Paulo, ou Vieira*; tanta era a estimaçaõ, que fazia deste grande Orador.

Porém vejo, que me oppoem algum escrupuloso douto: e que proporçaõ tem com S. Paulo o P. Antonio Vieira, se S. Paulo foy taõ grande Orador,

(20) O P. Manoel de Sousa da Congregaçaõ do Oratorio na Approvaçaõ da 5. part. (21) O Illustrissimo Senhor D. Fr. Francisco de Lima Bispo de Parnambuco na Approvaçaõ da 7. (22) O P. Fr. Joaõ da Madre de Deos, depois Arcebispo da Bahia na Approvaçaõ da 1. part. (23) Este Prelado foy o Illustrissimo Senhor D. Luiz de Sousa Arcebispo de Braga, Primaz das Hespanhas.



dor, que houve occasião, em que o quizerão adorar por Deos da Eloquencia, offerecendolhe victimas, e coroas? Respondo, que niffo mefmo eftá a femelhança, e que effa, que parece improporção, he a proporção mayor, porque aquelle feculo não diffe mais da eloquencia de S. Paulo, do que da do P. Antonio Vieira differão os nossos tempos. Mas vamos ao caso do argumento. Quizerão (como escreve S. Lucas) os moradores da Cidade de Liftra em Licaonia mostrar a grande veneração, em que tinham a eloquencia de S. Paulo, e differão, que elle não era homem, fenaõ mais que homem: que era huma Divindade com femelhanças de humano: *Dii similes facti hominibus descenderunt ad nos*; (24) e não só que era huma Divindade, fenaõ que era o Deos da Eloquencia: (25) *Vocabant Barnabam Jovem, Paulum verò Mercurium, quoniam ipse erat Dux Verbi*. E não foy esta imaginação só dos Póvos, o mefmo entenderão os sabios. Bem fe vio no Sacerdote, que logo veyo com coroas, e sacrificios: (26) *Sacerdos quoque Jovis, qui erat ante Civitatem, tauros, & coronas ante januas afferens cum populis volebat sacrificare*. Já estais vendo, que quasi o mefmo que a S. Paulo em Asia, fuccedeo ao noffo Orador em Europa, e America; e creyo eu, que feria mayor a femelhança nos successos, se entre huns, e outros ouvintes se não achasse tanta differença; que o não fer este grande homem adorado por Deos da Eloquencia, devefe a ter elle prégado entre gente, ou taõ cega, que não conhecia, que havia Deos, ou taõ illustrada, que reconhecia, que não havia, nem podia haver mais que hum só Deos. Vamos confe-

(24) *Act. 14. 10.* (25) *Ibidem 11.* (26) *Ibidem 12.*

conferindo os elogios de hum, e outro Orador. A S. Paulo chamaraõ Principe da Eloquencia: *Ipse erat Dux Verbi*; ao P. Antonio Vieira acclamaraõ Principe da Eloquencia, e Rey de todos os Prégadores. A S. Paulo deraõ o nome de Mercurio, debaixo de cujo nome os Antigos veneravaõ o Sol (27) *Paulum vero Mercurium*: ao nosso Orador deraõ o nome de Sol, porque lhe chamaraõ Sol racional, Sol dos Prégadores. (28) A S. Paulo tiveraõ por Mercurio, o qual teve em Achaya Oraculo, (29) e o nosso Orador he dos doutos venerado por Oraculo do pulpito. A S. Paulo julgaraõ Mercurio (30), a quem os Antigos pintaraõ com tres cabeças; e dos Sermoens do nosso Orador se disse, que só os faria quem tivesse na entendimento triplicadas forças: *Requirit triplicatum hominem*. De S. Paulo crearaõ ser Mercurio, que por ter, ou segundo a superstição gentilica, ou segundo a imaginação Astronómica, (31) o seu lugar no Ceo, fica taõ Superior aos homens quanto vay do Ceo á terra; e no P. Antonio Vieira reconheceose tanta ventagem, ainda aos mayores homens, que se disse haver entre elle, e elles tanta distancia, como toda a vastidaõ da esféra. A vista de tantas proporçoens entre S. Paulo, e o nosso insigne Prégador, já não parecerá grande hyperbole aquelle dito: *Prégador, ou S. Paulo, ou Vieira*.

Nem faltaraõ a este nosso Prégador aquellas co-  
roas, e aquellas victimas, que o Sacerdote de Lis-  
tra

(27) *Vide Macrobius lib. 1. Saturnalium cap. 19.* (28) O P. Manoel de Sousa loco cit. uo. (29) *Vide Pausaniam in Achaicis. Del Rio in Adagiis sacris part. 2. §. 245. pag. 275.* (30) *Chrertarius de Imaginibus Deorum titulo de Mercurio.* (31) *Aldus Manutius in Adagiis col. 1. 374. ubi tit. Triceps Mercurius.*

tra quiz sacrificar a S. Paulo: *Taurus, & coronas ante januas asserens, cum populis volebat sacrificare*; porque as coroas lhe deraõ os que o acclamaraõ Rey de todos os Prégadores, e Salamaõ da prédica. (32) Em Roma mereceo elle bem o titulo de Salamaõ, ainda quando lograva as semelhanças de David, despedindo as famosas cinco pedras (33) contra a grande Cabeça do mayor Gigante; porque naquella Corte, qual novo Salamaõ, foy venerado objecto das admiraçoens daquella sapientissima Rainha, que com grandes ventagens á de Sabbá, deixou o seu Reino, e veyo a buscar em melhor Jerusalem o exercicio da verdadeira Religiaõ; já sabem, que fallo da grande Christina Alexandra, Rainha de Suecia, a qual com as assistencias continuas, que fazia aos Sermoes do nõsso Orador, lhe vinha a dizer o mesmo, que a Rainha de Sabbá a Salamaõ: (34) *Verus est sermo, quem audivi in terra mea super sermonibus tuis*. E porque o P. Antonio Vieira conseguiu especialmente em Roma ter a coroa entre todos os Oradores; por isso (segundo parece) quiz Deos, que espirasse no mesmo dia, no qual trezentos e vinte e tres annos antes morrera o Orador mais famoso daquelle seculo, (35) (que em algumas circumstancias foy ao nõsso Orador muito parecido) e que mereceo fer em Roma coroadado dentro dos triunfaes muros do Capitolio.

Naõ só teve o nõsso Orador as coroas; tambem teve os sacrificios; porque estes lhe offerecem todos os

(32) O P. Domingos Leitaõ Preposito de S. Roque na Approvaçaõ do 7. tom. do P. Vieira. (33) Allude ás Cinco pedras de David, que o P. Vieira prégou em Roma em presença da Rainha de Suecia. (34) III. Regum 10. 16. (25) Franc. Petrarca morreu em 18. de... de 1374.

os que consagrao as linguas aos seus louvores, que se para o fabuloso Mercurio foraõ sacrificio as linguas, (36) até para o verdadeiro Deos (quanto mais para o nosso Orador) saõ os louvores victimas, como ensina a divina Escritura: (37) *Immola Deo sacrificium laudis*. E se os de Lísra quizerão sacrificar a S. Paulo os touros: *Taurus, & coronas ante januas afferens, cum populis volebat sacrificare*; ao P. Antonio Vieira consagrao todos em victimas as acclamaçoens, que he o que lá disse Ozeas: (38) *Reddemus vitulos labiorum nostrorum*. Comparay agora aquellas duas palavras: *Taurus, & coronas* do sacrificio decretado a S. Paulo, e estas: (39) *Reddemus vitulos labiorum nostrorum* do sacrificio offerecido ao P. Antonio Vieira; e porque este sacrificio de louvores ha de ser perenne, por isso se declara por hum verbo de futuro *reddemus*, que por significar todos os tempos; (como observaõ os Expositores) exprime perpetuidades.

Mas se o P. Antonio Vieira ainda que puro homem, foy hum Prégador taõ divino, que do modo que a Fé, e a Religiao o permitem, em quanto vivo mereceo perennes sacrificios de louvor, agora que já he morto, nos executa por perennes sacrificios de lagrimas. Se aquelles sacrificios lhe offerecerão sempre assim o vulgo, como os eruditos, tanto commumente os povos, quanto singularmente os sabios; o sacrificio das lagrimas deve-lho consagrar todo o Reino, porque já he morto aquelle Prégador, cujos Sermoens foraõ milagres, aquelle Prégador, que

(36) Gyraldus *Hist. Deor. Syntagni*. 17. (37) *Psalm. 49* 14. (38) *Ibidem* 14 3. (39) *Vide del Rio in Adagiis parte 1. Adagio 27. & Lippomanum in Catena in Exodum cap. 3.*

que só bastava para fazer solemnissimas as festas sagradas, que era o credito das Quinas Portuguezas, aquelle Prégador, que á imitação dos Profetas antigos (que eraõ os Prégadores dos primeiros seculos) (40) nos ajudava a estimar as felicidades presentes, que nos animava a esperar as futuras, que nos consolava nas nossas perdas, que nos fazia conhecidos, e estimados das Naçoens estranhas; já agora, por falta de digno Orador, podiaõ cessar as solemnidades sacrosantas, pois já naõ veremos nellas aquelles milagres da Eloquencia: já se podiaõ esconder de lastimadas as nossas Quinas, porque lhe falta aquelle Profeta Evangelico, que prégando nas occasioens de mayor angustia, nos consolava nas nossas desgraças, nos annunciava as nossas fortunas: aquelle Heroe esclarecido, que tanto fez conhecer a gloria Portugueza entre todas as Naçoens do Mundo. (41) Se eu me naõ engano, já todas estas circunstantias do nosso sentimento se achaõ bem dibuxadas no Psalmo setenta e tres. (42)

*Quiescere faciamus omnes dies festos Dei à terra, signa nostra non vidimus, jam non est Prophetas, & nos non cognoscet amplius.* Texto maravilhoso para o nosso caso, porque aqui vemos suspensas as festividades sagradas: *Quiescere faciamus omnes dies festos Dei à terra*; aqui achamos, que já desaparecerãõ aquelles milagres da Oratoria: *Signa nostra non vidimus*; aqui observamos retiradas em

Z

final

(40) Vide Alvares in Isaiam cap. 1. vers. 10. & cap. 5. vers. 1. (41) Confita dos seus Sermoens, dos quaes huns saõ Panegyricos, outros Gratulatorios, outros Apolegeticos, outros Politicos, outros Bellicos, outros Nauticos, outros Funeraes, outros totalmente Asceticos, como elle prometeo no Prologo do 1. tomo. (42) Pjal. 73. vers. 8. & 9.

final de sentimento as bandeiras das nossas Armas: *Signa nostra non vidimus: insignia nostra vexilla quondam nobis usitata*, commenta Genebrardo; (43) e para que entendessemos por estas bandeiras as que gloriosamente tremolavaõ com as divinas Chagas, com as Reaes Quinas, explica Hugo Cardeal: (44) *Signa nostra non videmus, stigmata Domini Jesu*. Tambem alli temos o grande motivo de todo este sentimento; porque diz o Texto; que já não vive o Prégador, que como todos sabem, isso quer tambem dizer a palavra Profeta: (45) *Fam non est Propheta*; e conclue as lastimiosas consequencias desta irreparavel perda, dizendo, que com aquelle Prégador se sepultou a gloria, que tinhamos de ser por sua causa conhecidos no Universo: *Et nos non cognoscet amplius, ad eam infelicitatem redacti sumus, ut nemo amplius nos sit agniturus*, interpreta Genebrardo.\* Vedes quam proprio he este Texto para explicar a perda de Portugal; cujas Armas saõ as cinco Quinas: *Signa nostra non videmus, stigmata Domini Jesu* no eterno silencio deste seu grande Oraculo! Pois ainda encerra mais alma este Texto.

Escreve Galatino, (46) que o Profeta; cuja falta neste lugar se chora, era hum Varaõ, cuja figura oppunha ao candido dos cabellos o negro dos vestidos: *Senex unus, nigris amictus*; hum Varaõ, que predisse, que a sua morte havia ser dentro de hum anno: *In anno isto ego morior*; hum Varaõ, que fez hum

(43) Genebrard. *hic*. (44) Hugo Cardinalis *hic*. (45) Vide Pinedam in *Job* in *Præfatione* cap. 9. n. 3. Alapide in *Exodum* cap. 7. vers. 1. & Lorinum in *Act. Apostolorum* cap. 15. vers. 32. \*Genebrard. *Ibid.* (46) Galatin. de *Arcanis Catholica veritatis* lib. 4. cap. 8. ubi scribit hunc Prophetam fuisse Simeonem Justum.

hum Panegyrico no nascimento de hum Principe, cuja morte tambem logo chorou, e dirigio as lagrimas á Rainha mãy daquelle Principe, a qual tinha o augusto nome de Maria, à qual tambem annunciou as felicidades, que se haviaõ seguir áquella morte, originadas de multiplicados nascimentos. (47) *Dixit ad Mariam matrem ejus: Ecce positus est hic in ruinam, & resurrectionem multorum.* Eu não sey, que se possa pintar com mais vivas cores o nosso Orador defunto, que as com que o vemos neste singular Profeta retratado; porque alli vemos a ancianidade dos seus annos: *Senex unus*; alli a cor do Religioso clerical habito: *Nigris amictus*; e se aquelle Profeta predisse, que a sua morte havia de ser dentro de hum anno: *In anno isto ego morior*; o mesmo succedeo ao nosso insigne Orador, que como predizendo a sua vismha morte, affirmava, que o seu duodecimo Tomo, que já tinha acabado, havia de sahir postumo, e lhe chamava o seu Benjamin, insinuando com isto, que não havia sobreviver áquelle parto do entendimento, assim como Rachel morreo no parto de seu filho Benjamin. (48) Alli finalmente achamos toda a materia da palavra de Deos defempenhada, e da palavra do Prégador empenhada, e defendida, (49) isto he, o Panegyrico no nascimento do Principe; que Deos quiz para si, as felicidades, que se seguirãõ á sua morte em multiplicados nascimentos, como outras tantas resurreiçõens seguidas á sua morte, e tudo especialmente dirigido á saudosa mãy a augustissima Maria a Rainha nossa

Z 2

Se-

(47) Lucæ 2.34. (48) Genes. 35.18. (49) Veja-se o P. Antonio Vieira na Palavra do Prégador empenhada, e defendida §.5. pag. 178. & pag. 180.

Senhora: *Dixit ad Mariam matrem ejus: positus est hic in ruinam, & in resurrectionem multorum.* Vede, que bem representa aquelle Profeta o Orador, a que choraõ defunto as Reaes Quinas do nosso Reino: *Signa nostra non videmus, jam non est Propbeta.* E já que as lagrimas do Reino na falta deste Prégador: *Positus sum ego Prædicator,* por serem perennes, nunca se haõ de acabar, interrompaõse agora pelas lagrimas da Religiaõ, que começa a chorar a morte do seu Apostolo: *Et Apostolus.*

## SEGUNDA PARTE.

*Et Apostolus.*

**G**Rande gloria alcançou o P. Antonio Vieira em se avantajar a todos os Prégadores do mundo; porém mayor triunfo conseguiu em exceder a todos os Apostolos do nosso seculo; porque ser summo entre os professores da Eloquencia, póde ser beneficio da fortuna; mas ser summo entre os professos da Companhia, he raro privilegio da graça. Todos sabem o que quer dizer, ser o mayor dos Prégadores; mas não sey se ponderaõ todos, que prerogativa he ser o mayor entre os Apostolos; o ser mayor entre os filhos da Illustrissima, e Santissima Religiaõ da Companhia de Jesus, a quem o nosso Reino, sem se deixar vencer da sua modesta repugnancia, venera com o glorioso, e merecido nome de Apostolos. (50) Podera dizer eu, que o ser mayor entre os Reli-

(50) Vide Orlandinum *In Historia Societatis Jesu tom. 1. lib. 3. n. 40.*  
& Suares *tom. 4. de Religione Tract. 10. lib. 1. cap. 1.*



Religiosísimos filhos da Companhia, he ser mayor entre as luzes do seculo, entre as Estrellas da eternidade, entre os Soes do mundo, entre as columnas da Igreja; entre os Anjos da paz, entre os Serafims abrazados, (61) que todos estes, e outros muitos famosos titulos lhes daõ graves Authores; porém accommodandome eu mais com o que pede a sua modestia, que com o que dicta o seu entendimento, e a minha veneraçãõ, naõ passo a dizer, que o ser o mayor entre os Religiosos da Companhia, he ser mayor entre os Lyrios da Igreja; porque estes Religiosísimos Padres saõ aquelles exemplares Lyrios, cuja imitaçãõ persuade o Espirito Santo a toda a flor da Santidade: (52) *Florete flores quasi lilium, & date odorem*. Estes Religiosísimos Padres saõ aquelles venturosos Lyrios, em cuja companhia tem Jesus as suas delicias, como disse a Esposa: (53) *Pascitur inter lilia: consortio pascitur liliorum*, explica S. Bernardo. (54) Estes Religiosísimos Padres saõ aquelles admiraveis Lyrios, que com universal assombro do mundo, tendo nascido ha cento e cincoenta e sete annos, ainda hoje florecem naquella aspereza, e mortificaçãõ primitiva, symbolizada no amargo da mirrha primeira, como delles parece que profetizou Salamaõ: *Lilia distilantia myrrham primam*. Reparrem naquellas palavras *myrrham primam*, que declaraõ bem, que na exemplar mortificaçãõ destes penitentísimos Padres naõ se acha o debilitado de antiga, mas assombraõ os fervores de primeira: *Mirrham*

(51) *Hos titulos invenies apud Chrystoporum Gomes in Elogiis Societatis Jesus. Consule illius indicem verbo Jesuita.* (52) *Eccli. 39 19.* (53) *Cantic. 6. 2.* (54) *D. Bernard. Serm. de Nativitate B. Mariae prope finem.*

*rbam primam*, porque não a enfraqueceo o progresso dos annos, antes a fez mais robusta a continuação do exercicio. E que este lugar dos Cantares (55) se entenda dos Apostolos, escreveu Guilherme Neobrigense; (56) porque estes são aquelles Lyrios da Igreja, em que se acha o aureo da devoção, o candido da pureza, e o fragrante da boa fama. Entre estes Apostolicos Lyrios foy o P. Antonio Vieira Apostolo singular pela excellencia das virtudes, & *Apostolus. Apostolus virtuosus*, explica Hugo Cardenal; (57) e assim devia ser quem, por ser Religioso da Companhia, era o retrato de S. Paulo, de cujas acçoens se tirou o sumario do Instituto da Companhia, como observou o P. Cornelio Alapide; (58) De S. Paulo, ao qual o Papa Adriano I. chamou Lyrio do mundo: *Paulus namque mundi lilium* 1097

De S. Paulo celebraõ muito os Interpretes o fugir de noite para os Apostolos, ou para os Discipulos de Jesus; porém não he menos para louvar o P. Antonio Vieira em fugir tambem de noite para os Apostolos, para os Discipulos de Jesus; isto he, para o Noviciado da Companhia de Jesus. E com esta differença, que S. Paulo, quando se foy para os Apostolos, fugio de seus inimigos; e o P. Antonio Vieira, quando se foy para os Apostolos, fugio de seu mesmo pay. S. Paulo fugio de quem lhe queria tirar a vida.

(55) Cant. 5. 13. *Viri Apostolica gratia, intus fulgent, foris nitent, & redolent. Intus ubi solus Deus videt, fulgent cuncto sanctæ devotionis; foris nitent candore bonæ actionis, & dum cautè se abstinent ab omni specie mali, suavem olentiam bonæ opinionis liliis dispergunt* (56) *Guilhelmus Neobrigensis apud Del Rio in Cantica cap. 5. ver. 13. §. 1.*  
 (57) Hugo Card. *hic. Vide P. Ribadaneira de Instituto Societatis cap. 3. pag. 72. Suares de Religione tom. 4. tra. 1. lib. 1. cap. 9. per totum.*  
 (58) Alapide *in 2. Cor. 6. 9. Adrian. I. tom. 3. conciliorum part. 1. sec. 2.*

a vida. (59) *Ut eum interficerent*; o P. Antonio Vieira fugio de quem lhe tinha dado a vida. Oh quanto pudera dizer, deste admiravel fervor! Oh quanto pudera ponderar o fugir elle valerosamente do mundo para a Religiaõ, ajudado pelo efficaz patrocínio da Virgem Santissima ( a quem chamava sua Mãy ) no mesmo dia, em que Santo Agostinho, pelas fervorosas oraçoens de sua Santa Mãy, fugio das trevas do Paganismo para ser a mayor luz da Igreja! Grande, e memoravel dia o de cinco de Mayo, que deu á Igreja hum Santo Agostinho, e que deu á Companhia hum P. Antonio Vieira! Mas não permite o dilatarme nestas mysteriosas circumstancias da sua entrada na Companhia o muito, que tenho que observar nas virtudes, com que dentro della floreceo este Lyrio Apostolico.

A principal virtude, em que foy admiravel este grande Apostolo, depois de estar na Companhia, foy a estimaçaõ, que fez della, e o desprezo de tudo o que de seus braços o podia arrancar. Amou o nosso Heroe tanto a Companhia de Jesus, como S. Paulo a graça do mesmo Jesus, que considerava como companhia: *Neque altitudo, neque profundum, neque creatura alia poterit nos separare á charitate Dei, quæ est in Christo Jesu.* Dizia S. Paulo, (60) que nem a eminencia, nem o abatimento o poderiaõ apartar do amor de Jesus. O nosso insigne Apostolo affirmava, que nem o abatimento, nem as honras o poderiaõ nunca tirar da Companhia de Jesu. Para provar, que o abatimento não teria este poder *neque profundum*, protestava, que se fosse tão desgraçado, que a Companhia o despedisse, elle se não havia ti-  
rar

(59) *Act. cap. 9. v. 23.* (60) *Rom. 8. 39.*

rar das suas portas; e que prostrado diante dellas, havia acabar a vida: *Neque profundum, neque creatura alia poterit nos separare.* Mas porque este sempre venerado Apóstolo não teve occasião em que o pudesse tentar o abatimento, vejamos o como resistio ás fortíssimas tentações, com que o combaterão as honras: vejamos o quanto desprezou por amor da Companhia. O Senhor Rey D. João o IV. de gloriosíssima memoria o quiz fazer Conselheiro de Estado, e elle recusou a mercê, como menos compativel com o estado da Companhia. Offereceolhe grandes dignidades, e respondeo, como quem era mayor que todas ellas, que estimava mais que todas as Mitras do mundo o Barrete da Companhia, e que não o havia largar, nem que Sua Magestade lhe desse por elle a sua Coroa. Oh resolução heroica, mayor que toda a ponderação humana! Em Roma mereceo a graça da sapientíssima, e Sereníssima Rainha de Suecia, a qual o quiz encaminhar á Purpura Vaticana, e a este fim o mandou repetidas vezes chamar, ainda depois de estar neste Reino; sempre resistio a constancia do grande Apóstolo, e temendo, que os rogos, com que o Reverendíssimo P. Geral João Paulo Oliva o persuadia a voltar a Roma, passassem a preceitos, que o constrangessem a ir; usou da licença que tinha, para se recolher á sua Provincia do Brasil, fazendo mayor jornada para fugir á Purpura, do que nenhum ambicioso faria para alcançalla, por mostrar que a eminencia o não havia apartar da Companhia de Jesus: *Neque altitudo poterit nos separare à charitate Dei, quæ est in Christo Jesu.* Não heroico desprezô das honras do mundo, que chegou a recusar lugares no Conselho de Estado, dignidades grandes, e

a mesma

mesma Purpura, só se acha em hum homem, que tem hum grande espirito, em hum homem, que tem muito de Deos, em hum homem, que tem as virtudes de muitos, e com eminencia: que só quem tem a das virtudes, póde desprezar a da Purpura: *Spiritus Dei amplior erat in illo*, diz a Escritura (61) fallando do Profeta Daniel, a quem o doutissimo P. Cornelio Alapide (62) chamou espelho de Religiosos: *Daniel representat Religiosos*; que tinha hum grande espirito de Deos, e as virtudes de muitos com eminencia, como explica o Heitor dos Interpretes: 63 *In Daniele multorum... virtutes eminebant*. E em que se conheceo esse grande espirito de Daniel, essa eminencia de virtude? O Texto sagrado o diz: (64) em desprezar o lugar de Conselheiro de Estado, as dignidades supremas, e ainda a mesma Purpura, para a qual o conduziaõ as diligencias de huma Rainha sabia, e a liberalidade de hum Rey generoso; porque offerendose-lhe o lugar de Conselheiro de Estado, que isso querem dizer, como sabem os Escriturarios, e ainda os Politicos, aquellas palavras: *Tertius in Regno meo Princeps eris*; as dignidades significadas naquelle collar: (65) *Torquem auream circa collum tuum habebis*; e aquella taõ estimada Purpura: *Purpura vestieris*, procurada pelas efficazes diligencias de huma Rainha, de quem dizem os Interpretes que era summamente sabia: (66) *Quae sapientissima fuit fœmina*; respondeo generosamente ao seu Rey, que naõ queria lugar no Conselheiro

Aa

selho

(61) Daniel 6. 7. (62) Alapide in Daniel. Prologomen. n. 17. (63) Heitor Pinto hic. (64) Daniel 5. 16. Vide Pererium hic, & Brissonium lib. 1. de Regno Persarum pag. 115. mihi (65) Daniel ibidem. (66) Vide Brissonium ubi supra pag. 97. Alapide in Dan. cap. 5. n. 10.

felho de Estado , que não queria dignidades , que não queria Purpura: (67) *Ad quæ respondens Daniel, ait coram Rege: munera tua tibi sint, & dona domus tuæ alteri da;* mostrando nestas palavras huma constancia verdadeiramente Apostolica, como diz sobre este lugar Theodoreto: (68) *Apostolica re vera Prophetarum vox est.* Logo se o nosso insigne Apostolo recusou, como Daniel, o lugar do Conselho de Estado, as mayores dignidades, e a mesma Purpura: *Munera tua tibi sint, & dona domus tuæ alteri da,* diga-se delle como de Daniel, que teve hum mayor, e mais singular espirito: *Spiritus Dei amplior erat in illo:* se fugio á eminencia da Purpura Romana, procurada pela sapientissima Rainha de Suecia: *Quæ sapientissima fuit femina:* diga-se, que lograva a eminencia das virtudes: *Multorum virtutes eminebant:* que tinha como o Profeta Daniel huma virtude Apostolica: *Apostolica re vera Prophetarum vox est;* huma constancia como a de S. Paulo: *Neque altitudo, neque profundum, neque creatura alia poterit nos separare à charitate Dei, quæ est in Christo Jesum:* Mostrando-se no amor da Companhia hum verdadeiro Apostolo: & *Apostolus.*

Porém se o desprezar a eminencia da Purpura he indício de possuir a eminencia das virtudes, como se diz de Daniel; quaes foraõ as eminentes virtudes, que adornaraõ a venturosa alma deste Religioso desprezador da Purpura? Foraõ as mesmas, que se admiraraõ em Daniel. Em Daniel celebra Theodoreto (69) a pobreza de espirito, propria dos Apostolos em recusar as mercês Reaes. Porém o nosso Apostolo não

só

(67) Dan. *ibidem* vers. 17. (68) Theodoretus *hic.* (69) Theodoretus *ubi supra.*

só quiz ser pobre de espirito, e no affecto, senão tambem na experiencia, e no effeito. O seu vestido sempre foy o mais vil, e o mais pobre; o adorno do seu cubiculo era muito parecido ao da sua pessoa; não havia nelle em que pôr os olhos, mais que huns poucos livros, hum Crucifixo de Missionario, e huma caveira, que tambem para elle eraõ livros, nos quaes fazia o seu mayor estudo da arte de bem morrer, na qual tanto se exercitou, que muitos annos antes da ultima fatal jornada, se dispoz para ella, commungando por Viatico todos os dias. Mas seguindo nestas quotidianas disposiçoens para a morte o celebre *quotidie morior* de S. Paulo, na pobreza parece, que quiz contender com o mesmo Apostolo; porque de S. Paulo sabemos, (70) que teve mais que livros, e que dizia que se contentava com ter alimento para se sustentar, e vestido para se cobrir: (71) *Habens autem alimenta, & quibus tegamur, his contenti sumus*; porém o nosso Apostolo ainda com menos se contentava, porque não chegavaõ a cobrillo os seus vestidos, como quem se prezava tanto de ser filho daquella Religiaõ, que he symbolizada nos Lyrios, isto he, naquellas sublimes flores, que a pobreza tem por jeroglifico, como diz Julianõ: (72) *Lilio nudiores in summa egestate viverent.*

Mais admiravel que na pobreza, foy Daniel na Oraçaõ, porque todos os dias orava de joelhos em publico, ou a donde podesse ser visto de todos, ainda com risco da propria vida: (73) *Fenestris apertis in cenaculo suo contra Hierusalem tribus temporibus in die flectebat genua sua.* Parece-me, que estou vendo em Daniel ao nosso devotissimo Apostolo

(70) 2. Timoth. 4. 1; (71) 1. Timoth. 6. 8. (72) Julian. (73) Dan. 6. 10.

na terra, hora, e estação mais fria, orando no def-  
 abrigado de huma Igreja com os joelhos postos so-  
 bre os marmores, com quem hia a apostar constancias,  
 sem reparar que punha em perigo a sua vida entre  
 os externos rigores do frio, e as chamma do inte-  
 rior incendio: e mandandolhe a compaixão dos Pre-  
 lados, que fizesse a Oração do Estatuto entre os  
 abrigos do seu cubiculo, elle não menos obediente,  
 que fervoroso, depois de contemplar aquella hora  
 retirado, dava mais meya hora na Igreja a este ex-  
 exercicio Angelico, depois de celebrar o Sacrificio; e  
 dissera eu, que elle nestas tres meyas horas de Ora-  
 ção queria, emulo de Daniel, renovar aquelle fer-  
 vor tres vezes excitado: *Tribus temporibus in die*  
*flectebat genua sua*, se não soubera, que com huma  
 Oração continua mostrava á frouxidão do nosso se-  
 culo, que não era impossivel aquelle antigo *Oramus*  
*semper* de S. Paulo; (74) com que já não he para ad-  
 mirar aquella sua tão famosa perseverança, com que  
 nas festas feiras passava o dia inteiro prostrado dian-  
 te da Imagem de Christo morto, sendo, como outro  
 S. Paulo, (75) continuo na meditação das penas do  
 Redemptor, com cuja memoria suavizou sempre as  
 suas. Nesta escola aprendeo aquella invicta pacien-  
 cia, com que tolerou as adversidades da fortuna, e  
 como em eterno agradecimento deste beneficio dis-  
 poz, que na Capella do Collegio de Santo Antão se  
 fizesse nas festas feiras de Quaresma o Passo do Se-  
 nhor morto, dando o que era preciso para perpet-  
 uar a annual fabrica daquelle pio, e horroroso Thea-  
 tro, no qual o silencio do Verbo Divino era a mais  
 elo-

(74) 2. Theſſalon. cap. 1. vers. 11. (75) *Configuratus morti ejus*. Phi-  
 lipp. 3. 10.



eloquente persuasão do soffrimento; e se Daniel soffreu constante as offensas, que lhe fizeraõ, por trazer no pensamento representada a futura morte de Christo: (76) *Occiditur Christus*; tambem a Paixão de Christo meditada fez ao nosso Heroe hum exemplar da paciencia, com a qual se mostrou entre os espinhos dos trabalhos fragrante Lyrio: (77) *Sicut lilium inter spinas*, e valeroso Apostolo: & *Apostolus*.

De todas estas eminentes virtudes foy indicio o desprezo da Purpura, tanto como em Daniel, no nosso Apostolo; mas naõ foraõ só estas as suas virtudes, porque teve tantas, que he impossivel o repetillas; e he força, que sejaõ as mais as dissimuladas.

De Judas Machabeo, (78) hum dos Heroes, que deraõ mayor occupação á trombeta da fama, e o mais observante Religioso do seu tempo, como sabem os versados na Historia Ecclesiastica, diz o Espirito Santo, que se naõ escreveraõ todas as suas virtudes, por serem excessivas em numero (79) *Verba bellorum Judæ, & virtutum quas fecit, & magnitudinis ejus non sunt descripta; multa enim erant valdè*; por esta mesma razaõ naõ posso eu repetir todas as virtudes deste Religioso Heroe, venerado emprego das vozes da fama, porque saõ excessivamente numerosas: *Multa enim erant valdè*. Mas as innumeraveis virtudes deste grande Apostolo: *Apostolus virtuosus*, que naõ cabem nas expressoens da minha lingua, ficarão bem declaradas pelas lagrimas de seus faudosos Irmãos. Por estas repetidas lagrimas se

(76) Dan. 9. 26. (77) Cant. 2. 2. (78) *Judam fuisse Religiosum docet Serarius in Machab. Harmonia, & cap. 14. 1. 2. & Salianus ad ann. mundi 3893. n. 34.* (79) 1. Machab. 9. 22.

se haõ de contar aquellas virtudes , porque estas lagrimas naõ só saõ claro testemunho da saudade, mas tambem fluido Panegyrico do merecimento.

Morto Judas Machabeo , diz a Escritura, que seus irmãos o sepultaraõ entre os seus Padres: (80) *Jonathas , & Simon tulerunt Judam fratrem suum, & sepelierunt eum in sepulchro Patrum suorum*; que fizeraõ grandissimo pranto: *Et fleverunt eum omnis populus Israel planctu magno*; que continuaraõ as lagrimas por muitos dias: *Et lugebant dies multos*; e que admirados perguntavaõ , como era possivel que acabasse aquelle Varaõ immortal , que procurava a salvaçaõ dos Póvos: *Et dixerunt quomodo cecidit potens , qui salvum faciebat populum?* Pois porque ha de ser grande o pranto: *Planctu magno*; e porque haõ de ser muitas as lagrimas: *Lugebant dies multos?* Porque as proezas do Heroe , que choravaõ , eraõ grandes , *magnitudinis ejus*, e as virtudes eraõ muitas , *multa enim erant valde*; que grandes proezas só as explicaõ grandes prantos, que muitas virtudes só as celebraõ muitas lagrimas. O mesmo que se vio na morte do Religioso Machabeo , se acha no do nosso grande Apostolo. Sepultaõ-no os irmãos: *Tulerunt fratrem suum*; choraõ com grande pranto as suas grandes proezas: *Magnitudinis-ejus planctu magno*, e choraõ com muitas lagrimas as suas muitas virtudes: *Multa enim erant valde , lugebant dies multos*. Choraõ dous irmãos , Jonathas , e Simaõ , isto he , duas Provincias , a do Brasil , e a de Portugal , porque os irmãos de Judas Machabeo saõ sýmbolo de Provincias Religiosas : naõ he a accommodaçãõ minha ; os curiosos a podem ver no Padre Fullonio da Companhia de

de Jesus, grande expositor dos livros dos Machabeos. (81) Porém eu quizera accrescentar, que não só eraõ symbolo de Provincias Religiosas, senão ainda de Provincias da Companhia, porque aquelles irmãos eraõ da Religião dos Assideos, á qual o eruditissimo P. Serario (82) dá o nome de Companhia: *Societate verò inter se sancta & religiosa devinctos*; e este mesmo nome lhe tinha já dado Josefo, fallando dos que naquella Religião se aceitavaõ, e dos que della se despediaõ; porque dos que para augmento da Religião se aceitavaõ, diz: *Homines in societatem recepere*; e dos que para sua conservaçaõ se despediaõ, diz: *Societate deturbavere*. (83) Nem a esta Companhia faltou o nome de Jesu, porque os Assideos, como querem graves AA. (84) foraõ os mesmos que os Essenos, os quaes depois se chamaraõ Jesseos, tomando o nome de Jesu, como ensinaõ os Padres Ribadaneira, e Soares. E para que a semelhança entre huma, e outra Companhia não pareça que he só no nome, daquelles antigos Religiosos escreve Josefo, (85) que tinhaõ dous annos de Noviciado: *Duobus annis mores ejus... probantur*, e que todos se dividiaõ em quatro classes: *Discernebantur autem inter se... in ordines quatuor*. (86) Para que vejamos, que bem representavaõ aquelles Religiosos aos da Companhia, que tem dous annos de Noviciado, como todos sabem; e saõ divididos em quatro classes, como dispoz o grande Patriarca

(81) Vide Fullonium in lib. 1. Machab. cap. 2. vers. 5. §. In eundem modum. (82) Serarius in Machab. (83) Vide Ribadaneiram de Instituto Societatis. (84) Josephus apud Caramuelem in Theologia Regulari n. 162. Vide Caram. ibidem n. 161. & n. 285. & Ribadaneiram de Instituto Societatis cap. 1. & Suares tom. 4. de Religione tract. 10. lib. 1. cap. 1. n. 5. (85) Josephus lib. 2. de Bello Judaico cap. 7. (86) Ribadaneira ubi supra cap. 8.

triarca Santo Ignacio nas suas Constituições: (87) *Personarum autem, quæ admittuntur in hanc Societatem generaliter sumptam, quatuor sunt classes.* E não só representavaõ aquelles irmãos de Judas Machabeo Provincias Religiosas, como ensina o P. Fullonio, nem só Provincias de Religiosos da Companhia de Jesus, como parece que tenho mostrado, mas especialmente a Provincia do Brasil, e a de Portugal, (88) porque em Jonathas, que significa dom do Espírito Santo: *Jonathas donum columbæ*, reconheço a fervorosa Provincia do Brasil, a quem o Espírito Santo parece que deu o dom das linguas de fogo para illustração do Gentilismo. Em Simão venero a Provincia de Portugal, (89) tomando o nome do seu grande Fundador o Veneravel P.M. Simão, hum dos nove Companheiros de Santo Ignacio, e especialmente esta Casa Professa de S. Roque, a qual com o quarto voto de obediencia ao Summo Pontifice, merece o nome de Simão, que se interpreta obediente: (90) *Simon idest obediens.* Primeiro se nomea Jonathas, e depois Simão: *Jonathas, & Simon tulerunt Judam*, (91) porque a Provincia do Brasil, figurada em Jonathas, chorou primeiro, e a Provincia de Portugal, symbolizada em Simão, chorou depois; e no seu mesmò nome tem a razão de ser a segunda em chorar; e he porque não vio, mas só ouviu a causa da sua tristeza, que Simão tambem significa *audiens tristitiam.* Mas se não foy a primeira em chorar, foy a unica em erigir hum literario pomposo Mausoleo, assim

(87) *Constitut. Societ. Jesu part. 1. cap. 1. §. 7.* (88) *Veja-se o P. Antonio Vieira na 6. part. n. 450. e seguintes* (89) *Veja-se o P. Balthazar Telles na Chron. da Companhia part. 1. liv. 1. cap. 16.* (90) *Interpr. Nomin. Hebraic. &c.* (91) *Rabanus apud. Fullonium ubi supra §. Rabano.*

assim como Simão foy o que edificou o famoso magnifico sepulchro: *Hoc est sepulchrum, quod fecit.* (92) ambas estas Provincias celebraõ as grandes proezas do nosso Apostolo com grande pranto: *Magnitudinis ejus, planctu magno*; ambas eternizaõ as suas muitas virtudes com muitas lagrimas: *Multa enim erant valdè, & lugebant dies multos*; e ambas dizem como assombradas: *Quomodo cecidit potens, qui salvum faciebat populum?* He possivel, que acabou hum Varaõ Apostolico, & *Apostolus*, e que tanto trabalhou pela salvaçaõ do mundo? Como se pretendessem augmentar a fonte de suas lagrimas, unindo-as com as do Gentilismo, a quem chega mais de perto este ultimo motivo do sentimento, e que por elle ha muito que nos está pedindo, que o deixemos chorar a ausencia do seu Missionario: *Et Magister Gentium.*

## TERCEIRA PARTE.

### *Et Magister Gentium.*

**C** Hora finalmente a Gentilidade a perpetua ausencia do seu veneravel Mestre; daquelle grande homem, que depois de ter assombrado, e convencido em Europa os Hereges de Hollanda, França, e Inglaterra com a agudeza de quem estudou as Filosofias sem Mestre, qual outro Santo Agostinho, (93) de quem antes de ter vinte annos, interpretou o mais difficil das Escrituras, qual nenhum outro,

Bb

fe

(92) 1. Machab. 13. 30. (93) Vide D. Augustin. lib. 4. Confession. cap. 16.

se foy occupar nas linguas barbaras da America , para instruir os Indios do Maranhão. (94) Este foy aquelle grande theatro do seu zelo , a donde em beneficio das almas gastou nove annos , andando mais de quatorze mil leguas , embarcando-se vinte duas vezes , padecendo horriveis tempestades , e naufragios , como elle mesmo ponderou , (95) bem semelhantes aos de S. Paulo. Visitou onze vezes as quatorze Residencias , que em espaço de seiscentas leguas tem no Maranhão a Companhia. Alli levantou muitas Igrejas , adornou muitos Altares , converteo muitas almas , dandolhe os nupciaes aneis de esposas de Christo , á imitação de S. Paulo , a quem S. João Chrysofostomo (96) chamou sagrado Parainfo : *Credentium pronubus*; e procurando tambem segurar-lhes a liberdade na terra , para lhes facilitar a do Ceo , com que deixou a berta , e franca á Companhia a porta para introduzir aquella Gentilidade na Igreja : e não só empregou nas Missões do Maranhão o inestimavel preço do seu trabalho , senão tambem o do seu ocio , applicando para a despeza dellas quanto lucrava na impressão das suas obras. Agora se entenderá cabalmente a razão porque são quatorze os livros dos seus Sermoens. Cuidava eu , que elle não pretendera com este numero mais que igualar o das quatorze Epistolas de S. Paulo ; mas agora julgo , que quiz fazer quatorze livros , para soccorrer as quatorze Residencias daquella Missão. Agora entendo , porque razão foy taõ anticipado amigo de Seneca , que sendo

(94) O P. Antonio Vieira *compoz hum Cathecismo em seis linguas na America.* (95) O P. Antonio Vieira *tom. 4. Serm. 8. n. 268.* (96) Chrysof. *apud. Novarinum nostrum in Adagiis SS. PP. tom. 1. n. 5.*

do de dezoito annos, lhe commentou as suas Tragedias. (97) Cuidava eu, que elle não aspirava na eleição daquella obra mais que a satisfazer á erudita sympathia com hum amigo de S. Paulo; mas agora sou de parecer, que fez tanto caso daquellas Tragedias, porque nellas descobria hum famoso vaticinio do novo mundo, a cuja conversão o conduziaõ os seus repetidos votos. Agora entendo a razaõ; porque explicou mais a Josué, e aos Cantares, que outro livro da Escritura, e he porque nos Cantares se acha o desposorio das almas com Christo, e em Josué se contaõ os effeitos da liberdade do Povo tirado do cativeiro, que he o que elle fez no Maranhãõ, desposar com Christo as almas, e livrar do cativeiro os corpos. Agora finalmente entendo, porque razaõ se occupou todo em forjar aquella famosa Chave dos Profetas, á qual, quando morrêo, estava dando a ultima lima; e he porque sabia, que estava decretado, que abrisse huma grande porta a Missões da Companhia de Jesus aquelle Prégador de doutrina verdadeira, aquelle Heroe de virtude solida, que tivesse na sua mão a Chave dos Profetas.

*Ecce dedi coram te ostium apertum, quod nemo potest claudere.* Diz o Apocalypse, \* que ao Anjo de Philadelphia se abriu huma porta, taõ franca, que ninguem a poderá fechar. O P. Ribera, que como

Bb 2

escreve

(97) *De amicitia inter D. Paulum, & Senecam, vide Xistum Senenlem lib. 2. Bibliotheca Sancta, verb. Paulus... Veniens annis = Sacula seris; quibus Oceanus = Vincula rerum laxet, & ingens = Pateat tellus, Typhysque novos = Detegat o bes, nec sit terris = Ultima Thule. Senec. in Medea, Actu 2. in fine. Martinus Antonius DelRio è Societate Jesu in novo Commentario ad hunc Seneca locum (vers. 378.) ait: Docent id America, Japonia, & reliqua Insula, in quas arma victricia nostri homines fidei lucem intulerunt.\* Apoc. 3. 8.*

escreve o P. Antonio Vieira, (98) he o mayor Escri-  
turario da Companhia de Jesus, entende por esta  
porta a da Igreja aberta aos Missionarios para intro-  
duzirem nella os Gentios; (99) *Aperui ostium illius  
coram te, ut te homines per prædicationem vocante,  
multi ingrediantur in Ecclesiam*; e que se diz estar  
taõ franqueada, porque nem o demonio, nem os seus  
ministros a poderão fechar: *Nec valeant diabolus,  
aut ministri ejus ingressum impedire*. Assim succede  
hoje no Maranhão; está por força das Provisões  
Reaes taõ patente a porta da Igreja, para os Mis-  
sionarios com a préguaõ introduzirem nella os Gen-  
tios, que já o demonio por meyo de seus ministros a  
naõ poderá fechar. E a quem se abriu essa porta?  
*Coram te*, ao Anjo de Philadelphia, ou a humã Reli-  
giaõ, figurada nesse Anjo, como quer o Abbade Joa-  
quim: (100) *Ostium apertum coram Angelo Phila-  
delphie, hoc est, illi Ordini, qui significatur per  
ipsum, & ita manifestè apertum, quod nemo possit  
claudere*. Que a Religiaõ figurada neste Anjo, e va-  
ticipada pelo Abbade Joaquim, seja a Illustrissima  
Religiaõ da Companhia de Jesus, insinua o mesmo  
Abbade; dizendo: (101) *Ipsum Ordinem, quem desig-  
nat Jesus*, e o persuade a opiniaõ muy bem funda-  
da, e commua entre os modernos. Com o que já  
sabemos neste lugar, qual he a porta, que he a da Igre-  
ja Catholica; já sabemos a quem se abriu, que são  
os Missionarios; já sabemos quem são estes Missio-  
narios,

(98) O P. Antonio Vieira na Palavra do Prégador §.2. pag. 154. (99)  
Ribera *hic*. (100) Joachimus Abbas in *Apocalips. part. 1. cap. 3. ad  
text. 11. fol. 87. col. 2. m. lii*. (101) Joachimus *ubi supra text. 9. fol. 85. col.  
3. Vide Chrystophorum Gomes in Elogiis Societatis part. 1. Classe  
7. n. 1. lat. ssimè. Benzoni lib. 1. de Jubilao. Imaginem Primi Seculi,  
lib. 1. cap. 2. §. Sed non contentus, & alios.*



narios, que saõ os Religiosissimos Padres da Companhia, que tudo isto nos dizem os Interpretes. Mas quem abriu essa porta? Que a abriu principalmente Deos, he certo, e isso dizem todos os Expositores, e o sabemos nós, sem elles o dizerem; mas quem foy o instrumento de se ella abrir, isso naõ dizem os Interpretes, nem o podiaõ dizer, se naõ fossem Profetas. Consultemos hum Interprete Profeta, que só elle nos ha de soltar a duvida. Perguntemos a S. Joaõ, que sendo Evangelista, foy tambem Profeta, quem he o que diz estas palavras: (102) *Ecce dedi coram te ostium apertum?* Eu vos abri a porta das Missõens responde o Profeta consultado: *Hæc dicit Sanctus & verus, qui habet clavem David: clavem omnium Prophetarum*, explica Ruperto. (103) Quem disse estas palavras, quem abriu esta porta aos Missionarios, he hum homem pelas virtudes santo, pela doutrina verdadeiro, hum homem, que tem a chave dos Profetas: *Clavem omnium Prophetarum*. Pois se quem havia franquear as Missõens aos Anjos da Companhia de Jesus, havia ser hum homem de virtude muy solida, de doutrina muito verdadeira: *Sanctus, & verus*; hum homem, que tivesse a chave dos Profetas: *Clavem omnium Prophetarum*, com muita razaõ trabalhou o nosso grande Missionario naõ só a enriquecer a sua alma com virtudes em quanto Religioso: *Sanctus*, em illustrar as de todos com verdades em quanto Prégador: *Verus*; mas tambem em formar na officina do engenho aquella insigne Chave dos Profetas, para poder deixar patente aquella porta: *Dedi coram te ostium apertum*, para até nisto ser imitador de S. Paulo, que foy aquelle insigne Missio-

(102) *Apoc. 3.7.* (103) *Rupertus lib. 2. in Apocal.*

Missionario, por quem Deos abriu as portas da Fé, e da Igreja aos Gentios: (104) *Retulerunt quanta fecisset Deus cum illis, & quia aperuisset Gentibus ostium fidei.*

Temos visto a quem se abriu a porta das Missoens do Maranhão, e quem foy o que a abriu, porque tudo nos declarou o Apocalipse: só nos falta o ponderar o modo com que aquella porta se fez patente: mas isso nos dirá o livro dos Cantares, que como observaõ os Interpretes da Escritura, (105) tem com o Apocalipse huma muy notavel correspondencia; porque se aquella porta se abriu com muitos trabalhos do nosso grande Missionario, e de seus veneraveis Companheiros, com grandes despezas, que por suas mãos se fizeraõ, com grandes diligencias, com que se procurou a liberdade dos Indios, com grande fervor, com que se lhes administraraõ os Sacramentos, pelos quaes Christo celebra com as almas os espirituaes desposorios, tudo achamos naquelle livro.

Diz a Esposa nos Cantares, segundo a versãõ dos Setenta, que vio as mãos de Salamaõ cheyas de conversoens de Gentios: (106) *Manus ejus tornatæ aureæ impletæ Tharsis. Propter Gentium ..... convertendarum plenitudinem.* (107) Aqui temos ao nosso Salamaõ Portuguez cheyo daquelles despojos da Gentilidade, que para o Ceo adquirio no Maranhão, de quem parece que falla este texto, porque *Tharsis* quer dizer mar de Indios, como sabem os Escriturarios.

(104) *Act. 14. 26.* (105) *Vide Scilogium in Cantica tom. 1. Antelotiv 9. lect. 4. n. 41. & Alcazar in Apocalips. Notatione 18. proœmiat. 1. n. 3.* (106) *Cant 5. 14. Junta LXX.* (107) *Philo Carpathius hic.*

turarios. (108) Porém porque ração diz a Esposa, antes de fallar naquellas multiplicadas converfoens, que os Interpretes dos pensamentos de Salamaõ eraõ huns lyrios, que estavaõ entre abundancias de mirrha: *Labia ejus lilia destilantia mirrham*? Para mostrar que os seus Prégadores, que isso significaõ no sentido mystico aquellas palavras: *Labia ejus*, (110) os quaes pela profissaõ da Companhia de Jesus se fizeraõ Lyrios, o acompanhavaõ entre a amarga mirrha dos trabalhos, padecidos na conversãõ dos Gentios. Diz que as suas mãos eraõ de ouro: *Manus ejus tornata aureæ*, para insinuar o muito ouro, que dispendeo na conversãõ dos Indios, assim do que antigamente procurou com a sua industria, como do que depois tirou do copioso fructo das suas impressoens, das quaes cada folha era hum ramo de ouro, (111) que franqueava aos Indios do Maranhãõ a feliz entrada dos Campos Elysius do Ceo. Diz, segundo a paraphrasi do nosso P. Ghislerio, (112) famoso Interprete dos Cantares, que levava as mãos cheyas de aneis de ouro: *Manus ejus tornata circumdatae annulis aureis*, para mostrar que levava áquellas almas os desposorios do Ceo, e a liberdade da terra, que huma, e outra significação tem os aneis de ouro, como ensina Santo Isidoro. (113) Venturosos trabalhos! Bem empregados dispendios, os que abri-  
raõ as portas á conversãõ de hum novo mundo: *Ma-  
nus*

(108) Vide Bonfrerium in *Onomastico urbium, & locorum Sacra Scriptura vers. Tharsis, & DelRio in hunc locum Canticorum* §.1. (109) *Cant. 5. 13.* (110) *Labia designare Prædicatores docent communiter Patres apud Ghislerium nostrum in Cant. cap.4. vers. 3. in Append. expositionum.* (111) *Vide Lacerda in Virgilio lib.6.* (112) *Ghislerius hic expositione. 1.* (113) *Vide S. Isidorum lib.2. de Divinis Officiis cap. 15. & lib. 19. Etymolog. cap. 32.*

*nus ejus impleta Tharsis. Tharsis enim conversio;* á espirital Conquista dos Indios, que podia dar ao nosso Heroe o epitheto de Indico, se do nome, que os Setenta daõ á gente conquistada *Tharsis*, não quizermos formar para este grande Conquistador o titulo de Tharsense, que não estaria mal a quem foy no Maranhão hum S. Paulo, como lhe chamaõ as memorias daquelle tempo! Hum S. Paulo, que teve o nome de Tharsense: (114) *Nomine Tharsensem.*

Não só mostra este texto o Gentilismo convertido pelo abrazado zelo do nosso grande Missionario, senão que tambem o manifesta saudoso pela sua perpetua ausencia, pela sua sempre chorada morte; porque se pela palavra *Tharsis* entendemos com Philo Carpacio os Gentios convertidos, *Tharsis* tambem significa o mar, como já notámos, e a donde os Setenta dizem *Impleta Tharsis*, lê a Vulgata *Plene hyacinthis*, (115) que aquelles Infeis convertidos, que aquelles Gentios illustrados são huns prodigiosos Jacinthos. E os Jacinthos, ou sejaõ pedras, como quer o commum dos Interpretes, ou sejaõ flores, como entende o Veneravel Beda, (116) sempre são para o nosso caso mysteriosos; porque a pedra Jacintho, como escrevem os naturaes, quando as nuvens lhe tiraõ a vista do Ceo, enche-se toda de manifestos sinais de tristeza: (117) *Quasi mærore oppressus quodammodo extinguitur*: e a flor Jacintho, como sabem os Mythologicos, he celebre pelas saudosas expressoens do sentimento. Aquelles mesmos, que se mostraraõ

(114) *Act. 9. 11.* (115) *Vulgata editio Cant. 5. 14.* (116) *Beda apud Ghisterium luc.* (117) *Cælius de Mineralibus lib. 4. part. 2. cap. 5. sect. 12. n. 6.* (118) *Vide Plinium Histor. Natur. lib. 21. cap. 11. & Ovidium lib. 10. Metamor. Fab. 5. & illius interpretes ibid.*

traraõ homens na conversãõ, se mostraraõ mar nas lagrimas; Jacinthos desmayados no sentimento, e Jacinthos faudosos nos suspiros: e com muita razaõ, porque já se lhe ausentou eternamente aquelle grande Missionario, que os livrava de cativoiro, que lhes dava o alivio, e que lhes convertia as almas. Parece-me que ouço lamentar o Gentilismo do Maranhão nesta ausencia por boca do Profeta Jeremias.

*Idcirco ego plorans, & oculus meus deducens aquas*, (119) diz aquella Gentilidade faudosa, que está chorando copiosas lagrimas, e que todo aquelle sentimento he pela perpetua ausencia de quem lhe procurava o descanso, e a liberdade: *Quia longe factus est à me consolator. Qui convertat animam meam in requiem, & libertatem*, commenta Rupert; (120) e pela morte de quem tratava da conversãõ de suas almas: *Convertens animam meam*, e diz o Paraphraste Chaldeo, (121) que aquellas não eraõ quaesquer lagrimas, mas huma fonte de lagrimas: *Oculi mei lachrymas effundunt instar fontis aquarum*: para que esta terceira fonte se unisse ás das lagrimas da Monarquia, e da Religiaõ, e arrebrandando todas tres na morte deste Prégador Divino, deste Apostolo soberano, deste Missionario Angelico, imitassem as tres fontes, que brotaraõ na morte de S. Paulo, a quem nestas tres prerogativas imitou tanto, que igualmente diz com elle: *Positus sum ego Predicator, & Apostolus, & Magister Gentium*; declarando com estas palayras não ló os tres motivos do nosso sentimento, cu as tres fontes das nossas lagrimas; mas tambem as tres causas da sua morte, e do

Cc seu

(119) *Th. enor.* 1. 16. (120) *Rupert. cap. 28. in Threnos.* (121) *Paraphras Chald. apud Alapide hic.*

seu triunfo , como exprimem as ultimas clausulas do nosso thema.

## QUARTA PARTE.

*Ob quam causam etiam hæc patior , sed non confundor.*

**D**Eclaraõ estas palavras as tres causas da morte, e dos triunfos do P. Antonio Vieira ; porque elle não morreo precisamente , porque era homem , mas porque era hum Prégador taõ divino , hum Apostolo taõ elevado , hum Missionario taõ Angelico, que poderia o mundo enganarse com elle, e entender que era mais que homem : por isso a Divina Providencia dispoz que morresse como homem , mas a Justiça Divina para o remunerar ainda neste mundo, ordenou , que na morte tivesse honras de Principe, que estas costumaõ ser as consequencias daquellas premissas. Desempenhe nos o Profeta Rey : (122) *Ego dixi Dii estis* , eu vos chamey Divinos: *Et filii excelsi omnes* , eu vos reconheci por filhos soberanos ; e segundo o Chaldeo : (123) *Velut Angeli vos estis reputati* ; vós tendes a preeminencia de Anjos ; mas por isso mesmo vós haveis de morrer como homens : *Vos autem sicut homines moriemini*. Aqui temos as causas porque morreo este insigne Varaõ. Porque na Oratoria pareceo o Deos da Eloquencia , na Religiaõ de Jesus foy soberano imitador do Filho de Deos, e nas Missõens mostrou hum fervor, e hum espirito Angelico. Continua a Profeta : porém ainda que

(122) *Psalm. 81.6.* (123) *Paraphrasis Chaldaica apud Lorinum hic.*

que acabeis como homens, haviéis de ser na vossa morte celebrados, como se fosseis Príncipes: *Sicut unus de Principibus cadetis*. Assim succedeo ao grande assumpto do nosso sentimento, por ser grande Prégador, grande Apostolo, grande Missionario, morreo como homem para o nosso desengano: *Ob quam causam etiam hæc patior*. Mas essas mesmas tres excellencias lhe grangearaõ na morte glorias de Príncipe: *Sed non confundor, sed magis glorior*.

Ha muitos seculos, que a morte naõ conseguiu mayor triumpho; mas poucas vezes teria ella victoria em que lograsse menor despojo. Foy grande neste caso o triumpho da morte, porque foy mais que grande o Heroe vencido; mas foy pequeno o despojo, porque o menos he o que esconde o Sepulchro, e o mais he o que se eximio da jurisdicção do esquecimento. Naõ fez preza a morte senaõ naquella voz, que já cançada mais com o pezo das glorias, que com o pezado dos annos, desfaleceo nos ultimos suspiros; e naquellas poucas cinzas, cuja chamma subio deste mundo, para triunfar no Capitolio das esfêras em 18 de Julho deste anno de 1697.

Foy por muitas circumstancias notavel o dia da morte do P. Antonio Vieira, o dia 18 de Julho. Notavel, naõ só por ser hum dos em que a antiga Roma celebrava a Mercurio como a Deos da Eloquencia, (124) mas por ser o dia, em que trezentos e vinte tres annos antes morreo fóra da sua Patria o grande Orador Francisco Petrarca, (125) o mayor homem do seu seculo, e por isso mais semelhante ao grande Vieira, do que pelas suas muitas peregrinaçoens,

Cc 2

mais

(124) Rosinus *Antiquitatum Rom. lib. 4. cap. 11.* (125) Squarzacicus *in vita Petrarcae.*

mais que pela estimação, que deveo aos Principes, aos Reys, e aos Summos Pontifices, mais que por ter retirado os hombros á Purpura Cardinalicia, e mais que por muitas outras circumstancias, das quaes não são as menores o terse dito d'elle ainda sendo vivo, o mesmo que todos sempre venerarão no P. Antonio Vieira; porque de Petrarca disse Bocacio, (126) que tinha hum engenho celeste, huma memoria perenne, e huma eloquencia admiravel: *Homo quippe est caelesti ingenio præditus, & perenni memoria, ac facundia admirabili.* E que nos seus escritos se lia tudo quanto na Filosofia moral ha de santo, e de perspicaz com tanta magestade de palavras, que nada se podia dizer para a instrucção dos mortaes com mais copia, nem com mais ornato; nada que fosse mais grave, nada que fosse mais santo: (127) *In quibus (falla das obras moraes daquelle grande Escritor) quidquid in moralis Philosophiæ sinu potest sanctitatis, aut perspicacitatis assumi, tanta verborum maiestate percipitur, ut nihil plenius, nihil ornatius, nihil maturius, nihil denique sanctius ad instructionem mortalium dici queat.*

Notavel dia para morrer fóra da sua Patria o nosso grande Apostolo, piissimo venerador do Sepulchro de Christo, o de 18 de Julho, em que 597 annos antes morrera tambem fóra da sua Patria o grande Gofredo, (128) hum dos nove Heroes mais famosos, e o que libertou o Sepulchro de Christo!

Notavel dia para morrer o nosso grande Missionario, que franqueou a tantas almas as portas da Jerusa-

( . . ) Bocacius in proœmio libri 1. Genealogia Deorum Gentilium.  
 ( . . ) *Am. tibianib. 14 cap. 10. & 19. (128) Wilhelmus Tyrius lib. 3. Bell. Sacri cap. 23.*



Jerusalem Militante, e que conduzio tantos Soldados de Christo debaixo do Estendarte da Cruz para a Jerusalem Triunfante, guiando-os com as palavras, e com os exemplos a serem violentos conquistadores do Reino dos Ceos! Notavel, digo, aquelle dia 18 de Julho, em que foy buscar a melhor Coroa o primeiro Rey de Jerusalem, que fez patentes as suas portas ao exercito dos seus valerosos conquistadores, allistados debaixo da bandeira da Cruz!

Naõ foy menos notavel para a morte do grande P. Antonio Vieira o mez de Julho, no qual vinte e hum annos antes deixara a vida mortal o seu grande imitador, e bemfeitor o Summo Pontifice Clemente Decimo, que com a sua morte levou da terra ao Cco as seis Estrellas do seu escudo, taõ justamente celebradas pelo P. Antonio Vieira (129) com o glorioso titulo de Clementissimas!

Estas seis Estrellas do Papa Clemente Decimo, morto no mez de Julho, me fazem lembrar de huma Estrella, que se vio sobre o Collegio da Bahia em seis noites, tres antes, e tres depois de morrer nelle este Heroe, a qual tambem me está insinuando, que a sua morte foy como de Principe: *Sicut unus de Principibus cadetis.*

Entenderaõ os antigos Filozofos, referidos pelo B. Alberto Magno, (130) que as mortes dos Principes eraõ precedidas, ou seguidas pelos Cometas, ou novos Astros, e assim o tem observado muitas vezes a diligencia dos Historiadores. Bastem dous exemplos da Historia Romana, em que achamos a morte de hum Principe, que foy o Emperador Octaviano

(129) P. Vieira part. 2. Ser. m. 5. n. 161. (130) B. Albertus Magnus tom. 2. lib. 1. Meteor. cap. 11.

viano Augusto precedida de huma nova Estrella; e a morte de outro Principe, que foy Julio Cesar, seguida por outra Estrella nova. E observe, que ambos estes Principes foraõ celebrados pela tua eloquencia; porque de Augusto se disse: (131) *Eloquentiam, studiaque liberalia ab ætate primâ, & cupidè, & laboriosissimè exercuit.* E de Julio Cesar se escreve, que contendendo com Cicero na eloquencia, ficou a victoria indecisa: (132) *Cæsarem enim forensi eloquentia valuisse usque eo scimus, ut ambiguam facere palmam potuerit Ciceroni.*

E se á morte de hum Principe eloquente, como Augusto, precedeo huma nova Estrella, se á morte de outro Principe eloquente, como Julio Cesar, se seguiu outra Estrella tambem nova; tambem á morte do eloquentissimo P. Antonio Vieira nesta circumstancia foy morte como de Principe: *Sicut unus de Principibus cadetis.*

Foy o nosso Herõe na vida eloquentissimo Principe dos Prégadores, observantissimo Principe dos Religiosos, fervorosissimo Principe dos Missionarios, e por esta causa, ainda que padeceo a morte como homem, naõ se confundio a immortal memoria das suas gloriosissimas acçoens com as caducas memorias do vulgo dos mortaes: *Ob quam causam etiam hæc patior, sed non confundor.* Mas accrescentouse-lhe na morte a gloria, e immortalizou-se-lhe a fama: *Sed magis glorior:* e morreo como hum daquelles Principes, para cujas Exequias accendeo o Cco novas luzes: *Sicut unus de Principibus cadetis.*

Parece

(131) Dion. Cassius *Histor. 2. Rom. lib. 56.* Lubieniecus in *Histor. Cometar de Comata* 54. (132) Suetonius de *Julio Cesare cap. 88.* Idem de *Oct. cap. 84.* Schildius in *Suetonii Julium Cesarem cap. 55. et Lipsio.*

Parece que assim o quiz testemunhar com linguas da rayos aquelle luzido Meteóro, aquella brilhante Estrella, que appareceo seis noites sobre o Collegio da Bahia na occasião da sua morte, tres noites antes, e tres depois della. Tres noites antes, para annunciar a morte deste Principe dos Prégadores, dos Religiosos, e dos Missionarios; e tres noites depois, para nos significar a fama, e gloria posthuma, que alcançou por aquelles tres titulos. Nem o Ceo podia pôr final mais claro da morte, e da gloriosa fama de hum Prégador, de hum Apostolo, e de hum Missionario, que huma nova Estrella; porque as Estrellas são symbolo dos Prégadores, como ensina S. Gregorio Magno; (133) são jeroglifico dos Apostolos, filhos da Companhia, como lhe chamaõ diversos Authores, e são imagem dos Missionarios do Maranhão, como doutamente prova o grande Mestre, (134) que agora choramos. Poz o Ceo aquella nova, e grandissima Estrella, para significar a morte de hum imitador de S. Paulo, (135) a quem Anastasio Sinaita (136) chamou Estrella maxima: *Paulus, qui cum supra omnes esset prima & maxima Stella*: e sobre cujo corpo defunto se vio no Ceo hum esplendor immenso. E se Africa vio huma Estrella sobre o cadaver do grande Antonio, razaõ era, que America admirasse huma nova Estrella sobre o corpo de outro Antonio, que tambem mereceo o titulo de Magno; e quando Deos toma por sua conta

(133) S. Greg. Moral. lib. 29. cap. 20. vide Chrystophorum Gomes in *Elogiis Societatis in indice verb. Jesuita Stella*. (134) OP. Antonio Vieira tom. 4. *Serm. da Epifania*. (135) Gavantus in *vita D. Pauli in fine*. (136) Anastasius Sinaita lib. 4. *Anagogic. contempl. in Hexameron*. Petrus de Natalibus lib. 5. cap. 110.

ta honrar este Heroe com novas luzes, já não he necessario reparar, em que elle se foy para o Ceo em 18 de Julho, dia, em que segundo Ptolomeu, (137) começa a apparecer nelle a mayor Estrella do firmamento.

Mas quando nem o dia, nem os sinaes do Ceo mostrassem, que esta morte tivera circumstancias, que a igualavaõ á dos Principes: *Sicut unus de Principibus cadetis*, bastavaõ para provállo estas fúneraes pompas, com as quaes hum Heroe, que tem no Escudo das suas Armas as Quinas de Portugal, (138) os Lyrios, e o anel, toma por sua conta o eternizar as lagrimas do nosso Reino, cujo brazaõ são as Quinas, na morte deste Principe dos Prégadores; as lagrimas dos Religiosissimos Padres da Companhia, cujo symbolo são os Lyrios na morte deste grande Apostolo: as lagrimas dos Gentios do Maranhãõ na morte deste fervorosissimo Missionario, que lhes procurou a liberdade, significada no anel, satisfazendo com esta singular demonstraçaõ de magnifico, e piedoso ás altas obrigaçoens com que nasceo; porque como sabe a erudiçaõ mais vulgar, o fazer Exequias ao Fenix, he obrigaçaõ natural de outro Fenix, e he disposiçaõ da eterna Providencia, que aquelles, em quem o entendimento se anticipou aos annos, (139) se avangagem a todos em sentir a morte dos Varões insignes: que para dar a outros eternidades da fama

lhes

(137) Ptolomæus de significationibus in errantium stellarum apud Petavium in Uranologio p. g. 98. (138) As Armas dos Menezes são hum Escudo esquadrelado, que tem no 1.º e 3.º quarto as Quinas de Portugal, e no 2.º e 4.º cinco Flores de Luz, e no centro hum Anel. (139) O Conde da Ericeira D. Francisco Xavier de Menezes nasceo em 29. de Janeiro de 1673. e no de 1684. já fez 11 bons Versos com admiraçaõ de todos os que o vimos.

nes permittio o Ceo , que furtassem os annos á puericia. Erigio Adaõ hum magnifico sepulcro a Abel, (140) aquelle grande Prégador, que ainda conserva a eloquencia no tumulto: *Defunctus adhuc loquitur*; mas consta, que não teve Adaõ annos de menino. Fez Joseph Exequias a Jacob, (141) que segundo Laureto, (142) foy figura de hum Religioso, de hum Apostolo ; mas lemos no Ecclesiastico, (143) que nos annos de Joseph até os Abris foraõ Agoostos: *Joseph, qui natus est homo*. De Jeremias (144) diz o Oraculo divino, que era Varaõ consumado a pezar dos poucos annos: *Noli dicere: puer sum*; mas por isso sabemos, que celebrou com funebre consonancia a morte de Josias, aquelle famoso expugnador das gentilicas ceremonias: (145) *Universus Juda, & Hierusalem luxerunt eum; Hieremias maxime. Idest, elegos monodias nenas, epicedia composuit de morte Josiæ*. De Josias, aquelle Heroe, que mereceo ser chorado com todas as fontes das lagrimas: (146) *Dignus plane .... qui omnibus lachrymarum fontibus deplangeretur*.

É porque em ser imitador de S. Paulo, a quem S. Joaõ Chrysofomo (147) chamou Abel, Joseph, e Josias, teve o grande P. Antonio Vieira como Prégador a Eloquencia de Abel, como Religioso, as virtudes de Jacob, como Missionario, o zelo de Josias; por isso dispoz o Ceo, que hum Heroe celebre pela anticipada luz das sciencias, com que desmentio

Dd os

(140) Salianus *ad annum mundi* 1300. n. 31. (141) Hebr. 11.4. *Genesis* 50. 10. (142) *Lauretus in Silva Allegoriarum v. Jacob*. (143) *Eccles.* 49. 17. (144) *Jerem.* 1. 7. (145) 2. *Paralipom.* 35. 24 & 25. *Maluenda hic*. (146) *Idem ibidem*. (147) S. Joannes Chrysofom. *Homil.* 8. *de laudibus S. Pauli*.

os primeiros crepusculos da puericia , dedicasse as suas veneráveis memorias , em competencia de Adão, esse Mausoléo , com emulaçoens de Joseph estas Exequias , e á imitação de Jeremias as harmonicas , e discretas lagrimas , para que já se estaõ prevenindo ambiciosos os gemidos do prélo, impacientes os suspiros do mundo ; e eu sacrificando á sua elegancia o meu silencio , acabo com fixar naquelle tunulo o meu thema por Epitafio :

POSITUS SUM EGO PRÆDICATOR,  
ET APOSTOLUS,  
ET MAGISTER GENTIUM,  
OB QUAM CAUSAM ETIAM HÆC PATIOR,  
SED NON CONFUNDOR.

*Aõ Sermaõ do Mandato , que o P. Antonio Vieira prégou na Capella Real no anno de 1640 , e he o XI. na setima. Parte dos seus Sermoens , fez a Madre Soror Joanna Inez da Cruz , professa no Mosteiro de S. Feronymo da Cidade de Mexico , a seguinte Crisi : ainda que parece mais verosimel , que esta Crisi não seja fruto das applicaçõens desta religiosa penna ; antes sim do P. M. Guerra , que por alguma implicancia , que teve com o nosso Vieira quiz cobrir com capa albeya , o que se não atrevera a fazer com a propria , talvez receando que em pouco tempo visse malogrado o seu trabalho em desabono da sua opiniaõ. A esta Crisi se deu reposta em Portugal em nome de outra Religiosa , que por correr já impressa em volume separado , se não repete nesta Collecçaõ.*

C R I S I S  
 SOBRE UN SERMON DE UN ORADOR  
 Grande entre los mayores,  
 QUE LA MADRE  
 SOROR JUANA  
 INES DE LA CRUZ  
 L L A M O'  
 R E S P U E S T A

*Por las gallardas soluciones con que responde à la  
 facundia de sus discursos.*

**M**uy Señor mio. De las bachillerias de una conversacion , que en la merced , que me haze , passaron plaza de vivezas , nació en v.m. el deseo de ver por escrito algunos discursos , que alli hize de repente , siendo algunos de ellos , y aun los más , sobre los Sermones de un excelente Orador , alabando algunas vezes sus fundamentos , otras disintiendo , y siempre admirandome de su sin igual ingenio , que aun sobrefale mas en lo segundo , que en lo primero ; porque sobre solidas vasas , no es tanto de admirar la hermosura de una fabrica , como la de la que sobre flacos fundamentos se ostenta lucida ; quales son algunas de las proposiciones de este sutilissimo talento , que es tal su suavidad , su viveza , su energia , que al mismo , que

Dd 2

dissi-

disfiente , enamora con la belleza de la Oracion , me-  
pende con la dulçura , hechiza con la gracia , y eleva,  
admira , y encanta con el todo. De esto hablamos , y  
v. m. gustò ( como ya dixè ) ver esto escrito. Y por-  
que conozca , que le obedezco en lo mas difìcil , no  
solo de parte del entendimiento, en Assumpto tan ar-  
duo , como notar proposiciones de tan gran talento;  
sino de parte de mi genio repugnante , à todo lo  
que parece impugnar à nadie , lo hago , aunque mo-  
dificado este inconveniente , en que assi de lo uno ,  
como de lo otro , serà v. m. solo el testigo , en quien  
la propria autoridad de su precepto , dexará honesta-  
dos los errores de mi obediencia , que à otros ojos  
pareciera desproporcionada sobervia , y mäs cayendo  
en sexo tan desacreditado en materia de letras con la  
comun accepcion de todo el mundo. Y para que v.m.  
vea quan purificado vè de toda passion mi sentir , es  
lo primero , que propongo , tres razones , que en es-  
te insigne Varon concurren de especial amor , y re-  
verencia mia.

La primera es el cordialissimo , y filial cariño à  
su sagrada Religion, de quien en el affecto no soy me-  
nos hija , que lo fue dicho Sujeto. La segunda , la  
grande aficion ; que este admirable pasmo de los in-  
genios me ha siempre debido , en tanto grado , que  
suelo dezir ( y lo siento assi ) que si Dios me diera à  
escoger talentos , no eligiera otro , que el suyo. La  
tercera , el que à su generosa Nacion tengo oculta  
sympathia ; que juntas à la general , de no tener es-  
piritu contradictorio , sobraba para callar , como lo  
hiziera , à no tener contrario precepto. Pero no bas-  
taràn à que el entendimiento humano , potencia li-  
bre , y que assiente , ò disfiente necessario , à lo que  
juzga



juzga ser, ò no verdad, se rinda por lisonjear el comedimiento de la voluntad. En cuya suposicion digo, que esto no es replicar, sino referir simplemente mi sentir; y este tan ageno de creer de si, lo que de el suyo pensò dicho Orador, diziendo: *Que nadie le adelantaria* (proposicion, en que hablò mas su nacion, que su profession, ni su entendimiento) que desde luego llevo pensado, y creído, que qualquiera adelantará mis discursos con infinitos grados. Y no puedo dexar de dezir, que à este, que parece atrevimiento, abrió èl mismo el camino, y hollò èl primero las intactas sendas, dexando, no solo exemplificadas, pero faciles, las menores offadias, à vista de su mayor arrojo: Pues si sintió vigor en su pluma, para adelantar en uno de sus Sermones (que será solo el assumpto de este papel) tres plumas sobre doctas, canonizadas; què mucho, que aya quien intente adelantar la suya, no canonizada, aunque docta? Si ay un Tulio moderno, que se atreva à adelantar à un Augustino, à un Thomàs, y à un Chrisostomo; què mucho que aya quien offe responder à este Tulio? Si ay quien no tema combatir en el ingenio con tres, mas que hombres; què mucho es, que aya quien haga cara à uno, aunque tan grande hombre? Y mas si se acompaña, y ampara de aquellos tres Gigantes? Pues mi assumpto es, defender las razones de los tres Santos Padres. Mal dixè. Mi assumpto es, defenderme con las razones de los tres Santos Padres. Aora creo, que acertè; y entrando en èl, digo, que seguirè en la respuesta el mètodo mismo, que siguiò el Orador en el Sermon citado, que es del Mandato, y es en esta forma.

Habla de las finezas de Christo en el fin de su vida:

vida: *In finem dilexit eos*. Joann. 13. cap. Y propone el sentir de tres Santos Padres, que son Augustino, Thomàs, y Chrysostomo, con tan generosa ofladia, que dize: *El estilo, que he de guardar en este Discurso, serà este. Referirè primero las opiniones de los Santos, y despues dirè tambien la mia; mas con esta diferencia, que ninguna fineza de Amor de Christo diràn los Santos, à que yo no dè otra mayor, que ella. Y à la fineza del Amor de Christo, que yo dixere, ninguno me ha de dar otra, que le iguale.* Estas son sus formales palabras, esta su proposicion, y esta la que motiva la Respuesta.

La Opinion primera es de Augustino, que siente, que la mayor fineza de Christo fue morir, probado con el texto: *Maiorem hac dilectionem nemo habet, ut animam suam ponat quis pro amicis suis*. Joann. 15. cap.

Dize este Orador, que *mayor fineza fue en Christo ausentarse, que morir*. Prueballo por discurso; porque Christo amaba mas à los hombres, que à su vida, pues dà la vida por ellos: Luego mas fineza es ausentarse, que morir. Prueballo con el texto de la Magdalena, que llora en el Sepulchro, y no al pie de la Cruz; porque aqui vè à Christo muerto, y alli ausente, y es mayor dolor la ausencia, que la muerte.

Prueballo mas, con que Christo no haze demonstraciones de sentimiento en la Cruz, quando muere: *Inclinato capite emittit spiritum*, y las haze en el Huerto; porque *se aparta: Factus in agonia*; (Luc. 22. cap.) porque le es mas sensible la ausencia, que la muerte.

Prueballo, con que pudiendo Christo resuscitar

zar al segundo instante , que murió , y sacramentarse despues de la Resurreccion , que lo primero era remedio de la muerte , y lo segundo de la ausencia , dilata el remedio de la muerte hasta el tercero dia , y el de la ausencia , no solo no lo dilata , pero le anticipa , sacramentandose el dia antes de morir : Luego siente mas Christo la ausencia , que la muerte.

Prueba mas. Dize , que Christo murió una vez , y se ausentò una vez ; pero que à la muerte no le diò mas que un remedio , refucitando una vez ; mas que à la ausencia le buscò infinitos , sacramentandose. Y assi à la muerte diò una Resurreccion por remedio ; pero por una ausencia multiplica infinitas presencias : Luego siente mas la ausencia , que la muerte.

Dize mas , que siente Christo tanto mas la ausencia , que la muerte ; que siendo assi , que el Sacramento de la Eucaristia , en quanto Sacramento , es presencia , y en quanto Sacrificio es muerte en que muere Christo tantas vezes , quantas se haze presente ; no repara en que cada presencia le cuesta una muerte : De manera , que siente tanto mas Christo el ausentarse , que el morir , que se sujetò à una perpetuidad de muerte , por no sufrir un instante de ausencia : Luego fue mayor fineza ausentarse , que morir.

Estas son en substancia sus razones , y pruebas , aunque por no dilatarme las estrecho à la tosquedad de mi estilo , en que no poco pierden de su energia , y viveza. Y ferà preciso hazerlo assi en todos los discursos ; pues v. m. los podrá leer de espacio en el mismo Autor , à que me refiero ; pues esto no es mas , que unos apuntes , ò reclamationes , para dar claridad à la Respuesta , que es esta.

Siento con S. Augustin , que la mayor fineza de Christo

Christo fue morir. Pruebafese por discurso; porque lo mas apreciable en el hombre es la vida, y la honra, y ambas cosas dà Christo en su afrentosa muerte. En quanto Dios ya avia hecho con el hombre finezas dignas de su Omnipotencia, como fue el criarle, conservarle, &c. Pero en quanto hombre, no tiene mas, que poder dar, que la vida. Pruebafese, no solo con el texto: *Maiorem hac dilectionem &c.* (Joan. 15. cap.) el qual se puede entender de otros amores; sino con otros infinitos. Sea uno el en que Christo dize, que es buen Pastor: *Ego sum Pastor bonus; bonus Pastor animam suam dat pro ovibus suis.* (Joan. 10. cap.) Donde Christo habla de si mismo, y califica su fineza con su muerte. Y siendo Christo quien solo sabe qual es la mayor de sus finezas, claro es, que quando se pone à executoriarlas el mismo, à aver otra mayor, la dixera. Y no ostenta para prueba de su amor, mas que la promptitud à la muerte: Luego es la mayor de las finezas de Christo.

Mas: Dos terminos tiene una fineza, que la pueden constituir en el ser de grande. El termino *à quo* de quien la executa, y el termino *ad quem* de quien la logra. El primero haze grande una fineza por el mucho costo, que tiene al amante. (Genes. 29. cap.) El segundo por la mucha utilidad, que trae al amado. Ay muchas finezas, que tienen el un termino pero carecen del otro. Sea exemplo delas primeras Jacob firviendo catorze años. O què trabajos! O què yelos! O què Soles! Gran fineza de parte de Jacob; pero veamos què utilidad trae esto à Rachel, que es el otro termino? Ninguna; pues el tener esposo, sin estas diligencias lo lograria su belleza. Esta fineza tiene solo el termino *à quo*. Sea exemplo de las segundas

gundas Esther (Esth. 2. cap.) elevada al trono Real en lugar de la Reyna Vasti. Gran dicha! Por cierto gran ventura! Grande utilidad para Esther! Pero veamos el otro termino. Què costo le tiene á Asuero essa fineza? Ninguno, solo querer. Esta fineza tiene solo el termino *ad quem*: Luego para ser del todo grande una fineza, ha de tener costos al amante, y utilidades al amado. Pues pregunto, qual fineza para Christo mas costosa, que morir? Qual mas util para el hombre, que la Redempcion, que resultò de su muerte? Luego es por ambos terminos la mayor fineza morir.

Encarna el Verbo, y mide por nuestro amor la inmensa distancia de Dios à hombre: muere, y mide la limitada, que ay de hombre à muerte; y siendo assi, que aquella es mayor distancia, quando nos representa sus finezas, y nos recomienda su memoria, no nos acuerda, que encarnò, y nos representa, que murió: *Hoc est Corpus meum, quod pro vobis traditur, hoc facite in meam commemorationem.* (I. ad Corinth: II. 24.) Pues no nos podia dezir Christo: *Este es mi Cuerpo, que por vuestro amor le tomè, y me hizè hombre?* No, que la Encarnacion no le fue penosa, ni obrò luego nuestra Redempcion, y quiere Christo acordarnos su costo, y nuestra utilidad, que son los dos terminos, que hazen perfecta una fineza, y que solo los comprehende su muerte, que es la mayor de sus finezas; porque la Encarnacion fuè mayor maravilla; pero no fue tan grande fineza; pues en quanto à maravilla, mayor maravilla fue hazerse Dios hombre, que morir siendo hombre; pero en quanto à fineza, mayor costo le tuvo morir, que encarnar; porque en encarnar no perdiò cosa alguna

Ee

del

del ser de Dios, quando se hizo Christo; y en morir dexò de ser Christo desuniedose el Cuerpo del Alma, de que se hazia Christo: Luego fue mayor fineza el morir. Y parece, que el mismo Señor lo regulò assi. Pruebase por discurso. Todos aquellos, que se eligen por medios para algun fin, se tienen por de menor aprecio, que el fin à que se dirigen; la Encarnacion fue medio para la muerte; pues Christo se hizo hombre, para morir por el hombre: Con que fue mayor fineza morir, que encarnar; aunque sea mayor maravilla encarnar, que morir: Luego morir fue la mayor fineza en la graduacion del mismo Christo, que es quien unicamente sabe graduar sus finezas. Y aun por esto dize al espirar: *Consummatus est*; porque el espirar fue la consumacion de sus finezas.

*Compra Christo* (dize el Autor) *cada presençia en el Sacramento con una muerte*. Yo entiendo, que compra la muerte con la presençia; pues tiene la presençia para acordarnos la muerte: *Quotiescumque feceritis, in mei memoriam facietis*. Aquella fineza, que el amante desea, que se imprima en la memoria del amado, es la que tiene por mayor; Christo dize: Acordaos de que mori. Y no dize: Acordaos de que os criè, de que encarnè, de que me sacramentè, &c. Luego la mayor es morir.

Confirmasè esta verdad: Aquella fineza, que el amante ostenta, y reitera mas, tiene por la mayor; Christo reitera su muerte, y no otra: Luego esta fue la mayor. Y teniendo infinitos beneficios, que podernos acordar, solo nos acuerda, que murió: Luego esta es la mayor.

Mas: Las demàs finezas de Christo se refieren;  
nero

pero no se representan; la muerte se refiere, se recomienda, y se representa: Luego no solo es la mayor fineza; pero es un compendio de todas las finezas. Pruebo: Christo en su muerte nos repite el beneficio de la Creacion; pues nos restituye en ella al primitivo ser de la gracia: Christo con su muerte reitera el de la conservacion; pues no solo nos conserva vida temporal muriendo porque vivamos, sino que nos dà su carne, y sangre por sustento: Christo en su muerte nos reitera el beneficio de la Encarnacion; pues uniendose en la Encarnacion à la carne purissima de su Madre, en la muerte se une à todos, derramando en todos su sangre. Solo el Sacramento parece, que no se representa en la muerte; y es, porque el Sacramento es la representacion de su muerte, y esto mismo prueba ser la mayor fineza la muerte; pues siendo tan grande fineza el Sacramento, es solo representacion de la muerte.

Pues en verdad, que hasta agora no hemos respondido al Autor, sino solo defendido el sentir de Augustino, de que la mayor fineza de Christo fue morir. Vamos à las razones del Autor, pues ya dexamos dichos sus fundamentos, a que desde luego le concedemos, que *Christo amò mas à los hombres, que à su vida; pues la diò por ellos; però le negamos el supuesto de que Christo se ausentò.* Y dado que se ausentasse, negamos tambien el que la ausencia sea mayor dolor, que la muerte. Vamos à lo primero, que es probar, que Christo no se ausentò.

Sirva de prueba al mio su proprio argumento. Si dize, que *Christo siente tanto el ausentarse, y tan poco el morir, que dilata el remedio de la muerte, en la Resurreccion, hasta el tercero dia, y anticipa*

*ticipa el de la ausencia en el Sacramento*, Porque fuda en el Huerto? *Factus est sudor eius*. Porque agoniza de congoxa? *Factus in agonia*. Porque se ausenta, si queda ya presente sacramentado en el Cenaculo? Y si remedia la ausencia antes que llegue, qual ausencia es la que siente, ya remediada? Luego la agonía no es de que se aparta, quien dexa ya assegurado el que se queda. Luego de todo esto se infiere, que el ausentarse, no solo no se debe contar por la mayor fineza de Christo, pero ni por fineza; pues nunca llegó el caso de ejecutarla.

Dize el Autor, que *Christo se va; porque nos importa: Expedi vobis, ut ego vadam*. Es verdad, que se va; però es falso, que se ausenta. No gastemos tiempo. Ya sabemos la infinidad de sus presencias.

Probado el que Christo no se ausentò, no sirve la prueba de la Magdalena para esta conclusion; pues solo sirviera, suponiendo el Autor la ausencia, que yo niego. Y mi argumento es, que la muerte de Christo fue la mayor fineza de las finezas, que obrò; no de la supuesta de la ausencia, que en essa niego todo el supuesto, y no ay relativo de comparacion entre lo que tiene ser, y lo que no le tiene. Pero porque propuse probar, que no es la ausencia mayor dolor, que la muerte, y por consiguiente, ni mayor fineza, sino al contrario; será preciso responder à la prueba de la Magdalena; y assi digo: Que de llorar la Magdalena en el Sepulcro, y no llorar al pie de la Cruz, no se infiere, sea mayor dolor el de la ausencia, que el de la muerte; antes lo contrario. Pruebolo.

Quando se recibe algun grande pesar, acuden todos los *spiritus vitales* à socorrer la *agonia* del cora-



corazon, que desfallece. Y esta retraccion de espiritus ocasiona general embargo, y suspension de todas las acciones, y movimientos, hasta que moderandose el dolor, cobra el corazon alientos para su desahogo, y exhala por el llanto aquellos mismos espiritus, que lebruman por confortale; en señal de que ya no necessita de tanto fomento como al principio. De donde se prueba por razon natural: Que es menor el dolor quando dà lugar al llanto, que quando no permite, que se exhalen los espiritus; porque los necessita para su aliento, y confortacion. Pruebase, con que este mismo efecto suele ocasionar un gozo: Luego no son indicio de muy grave dolor las lagrimas; pues es un signo tan comun, que indiferentemente sirven al pesar, y al gusto.

A dos hombres gradua Christo con el dulce titulo de Amigos. El uno es Lazaro: *Lazarus amicus noster dormit.* (Joan. 11. cap.) El otro es Judas: *Amice ad quid venisti?* (Matth. 26. cap.) Suceden à los dos, dos infortunios. Muere Lazaro muerte temporal; muere Judas muerte temporal, y eterna. Bien claro se vè, que esta seria mas sensible para Christo; y vemos, que llora por Lazaro: *Lachrymatus est Jesus.* (Joan. ubi supra.) Y no llora por Judas; porque aqui el mayor dolor embargò al llanto, y alli el menor le permite.

La Reyna de los dolores, para serlo tambien de los meritos, se halla al doloroso espectaculo de la muerte de su Unigenito, y quando lloran con tan distante conocimiento las Hijas de Sion, no llora la traspasada Madre: *Stantem lego; flentem non lego;* porque el inferior dolor llora, el supremo suspende, y no dexa llorar.

Dentro

Dentro del caso mismo de la Magdalena hallaremos otra prueba. No ay duda, que la Magdalena amò mucho à Christo. El mismo Señor lo testifica: *Remittuntur ei peccata multa, quia dilexit multum.* Pues siendo este amor tan meritorio, claro está, que seria perfecto; y el perfecto, claro está, que es Amar à Dios sobre todas las cosas: Luego amaba la Magdalena mas à Christo, que a Lazaro su hermano. Pues como llora en la muerte de su hermano: *Et vidit eam Jesus flentem, &c.* (Joan. ubi suprà.) y no llora en la muerte de Christo? Es, porque tuvo menor dolor en la muerte de Lazaro, que en la muerte de su Maestro: Luego se prueba ser mayor dolor el que no dexa llorar, que el que llorar dexa.

Pruebolo mas. Què dolor ay en la ausencia, sino una carencia de la vista de lo que se ama? Pues este, claro està, que le tiene la muerte mas circun-tancionado; porque la ausencia trae una carencia limitada, y la muerte una carencia perpetua: Luego es mayor dolor el de la muerte, que el de la ausencia; pues es una mayor ausencia.

Aprieto mas. El ausente siente solo no ver lo que ama; pero no tiene otro daño en si, ni en lo que ama. El que muere, ò vè morir, siente la carencia de su amado, y la muerte propia, ò siente la carencia, y siente la muerte de su amado: Luego es mayor dolor la muerte, que la ausencia; porque la ausencia es solo ausencia; y la muerte es muerte, y es ausencia: Luego si la comprehende con aditamento, mayor dolor serà.

Vamos al segundo sentir, que es de S. Thomàs. Dize este Angelico Doctor, que *la mayor fineza de Christo fue el quedarse con nosotros sacramentado,*  
*quando*

quando se partia à su Padre glorioso. Ajustadme esto con con aquella tan ponderada ausencia del Discurso pasado. Vamos al caso.

Dize este sutilissimo ingenio, \* que *no fue la mayor fineza de Christo sacramentarse, sino quedar en el Sacramento sin uso de sentidos*. Pruebalo con el lugar de Absalon, quando buelto de Gessur à la Corte, y no enteramente reducido à la gracia de David, queria mas la muerte, que tan penosa ausencia. Allà verà v.m. en el Sermon lo elegante desta prueba, que à mi me importa primero averiguar la forma de este Sylogismo, y ver como arguye el Santo, y como replica el Autor.

El Santo dize: *Sacramentarse fue la mayor fineza de Christo*. Replica el Autor: *No fue, sino quedar sin uso de sentidos en esse Sacramento*. Què forma de arguir es esta? El S. propone en genero, el Autor responde en especie? Luego no està en forma el Sylogismo, ni vale el argumento. Si el Santo hablara de una de las especies infinitas de finezas, que se encierran en aquel Erario riquissimo del divino amor debaxo de los accidentes de pan, fuera buena la oposicion; pero si las comprehende todas en la palabra: *Sacramentarse*, como le responde oponiendole una de las mismas finezas, que el Santo comprehende? Si uno dixesse, que *la mas noble categoria era la de substancia*, y otro le replicasse, que *no, sino el hombre*, aunque para esto traxesse muy elegantes pruebas, quales son las que trae el Autor, no diriamos, que no servian; porque era sofistico el argumento, y pecaba en la forma; pues el hombre es especie del genero de substancia, y està comprehendido debaxo de ella?

\* El Autor contra Santo Thomàs.

ella? Claro està. Pues assi juzgo yo este, fino es, que me engaño, que bien podrá ser; pero lo que aseguro es, que no será por passion. Velo v. m. que yo me sujeto en esto (como en todo) à su correccion. Pareceme, que quitadas las primeras vasas, sobre que estribava la proposicion, cae en tierra el edificio de las pruebas, que quanto eran mas fuertes, tanto son mas promptas al precipicio, saliendo flaco el fundamento.

Ya pienso, que he satisfecho en lo que toca à la defenfa de Santo Thomàs, cuya proposicion abraça, y comprehende todas las finezas sacramentales. Pero si yo huviera de arguir de especie à especie con el Autor, dixera, que de las especies de fineza, que Christo obrò en el Sacramento, no es la mayor el estar sin uso de sentidos, sino estar presente al desayre de las ofensas. Porque privarse del uso de los sentidos, es solo abstenerse de las delicias del amor, que es tormento negativo; però ponerse presente à las ofensas, es, no solo buscar el positivo de los zelos, sino tambien (lo que mas es) sufrir ultrages en el respeto. Y es esta tanto mayor fineza, que aquella, quanto va de un amor agraviado, à un amor reprimido. Y lo que dista el dolor de un deleite, que no se goza, à una ofensa, que se tolera, dista el de privarse de los sentidos, à el de hazer cara à los agravios. No ver lo que dà gusto, es dolor; pero mayor dolor es, ver lo que dà disgusto.

Venden à Joseph sus hermanos en Egipto, y priyan à Jacob del deleite de su vista. Atreviese Ruben à violar el lecho de su padre. Grandes delitos ambos! Pero veamos los castigos, que Jacob les previene. A Ruben priva de la primogenitura, expresando

fando por causal el agravio, maldicele, y quiere, que no crezca: *Effusus es sicut aqua, non crescas; quia ascendisti cubile Patris tui, & maculasti stratum eius.* Bien merecida pena à su culpa. Pero veamos, que castigo asigna à los demàs por aver vendido à Joseph? Ninguno, ni buelve à hazer mencion de tal cosa. Pues como? Un delito tan enorme se queda alli? Vender à su Hermano? Y à un Hermano tal como Joseph, delicias, y consuelo de Jacob, y despues amparo de todos? Y esto se olvida, y à Ruben castigan? Si, que en la venta de Joseph privaron à Jacob solo del deleite de su amor; pero Ruben ofendió su amor, y su respeto: Y es menor dolor privarse del logro del amor, que sufrir agravios del amor, y del respeto: Luego es en Christo mayor fineza esta, que aquella. Esto he dicho de passo, que es argumento de especie à especie, que puede hazerse al Autor, no al Santo. Vamos à la tercera, que es de San Juan Chrysostomo.

Dize el Santo, que *la mayor fineza de Christo fue lavar los pies à los Discipulos.* Dize el Autor, \* que *no fue la mayor fineza lavar los pies; sino la causa, que le moviò à lavarlos.*

Otra tenemos no muy diferente de la passada. Aquella de especie á genero; esta de efecto à causa. Valgame Dios! Pudo passarle por el pensamiento al Divino Chrysostomo, que Christo obrò tal cosa sin causa, y muy grande? Claro está, que no pudo pensar tal cosa. Antes no solo una causa, sino muchas causas manifiesta en tan portentoso efecto, como humillarse aquella inmensa Magestad à los pies de los hombres. Este es el efecto; y con su energia el Chri-

Ff

sostomo

\* El Autor contra Chrysostomo.

sofotomo quiere, que inframos de èl, lo grande de las causas, sin expressarlas; porque no pudo hallar mas viva expreſſion, que referir tan humilde ministerio en tanta soberania, como diziendo: Mirad como nos amò Christo; pues se humillò à lavarnos los pies. Mirad lo que deseò enseñarnos con su exemplo; pues se abatiò hasta lavarnos los pies. Mirad quanto sollicitò la conversion de Judas; pues llegó à lavarle los pies. Y otras muchas mas causas, que el Evangelio expreſſa, y muchas mas, que calla, y que el Chrisostomo incluye en aquel: Lavò los pies à sus Discipulos. Pues si el motivo de lavar los pies, y la execucion de lavarlos, se han como causa, y efecto; y la causa, y efecto son relativos, que aqui no pueden separarse; donde està esta mayoria, que el Autor halla entre lavar, y la causa de lavar, si solo su diferencia es, ser generante la causa, y el efecto engendrado? Ni qual es la mayor fineza, que dà à lo que el Santo dize? Pues al fin se refunde, en que *Christo se abatiò à los pies de Judas, cuyo corazon era trono de Satanàs.* Y este es el efecto, que el Santo pondera, y expreſſa, y que *la causa fue por reducirle.* Y esta es la causa, ò una de las causas, que el Santo incluyó, refiriendo el efecto con mas misteriosa ponderacion, que si las expreſſara.

Quiere el Evangelista S. Juan dar pruebas del amor del Eterno Padre, y lo prueba con el efecto: *Sic Deus dilexit mundum, ut filium suum unigenitum daret.* Amò Dios de manera al mundo, que le diò à su Hijo: Luego el efecto es el que prueba la causa. Para encender nuestros deseos en los bienes eternos se nos dize, que ni ojos vieron, ni oidos oyeron, ni coraçon humano puede comprehender, como

mo es aquella felicidad eterna. Pues no fuera mejor para suscitarnos el deseo pintarnos la gloria? No; que lo que no cabe en las voces, queda mas decente en el silencio: Y expresa, y da à entender mas un *No se puede explicar como es la gloria*, que un *Assi es la gloria*. Assi el Chrysostomo, la obra, que es exterior expresa, la causa supone, y como inexplicable la dexa de dezir.

Para dar mayor claridad à lo dicho, y apoyar mas la propiedad, con que habló el Santo, apuremos, que cosa es fineza. Es fineza acaso tener amor? No por cierto; sino las demonstraciones de amor, estas se llaman finezas. Aquellos signos exteriores demonstrativos, y acciones, que exercita el amante, siendo su causa motiva el amor, esto se llama fineza: Luego si el Santo està hablando de finezas, y actos externos; con grandissima propiedad trae el Lavatorio, y no la causa; pues la causa es el amor, y el Santo no està hablando del amor, sino de la fineza, que es el signo exterior: Luego no ay para que, ni porquè arguirle; pues lleva el Santo supuesto, lo que despues le facan como nuevo.

Ya hemos respondido por los tres Santos. Ahora vamos à lo mas arduo, que es la opinion, que ultimamente forma el Autor al Achilles de su Sermon, a la que en su sentir tiene por la mayor fineza de Christo, y à la que dize, \* que *ninguno le dará otra, que le iguale*, que es dezir, que *Christo no quiso la correspondencia de su amor para si, sino para los hombres. Y que esta fue la mayor fineza: Amar sin correspondencia*. Pruebalo con aquellas palabras: *Et vos debetis alter alterius lavare pedes*. (Joan. 13. cap.)

\* *Senti de el Autor.*

De donde infiere , que Christo no quiere , que le correspondamos , ni que le amemos ; sino que nos amemos unos à otros , y dize , que es la mayor fineza de Christo esta ; porque es fineza sin interes de correspondencia. Para esto no trae pruebas de Sagrada Escritura ; porque dize , que *la mayor prueba de esta fineza es el carecer de pruebas , porque es fineza sin exemplar*. Con que bien mirada la proposicion tiene dos miembros à que responder. El uno es , que *Christo no quiso nuestra correspondencia*. El otro , que *no tiene prueba esta fineza de Christo*. Con que serán dos las respuestas. Una probar , que no solo no fue fineza la que el Autor dize ; pero que fue fineza lo contrario , que es , que *Christo, quiere nuestra correspondencia , y que esta es la fineza*. La otra probar , que *quando supieramos , que era fineza , la que dize el Autor , no le faltaran pruebas en la Sagrada Escritura , ni exemplares donde nada falta*.

Vamos à lo primero , que es probar , que no fue fineza la que dize el Autor , ni Christo la hizo. El probar , que Christo quiso nuestra correspondencia , y no la renunciò , sino que la solicitò , es tan facil , que no se halla otra cosa en todas las Sagradas Letras , que instancias , y preceptos , que nos mandan amar à Dios. Ya se vè , que el primer precepto es : *Diliges Dominum Deum tuum ex toto corde tuo , & ex tota anima tua , & ex tota mente tua*. (Deuter. 6. & Marc. 12.) Pues como se puede entender , que Christo no quiere nuestra correspondencia , quando con tanto aprieto la encarga , y manda? Claro està , que el Autor sabrà esto mejor que yo , sino que quiso hazer ostentacion de su ingenio con la extravagancia , no porque sintiesse , que lo podia probar ;



probar ; pues aunque en la clausula : *Et vos debetis alter alterius lavare pedes*, no se expresa el amor, que nos pide Christo para si ; y se expresa el que nos manda tener al proximo ; se incluye, y embuelve en ella misma el amor de Dios, aunque no se expresa con mayor eficacia, que el del proximo, que se manda.

Pruebolo por razon. Manda Dios amar al proximo, y quiere, que lo hagamos, porque èl lo manda : Luego dexa supuesto, que debemos amar à Dios ; pues por su obediencia hemos de amar al proximo. Quando se haze, por respeto de alguno, alguna accion a favor de otro, mas se aprecia aquel, por cuya atencion se haze, que al con quien se haze.

Quiere Dios destruir al Pueblo, por el pecado de la idolatria. Interponese Moyses, diciendo : *Señor, ò perdonales, ò borrame del Libro de la Vida*. Perdona Dios aquel Pueblo ingrato por esta interposicion. Quien queda aqui, pregunto, mas obligado à Dios, Moyses ò el Pueblo ? Claro està, que Moyses ; pues aunque el beneficio resultò en bien del Pueblo, y quedò muy obligado à Dios, mas lo quedò Moyses ; pues lo hizo Dios por su respeto. Quiere Christo, que nos amemos ; pero que nos amemos en el, y por èl : Luego su amor es primero. Y sino veamos como lleva, el que nos amemos sin su respeto. Veamoslo. Manda Christo amar à los padres : *Honora patrem tuum*. Manda amar al proximo : *Diliges proximum tuum, sicut te ipsum*. Bien. Pero como ha de ser este amor ? Anteponiendo siempre el suyo, no solo à los amores pecaminosos, no solo à los viciosos, sino à los licitos, à los obligatorios, à los que èl mismo nos manda tener. Como entre el padre, y el hijo  
entre

entre la muger, y el marido, y todos los de más, que Su Magestad quiere, no los quiere en no siendo por su respeto, antes los aborrece, y los separa. Y fino vease el admirable orden, con que en el Evangelio nos va enseñando el modo de cumplir, y praticar aquel primer precepto: *Diliges Dominum Deum tuum, &c.* (Exod.20.cap.) Ha mandado Su Magestad amar à los padres: *Honora patrem tuum, &c.* Y para que no pensemos, que los podemos amar mas que à Dios, dize: *Qui amat patrem, aut matrem plusquam me, non est me dignus.* (Math.10 cap.) Y aqui parece, que se contenta Dios solo con que no amemos mas à los padres, que à Su Magestad. Pues no, mas adelante passa la obligacion; pues hasta aora solo manda no amarlos mas; pero despues manda aborrecerlos, si son estorvo de su servicio: *Siquis venit ad me, & non odit patrem suum, & matrem, & uxorem, & filios, & fratres, & sorores, &c.* Vese aqui, que ya nos manda aborrecer à todos los propinquos. Pues todavia falta, que aun quedamos enteros, y ni aun à nuestros miembros hemos de perdonar, si importa á su servicio: *Si autem manus tua, vel pes tuum scandalizat te, abscinde eum, & projice abs te.* En verdad, que ya, ni la mano, ni el ojo estan eslemtos. Pero aun ay vida, pues no, ni ella tampoco: *Qui non odit patrem suum, & matrem suam, & uxorem, & filios, & fratres, & sorores, adhuc autem, & animam suam, non potest meus esse Discipulus.* (Luc.15.cap.) Valgame Dios, que apretado precepto, que no reserva ni aun la vida! Pero aun nos queda el ser. Como? Ni el ser se reserva. Oygameos: *Si quis vult post me venire, abneget semetipsum.* (Matth.16.cap.) ¡Si alguno quiere seguirme nieguese

à si mismo. Veis ài, como nada ay reservado en importando à su servicio; pues como hemos de pensar, que no quiere nuestro amor para si, si vemos, que los mas licitos amores nos prohibe, quando se oponen al suyo? Y no como quiera, sino que les haze guerra à sangre, y fuego: *Ego veni ignem mittere in terram.* Y en otra parte: *Non veni mittere pacem in terram, sed gladium; veni enim separare hominem adversus patrem suum, & filiam adversus matrem suam, & nurum adversus socrum suam, & inimici hominis domestici eius.* (Matth. 10. cap.) En que es para mi muy notable la circunstancia de dezir Christo, que viene a apartar la nuera de la suegra, y a hazer à los criados enemigos de su dueño. Pues Señor, que necesidad ay, de que vos los aparteis, y enemisteis? Ellos no se estan separados, y enemistados? Apartar al padre del hijo, y a la hija de la madre, al marido de la muger, al hermano del hermano, bien está; porque todos estos se aman: Pero a la nuera de la suegra? A los criados del amo? No lo entiendo; porque què nuera no aborrece a su suegra? Què criado no es necesario enemigo de su dueño? Pues què necesidad ay de separarlos, si ellos lo estan? Esse es el mayor aprieto del precepto, que aviendo tan pocas excepciones de buenos criados, y nueras amantes de suegras, nó obstante los comprehende; porque los pocos, que suele aver de esta linea, no se tengan por exemptos del precepto: Que ya vimos un Eliazer fiel criado de Abraham, y una Rut amante de su suegra Noemi; porque es Dios muy zeloso de lo que toca a este punto de la primacia de su amor, y assi apenas se halla plana sagrada en que no lo repita: *Ego sum Dominus Deus tuus fortis zelotes.* (Exod.

(Exod. cap. 20.) Yo soy tu Señor, y Dios, fuerte, y zeloso. Y haze de manera ostentacion de su amor en sus zelos, que despues de aver hecho varias amenazas a la Synagoga por sus maldades, la ultima, y mas terrible es: *Auferam à te zelum meum.* Como si le dixera: Pues con tantos beneficios no te quieres reducir, ni con tantos castigos te quieres enmendar, yo executaré en ti el mayor de todos. Y qual es, Señor? Qual? *Auferam à te zelum meum.* Quitaré de ti mi zelo, que es señal de que quito de ti mi amor.

Quiere Dios examinar la fe del Patriarca Abraham, y mandale sacrificar a Isaac su hijo. Ahora reparo yo: Porque es Isaac el señalado? No era hijo tambien Ismael? Y si el sacrificio avia de ser de un hijo, no bastaba, que fuese Ismael, ò a lo menos, que Dios le dixera: Sacrificame uno de tus hijos, sin señalar qual, y dexar libre le eleccion a su Padre? Pues porque nombra a Isaac? Porque? Atiendase a las palabras: *Tolle filium tuum, quem diligis Isaac, &c.* (Genes. 22. cap.) Assi, que el querido es Isaac? Pues sea Isaac el sacrificado; que parece, que está Dios zeloso, de que sea Isaac tan amado de su Padre, y quiere probar qual amor puede mas con Abraham, si el suyo, ò el del hijo.

Mas. Bien sabemos, que Dios sabia lo que Abraham avia de hazer, y que le amaba mas a el, que Isaac; pues para que es este examen? Ya se ve, que es para nosotros; porque es Dios tan zeloso, que no solo quiere ser amado, y preferido a todas las cosas; pero quiere, que esto conste, lo sepa todo el Mundo, y para esto examina a Abraham.

De todo esto juzgo, que se puede conocer el grande

grande aprieto, con que Christo pide nuestro amor, y que quando manda, que nos amemos, es siendo Su Magestad el medio deste amor. De manera, que para amarnos uno, a otros ha de ser Su Magestad el medio, y la union; y nadie ignora, que el medio, que une dos terminos, se une el mas estrecha, y inmediatamente con ellos, que los une entre si à ellos: Christo se pone por medio, y union: Luego quiere, que le amemos quando manda, que amemos al proximo.

Dize mas Christo, que su precepto es, que amemos al proximo, como Su Magestad nos amò: *Hoc est præceptum meum, ut diligatis invicem, sicut dilexi vos.* (Joan. 15. cap.) Aqui solo manda, que nos amemos unos à otros. Però para poder cumplir nosotros este precepto, que disposicion hemos menester? El mismo Christo la enseña: *Qui diligit me, mandatum meum servabit*, y el Evangelista S. Juan en la Epist. I. cap. 5. *Hæc est, enim, charitas Dei, ut mandata ejus custodiamus.* Luego para cumplir el precepto de amar al proximo, hemos de amar primero à Dios. Si Christo (como dize en otro Sermon el mismo Autor) se llama Vid, y à nosotros sarmientos: *Ego sum vitis, nos palmites*, (Joan. 15. cap.) y los sarmientos primero se unem à la vid, que ellos entre si: Luego quiere Christo, luego manda Christo, luego solicita Christo, que le amemos.

Creo, que me he alargado superfluamente en lo que por sí es tan claro; pero esto mismo causa el que ocurra tanto, que dezir en la materia, que se trabaja mas en dexarlo, que en ponerlo. De lo dicho juzgo, que sale por legitima consequencia, que Christo no hizo por nosotros la fineza, que el Autor supone, de no querer correspondencia.

Podranme replicar, que si ay finèza, que sea digna de tal nombre, que Christo dexasse de hazer por nosotros cõn su inmenso amor? Y dirè yo, que si ay; porque ay finezas, que les ocasiona à serlo nuestra limitada naturaleza, y essas no hizo Christo; porque no eran conformes à su perfeccion infinita, ni decentes à su inmensa Magestad, ni à la dignidad, y soberania suya. Verbi gratia. Los justos hazen por Christo algunas finezas, que Christo no hizo por ellos, como es, resistir tentaciones, luchando con nuestra naturaleza, que coïnquinada con el pecado esta propensa al mal, y à mas de esto, el temor, y peligro de ser de ellas vencido, y pelear con incertidumbre de la victoria, ò la perdida. Ninguna de estas dos especies de finezas pudo hazer Christo; pues ni pudo ser tentado, ni menos tener peligros de pecar: Pues aunque Su Magestad fue llevado al Desierto: *Ut tentaretur à diabolo.* (Matth. 4. cap.) bien saben los doctos, como se entiende este lugar, y lo explica el glorioso Doctor S. Gregorio sobre el mismo lugar, diciendo, que la tentacion es en tres maneras. Por suggestion, delectacion, ò consentimiento. Del primer modo (dize) solamente pudo Christo ser tentado del demonio: Porque nosotros quando somos tentados, las mas vezes caemos, ò en el consentimiento, ò en la delectacion, ò podemos al menos caer en una de las dos cosas, ò en ambas; porque como hijos de pecado, y concebidos en èl, tenemos en nosotros mismos la semilla de la culpa, que es el *fomes peccati*, que nos inclina à pecar: Pero Christo nacido de Madre Virgen, y por Concepcion milagrosa, era impecable, por lo qual no pudo sentir en si alguna repugnancia, ò contradiccion al obrar bien; y assi solo pudo ser

fer tentado por sugestion, que es una tentacion extrinseca, y que estava muy lexos de su mente, y no le podia inclinar, ni hazer guerra alguna; y no teniendo ni la lucha, ni el riesgo, no pudo hazer la fineza de resistir, ni temer el riesgo de pecar. Por lo qual dize el Apostol: *Adimpleo ea, quæ defunt Passioni Christi, in carne mea, pro corpore eius, quod est Ecclesia.* (Paul. Epist. 1. ad Colof.) Pues como si fue copiosa la Redempcion: *Copiosa apud eum Redemptio*, que añade, ò que llena la Passion de Christo? A la Passion pudo faltarle algo? Què hizo S. Pablo, que no hizo? El mismo Apostol lo dize: *Datus est mihi stimulus carnis meæ Angelus Satanae, qui me colaphizet.* (Epist. 2. ad Cor. cap. 12.) Esto es lo que faltò à la Passion de Christo, luchar con tentaciones, y temer peligros de pecar, y esto es lo con que dize S. Pablo, que llena la Passion de Christo, y estas son las finezas, que no pudo hazer Christo, y podemos hazer nosotros.

Pues alli, el no querer correspondencia, fue fineza en un amor humano; porque fuera desinteres: Pero en el de Christo no lo fuera; porque no tiene interes alguno en nuestra correspondencia. Pruebolo: El amor humano halla en ser correspondido algo, que le faltara, sino lo fuera, como el deleite, la utilidad, el applauso, &c. Pero à el de Christo nada le falta, aunque no le correspondamos. En si, y consigo se tiene todos sus deleites, todas sus riquezas, y todos sus bienes: Luego nada renunciara, si renunciara nuestra correspondencia; pues nada le añade, y el renunciar lo que era nada, no era fineza alguna, y como no era fineza en Christo, por esso no la haze Christo por nosotros. En el libro de Job al cap. 35. se lee, hablando de la soberania con que Dios no nos

ha menester; *Porro si justè egeris, quid donabis ei, quid de manu tua accipiet? Homini, qui similis tui est, nocebit impietas tua, & filium hominis adjuvabit iustitia tua.* De donde sale claro, que nosotros necessitamos de correspondencias; porque nos traen utilidades, y por tanto fuera fineza, y muy grande, el renunciarlas: Pero en Christo, que no le resultan algunos commodos de nuestra correspondencia, no fuera fineza el no quererla. Y por esso, como ya dixè, no lo haze Christo por nosotros; antes haze lo contrario, que es sollicitar nuestra correspondencia sin averla menester, y essa es la fineza de Christo.

Es el amor de Christo muy al revés de el de los hombres. Los hombres quieren la correspondencia; porque es bien proprio suyo: Christo quiere essa misma correspondencia para bien ageno, que es el de los propios hombres. Ami me parece, que el Autor anduvo muy cerca deste punto: pero equivocòlo, y dixo lo contrario: Porque viendo à Christo desinteresado, se persuadiò à que *no queria ser correspondido.* Y es, que no diò el Autor distincion entre correspondencia, y utilidad de la correspondencia: Y esto ultimo es lo que Christo renunciò, no la correspondencia. Y assi la proposicion de el Autor es, que *Christo no quiso la correspondencia para si, sino para los hombres.* La mia es, que *Christo quiso la correspondencia para si; pero la utilidad, que resulta de la correspondencia, la quiso para los hombres.*

Acà el Amante haze la correspondencia medio para su bien: Christo haze la correspondencia medio para el bien de los hombres. De manera, que divide la correspondencia, y el fin de la correspondencia. La correspondencia reserva para si: El fin de ella, que es la



la utilidad , que de ella resulta , se lo dexa à los hombres. Acà los amantes reciprocos quieren el bien de su amor para su amado ; pero el bien del amor del amado para si : Christo el bien del amor , que tiene al hombre , y el bien del amor , que el hombre le tiene , todo quiere ; que sea para el hombre.

Examina Christo à Pedro de su amor , y dizele: *Petre amas me ?* (Joan. 21. cap.) Responde Pedro con aquellas ardientes ponderaciones , que brotaba su encendido corazon , que si , y que pondrà su vida por su amor. Veamos para què es este examen tan apretado de Christo. Sin duda , que quiere , que Pedro le haga algun gran servicio. Si quiere. Y qual es? *Pasce oves meas.* Esto es lo que quiere Christo , que el amor de Pedro sea suyo ; pero que la utilidad resulte en sus ovejas. Bien pudiera Christo dezirle à Pedro ( y parece , que era mas congruente : ) Pedro , amas à las ovejas? Pues apacientalas. Y no dize sino : *Pedro me amas à mi ? Pues guarda mis ovejas.* Lugo quiere el amor para si , y la utilidad para los hombres.

Pudieramos aora replicar , diziendo : Si Christo no ha menester el amor del hombre para bien suyo , sino para el bien del mismo hombre , y para este bien basta el amor de Christo , que es quien nos ha de hazer el bien ; para què solicita el amor del hombre , pues fin que el hombre le ame , puede Christo hazerle bien ?

Para responder à esta replica , es menester acordarnos , que Dios diò al hombre libre alvedrio , con que pueda padecer violencia ; porque es omenage , que Dios le hizo , y carta de libertad autentica , que le otorgò. Pues aora : De la raiz de esta libertad nace , que no basta , que Dios quiera ser del hombre , si el hombre no quiere , que Dios sea suyo. Y como

mo el ser Dios de el hombre, es el summo bien del hombre, y esto no puede ser, sin que el hombre quiera: por esso quiere Dios, sollicita, y manda al hombre, que le ame; porque el amar à Dios es el bien del hombre. Dize el Real Profeta David, que Dios es Dios, y Señor; porque no necessita de nuestros bienes: *Dixi Domino: Deus meus es tu; quoniam bonorum meorum non eges.* (Ps. 15. vers. 1.) Aqui se conoce claro, que Dios no necessita de nuestros bienes. Despues hablando en persona del mismo Señor dize, haziendo ostentacion de su poder: *Yo no he menester vuestros sacrificios, ni vuestros holocaustos. Yo no recibo vuestros bezeros, ni vuestros bircos. Mias son todas las aves, que buelan, y las fieras, que pascen. Mia toda la abundancia, que produce en sus frutos la tierra. Mia en fin toda la maquina del Orbe. Por ventura pensais, que me sustentan las carnes de los toros, ò que bebo la sangre vertida de los cabritos?* (Ps. 49. vers. 7.) Pues Señor Altissimo (le pudieramos responder) si de nada necesitais, porque todo es vuestro; si desdeñais todas las victimas, y no aceptais los sacrificios; si sois todo poderoso, è infinitamente rico, que podrèmos hazer en vuestro servicio vuestras pobres creaturas? Ved, que es desconuelo nuestro el no poderos ofrecer algo, porque lo teneis todo, quando nos teneis tan obligados con vuestros beneficios. Si podeis (parece, que nos responde al vers. 14. del mismo Psalm.) *Immola Deos sacrificium laudis, & redde Altissimo vota tua, & invoca me in die tribulationis, & eruam te, honorificabis me.* Como se dixera: *Hombre, quieres cerresponder à lo mucho, que te he dado? Pues pideme mas; y esso recibo yo por paga. Llamame en tus trabajos, para que te libre*  
de

de ellos; que essa confiança tuya tengo yo por honor mia. O' primor del divino amor, dezir, que es honor fuyo, lo que es provecho nuestro! O' Sabiduria de Dios! O' liberalidad de Dios! Y ò finezas solo de Dios! Y solo dignas de Dios! Para esso quiere Dios nuestro amor, para nuestro bien, no para el fuyo. Y este fue el primor de su fineza; el no querer nuestra correspondencia, como quiere el Autor; sino el quererla para bien nuestro.

Ya queda probado, que Christo quiso nuestra correspondencia, y que su fineza mayor fue el quererla. Falta aora el probar lo que prometí, que es, que *quando supongamos, que fuera fineza el no quererla, no le faltaran* (como quiere el Autor) *pruebas, ni exemplares, à esta fineza en la Sagrada Escritura;* aunque el Autor la haze tan grande, y tan sin exemplar, que dize, que *no ha avido quien del Amor, que tiene, quiera para otro la correspondencia.* Veamos si yo hallo alguno, que lo aya hecho.

Mata Absalon à su hermano Amon por el stupro de Thamar. (2.Reg. cap. 13.) Y què haze su padre el Rey David? Se indigna tanto, que obliga à Absalon à salir huyendo de la muerte à Gessur, y permanece tan airado el Rey, que aun Joab su primer Ministro no se atreve à hablar en su perdon, sino es por medio de la Tecuites, y aun despues de todo no quiere David, que Absalon le vea la cara. Grande enojo! Grande ira! Buelve en fin Absalon à la gracia de su padre, y apenas se vè en ella, quando traidor, y rebelde à su amor, y su Corona se haze aclamar Rey en Ebron, procura no solo quitar à su padre el Reyno, pero la vida, y la honra, profanando publicamente sus lechos. O' que ofensas! O' que ingratitudes! O' què

què ultrages ! Y ò què tal , podemos esperar , que este David de indignado , de ofendido , de airado contra tan mal hijo , contra tan traydor vassallo ! Poco falta , para que lo veamos , que ya la fortuna de las armas està en favor de David , y se podrá vengar à su satisfacion. Oygameos et orden , que para esto dá al General Joab : *Servate mihi puerum Absalon.* ( Cap. 18. ) Jesus ! Què orden es esta , tan al revès de lo que se esperaba ? Pues no para ahi. Quebranta Joab inobediente el orden , mata à Absalon. Y que haze David ? Què ? Lloray se buelve toda la victoria en llanto , y no como quiera , sino que desea ser el muerto , porque sea Absalon el vivo : *Fili mi Absalon , quis mihi det , ut ego moriar pro te ?* ( Cap. 18. ) Què es esto , David , assi lloras por un hijo tan enemigo ? Por un vassallo tan traydor ? Por quien os queria quitar la vida , queriais vos dar la vuestra ? Y ya que es tan grande vuestro amor , que le queriais perdonar tan execrables maldadades contra vos ; como quando matò à su hermano Amon , no mostrasteis esta ternura , sino que le queriais matar à el ? Este es el mismo Absalon : Pues como alli estais airado por la menor ofensa , que fue matar à su hermano , y aqui por la mayor , que es quereros matar à vos , no solo no estais enojado , mas estais tierno ? Mas sentimiento hizisteis , de que Absalon fuesse cruel con Amon , que no de que lo fuesse con vos ? Mas sentis , que saltasse Absalon al amor de Amon , que al vuestro ? Si. Assi passò. Pues aora : Para quien pedia David la correspondencia de su amor ? Bien claro se vè , que para Amon , y no para si : Luego ay prueba , y exemplares , de quien busca para otro la correspondencia , que le debe : Luego quando fuera fineza en Christo no buscar correspondencia ,  
no

no careceria de prueba , como dixo el Autor , que es la segunda parte , à que prometí responder.

Con lo qual me parece , que aunque con mi rudeza , cortedad , y poco estudio , he obedecido à v.m. en lo que me mando. La demasiada priessa con que lo he escrito , no ha dado lugar à pulir algo mas el discurso ; porque *festinans canis cæcos parit catulos*. Y assi le remito en tembrion ; como suele la Ossa parir sus informes cachorrillos , y assi lleva este defecto mas , entre los muchos , que v.m. le reconocerà : Pero como todos van à sus manos , unos corregirà con discrecion , y otros suplirà con amistad. El assunto tambien con su dificultad dexò honestado el no conseguirse ; pues en blanco inaccessible no queda tan desairado el error del tiro , como en los comunes ; y basta para bizzaria en los Pigmeos atreverse à Hercules. A vista del elevado ingenio del Autor , aun los muy Gigantes parecen Enanos : Pues que harà una pobre muger ? Aunque ya se viò , que una quitò la Clava de las manos à Alcides , siendo uno de los tres impossibles , que venerò la Antigüedad. Y hablando mas à lo Christiano : *Quæ stulta sunt mundi, elegit Deus, ut confundat sapientes; & infirma mundi elegit Deus, ut confundat fortia, & ignobilia mundi, & contemptibilia elegit Deus, & ea, quæ non sunt, ut ea quæ sunt destrueret; ut non gloriatur omnis caro in conspectu ejus.* \* Creo cierto , que si algo llevare de acierto este papel , no es obra de mi entendimiento , sino solo que Dios quiere castigar con tan flaco instrumento la sobervia de aquellas proposiciones primeras de dezir , que *no avria quien le diese otra fineza igual*. Con que cree , que puede aver-

Hh

tajar

\* *Paul. Epist. 1 ad Cor. cap.*

rajar su ingenio à los de los tres Santos Padres, y no creé, que puede aver quien le iguale. Y pensando, que no se estrechò la mano de Dios à Augustino, Chriftomo, y Thomàs, juzga, que se abreviò à el, para no poder criar quien le responda: Que quando yo no aya confeguido mas, que el atreverme à hazerlo, fuera bastante mortificacion para un Varon tan de todas maneras insigne, que creyò, que no avria hombre, que se atreviesse à responderle, ver que se atreva una muger ignorante, en quien estan ageno este genero de estudio, y tan distante de su sexo: pero tambien lo era de Judith el manejo de las armas, y de Debora la Judicatura. Y si con todo pareciere no licita extravagancia esta en mi, con romper v. m. este papel quedará subsanado el error de averle escrito. Finalmente, aunque este papel sea tan privado, que solo lo escrivo porque v. m. lo manda, y para que le vea, lo sujeto en todo à la correccion de nuestra Santa Madre Iglesia Catholica, y detesto, y doy por nulo, y por no dicho todo aquello, que se apartare del comun sentir suyo, y de los Santos Padres. *Vale.*

Bien avrà v. m. creído, viendome clausular este discurso, que me he olvidado de essotro punto, que me mandò escrivir, *que es; qual es, en mi sentir, la mayor fineza del Amor Divino.* Lo qual me oyò v. m. discurrir en la misma conversacion citada. Pues no ha sido olvido, sino advertencia; porque alli, como era una conversacion successiva, fueron llamando unos discursos à otros, aunque no fueissen muy del caso, y aqui es necessario hazer separacion de los que no lo son, para no confundir uno con otro. Explicome. Como hablamos de finezas, dixé yo, que *la mayor fineza de Dios, en mi sentir, era los beneficios ne-*  
*gativos;*

gativos; esto es, los beneficios, que nos dexa de hazer; porque sabe lo mal, que los hemos de corresponder. Aora, este modo de opinar es muy disparato del de el Autor; porque el habla de finezas de Christo, y hechas en el fin de su vida; y esta fineza, que yo digo, es fineza, que haze Dios continuada siempre; y assi no fuera razon oponer esta à las que el Autor dize, antes si fuera una muy viciosa argumentacion, y muy censurable; por lo qual me pareció separarla, y como discurso suelto, e independiente de lo demas, ponerlo aqui para que v.m. logre del todo el deseo, pues el mio es solo obedecerle.

*La mayor fineza del Divino amor, en mi sentir, son los beneficios, que nos dexa de hazer por nuestra ingratitud.* Pruebolo. Dios es infinita bondad, y bien summo, y como tal es de su propria naturaleza comunicable, y desseoso de hazer bien à sus creaturas. Mas: Dios tiene infinito amor à los hombres: Luego siempre està prompto à hazerles infinitos bienes. Mas: Dios es todo poderoso, y puede hazerles à los hombres todos los bienes, que quisiere, sin costarle trabajo, y su deseo es hazerlos: Luego Dios, quando les haze bien à los hombres, và con el corriente natural de su propria bondad, de su proprio amor, y de su proprio poder, sin costarle nada. Claro està: Luego quando Dios no le haze beneficios al hombre, porque los ha de convertir el hombre en su daño, reprime Dios los raudales de su inmensa liberalidad, detiene el mar de su infinito amor, y estanca el curso de su absoluto poder: Luego, segun nuestro modo de concebir, más le cuesta à Dios el no hazernos beneficios, que no el hazernoslos, y por consiguiente, mayor fineza es el suspenderlos, que

el executarlos ; pues dexa Dios de ser liberal , que es propria condicion suya, porque nosotros no seamos ingratos, que es proprio retorno nuestro, y quiere mas parecer escaso , porque los hombres no sean peores , que ostentar su largueza con daño de los mismos beneficiados. Y siendo assi, que esta es una como nota en la opinion de liberal , antepone el aprovechamiento de los hombres a su propria opinion, y à su proprio natural.

Predica el Redemptor su milagrosa Doctrina , y aviendo hecho , en tantos lugares , tantos milagros, y maravillas , llegó a su Patria , que parece , que debia ser preferida en el cariño , y apenas llega , quando en vez de aplaudirle sus vezinos , e compatriotas, empieçan à censurarle , y à facarle las que à su parecer de ellos eran faltas , diziendo : *Nonne hic est fabri filius? Nonne mater ejus dicitur Maria , & fratres Jacobus, & Joseph, & Judas , & sorores ejus? Nonne omnes apud nos sunt? Unde, ergo, huic omnia ista?* (Matth. cap. 13.) Y profigue el Evangelista: *Non fecit ibi virtutes multas propter incrudelitatem illorum.* De manera , que Christo bien queria hazer milagros en su Patria , bien queria hazerles beneficios ; pero mostraron ellos luego su dañado animo en la murmuracion , y el modo con que recibieron los favores de Christo , y assi les adelanto èl mismo , lo que ellos avian de dezir , y les dixo : *Utique dicetis mihi banc similitudinem : Medice , cura te ipsam , quanta audivimus facta in Capharnaum , fac & hic in patria tua.* Y para satisfacer à la calumnia antevista les dize : Que en tiempo de Elias avia muchas viudas, y solo una fue remediada , y que muchos leprosos avia en tiempo de Eliseo , y solo curò à Naaman Syro , y que ningun Profeta es acepto en su Patria. Ellos , no entendien-  
do



do la satisfacion , y profiguiendo en la calumnia , le quisieron precipitar , confirmando con esta maldad el motivo , porque Christo no les hazia beneficios positivos , sino el negativo , de no darles ocasion de cometer mayor pecado. Y este fue el mayor beneficio , que pudo Christo hazer por entonces à su ingrata Patria , en que la prefirió à aquellas dos Ciudades , que el mismo Señor amenaza , por aver sido ingratas à las maravillas , que en ellas obrò , diciendo : *Væ tibi Co-rozain ! Væ tibi Beth-saida ! quia si in Tyro , & Sydone factæ essent virtutes , quæ factæ sunt in vobis , olim in cilicio , & cinere , pœnitentiam egissent . Verumtamen dico vobis , Tyro & Sydoni remissius erit in die Judicii , quam vobis .* (Matth. II. cap.) Ay de vosotras , que si en Tyro , y Sydon se huvieran hecho las maravillas , que se han hecho en vosotras , se huvieran ya con vertido ! Pero yo os asseguro , que en el Juyzio tremendo seràn ellos menos castigados , que vosotras . ¶

Luego deste mayor cargo escusa el Señor á Nazareth cón no hazerle beneficios , y entonces es el mayor beneficio el no hazerfelos , porque escusa el mayor cargo , que del resultàra. *Gravius* ( dize el glorioso S. Gregorio ) *inde judicemur , cum enim augentur dona rationes etiam crescunt donorum* : \* Mientras mas es lo recibido , mas grave es el cargo de la cuenta : Luego es beneficio el no hazernos beneficios , quando hemos de usar mal dellos .

Hizo Dios à Judas fuera de los beneficios generales , muchos particulares , y llegando el caso de su sacrilega traicion , lamentando Christo , no su Muerte , sino el daño del ingrato Discipulo , dize : *Væ homini illi , per quem tradar ego , bonum erat ei , si natus*

nois

\* Greg. in Homil. 9. Matth. 25. in cap.

*non fuisset!* Con que parece, que se arrepiente de averle hecho el beneficio de la creacion; porque le estuviera mejor el no avernacido, que nacer para ser tan malo. Mas claro se dà a entender esto, quando ofendido Dios de las maldades de los hombres determinò acabar el mundo por agoa; pues usando de las humanas locuciones, dize el texto, que dixo: *Delebo, inquit, hominem, quem creavi, à facie terræ ab homine, usque ad animantia, à reptili, usque ad volucres Cæli; pœnitet enim me fecisse eos.* (Genes. 1.cap.6.) De manera, que se arrepiente Dios de hazer beneficios al hombre, que han de ser daño del hombre: Luego es mayor beneficio el no hazerle beneficios. Ah Señor, y Dios mio, què torpes, y ciegos andamos, quando no os reconocemos esta especie de beneficio negativo, que nos hazeis! Tiene el otro certa fortuna, y quando mucho dize, que *es castigo de Dios.* Quando sea castigo, el castigo tambien es beneficio; pues mira à nuestra enmienda, y Dios castiga à quien ama: Pero no es solo el beneficio de castigarnos, el que nos haze, sino el beneficio de exornarnos de mayor cuenta. Tiene el otro poca salud, y le parece, que està Dios sordo; porque no oye sus lamentos: No està tal, sino haziendoos el beneficio de no daros salud: porque la aveis de emplear mal. Embidia es en nuestros proximos los bienes de fortuna, los dotes naturales. O' que errado va el objecto de la embidia! pues solo debia serlo del gran cargo, que tiene, de que ha de dar cuenta estrecha. Y ya que queramos embidiar, no embidiemos las mercedes, que Dios le hizo, sino lo bien, que corresponde à ellas, que esto es lo que se debe embidiar, que es lo que le dà el merito; no el averlas recibido, que  
ello

ello es cargo. Estimemos el beneficio, que Dios nos haze de no hazernos todos los beneficios, que queremos, y los que tambien Su Magestad quiere hazernos, y suspende, por no darnos mayor cargo. Agradecemos, y ponderemos este primor del divino Amor, en quien el premiar es beneficio, el castigar es beneficio, y el suspender los beneficios es el mayor beneficio, y el no hazer finezas, la mayor fineza. Y fino diganme, Dios que diò al mundo su Unigenito, que encarnò, y murió por el hombre, que podrá negar al hombre? Nada. El mismo lo dize: *Quis est ex vobis homo, quem si petierit filius suus panem, numquid lapidem porriget ei? Aut si piscem petierit, numquid serpentem porriget ei? Si ergo vos, cum sitis mali, nostis bona data dare filiis vestris, quanto magis Pater vester, qui in Cœlis est, dabit bona petentibus se?* (Math. c.7.) Pues, Señor, como la Madre de los hijos del Zebedeo os pide dos sillas, y no se las dais? Por que no saben lo que se piden, y en Dios mayor beneficio es no dar, siendo su condicion natural, porque no nos conviene; que dar, siendo tan liberal, y poderoso.

Y assi juzgo ser esta la mayor fineza, que Dios haze por los hombres. Su Magestad nos dè gracia para conocerlas, correspondiendolas, es que el mejor conocimiento, y que el ponderar sus beneficios no se quede en discursos especulativos; sino que passe à servicios practicos, para que sus beneficios negativos se passen à positivos, hallando en nosotros digna disposicion, que rompa la presa à los estancados raudales de la liberalidad divina, que detiene, y repressa nuestra ingratitud. Y à v.m. me guarde muchos años. Buelvo à poner todo lo dicho debaxo de la censura de nuesta S. Madre Iglesia Catholica, como su mas obediente hija. *Iterum vale.*



## BRASILIANA DIGITAL

### ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

**1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.** Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

**2. Atribuição.** Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

**3. Direitos do autor.** No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente ([brasiliiana@usp.br](mailto:brasiliiana@usp.br)).